

As Cavernas Que Compartilhamos



Juliana Barbosa





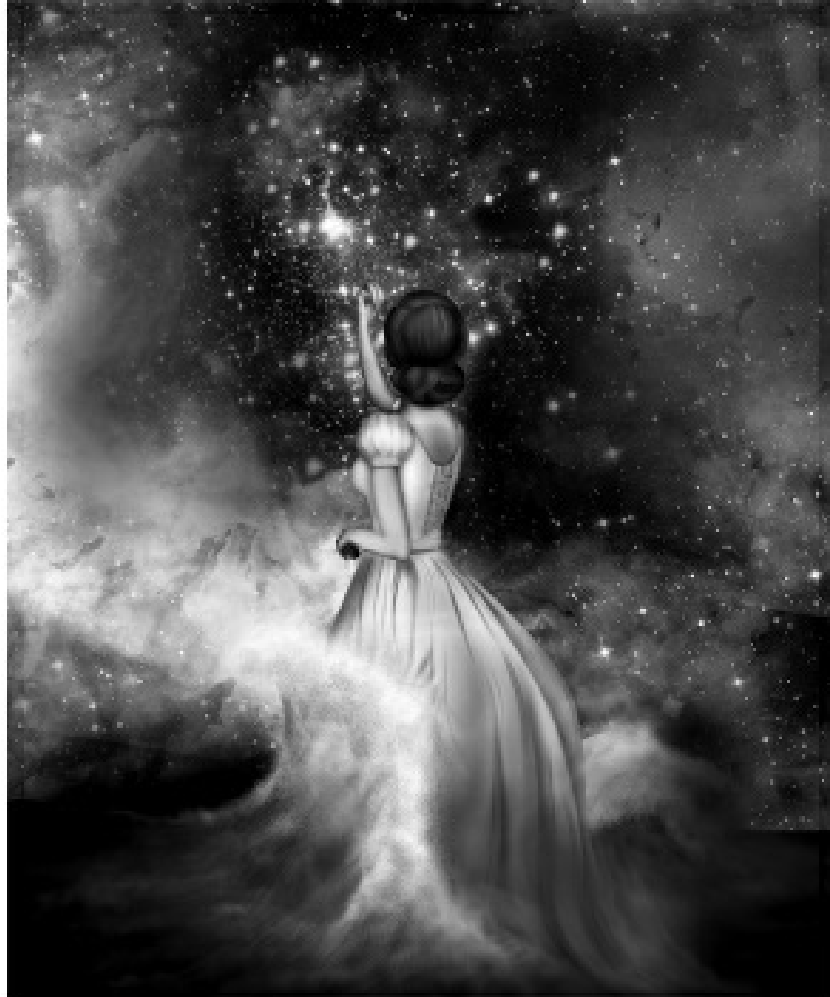


Juliana Barbosa — 1ª Edição —
2019

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright@2018 JULIANA BARBOSA

Capa: Crys Magalhães

Revisão: Mariana Rocha

Copidesque: Amanda Bonatti

Diagramação Digital: Giuliana Sperandio,

Help — Serviços Literários

Direitos imagens: © pngtree.com.

Está é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação das autoras. Qualquer semelhança entre esses aspectos é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da nova ortografia da língua portuguesa.

Barbosa, Juliana

As Cavernas Que Compartilhamos, 1ª edição

PERIGOSAS NACIONAIS

— 2018/311 páginas

Ficção

Histórico

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

É proibido o armazenamento e/ou reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — Tangível ou intangível — sem o consentimento por escrito das autoras.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

PERIGOSAS ACHERON

Sumário

[Copyright](#)

[Sumário](#)

[Palavras da autora](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Capítulo XVII](#)

[Capítulo XVIII](#)

[Capítulo XIX](#)

[Capítulo XX](#)

[Capítulo XXI](#)

[Capítulo XXII](#)

[Capítulo XXIII](#)

[Epílogo.](#)

[Posfácio](#)

[Agradecimentos](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

[Sobre a autora](#)

PERIGOSAS ACHERON



Queridos leitores este é meu primeiro romance, escrito há mais de um ano. Hoje olho para ele e penso: Filho, você seria tão diferente se eu te reescrevesse. Mas precisamos começar em algum momento e alguém muito especial me disse, que ele é do jeito que precisa ser. Talvez daqui a dez anos eu olhe para ele e torça o nariz, mas acredito que também servirá para

PERIGOSAS ACHERON

reconhecer meu crescimento.

Os personagens desse livro me despertaram tanto amor, que só tenho o desejo de compartilhar com vocês.

Tentei ser fiel à época, não fiel à sociedade uníssona a qual estamos habituados. Confesso que meu faro jornalístico por aquilo que não foi dito, pelas entrelinhas de uma sociedade divergente, me fez pesquisar. E quão feliz eu fiquei em saber que meus personagens cabiam a época, mesmo com todas as suas excentricidades.

Acima de tudo, este é um

romance para entreter, e meu único objetivo é que se deliciem com a história.

Juliana Barbosa.



Dedico este livro para
todos os monstros,
inclusive para o seu, o
qual escondes tão bem.



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



CAPÍTULO I

*Ó Guerreiros da Taba sagrada,
Ó Guerreiros da Tribo Tupi,
Falam Deuses nos cantos do Piaga,
Ó Guerreiros, meus cantos ouvi.*

Gonçalves Dias

**James Kosvoski, Londres de
1884**

Aquele era mais um dia em que eu me questionava: como um simples detalhe pôde fazer tanta diferença em minha vida? É de se esperar que alguém que caminha na escuridão não dê tal importância ao amor. De fato, pouco sabia sobre sentimentos, mas gostava de imaginar como eu seria, caso não recebesse uma criação onde o amor

PERIGOSAS ACHERON

e cumplicidade fossem minha maior referência.

Ficava sempre imaginando, e se tivesse nascido em um lar onde tais sentimentos fossem nada além de vaidades?

A contradição é tão gritante que chega a ser poética. Ainda que eu não o compreendesse, sim, sabia que havia sido o amor que me tornara alguém sociável. Coloquei a carta sobre a mesa do gabinete e caminhei até o bar para me servir de uma dose de uísque. Já havia passado alguns minutos desde que Irving me entregara a missiva, que eu relutava em abrir. *Tantos anos se passaram. Por que agora?*

As lembranças da infância me invadiram, em especial o último verão que passara naquela ilha. Olhei pelas janelas, observando parte do *Serpentine River*. A lua refletida em suas águas me fazia lembrar de quando cheguei a Londres. Aquela era a paisagem que me reconfortava nos dias mais

difíceis.

Não havia sido fácil deixar tudo para trás, abandonar aquele país que aprendera a considerar como sendo meu lar. Em um ímpeto, abri o selo.

Caro amigo, James Kosvoski,

*Espero deveras que ainda saibas
nosso idioma, pois lhe escrevi cinco
cartas iguais a esta, na esperança de
que ao menos uma lhe chegue em
mãos.*

*O fato de nunca ter recebido uma
resposta para minhas cartas
anteriores, ao longo desses anos, me*

faz pensar que os serviços de correspondência entre nossos países sejam falhos.

Meu amigo, muitos anos se passaram desde que nos vimos pela última vez, as coisas por aqui mudaram muitíssimo.

Estou lhe escrevendo para lhe contar sobre minha felicidade, pois fui fisgado pelo amor.

Ah, meu caro, ele existe e me derrubou, fazendo-me cair sobre os joelhos. São tantas alegrias e encontros, que adoraria dividi-los com

o amigo. Por esse motivo, peço que venhas para a ilha.

Casar-me-ei dentro de seis meses, no auge do verão. Venha ser meu padrinho, faço muito gosto de sua companhia e não aceitarei um não, tampouco qualquer desculpa.

Falo sempre do senhor para Isabela, contando-lhe nossas aventuras. Minha querida irmã deseja muito conhecer-lhe e todos desejamos revê-los.

A mamãe manda lembranças e estima que todos estejam bem.

O convite estende-se a toda sua família.

Está na hora de pagar sua promessa.

Fabrício Gonçalves.

Ilha de Santa Catarina, abril de 1884.

Fechei meus olhos, deixando os pensamentos retrocederem para a época mais feliz da minha vida. Quase podia sentir o cheiro do mar, o barulho das gaivotas e a alegria de uma época onde a inocência me impedia de compreender quem realmente sou.

Um barulho se formou na porta frontal, me fazendo sair dos meus devaneios. Caminhei até a entrada do vestíbulo e avistei minha mãe sentada. Meu pai tirava suas botas, massageando seus dedos. Ambos se olhavam com carinho e traziam um semblante cansado.

Contemplei aquela imagem em silêncio, gravando-a em minha memória. Será que um dia teria aquilo em minha vida? Será que encontraria alguém que me aceitaria como sou?

“Não. É claro que não. O amor não está reservado aos monstros”, pensei.

— James, ainda acordado? — Sorri por amar suas conjecturas óbvias.

— Sim, mãe. Não percebi o quanto já é tarde.

Fui até ela e dei-lhe um beijo na testa, colocando a carta em suas mãos. Meu pai me olhava curioso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oh, é de Fabrício! Ele irá se casar e o convidou para ser padrinho! — minha mãe falou exasperada.

Meu pai inflou os pulmões, como quem toma fôlego, antes de começar a falar.

— O que pretende fazer?

— É lógico que ele irá, Oliver. Se não fosse pelos nossos pacientes, iríamos também.

Eu não estava nada surpreso com minha mãe, sabia que me apoiaria de imediato, mas com meu pai as coisas eram diferentes.

— Pai, podemos programar juntos essa viagem. Sei o quanto pode ser perigosa e cara, mas, com sua ajuda, podemos torná-la um negócio lucrativo.

Eu justificava a viagem por um viés que sabia que ele absorveria da melhor forma. A verdade é

PERIGOSAS ACHERON

que meus pais estavam afundados cada vez mais em suas pesquisas, ambos eram resolutos. Restava a mim toda a responsabilidade de administrar as propriedades, o que dificultaria muito uma viagem tão longa. Todavia, eu sabia que era a abertura perfeita.

— É uma viagem longa, James. Requer muito planejamento. — Ele me deu tapinhas no ombro enquanto saía do vestíbulo. — Amanhã falaremos sobre essa possibilidade, por hoje é só.

— Ah, querido, não se preocupe, amanhã seu pai estará mais disposto. — Mamãe me abraçou como forma de consolo. — Enfim, ele escreveu, não é mesmo?

Eu sorri para ela.

Fabrício era a lembrança mais vívida que eu possuía sobre amizade, embora tivéssemos nos distanciado na tenra idade. Havíamos feito um

juramento, uma promessa de que seríamos padrinhos de casamento um do outro, independente do quanto a vida nos distanciasse.

Meu velho amigo não havia esquecido nossa promessa tola. Algo que muito me alegrou. Afinal, o que seria de um aventureiro, se não pudesse desfrutar de uma boa aventura?



Na manhã seguinte, após o desjejum, meu pai já parecia convencido de que a viagem aconteceria. Eu sabia exatamente quem era responsável por sua repentina mudança. Minha mãe sabia ser persuasiva e, por toda a minha vida, presenciei muitos “nãos” se tornarem afetuosos “sins”.

— James, marque uma reunião com Simon para esta semana. Se for do interesse dele o mercado brasileiro, talvez a viagem seja uma coisa boa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ainda hoje avisarei Simon. — Eu abri um sorriso largo para meu pai.

Ele não poderia ser mais preciso em sua escolha. Simon possuía uma frota de caravelas portuguesas adaptadas a vapor. Trazia, como negócio de família, o transbordo de especiarias e passageiros dos mais diversos cantos da Europa. Há anos se aventurava em viagens longas, trazendo a experiência necessária que essa viagem exigia. Tinha sido com o Capitão Moore, pai de Simon, que meu pai fizera sua primeira viagem para o Brasil.

PERIGOSAS ACHERON



*Esta noite -era a lua já morta -
Anhangá me vedava sonhar;
Eis na horrível caverna, que habito,
Rouca voz começou-me a chamar.*

Gonçalves Dias

**Isabela Gonçalves. Ilha de
Santa Catarina, 1884**

Antes do sol nascer, levantei-me na ponta dos
pés, vestindo as roupas de Fabrício. Prendi meus
cabelos em um enrolado no alto da cabeça e

PERIGOSAS NACIONAIS

coloquei o chapéu, escondendo todos os fios vermelhos.

Com carvão, desenhei uma barba e engrossei as sobrancelhas e, ao me olhar no espelho, tive que me segurar para não rir alto do reflexo. Peguei um vestido, junto a um xale de lã, e coloquei na aljava. *Nada de espartilhos*. Abri a gaveta da penteadeira com a chave que trouxera pendurada no pescoço e escolhi duas facas do jogo, presente do meu aniversário de quinze anos. Logicamente, um presente secreto dado a mim por Fabrício.

Olhei para elas, passando a mão no cabo de osso, acariciando as escritas esculpidas ali: "*Para a melhor caçadora*".

Certifiquei-me de que os criados estavam dormindo e só então saí em silêncio absoluto até a porta dos fundos.

Já fora da casa, vesti minhas botas, coloquei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma faca em cada uma delas e corri para a caverna. Ainda estava um breu, mas eu conhecia o caminho como ninguém. Ao chegar à entrada da caverna, joguei a aljava para dentro e rumei para as propriedades do Sr. Silveira.

Verifiquei a primeira armadilha, mas não havia nada, então segui em direção a próxima. De longe, escutei os grunhidos desesperados. O sol ainda escondido no horizonte anunciava o amanhecer. *Te peguei.*

O animal sentiu a minha presença e correu na minha direção, preso apenas pelo calcanhar em uma corda mais longa do que eu gostaria. Meu coração acelerou. Pendurei-me no galho acima da minha cabeça, erguendo as pernas ao alto, pulando atrás dele. Como um felino, o atingi antes que se virasse. O animal guinchou alto e eu o atingi com a segunda faca, mortalmente. *Uma morte rápida e*

PERIGOSAS ACHERON

limpa. Sem me demorar, abri suas entranhas para torná-lo mais leve, puxando tudo para fora.

— Agora vem a parte mais difícil — sibilei para o corpo gordo e rechonchudo caído no chão.

Era um dos grandes, minha armadilha quase cederá ao peso. Criando coragem, me posicionei flexionada, agradecendo pelas roupas masculinas que facilitavam tais posições. Ergui o animal com dificuldade, colocando-o sobre meus ombros, de forma que as quatro patas ficassem caídas para a frente. Senti o sangue escorrer do pescoço até o meio das minhas costas, descendo por meus seios.

Minhas pernas ardiam e meu corpo tremia, tamanho o esforço. Um passo de cada vez, levei o gorducho com dificuldade até a caverna e joguei-o em cima do feno. Caminhei até a cachoeira, era inverno e frio. Tremi só de pensar em entrar na água, mas precisava me lavar. Chegar em casa com

PERIGOSAS NACIONAIS

todo aquele sangue não era uma boa opção. Retirei a camisa de Fabrício e mergulhei-a na água, esfregando o sangue fresco e quente. Usei a camisa molhada para retirar o sangue que escorrera sobre mim. O frio percorria até minha alma, me causando arrepios, fazendo-me cerrar os dentes.

O sol já mostrava seus primeiros raios, lembrando-me de que era hora de ir. Vesti a camisa torcida, batendo o queixo de frio. De volta à caverna, retirei as roupas molhadas e coloquei meu vestido, usando o xale de lã por cima. Sentei-me na pedra e aguardei, implorando para que todo o carvão do rosto tivesse saído. Em alguns minutos, ele chegou e parou diante da entrada da caverna, arregalando os olhos para mim.

— Como a senhorita conseguiu? Não responda, prefiro não saber. Tenho sorte que trouxe meu filho para ajudar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quero mais do que combinamos — falei com autoridade. — Este é maior do que os outros.

Ele me olhou com um sorriso condescendente, quase pude ver admiração em seus olhos.

— Pegue. Isto é o que trouxe hoje, mas mandarei meu filho lhe trazer as tintas que seu pai não quis comprar na semana passada.

— Também quero seu livro: "*A tormenta*" — falei ainda com a voz firme, encarando-o nos olhos.

— Mas esse livro não é para uma dama ler.

— Caçar javali também não é coisa de dama, Sr. Silveira.

Ele me olhou por um instante e pegou o animal com dificuldade, me encarando incrédulo, como se perguntasse quem o carregara até ali.

— O livro virá junto com as tintas.

PERIGOSAS ACHERON

Sr. Silveira então saiu da caverna levando o animal consigo.

Contei minhas moedas, as coloquei na bota e voltei para casa. De longe, avistei meu pai inspecionando a carruagem e um arrepio percorreu meu corpo.

— Onde estava? — ele perguntou quase aos berros.

— Bom dia, meu pai. Fui observar os primeiros raios de sol para minha nova pintura.

— Como sempre já anda pelas matas a esta hora da manhã — ele resmungou com ódio no olhar, me fazendo encolher.

Ódio era tudo que sempre via em seus olhos. Nunca pude observar qualquer expressão diferente direcionada a mim. Até mesmo quando mamãe, com um esforço descomunal, o obrigava a admirar minhas pinturas pela casa, na esperança de que ele

PERIGOSAS ACHERON

se orgulhasse.

No passado isso me ferira de várias formas, mas, com o tempo, acabei aprendendo a conviver com a rejeição. Logo após completar doze anos, decidi que lutaria por mim.

Então aprendi a caçar e a pintar. Ambas as atividades me rendiam dinheiro, mas apenas uma me dava prazer. Não que eu precisasse de fato do dinheiro, pois nossa situação era confortável. Tinha tudo o que uma dama de dezesseis anos podia desejar. Contudo, sabia que assim que atingisse a idade mínima para me casar, seria vendida como uma égua a prêmio. Possivelmente para o primeiro homem disposto a garantir qualquer barganha que fosse conveniente ao meu pai.

Desde então, vendia minhas telas e minha caça, almejando juntar o suficiente para um recomeço em algum lugar. Esperava que minha

falta de habilidade para dançar e minha má conduta nos sarais, afastassem os pretendentes por tempo suficiente para juntar o dinheiro que necessitava.

Além disso, os afastaria pelos atributos físicos dados a mim na criação. Tinha a sorte ao meu lado. Estava convencida que meus cabelos vermelhos e minhas sardas afugentariam qualquer pretendente. Quem em sã consciência desejaria bebês ruivos?

Olhei para o céu como uma súplica silenciosa e, com um sorriso caridoso, agradei a Deus por ter sido beijada pelo fogo. No último momento, o Criador havia me dado as cartas para jogar a favor da minha própria sorte. Dei risada, revendo cada etapa dos meus planos. Tempo era tudo que eu precisava.



Entrei na cozinha sorrateiramente, entrelacei

as mãos na cintura rechonchuda da Sra. Janete e lhe dei um beijo na bochecha.

— Credo, menina. Onde andou tão cedo?

— Fui pintar os raios...

— E a sinhá pinta com sangue agora, é? —
Sra. Janete me interrompeu.

— Shhhh. — Busquei com os olhos, espiando a sala de refeições.

— A sinhá acabou de sair com senhor, seu pai, mas saiba que a mim a senhorinha não engana.

— Vi apenas meu pai sair. Aonde foram tão cedo?

— Foram visitar Samuel e Sandro, ao que parece estão doentes. Mandaram o criado avisar há pouco.

— Será algo grave?

— Duvido. Devem estar é querendo colo de
PERIGOSAS ACHERON

mãe. E como o senhor seu pai precisava falar com eles, resolveram passar o dia lá. Voltarão apenas para o jantar.

Lancei um olhar malicioso para ela, apertando os olhos, enquanto roubava uma tortinha de maçã e enfiava inteira na boca.

— Não, sinhazinha. Vá tomar banho antes de mexer na comida, está fedendo a sangue. Minha Nossa Senhora do Desterro, não sei como não percebem. Seu cheiro denuncia suas "pinturas ao amanhecer".

Gargalhei, me esfregando nela e afofando-a. Ela gritou, em meio aos risos, para que eu tomasse banho.

Por fim, em poucos minutos eu me afundava na banheira com água quente, esfregando meu pescoço e meus ombros com sabonete de maracujá, feitos pela minha Janete amada. Ela era tão

prendada que eu pensava em pedir sua receita. Sabia que, no futuro, seria muito útil saber fazer meu próprio sabonete.

Mal acreditei que teria um dia inteiro para fazer o que quisesse, sem me preocupar com meu pai. Fiquei agradecida por Samuel e Sandro demorarem para nos visitar, apesar de morarem na vila. É lógico que eu os amava, mas eram desprezíveis e, na companhia das esposas, se tornavam insuportáveis, comparando-as sem parar com meus modos.

Faziam delas exemplos irrefutáveis de damas da alta classe. Revirei os olhos só de lembrar.

Escolhi um vestido simples com corpete justo. As mangas franzidas até os cotovelos me causavam coceira e a gola alta me sufocava. Ainda assim, era mais confortável que os demais.



Fabrício já estava se servindo do desjejum quando entrei na sala de refeições. Corri para seus braços e quase o derrubei da cadeira, lhe dando um beijo na testa.

— Pegou algum? — ele perguntou curioso.

— Sim, um enorme.

— Por que não me chamou?

— Eles iriam ouvir, não poderia arriscar.

— Quanto o Sr. Silveira pagou?

— Ele tinha o de sempre, mas quando exigi mais, me ofereceu as tintas que o pai não quis comprar. Eu também consegui "A tormenta".

Fabrício abriu um sorriso largo.

— Ele aceitou de primeira?

— Disse que não era um livro para uma dama ler, mas eu o convenci, dizendo que caçar javali também não era coisa de uma dama fazer. Ele

aceitou e vai mandar o seu filho trazer as tintas e o livro hoje à tarde.

Fabrício voltou a sorrir.

— Sorte a sua, minha irmã. O pai e a mamãe só vão voltar para o jantar.

— Já fui avisada. — Lancei um olhar malicioso com um sorriso travesso nos lábios. — Podemos ter uma aventura hoje? Por favor, diga que sim. Teremos o dia livre. — Mostrei os dentes, piscando rapidamente de forma engraçada.

— Já que me pede com tanto carinho, vou transferir meus afazeres para amanhã e teremos nossa aventura hoje, mas só estarei disponível pela tarde. Agora pela manhã tenho um compromisso.

— Uma tarde é melhor do que nada. — Dei de ombros e me servi com tortinhas e café.



PERIGOSAS NACIONAIS

Peguei apenas um pouco de tinta, dando pequenas batidinhas na tela, há dias que trabalhava naquela pintura. Era um emaranhado de rosas vermelhas dentro de um vaso de vidro. Deixei o fundo escuro como se fosse noite, e a pouca luz que entrava na tela refletia a transparência do vaso.

Pincelei um pouco de tinta branca para dar um toque de luz e pintei uma gota de água escorrendo de uma das pétalas. Afastei-me para observar e fiquei satisfeita com o resultado. *Talvez conseguisse um bom dinheiro por ela.*

Após o almoço, decidimos pescar. Janete preparou uma cesta com pães e bolo de laranja e seguimos para o costão. Após Fabrício arremessar as linhas, sentamos na pedra, esperando.

— Quando eu descia da caverna, o pai me viu — falei quase em um sussurro. Fabrício olhou para mim, estreitando as sobrancelhas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele a pegou com as minhas roupas?

— Não, eu sempre me troco antes de voltar.

— Abaixei a cabeça, olhando para a linha na minha mão. — Mas ele começou a gritar ainda de longe, exigindo saber onde eu estava. Expliquei que procurava uma paisagem para minha nova tela, com uma boa luz do amanhecer.

— Ele acreditou?

— Sabe que ele nunca acredita em nada do que eu digo. — Fabrício baixou o olhar, com tristeza.

— Isa, um dia isso vai passar, vai se casar, terá sua própria família e não vai precisar lidar mais com ele. Eu sinto muito por ele te tratar assim, se eu pudesse...

— Eu sei — interrompi. — Não se preocupe, sei que faria qualquer coisa para mudar isso. O que ele faz não me afeta mais.

PERIGOSAS ACHERON

Ficamos em silêncio. Olhei para meu irmão e fiquei imaginando como seria minha vida sem ele. Ele estava prestes a se casar e meu maior medo se concretizaria. Desde que eu tinha nascido, ele era meu pai, meu irmão e melhor amigo. Não queria perdê-lo, não queria que fosse embora. Nunca pude contar com o amor dos meus outros irmãos, mas com Fabrício era diferente. Éramos unidos e eu não suportaria perdê-lo. Uma angústia crescia no meu peito, percorrendo até meu estômago. Mas ele merecia ser feliz, seria injusto lhe pedir mais alguns anos.

Segurei a linha com a mão esquerda e passei meu braço direito sobre seu pescoço, apoiando minha cabeça em seu ombro.

— Você sabe que vamos ser vizinhos, não é mesmo? Nunca vou deixar que ele te machuque. Nada vai mudar, Isa. Vou estar sempre por perto e

PERIGOSAS NACIONAIS

vou cuidar de você — ele falou ainda admirando o horizonte.

— Eu sei.

Senti um puxão na minha linha e nossos ânimos se elevaram. Em meio a risadas, começamos a puxar freneticamente a linha e depois soltá-la, dando corda para cansar o lutador que mordera a isca. Após retirar o peixe da água, comecei a limpá-lo com minha faca. Era uma Corvina, o peixe preferido da mamãe.

— Quer que eu faça isso?

— Não, eu agradeço, mas sabe que não posso deixa-lo fazer isso.

— É claro, seu maldito código — ele falou revirando os olhos, enquanto eu descamava o peixe.

— Por que tem esse código?

— As pessoas têm a tendência de ultrapassar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

os limites e deixar um rastro de destruição por onde passam. Criei um código de conduta para mim mesma, assim me mantenho sob controle. — Fabrício sorriu debochado.

De fato, a caça me causava um grande pesar, então criei o código que consistia basicamente em nunca caçar algo maior do que eu pudesse carregar, limpar e preparar. Exceto se minha vida dependesse disso. Também era uma forma de aprender a me virar sozinha, me preparando para o futuro, que nem mesmo Fabrício sabia que eu planejava.

PERIGOSAS ACHERON



CAPÍTULO III

*Abro os olhos, inquieto, medroso,
Manitôs! que prodígios que vi!
Arde o pau de resina fumosa,
Não fui eu, não fui eu, que o acendi!*

Gonçalves Dias

**James Kosvoski, Londres de
1884**

A reunião com Simon havia sido produtiva.
Como meu pai previra, ele se interessara pelo

PERIGOSAS NACIONAIS

mercado brasileiro e nos tornamos sócios naquele novo investimento. O plano era trazer especiarias brasileiras, em especial o café, muito apreciado em Portugal e países vizinhos. Os meses que eu passaria no Brasil serviriam para investigar a necessidade do mercado, a fim de irmos abastecidos nas próximas viagens, que durariam, em média, trinta dias para cada travessia do Atlântico. Daríamos um espaço de quatro meses entre elas, tempo esse em que Simon distribuiria as mercadorias na Europa. Portanto, minha estadia ao Brasil seria de, no mínimo, seis meses. Algo que muito me agradava.

— Está tudo preparado. Levaremos um carregamento de uísque escocês, distribuiremos parte dele em Portugal e, de lá, partiremos para o Brasil.

Meu pai olhou para o documento que

PERIGOSAS ACHERON

detalhava o cronograma, procurando falhas.

— Não se esqueça de acrescentar tudo que sua mãe pediu. Cuide pessoalmente disso.

— Considere feito, pai — respondi sorrindo para ela, que estava sentada diante dele.

— Quando partirá, querido?

— Em uma semana.

— Tome cuidado, James. Será uma viagem dura. Fique atento ao menor sinal de doenças. Caso perceba algum sintoma, prefira dormir ao relento que trancar-se em sua cabine. Principalmente em seu retorno.

— Não fiquem preocupados, me sairei bem.
— Sorri tentando amenizar o pesar de ambos, mas sabia que estavam certos, havia muitos riscos a considerar.

— Tenho certeza que sim. — Meu pai sorriu

orgulhoso.

— Pai, tenho alguns assuntos pendentes a resolver. Se me dão licença, gostaria de me retirar. Pretendo voltar apenas para o jantar.

Meu pai gesticulou com a mão, assentindo. Olhei para eles antes de sair e notei que meu pai observava o horizonte através das enormes janelas do nosso gabinete, enquanto minha mãe me olhava sorrindo. Havia preocupação em seus olhos. Não seria minha primeira viagem sozinho, mas com toda certeza seria a mais longa sem a presença deles.

Eu sabia exatamente aonde precisava ir, *East End*, o pior lugar de Londres.



Enquanto caminhava pela podridão das ruas de Whitechapel durante a feira matutina, observei, pela visão periférica, uma silhueta feminina me

seguindo de longe por trás das bancas. Eu sabia quem era. Uma jovem prostituta que chegara à cidade cinco meses antes. Ela trabalhava no *Tem Bells tavern*, lugar onde eu era proibido de entrar.

De fato, não me recordava seu nome, ou o nome me dito naquela noite, mas lembrava bem do terror em seus olhos. Tal terror que fez questão de espalhar em alto e bom tom, e que havia resultado em minha proibição de entrar nos melhores lugares que um cavalheiro pudesse procurar por diversão.

Mas eu não estava mais com raiva dela, já havia encontrado outro lugar para ir, um lugar onde era bem-vindo. Entretanto, isso não lhe dava o direito de me seguir pela rua.

Virei em sua direção bruscamente, encontrando seus olhos, e falei alto o bastante para ela ouvir:

— Por acaso quer falar comigo, senhorita?

Ou pretende apenas me seguir?

Ela ficou petrificada, segurando o mastro da banca de verduras. Continuei minha caminhada, sem ninguém me seguindo.

Madame Jeanette Kelly vivia na saída de Whitechapel, em uma pensão que eu havia alugado, logo no final da feira de rua. O lugar era simples, mas habitável e limpo, diferente de tudo que aquele distrito podia oferecer. Eu a tinha conhecido três meses antes, e, para minha surpresa, era a única a aceitar meus desejos sórdidos. Há muito que vinha sendo expulso dos mais variados bordéis de Londres e minha fama na região me precedia. Logicamente, eu tinha o cuidado de usar nome falso e disfarçar minha identidade. Com ela era diferente, Jeanette trazia uma experiência anterior com alguém como eu. Acabou se tornando mais que apenas uma prostituta. Porém, eu não estava ali

para jogar conversa fora. Queria diversão.



Há três dias, viajávamos pelo Atlântico rumo a Portugal. Nossa tripulação era de dez homens, marinheiros experientes da confiança de Simon. Umas das vantagens de viajar em uma embarcação a vapor era o fato de não dependermos dos ventos para seguir viagem, porém, a calmaria nos alcançara cedo demais. De certo, teríamos que reabastecer antes de seguirmos para o Brasil.

— James, há muito que venho propondo sociedade para firmarmos negócios com o Brasil. Por que somente agora? — Simon ergueu o olhar de seu diário de bordo.

— Você conhece meu pai. Ele jamais aceitaria um negócio tão arriscado se não houvesse um verdadeiro propósito.

— Bendito seja esse casamento que fez o

amigo sair das barras da saia de sua mãe. — Simon sorriu debochado. — Há muito que espero seguir os passos de meu pai por esta rota, se é um casamento que fez de você meu sócio, devo desejar toda a felicidade a eles.

— Espero, sinceramente, que seja um bom investimento, isso abriria caminho a um país que tenho como meu lar.

— Fale-me sobre a ilha. Meu pai me contou muitas histórias sobre suas viagens ao Brasil, mas nunca ouvi falar sobre essa ilha.

— Fica no Sul do Brasil. Chama-se Ilha de Santa Catarina, mas acredito que não lhe despertará interesse. Não existe um forte comércio naquela região. Nossos negócios se concentrarão no Rio de Janeiro.

— Então o que há de tão especial nela? — Ele fechou seu diário, produzindo um som abafado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A ilha é exuberante e pitoresca, enriquecida por vales e lagos, coberta de vegetação luxuriante, foi de muita importância para os navegadores que rumavam para o Rio da Prata. Despertou interesse inclusive da Espanha, que chegou a dominá-la por um ano inteiro. Era um refúgio de águas calmas, onde as embarcações podiam reabastecer e seguir adiante. Logo que Portugal compreendeu sua importância, decidiu povoá-la, trazendo grandes embarcações cheias de colonos, que se estabeleceram ali.

— Como seus pais acabaram encontrando esse lugar?

— Meu avô estava tão agradecido por minha mãe se casar, que incluiu em seu dote uma porção de terras naquela ilha. Venho de uma longa linhagem de médicos, você ficaria surpreso com os pagamentos ofertados por uma cura. Logo após eu

PERIGOSAS ACHERON

nascer, meus pais voltaram para o Brasil, e passávamos todos os verões lá. — Simon gargalhou.

— Não podia imaginar que a Sra. Kosvoski pudesse dar trabalho. Agora sei a quem você puxou. — Eu sorri.

— Meu avô era um sonhador, um cientista obstinado. O fato de ter perdido a mulher enquanto minha mãe ainda era uma criança, contribuiu para que a criasse com todos os mimos. Ele começou a levá-la em suas viagens e, quando visitaram o Egito, minha mãe decidiu que queria ser médica como ele. — Simon estreitou as sobrancelhas.

— Achei que ela havia aprendido a profissão observando seu pai.

— Muito pelo contrário. Se conheceram no Egito. Meu pai já havia visitado o Brasil e falava o idioma fluente. Estava no Egito para aprender

novas técnicas de cirurgia, e costumam dizer que se apaixonaram entre pus e sangue. — Simon fez uma cara de nojo e eu sorri.

— Se um dia a conhecer melhor, saberá que não existe nada que não consiga. Ela ficou fascinada com as histórias de mulheres que se formavam em medicina e depois retornavam para seus países, vestidas de homens para atuar na profissão. Meu avô não teve escolha, senão permitir. Seu casamento com meu pai permitiu que ela atuasse na profissão sob sua proteção. Embora seja reconhecida apenas como sua ajudante, meu pai sabe que ela é uma cirurgiã melhor do que ele.

Simon pegou uma garrafa de uísque e me serviu uma dose, depois serviu para si, me convidando ao convés. O dia estava lindo e a calmaria ainda nos acompanhava.

— Por um mundo onde as mulheres sejam

fortes, decentes e destemidas. — Ele ergueu o copo, convocando um brinde. Eu achei graça, conhecia ao menos uma dúzia de cavalheiros que o teriam repreendido.

— Por um mundo mais justo. — Ergui meu copo, confirmando o brinde.

— Então sua viagem é para visitar um amigo. Uma causa nobre, devo admitir. — Simon bebericou o líquido âmbar.

— Fabrício é como um irmão, nossas famílias eram próximas. Para mim, foi muito difícil voltar para Londres. Antes de partir, fizemos uma promessa. Seríamos padrinhos de casamento um do outro, por isso a viagem é tão importante.

Eu não tinha o mesmo vínculo de amizade com Simon. Apesar de admirá-lo por sua lealdade, nossas famílias eram envolvidas por negócios. Tirando os momentos em que Simon era um

PERIGOSAS NACIONAIS

verdadeiro cretino, em geral nos dávamos bem. Eu sabia que ele era confiável, assim como seu pai havia sido antes dele.

No findar da tarde, chegou o vento e, com ele, muito trabalho. Uma tempestade se formava no horizonte e nos preparávamos para enfrentá-la. Se antes a bonança das águas nos preocupava, naquele instante a tormenta ganhara a sua vez. Desci para minha cabine. Somente os marinheiros mais experientes trabalhavam junto a Simon. O remexer constante das águas me deixara enjoado.

Na manhã seguinte, a tempestade havia se dissipado, mas as águas permaneceram agitadas durante todo o trajeto até Lisboa, nosso primeiro destino. Uma noite em terra firme era tudo o que teríamos. Eu esperava que fosse o suficiente para acalmar meu estômago.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



CAPÍTULO IV

*Eis rebenta a meus pés um fantasma,
Um fantasma d'imensa extensão;
Liso crânio repousa a meu lado,
Feia cobra se enrosca no chão.*

Gonçalves Dias

**Isabela Gonçalves, Ilha de
Santa Catarina, 1884**

Era o mês mais frio do ano, eu acabava de

PERIGOSAS NACIONAIS

deixar o javali sob o feno da caverna. O sol brilhava seus primeiros raios no horizonte quando escutei os grunhidos do segundo animal. Desta vez, em nossas terras. No dia anterior, havia feito armadilhas, próximo à caverna, devido a um rastro de pegadas. Javalis eram considerados uma praga para as plantações, mas para mim eram uma benção lucrativa. Corri para o local sem demora e abati o animal que estava imóvel. Havia reforçado minhas armadilhas.

Escutei passos em minha direção, subindo pela trilha. Ergui a cabeça e meu coração disparou. Alguém subia na trilha e, pela estatura, não era Fabrício. Eu estava suja com o sangue do animal e prestes a enfrentar alguém que eu não reconhecia. Abaixei-me o máximo que pude atrás da vegetação e, quando julguei não ter saída, gritei.

— Não se aproxime! Estas terras são do Sr.

PERIGOSAS ACHERON

Gonçalves, meu pai. Imploro que se apresente ou saia das nossas terras. — Eu ainda me mantinha oculta a seus olhos.

— Conheço todos os filhos do Sr. Gonçalves, milady. Se és a filha dele, debes ser a Srta. Isabela.

Fiquei de pé, revelando minha posição, enquanto tentava reconhecer seu rosto. Era evidente que estava perplexo diante de minha aparência. Quando vi seu olhar, lembrei-me do quanto deveria estar horrível e encolhi meus ombros.

— Sou James Kosvoski, milady. — Ele falou fazendo uma breve reverência, sem tirar os olhos de mim, logo em seguida formando um sorriso.

— Não esperamos pelo senhor. Não recebemos sua resposta Sr. Kosvoski. — Eu estava confusa, ele não havia avisado que viria e há meses Fabrício aguardava sua resposta.

— Por favor, me chame de James. Cheguei a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

enviar uma carta, mas pelo visto não receberam. Aportamos na ilha hoje de madrugada, perdemos alguns dias na alfandega em Itajaí. Saí para me encontrar com Fabrício assim que nasceu o sol, mas ouvi os grunhidos de um animal e segui nesta direção. De longe avistei um homem subir... Bom, achei que era um homem, mas parece que me enganei. — Ele abriu um sorriso malicioso, me fazendo lembrar do meu estado.

Por um instante pensei em explicar aquela situação, mas de fato não poderia justificar o que ele via. Decidi que não me acovardaria diante do julgamento que me esperava, então ergui a cabeça.

— Na Inglaterra, as ladies não caçam, Sr. James? Talvez eu pinte seu semblante de espanto em minha próxima tela.

— Tenho certeza de que a senhorita ficaria muito feliz em ter meu belo rosto pintado em sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sala. — Revirei os olhos incrédula com o que ouvi.

Agachei-me sobre o porco e lhe rasguei o ventre, puxando suas vísceras para fora. Olhei para James sem erguer a cabeça. Ele me fitava em silêncio, parecia petrificado, mas não havia reprovação em seus olhos.

Fiquei ereta e fiz uma reverência exagerada, estava mais ensanguentada do que antes e, com um olhar perverso, dei um sorriso debochado. Ele se aproximou de mim e gesticulou, pedindo minha mão para dar sequência ao cumprimento. Abaixei os olhos para minhas mãos ensanguentadas e as encarei incerta se deveria, mas ele ainda aguardava sorrindo, como se toda a cena fosse a coisa mais natural no mundo.

Estendi a mão, ele a segurou e a beijou demoradamente, enquanto eu o observava com as sobrancelhas erguidas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— As ladies da Inglaterra não caçam, talvez, por isso, sejam completamente sem graça.

Quando ele se ergueu, havia uma mancha de sangue em seu rosto, sem demora, soltei uma gargalhada.

— É um prazer por fim conhecê-lo, Sr. James Kosvoski. Ouvi falar muito bem sobre o senhor. Mas como deve saber, não sou uma lady.

— O prazer é meu. Estou mais que curioso para conhecê-la melhor, senhorita.

Ele manteve um olhar desafiador, difícil dizer se estava zombando de mim ou sendo sincero. Mas não importava, desde que ele não contasse a meu pai, eu poderia lidar com seu cinismo por alguns meses.

— Sr. James, preciso levar o animal até a caverna. Tem um comprador à minha espera.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Deixe-me ajudar.

— Não, por favor — falei em tom de ordem.

— Ela tem um código de caça. Ninguém carrega suas presas. — Virei para o lado da voz familiar com um sorriso.

— Vejo que já se conheceram — Fabrício falou enquanto puxava James para um abraço.

Comecei a me afastar na direção da caverna com o porco do mato já nas costas, dando risada por saber que o Sr. James teria que explicar o sangue em seu rosto.

— Em uma hora, encontro os senhores para o desjejum — gritei enquanto caminhava com dificuldade.



Após o banho, escolhi um vestido decente. Por mais que eu odiasse, queria melhorar a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

impressão que causara mais cedo. Já tinha ouvido histórias sobre as damas de Londres o suficiente para saber o quanto eram elegantes. Fiz uma trança de lado que começava no alto da cabeça de forma frouxa e descia até o ombro, depois meus cabelos caíam em ondas volumosas e soltas até meus cotovelos, alguns fios livres propositalmente emolduravam meu rosto.

Olhei-me no espelho, conferindo o reflexo. Minhas sardas evidentes abaixo dos olhos eram avermelhadas. Alisei as saias do vestido e descii logo em seguida para o desjejum.

PERIGOSAS ACHERON



CAPÍTULO V

*O meu sangue gelou-se nas veias,
Todo inteiro - ossos, carnes - tremi,
Frio horror me coou pelos membros
Frio vento no rosto senti.*

Gonçalves Dias

James Kosvoski, Ilha de Santa Catarina de 1884

Eu passava um relatório extenso para os

Gonçalves sobre os últimos dezesseis anos em Londres. O Sr. Jorge Gonçalves parecia interessado sobre a exportação de uísque escocês.

— Vamos precisar de alguém aqui no Brasil para realizar a distribuição e analisar o mercado. Seria ótimo ter alguém de confiança organizando as coisas por aqui.

— Esta semana marcaremos uma reunião para falar sobre o uísque, meu rapaz. Por hora, aproveite para descansar. Não deve ter sido uma viagem fácil.

Ele não podia estar mais certo. Há muitas noites que não dormia direito. Mesmo assim, havia algo que eu desejava saber.

— Sr. Gonçalves, como sua família veio parar nesta ilha?

— Rá. Venho de uma família de militares. Meu avô chegou na ilha em 1750 para servir o PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Exército. Nos anos seguintes, formou família e entrou para o Regime de Linha — ele falava estufando o peito, e tive que me segurar para não rir do seu orgulho. — Meu pai contou os horrores que viveu aos doze anos durante a invasão espanhola de 1777. O monarca desgraçado havia ordenado para que não entrassem em confronto com os espanhóis. Ele não queria perder uma única nau. Havia mil e cinquenta e nove soldados nesta ilha, todos bateram em retirada diante da ameaça armada de dez mil homens, que desembarcaram em Canasvieiras. Os malditos castelhanos pisaram na ilha no dia 20 de fevereiro daquele ano, tomando a ilha sem que um único tiro fosse disparado.

— E os civis que habitavam a ilha naquela época? Ficaram desprotegidos? — perguntei curioso.

— Ficaram largados cada um à sua própria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sorte. Apenas o Regime de Linha, composto por trezentos homens, conhecido por Regime Barriga Verde, lutou pelo povo. Foram eles os únicos a não assinarem a capitulação. Preferiram dar baixa do Exército que abandonar o povo — ele falava com a voz arrastada, cheia de pesar. — Meu avô lutou ao lado do coronel Fernando da Gama Lobo, comandante do Regime Barriga Verde. Usaram táticas de guerrilha para atrasar os malditos, dando tempo para que os colonos se embrenhassem na mata como cachorros. — Ele emitia um soluço. — Quando não havia mais o que fazer, nem conter os espanhóis, o alferes José Correa da Silva quebrou a haste e, retirando a bandeira, amarrou na barriga antes de bater em retirada. Ele não suportaria ver a bandeira do inimigo erguida ali. — O homem parecia verdadeiramente abalado ao lembrar da história.

PERIGOSAS ACHERON

— Sua família escapou ilesa?

— Rumaram para o Sul da ilha pela mata, se esconderam por meses, vivendo na caverna que vocês brincavam quando crianças. Pouco se arriscavam no litoral, pois eram comuns relatos de estupro e mortes durante encontros inesperados com os soldados. Outras famílias se reuniram junto da nossa. Quando a ilha foi declarada de Portugal novamente por um maldito tratado — ele sacudiu a cabeça —, meu avô deu outro rumo à sua vida. Estava decepcionado com o Exército e tomou estas terras, que mais tarde foram dadas a ele de forma legítima por sua bravura. E aqui estamos, meu rapaz.

— Cavalheiros, chega de história por hoje. —
A Sra. Gonçalves sorriu, em seguida pediu para Sra. Janete servir o desjejum.

O Sr. Gonçalves fez algumas perguntas, mas

logo se calou, reservando-se a observar. Explicava-lhes as desvantagens de uma cidade grande, quando ela entrou na sala. Fez um cumprimento próximo à mesa e se sentou diante de mim. *Um anjo*. Era o que vinha à minha mente.

— Sr. James, já foi apresentado à minha filha caçula?

— Sim, mamãe. A Isa estava comigo quando o Sr. James chegou mais cedo — Fabrício falou em tom descontraído.

Ela estava com um vestido azul-marinho e seus cabelos presos em uma trança. Seu rosto possuía traços delicados e sua boca era avermelhada, perfeitamente desenhada e voluptuosa. Deveras uma beleza rara diante de mim. Impossível não admirar. Por mais que eu não desejasse, meus olhos a procuravam incessantemente. Ela sorria descontraída durante a

conversa que mantínhamos naquela manhã. Mas havia algo diferente em seus olhos. Ali estava uma perfeita dama, sentada diante de mim com todas as pompas, e mesmo assim não deixava de ser a menina que eu havia visto, horas antes, estripando sua presa. Pensar que ambas eram a mesma pessoa, fazia arrevesar algo dentro de mim.

Naquela tarde, fomos até a praia caminhando. Ofereci meu braço a ela como minha parceira e, quando ela aceitou, disse-lhe baixinho aos ouvidos:

— Assim a senhorita pode me observar melhor para a sua pintura. — Ela me devolveu um olhar frio e debochado que a deixava mais bonita.

— Sr. James, em que se formou?

— Em administração. Coube a mim administrar as propriedades, enquanto meus pais ficam com toda a diversão.

— Imaginei que o senhor seguiria pela

PERIGOSAS ACHERON

medicina, como seus pais.

— Cheguei a cogitar tal possibilidade, mas ponderei diante dos cuidados que os negócios de família exigiam. Em contrapartida, as constantes viagens que a vida de administrador me proporcionou caíram imensamente ao meu agrado. Pude viver minhas próprias aventuras.

— Invejo essa possibilidade dada somente aos homens. Poder decidir seu futuro, escolher o que estudar e qual aventura viverá.

— Diante do que vi hoje pela manhã, eu diria que tem se saído muito bem em suas aventuras, milady.

— Shhh — ela sibilou, olhando para trás, medindo a distância que seus pais caminhavam. — É diferente, senhor James. Se me pegarem fazendo o que faço, minha vida será arruinada. De sorte, não tenho irmã para sofrer com as consequências

PERIGOSAS NACIONAIS

de minhas aventuras. Diferente do senhor, vivo tais aventuras às escondidas, sou duas metades incompletas. O que esperam de mim e quem eu acredito ser. Não me é dado o direito das descobertas, tampouco são significantes meus desejos sobre meu futuro.

— E o que desejas ser, senhorita Isabela Gonçalves? Uma caçadora? — Ela me fitou rapidamente com espanto e começou a rir.

Por mais que minha condição favorável na sociedade me permitisse tais escolhas, eu sabia exatamente o que a perturbava. Mesmo para homens, havia regras na sociedade que não podiam ser quebradas, o que me fazia entender profundamente sua agonia por não poder transbordar sua essência, seja ela qual fosse. E eu estava obstinado a desvendá-la.



PERIGOSAS ACHERON

Os dias se seguiram e nos ocupávamos com os preparativos do casamento. Logo pude conhecer a senhorita Daniela Silva e entender o que fez meu amigo arrebatarse. Além de sua perfeita simetria, era espirituosa e possuía um coração bondoso.

Houve dias de caçadas em segredo nos períodos em que o Sr. Gonçalves ausentava-se. Isabela vestia-se como de costume, com direito a barba e chapéu, o que nos rendia muitas risadas. Ora, era uma forma inteligente de se esconder. Quem ousaria perturbar um cavalheiro em sua caçada?

Ela era espirituosa, possuía uma língua afiada e uma mente ávida e perspicaz. Não entregava as palavras de forma fútil e resignava-se a observar. Contudo era fácil perceber que existia uma compreensão genuína dos mais diversos assuntos, e quando questionada, revelava seus pensamentos

com sabedoria.

Certamente não era uma alma amistosa, com quem um homem poderia rir-se, das banalidades frívolas e costumeiras de tão pouca idade. É provável que para muitos cavalheiros ela representaria o caos. Os olhos curiosos e atentos, a pele que enrubescia quando o assunto lhe interessava e apenas por etiqueta, abstinha-se de revelar sua verdade. Mas quando incentivada a fazê-lo, as palavras saíam medidas e com objetivo. Sim, ela era o caos, e sempre fui atraído por ele.

Quando os dias ficaram mais quentes na prenuncia do verão, organizamos um piquenique sobre a pedra lisa do "olho do mar", lugar que eu ansiava visitar.

Isabela trajava um vestido de musselina verde esmeralda. Seus cabelos presos em três tranças saíam do alto da cabeça e desciam para trás até a

PERIGOSAS NACIONAIS

altura de suas orelhas, deixando as mechas soltas em caracóis que dançavam ao vento.

Enquanto eu e Fabrício esperávamos pacientes com nossas linhas na água, Isabela apoiava-se em uma pedra, concentrando-se em ler um livro grosso com o título metade coberto por suas mãos. Forcei a vista sobre o ombro, tentando ler o que tanto lhe era digno de atenção, não pude deixar de notar as páginas velhas que sobressaíam da capa.

Tudo que consegui ler foi "tas para damas". Sorri, balançando a cabeça incrédulo com sua astúcia. Deveras o livro poderia ser qualquer coisa, menos “Etiquetas para Damas”, como o título sugeria. Entusiasmo em demasia para alguém que, em poucos meses, mostrara conhecer muito bem as etiquetas cabíveis e, ainda assim, não temia desviar-se delas quando em liberdade. Sob um

PERIGOSAS ACHERON

pretexto qualquer, deixei minha linha com Fabrício e fui levemente me aproximando de sua retaguarda até fitar o livro. Ainda que não conseguisse ler, era perceptível a desproporção da capa em relação ao tamanho das folhas. Não era um trabalho perfeito, mas convincente a olhos destreinados. Mas não era o meu caso.

— Posso saber o que está lendo?

— Jesus, Sr. James, quer me matar de susto?

Fabrício olhou para trás, sorrindo em nossa direção.

— Estou apenas curioso com sua devoção em etiquetas.

Ela fechou o livro, produzindo um estampido.

— Minha mãe me deu de presente de aniversário no último ano.

Mentirosa. Pensei.

— Isso deve fazer com que a senhorita caia em suas graças, não posso imaginar melhor leitura nesta tarde tão maravilhosa. — Sorri, semicerrando os olhos arditamente. — Exceto — continuei —, se não fosse pelo meu instinto e minha percepção aguçada para desvendar que essas páginas pertencem a um livro maior e mais velho que sua capa.

Ela olhou para o livro em suas mãos, procurando as falhas que revelaram seu segredo.

— Minha curiosidade está incrivelmente elevada, senhorita, só encontrarei paz se me revelar o conteúdo deste manuscrito.

— Não é um manuscrito. É um diário de bordo original, de um aventureiro. Uma leitura inapropriada para uma dama, por isso troquei a capa — ela proferiu em tom aborrecido.

— Interessante. Como o conseguiu?

— Com uma barganha, Sr. James. Agora gostaria de voltar a ler meu livro, caso não se importe. — Sorri ao vê-la me mostrando os dentes forçadamente em uma careta de súplica por privacidade.

— Pois bem, desejo que aproveite sua leitura "imprópria" de etiquetas. Voltarei para a minha pescaria. — Ainda com um sorriso, me dirigi para onde Fabrício estava sentado.

— O livro se chama "A Tormenta", era do Sr. Silveira. Ela o trocou em um porco — Fabrício me explicou sorrindo.

— Então é por isso que ela caça?

— Em parte sim, obtém o que lhe é negado. Mas também vem guardando dinheiro que economiza e que consegue com suas caçadas. Apesar de não revelar seus verdadeiros motivos, acredito que ela queira aumentar seu dote, para ter

a chance de um bom casamento.

— Mas seu dote é tão baixo assim para que justifique sua preocupação?

— Não há nenhum problema com o dote. Ele é maior do que qualquer moça desta ilha. Sei que serão poucos seus meses aqui, James, mas logo perceberá como meu pai a trata. Isa cresceu sentindo a rejeição dele, não foi nada fácil para ela. Como se não bastasse, todos os contos e fábulas desta ilha descrevem bruxas e mulheres amaldiçoadas. Seus cabelos vermelhos só aumentam toda essa bobagem. — Eu revirei os olhos ao ouvir tais coisas.

— Mas ela não acredita nisso, acredita? Parece-me tão sensata. — Olhei para ela, recostada na pedra, lendo seu livro. *Como alguém podia pensar tal coisa?*

— Não, é claro que não, mas isso não muda o

PERIGOSAS NACIONAIS

fato de que todos nesta ilha a veem como “Anhangá”. Quando todos lhe dizem uma coisa, você passa a acreditar que aquilo é verdade. Ela não tem a mínima noção de como é bonita ou atraente, porque aqui, para todos, ela é uma abnormidade. Até mesmo o pai se recusa a reconhecer seus dotes artísticos, mesmo diante da mais bela pintura. Você poderia passar mil dias aqui e nunca a veria com uma amiga, ou participando de uma roda de conversa no sarau com damas da sua idade. Ninguém além de mim e de Daniela. — Fabricio baixou o olhar com tristeza.

— Eu não imaginava tal coisa. Ela é tão alegre e espontânea, tão cheia de vida. Achei que suas caçadas eram simples aventuras de um espírito livre.

— Não há nada de libertador no que ela faz. Começou a caçar por causa de uma lenda local que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lhe contaram aos doze anos. A lenda sugere que o consumo da caça abatida pela bruxa de cabelos de fogo traz riquezas e prosperidade. A ilha inteira se alimenta de suas caças em silêncio. O Sr. Silveira as compra e distribui impondo seu lucro. Obviamente ela tira proveito disso, vendendo sua caça três vezes acima do preço de mercado. Seria ótimo se a mesma lenda não garantisse que o homem que sucumbir à beleza encantadora da bruxa perderá os sentidos, tornando-se um demente até que suas forças sejam sugadas por completo e morra. Isabela acha que nunca contaram ao nosso pai sobre as caçadas, porque ela se disfarça de homem. Mas a verdade é que ninguém ousaria perturbar Anhangá em sua caçada ordeira, tampouco cair em seu desgosto.

— Não sei o que dizer. Estou estarecido com tamanha ignorância e crueldade. Como pretendem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

casá-la aqui?

— De certo, terá de ser um cavalheiro de fora, alguém que não compactue das crendices do povo desta ilha.

Olhei para ela, que estendia uma toalha sobre a pedra, arrumando o lugar para nosso piquenique. Aproximei-me, sentando ao seu lado.

— Como foi a leitura? Encontrou o que procura? — perguntei enquanto me servia. — Ela olhou para o livro que repousava em cima da pedra.

— Por que deduz que eu procuro algo?

— Sou um bom observador e acredito que um diário de bordo não capturaria atenção de uma dama, se esta não procurasse por algo nele.

— Seja como for, tudo que descobri é por que o consideram uma leitura inapropriada para uma dama.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Prefiro não saber a causa dessa descoberta
— Fabrício enfatizou enquanto se sentava sobre a toalha e se servia de um pedaço de bolo de laranja.

— Posso lhe contar, se desejar — ela sussurrou para mim com um sorriso.

— Eu adoraria.



Naquela noite, durante o banho, afundado na banheira, me peguei pensando em toda história que Fabrício me revelara. De certo, toda a sua força, com a qual carregava suas caças sozinha, alimentava ainda mais as crenças sobrenaturais que pairavam sobre sua existência. Dona de uma personalidade única, aprendera a lidar com algo terrível sem deixar que roubassem sua alegria ou mudassem sua essência. Logo me veio nos pensamentos minha mãe. Ambas eram portadoras de tal espírito. Havia coragem em suas escolhas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nem mesmo com todas as lições na faculdade de administração, pude prever alguém converter uma maldição em algo lucrativo. *Estaria eu cedendo aos encantos de uma bruxa?*

Comecei a rir dos meus pensamentos. No fundo, gostaria que ela fosse mesmo uma bruxa, somente assim poderíamos ter uma história. Mas ela era apenas um anjo. Um anjo o qual eu jamais deveria tocar.

PERIGOSAS ACHERON



CAPÍTULO VI

*Era feio, medonho, tremendo,
Ó Guerreiros, o espectro que eu vi.
Falam Deuses nos cantos do Piaga,
Ó Guerreiros, meus cantos ouvi!*

Gonçalves Dias

Isabela Gonçalves. Ilha de Santa Catarina de 1884

Abri os olhos e sorri ao ver os raios de sol
que transpassavam as cortinas. Quando soube da

curta viagem que meus pais fariam, só desejei que o tempo colaborasse. Os dias em que havia liberdade de ser eu mesma eram raros, e eu estava disposta a aproveitar.

— Bom dia, cavalheiros — cumprimentei-os sorrindo. — O dia está ótimo como prevíamos, mal posso acreditar que terei três dias inteiros sem o pai e a mamãe no meu encalço. — Sentia-me radiante com tantas possibilidades.

— Mas eu sou responsável por você, não esqueça disso. — Fabrício me lançou um olhar repreensivo. Dei-lhe um beijo na testa e me sentei para o desjejum.

— Posso afirmar que não lhe darei trabalho, meu irmão. — Sorri convincente, observando o Sr. James, que me olhava com um sorriso. — O Senhor está muito elegante hoje, Sr. James. Pretende ir ao nosso passeio vestido assim?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Certamente senhorita. Um homem como eu, se apressa em andar sempre elegante. De que outra forma poderia ouvir os suspiros das damas quando passo? — Ele piscou para mim e revirei os olhos.

— Receio que os peixes que encontrará terão uma boa impressão do senhor. Talvez alguns até suspirem invejando seu traje. — Olhei para ele e percebi que ainda sorria.

— Espero apenas a aprovação e admiração de uma sereia. Ouvi dizer que ela habita naquela caverna submersa. — Ele me olhava nos olhos, de forma atrevida.

— Pois bem, sobre sereias, não conheço tal relato. Mas tudo que espero encontrar naquela caverna hoje, são águas quentes. Certamente pegarei o maior peixe. — Lancei um olhar desafiador para ambos.

PERIGOSAS ACHERON

— Não duvido. — James falou.

Janete já havia nos preparado uma cesta de piquenique, passaríamos o dia no "olho do mar", o lugar pelo qual compartilhávamos igual afeição.

Era um dos lugares mais lindos que conhecíamos, alguns minutos por uma trilha e chegaríamos. Havia uma grande pedra lisa e oca, onde as águas do mar rugiam em dias agitados. Como um gigante que limpa a garganta antes de falar. Nos dias calmos, era uma tranquila caverna submersa, ainda assim, deixaria qualquer um amedrontado em desbravá-la. Seu interior era escuro e apenas na hora mais quente do dia, o sol entrava em seu interior, revelando sua beleza.

Durante o caminho, James me ofereceu seu braço e, ao longo do trajeto até a praia, me contava mais sobre Londres.

O sol estava forte já pela manhã. Eu usava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um vestido leve e solto, propício para o clima quente.

— Gostaria de um dia poder conhecer Londres. Nunca saí desta ilha. Imagino que deve haver muitas coisas lindas por este mundo.

— Nenhum lugar onde estive chega aos pés da beleza deste país. Apesar de estimar Londres, minhas melhores lembranças vêm desta ilha — falou enquanto olhava o horizonte, como se quisesse registrar o momento.

— Mesmo assim, levou dezesseis anos para voltar — Fabrício argumentou, ele caminhava ao lado oposto de James.

— Desejei vir antes, mas a distância requer muito planejamento. Não é uma viagem fácil.

— Posso imaginar, por isso o perdoei — Fabrício falou com um sorriso sincero.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A manhã transcorria de forma tranquila. Ambos pescavam com linha, enquanto eu lia as poucas páginas que restavam do diário de bordo. Em alguns momentos, ia até o “olho do mar”, colocando as pontas dos pés na água, provando a temperatura. A cada hora que passava, a água parecia mais quente. O dia estava abafado. Não havia vento algum. O mar estava calmo como uma lagoa e suas águas estavam de um tom verde transparente.

Eu esperava ansiosa pelos minutos que teríamos para mergulhar na caverna. Tínhamos lançado um desafio no dia anterior. Mergulharíamos juntos para pescar com físga, tendo como vencedor quem capturasse o maior peixe.

Quando se aproximou do horário, fechei o livro e levei as três físgas até a entrada da caverna.

PERIGOSAS ACHERON

— Senhores, é chegada a hora. Sugiro que se preparem, pois logo teremos nosso tempo. — Ambos se levantaram e James levou uma muda de roupa para trás de uma pedra. Eu retirei minha correntinha em que trazia pendurada a chave, colocando-a dentro do meu chapéu e comecei a desabotoar meu vestido rapidamente.

— O que está fazendo? — Fabrício me indagou enquanto eu me livrava do vestido, ficando apenas com as roupas de baixo. Seus olhos não estavam em mim, mas em James, que havia chegado da troca de roupas.

— Ora, não espera que eu mergulhe de vestido, não é mesmo?

— Não, mas onde está sua roupa de caça? — ele falou, sua voz aumentando uma entonação.

— Mas nunca mergulhei com a roupa de caça e você meu irmão, nunca me questionou sobre isso

antes. Por que agora?

— Isa, não estamos sozinhos. Eu imaginei que traria sua roupa de caça.

Sr. James, me olhava com as sobrancelhas erguidas.

— Não sejas tolo Fabrício. Sr. James não se importa com minhas roupas de mergulho, tampouco contará ao pai.

— Não é por isso. Vista a sua roupa, não vai mergulhar hoje. — Cerrei os dentes e sentei-me sobre a pedra.

Fabrício pegou sua físga e mergulhou, Sr. James me olhou com pesar antes de mergulhar na caverna. Os segundos se passaram como horas, meu pé batia na pedra, marcando o tempo em que ficavam lá embaixo. Eu estava aborrecida e na terceira vez em que eles subiram para respirar, sem qualquer sinal de um peixe na físga eu joguei meu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vestido sobre a pedra, peguei minha fiska e mergulhei.

Fabrício já subia para respirar novamente. Seu fôlego não era maior que de uma formiga. O peso da fiska me levou com facilidade para o fundo, eu sabia exatamente onde encontrar um peixe. Com a claridade, os maiores se escondiam em depressões no coral. Um arremesso na cavidade escura e minha fiska tremeu, eu teria sorrido se não estivesse em baixo d'água.

Sr. James se aproximou, seus olhos estavam sobre o peixe se debatendo na fiska. A água cristalina, ganhou mais vida quando o sol penetrou como filetes de luz, preenchendo a caverna. Olhamos para cima, era belo, quase mágico. Os cabelos do Sr. James ficaram dourados na luz, enquanto os meus pareciam flamejantes. Ele retirou uma mecha flutuante da frente do meu rosto, sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mão tocou meu maxilar e seu polegar deslizou sobre a minha boca.

Tentei guardar a imagem na minha mente, não sabia como iria pintar algo assim, mas desejei todas aquelas cores e texturas em uma tela. Estar ali, era como deixar de ser, para se tornar algo novo e desconhecido. O silêncio fazia o mundo desaparecer, ali não havia medo, não havia monstros. A escuridão se formou no canto da caverna, conforme o sol se movia. Meu peito ardia, desejando ar, então nadei para a superfície.

Fabício me ajudou a sair, me enrolando em uma toalha em seguida.

— Vamos conversar quando chegarmos em casa. —Eu assenti.

— Prefiro estar chateada por tê-lo desobedecido, do que por não ter mergulhado. Perdeu um espetáculo lá em baixo, meu irmão.

PERIGOSAS ACHERON

— Vista-se, nossa conversa será em casa.

Quando chegamos, pedi a Sra. Janete que me preparasse um banho. Eu estava exausta e indisposta para ouvir sermão. Não desceria para o jantar.

Mais tarde uma batida na porta me fez encolher os ombros.

— Entre.

— Senhorzinho seu irmão, mandou avisar que vai jantar na casa da senhorita Silva. O Sr. James perguntou se a Mi-la-dy vai descer para acompanhá-lo no jantar. — Sra. Janete falou pausadamente com um sorriso.

— Sendo assim, avise que descerei para fazer-lhe companhia.

O sr. James já me esperava na sala de jantar, ele afastou a cadeira delicadamente para mim.

— Achei que seria justo dividir com a senhorita o peixe que pegou. — Eu sorri.

— Por um momento pensei que me repreenderia, por ter desobedecido meu irmão

— Não cabe a mim tal coisa. No seu lugar, é provável que teria feito o mesmo. Mas se contar para o Fabrício que eu lhe disse isso, eu vou negar.

— O senhor tem um ótimo humor, isso sem dúvida é uma virtude muito apreciada.

— E a senhorita é corajosa, sem dúvida é algo que eu admiro. Quando vai me apresentar seu estúdio? Vi suas pinturas pela casa, me parece promissora.

— Receio que minha coragem tenha um limite senhor James. — Ele sorriu e eu me senti envergonhada. Ele ergueu as sobrancelhas.

O jantar foi servido, ele havia pedido para a

PERIGOSAS NACIONAIS

Sra. Janete preparar o peixe.

— Parece que descobri algo novo sobre a senhorita. — Eu pigarreei.

— E o que seria?

Sr. James largou os talheres e apoiou os pulsos sobre a mesa.

— Receio que assim como eu, a senhorita possua um segredo. — Ergui as sobrancelhas.

— Assim como milhares de pessoas, daqui até a Inglaterra. O senhor já se mostrou mais perspicaz.

— Espirituosa, gosto de um desafio. Vejamos, a senhorita é acusada de ser uma bruxa, ao invés de repelir tal acusação, não só aceita, como passa a caçar e vender sua caça para alimentar seus acusadores. — Eu ergui a cabeça, havia um sorriso em seus lábios. — Hoje na praia se

PERIGOSAS ACHERON

despiu na minha frente, sem nenhum sinal de desdouro, mas corou quando falei sobre seu estúdio. Sou muito bom em decifrar as pessoas, mas há semanas convivendo com a senhorita e ainda és uma incógnita para mim. Então me diga senhorita Isabela, foi apenas eu que considerei que tivemos um momento hoje, lá embaixo d'água?

Retirei o guardanapo do colo e coloquei sobre a mesa.

— Creio que eu tenha acabado de descobrir seu segredo, senhor James. Me diga, as damas que costuma cortejar em Londres, riem quando o senhor faz suas adivinhações? — James estreitou as sobancelhas.

— Está me acusando de ser um libertino? — Ele abriu um sorriso largo. — Sinto decepcioná-la senhorita Isabela. Nunca cortejei uma única dama em toda a minha vida.

— Então o que o motiva senhor? Riqueza? É por isso que está se alimentando do peixe que peguei? — James gargalhou. Afastei a cadeira aborrecida, para me levantar.

— Por favor não vá, eu não tive a intenção de magoá-la. Posso lhe garantir que não busco nada além de um peixe fresco nessa refeição. Minhas crenças estão firmadas na ciência, senhorita Isabela e não em crendices cheias de fábulas.

— Sendo assim devo lhe dizer que meu momento, não passou do mais puro desejo de gravar a imagem na minha mente. As cores e as texturas, a forma como a luz refletia nos seus cabelos e atrás do senhor. Minha intenção era unicamente transformar a cena em uma tela. — Pude ver seus lábios se erguendo levemente para cima.

— Espero que consiga um bom valor por ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu assenti.

— Eu peço desculpas por tê-lo julgado mal, também fico feliz que não compactue com as crenças que permeiam esta ilha. Mas se seu segredo não é o que lhe acusei, então me diga senhor James. O que esconde?

— Eu lhe conto se me mostrar seu estúdio amanhã na primeira hora. — Eu sorri.

— Eu aceito.

Terminamos o jantar em uma trégua, mas meu espírito não estava em paz. Era estranho estar diante de um homem que sabia sobre mim, ainda assim não me temia.

PERIGOSAS ACHERON



CAPÍTULO VII

Por que dormes, ó Piaga divino?

Começou-me a Visão a falar,

Por que dormes? O sacro instrumento

De per si já começa a vibrar.

Gonçalves Dias

James Kosvoski, Ilha de Santa Catarina, 1884

Aquela caverna havia sido o lugar onde eu mergulhara por diversas vezes quando criança. Vê-

la daquela forma, como se fizesse parte daquele lugar, se encaixando perfeitamente a paisagem submersa, mexera comigo.

Tê-la enfrentado no jantar, só serviu para aguçar meus sentidos. Certamente sou um tolo e o fato de estar de pé aqui ansiando para estar diante dela, é prova irrefutável disso.

Os dedos delicados se entrelaçaram no meu braço, os cabelos soltos caia em cascata. Ela me conduziu para seu estúdio, uma pequena sala repleta de telas. Havia um pequeno cavalete no centro, a luz não era adequada, ainda assim não a impedia de pintar.

— Como pode ver, não é um grande espaço, mas de toda forma é um lugar especial.

— Certamente o lugar de maior riqueza nessa propriedade.

— Não deixe meu pai ouvir isso. — Ela sorriu.

Parei diante da parede próxima a entrada, percorrendo cada tela disposta ali.

— Pretende vender todas elas?

— Eu até gostaria, mas não há saída. Acredito que estejam mais inclinados a comer minha caça, do que admirar minhas pinturas demoníacas. — Ela sorriu com pesar.

Seus quadros eram, na maioria, pinturas de paisagens ou flores que pareciam vivas. Outros eram pequenos detalhes focados em alguns momentos do cotidiano. Um dos quadros trazia uma mão masculina segurando uma feminina, que usava uma aliança.

A manga rendada do vestido da dama me fez admirar a imensidão de detalhes. O homem segurava a mão de sua dama, como se fosse beijá-

PERIGOSAS ACHERON

la, mas tudo que o quadro retratava eram as mãos de ambos.

— Este foi o dia em que Fabrício pediu a Srta. Daniela Silva em casamento. Pinte o momento em que ele lhe deu a aliança de noivado.

— Poderia ganhar muito dinheiro vendendo seus quadros em Londres. Estou verdadeiramente impressionado com seu talento. — Parei diante de um quadro escuro que mostrava parte de um rosto feminino que espiava através de um arbusto na penumbra. Longe, via-se uma silhueta masculina. A profundidade da tela deixaria qualquer nobre de Londres, amante da arte, impressionado.

— Este foi o dia que me conheceu — falei enquanto tocava a tela buscando mais detalhes. Ela assentiu.

Avistei outro. Havia mãos fartas que se enterravam em uma massa de pão sobre a mesa. Os

PERIGOSAS NACIONAIS

detalhes eram impressionantes, mostrando uma pequena cicatriz na pele negra. Podia se ver a levedura do pão em ação enquanto as mãos o amassavam.

— Sra. Janete neste — falei e ela sorriu.

Em outro, sobre um cavalete, estava uma pintura com meu rosto, metade dele em escuridão completa, e a outra metade trazia uma expressão séria com a sobrancelha erguida. Meu coração disparou ao perceber a escuridão capturada em meu olhar.

— Esse foi o mais difícil de pintar, apesar de seus olhos serem acinzentados, eles possuem uma expressão difícil. Não sabia como representar isso, então depusitei a luz apenas no seu lado esquerdo, que para mim é seu melhor ângulo. Espero ter sido fiel aos seus belos traços. — Ela sorriu enquanto explicava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ainda tremendo, encarei a pintura.

— Não poderia ser melhor representado. Duvido que em toda Londres exista um artista que capture tão bem minha alma como foi feito aqui.

— Está me bajulando. Aposto que possui em sua casa dezenas de quadros seus, que lhe representam em seus momentos mais sublimes.

— Está enganada, uma vez mais. Não encontraria em minha casa um único quadro com minha imagem. Sempre achei que seria impossível um artista capturar minha essência, mas eu estava enganado.

— Agora que o senhor viu onde me escondo, está em dívida comigo.

Me virei, ficando de frente para ela. Retirei os cabelos que caíam sobre seu ombro, senti quando ela enrijeceu o corpo. Me aproximei do seu ouvido.

PERIGOSAS ACHERON

— Sou um monstro senhorita, este é meu segredo. — eu sussurrei.

Uma gargalhada se formou, o hálito quente atingiu meu pescoço. Os olhos se fechando com o sorriso e os cílios grandes e volumosos como uma cortina sobre os olhos verdes. Era como se o mundo estivesse preguiçosamente lento, ela era linda e não possuía a menor consciência disso.

— Ah senhor James, seu humor é admirável. Por um instante eu acreditei que realmente possuía um segredo. — Gostaria de dizer a ela, que havia lhe contado a verdade, mas apenas sorri.

— Em contrapartida, acredito ter descoberto seu segredo. — Ela ergueu as sobrancelhas.

— Diga-me senhor James. Qual é o meu segredo?

— O fato de estar disposta a vender suas telas e sua caça me diz que precisa de dinheiro. Então

PERIGOSAS ACHERON

me questionei qual seria seu motivo, já que possui uma vida confortável e segundo seu irmão, seu dote é um valor atrativo para qualquer jovem dessa ilha. O que me resta crer que pretende se casar com alguém de fora, que não a veja como uma bruxa. — Ela sorriu.

— Gostaria de me acompanhar em um breve passeio senhor? Quero que veja uma coisa. — Eu assenti.

Caminhamos rumo a praia, o ar fresco da manhã era agradável. Ela retirou as sapatilhas quando a areia grossa da praia do Ribeirão tocou seus pés. Caminhamos em direção ao rancho, onde os pescadores guardavam suas canoas e o material de pesca. Pareciam ter chegado da pescaria e se mantinham ocupados.

— Está vendo aquele senhor? — Ela apontou para um jovem e eu assenti. — Quando era mais

jovenzinha nutri sentimentos por ele, se chama Lucas, pertence à família Alves.

— Ele é o fruto do seu desejo? — Ela sorriu.

— Quero que fique aqui e observe. — Eu assenti.

Isabela caminhou na direção do jovem que logo parou seus afazeres, quando a viu caminhando em sua direção. Eu dei alguns passos na direção deles.

— Bom dia senhor Alves. — Ela fez uma reverência, que não foi devolvida. — Preciso lhe contar uma coisa importante. — O jovem perturbou-se.

— Não há necessidade de contar nada senhorita. — Ele falou de forma ríspida.

— Ainda assim eu insisto senhor Alves, para seu próprio bem. Como já deve saber, no passado

PERIGOSAS NACIONAIS

nutri sentimentos pelo senhor. Preciso revelar que na época achei que estava apaixonada e quando constatei que havia me iludido. — Ela parou por um momento, como se estivesse constrangida. — Eu vim até sua embarcação e fiz alguns nós na corda que o senhor utiliza. Meu único intuito era unir meus sentimentos ao seu, mas agora temo que meus sentimentos estejam inclinados para outro jovem. Portanto senhor, gostaria de pedir que desfça os nós de sua corda, para que eu possa seguir em frente.

O rapaz assentiu pegando a corda nas mãos, com breves xingamentos, começou a procurar os nós que existiam ao longo de sua extensão. Isabela se virou na minha direção, caminhando com um sorriso vitorioso nos lábios.

— A senhorita é uma bruxa muito cruel, o pobre passará o dia desfazendo nós. — Eu

PERIGOSAS ACHERON

sussurrei.

— Ele partiu meu coração senhor James. Não seja condescendente com ele.

— O que isso significa? — Apontei para o rapaz, que examinava a corda com veemência.

— Que o senhor está errado. Me casar aqui, é impossível como pode ver, nenhum homem dessa ilha me aceitaria como esposa. Ainda assim temo o casamento, portanto o dinheiro não é para meu dote senhor James. Não há nada nessa instituição que me atraia.

Voltamos a caminhar pela praia.

— Sempre pensei que se casar e ter filhos, uma casa confortável e alguns criados. Talvez joias e vestidos, fossem o desejo de toda mulher.

— É provável que esteja certo senhor. Mas deve se lembrar que não sou uma mulher comum.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela sorriu. — Sou uma bruxa terrível. Por que desejaria bebês, se não, para devorá-los quando estivessem gordinhos como uma batata? — Eu gargalhei.

— O que busca senhorita? Solidão?

— Liberdade. Ainda que a solidão seja o preço.

— Então desejo que consiga ser livre, senhorita Isabela. Mas também desejo que não precise viver em solidão. Acredite, não há beleza nela.

— Vejo que deseja constituir família, apesar de nunca ter cortejado uma dama. — Eu sorri, parei me virando para o oceano.

— Família não é para monstros ou para bruxas.

— O senhor tem razão, ainda assim é

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

diferente de mim. O senhor almeja, não é mesmo?
— Eu assenti.

— Há dezessete anos, um viúvo com idade avançada se mudou para Londres. Ele havia perdido toda sua família para a gripe na Escócia. O sonho de sua mulher era poder retornar a Londres, sua terra materna. O senhor construiu um chalé próximo ao Hyde Park. Mas não veio sozinho, ele trazia em suas bagagens uma urna que continha as cinzas de sua mulher e de suas duas filhas. No caminho de volta, encontrou uma ninhada de lobos cinzentos que se aqueciam no corpo da mãe morta, à beira da estrada. Havia três filhotes, sendo um deles todo branco. O homem os pegou e deu-lhes abrigo, seguindo viagem. Os lobos viveram com ele até sua morte. Procriaram e formaram uma matilha que vive até hoje nas redondezas do chalé. Dizem que os espíritos da mulher e das filhas habitavam

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nos lobos. — Olhei para Isabela. — Esse tipo de amor me fascina, um amor que pode vencer até mesmo a morte e superar todas as coisas. Eu certamente riria dessa história, se não fosse por ver esse amor nos olhos dos meus pais. Então a senhorita está certa, eu desejo conhecer esse sentimento com todas as minhas forças.

— É uma bela história senhor. — Isabela suspirou diante do mar. — Então o senhor é um monstro que sonha com o amor e eu, uma bruxa que sonha com a liberdade.

— Que bela dupla de desventurados formamos!

Isabela sorriu apontando para o rancho, que estava distante. Todos os homens desatavam os nós das cordas de suas embarcações.

— Preciso admitir que as vezes ser uma bruxa é engraçado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bruxa terrível.

— Disse o monstro que sonha com o amor.

— Ao menos não comerei meus próprios filhos.

— Ah não sabe o que está perdendo senhor James. Crianças possuem um sabor incrível. — Eu gargalhei.

Fomos para casa, distraídos em amenidades. Fabrício a aguardava para a tão temida conversa. Isabela olhou para o irmão de cabeça erguida e agora eu compreendia sua atitude. Ela queria ser livre e estava disposta a enfrentar qualquer um que ficasse em seu caminho.

PERIGOSAS ACHERON



CAPÍTULO VIII

Tu não viste nos céus um negrume

Toda a face do sol ofuscar;

Não ouviste a coruja, de dia,

Seus estríduos torva soltar?

Gonçalves Dias

Isabela Gonçalves, Ilha de Santa Catarina, 1884

Nunca tinha visto Fabrício tão nervoso.

PERIGOSAS NACIONAIS

Andava de um lado para o outro e, pela décima vez, me perguntava se estava tudo certo com a roupa que escolhera. Peguei uma caixinha de veludo vermelho e entreguei em suas mãos.

— Este é meu presente de casamento. Abra.
— Sorri com carinho para ele.

— Isa, mas isso é seu! — ele falou após descobrir o que havia na caixa.

— Não. Quero que dê para Daniela como presente de casamento. Aposto que não comprou nenhum presente para dar a ela.

— Não sabia que deveria, mas este colar era de nossa avó e foi dado a você por nossa mãe. Não posso aceitar.

— E agora será de Daniela e depois de seus filhos, igualmente não sairá da família. Por favor, aceite.

PERIGOSAS ACHERON

Ele beijou-me a testa e passou o polegar sobre o camafeu que trazia uma pedra de esmeralda.

— Obrigado, Isa. Não poderias me dar melhor presente. Agora vá, James a espera na carruagem. Certifique-se que esteja tudo pronto. Eu irei com a mamãe em seguida.

— Não demore ou chegará depois da noiva.



James me ajudou a subir na carruagem, se sentando a minha frente.

— O Senhor parece nervoso.

— Somos os padrinhos desse casamento, se algo der errado será culpa nossa.

— Deixe de bobagem Sr. James. Fabrício nunca o culparia.

A pequena capela estava decorada com flores

PERIGOSAS NACIONAIS

amarelas e brancas. Eram rosas, peônias e margaridas. Fomos os primeiros a chegar e conferíamos os últimos preparativos para a chegada dos convidados. Sr. James me puxou pela mão, colocando uma margarida no meu cabelo. Segurando-me pela cintura, começou a me conduzir em uma valsa silenciosa, pois não havia música.

— Sr. James, o vigário está prestes a chegar e não gostará de nos ver dançando em sua capela.

— Mas quem poderia resistir a esta música? Ele não ousaria nos julgar. — Ele me conduziu no compasso imaginário.

— James, por favor, pare. Se o vigário nos vir dançando sem música, me acusará de tê-lo enfeitiçado, e antes que este casamento termine, terá uma pira à minha espera.

Ele sorriu para mim e se aproximou do meu ouvido.

PERIGOSAS ACHERON

— O vigário não poderia estar mais certo — sussurrou.

— Não brinque com coisa séria. — Empurrei-o enfurecida, saí batendo os pés em direção a entrada para aguardar a chegada de Fabrício.

Mais tarde ao vê-los de joelhos trocando os votos, meu coração se encheu de alegria. A Srta. Silva não poderia estar em melhores mãos, e meu irmão não poderia ter melhor parceira para uma vida.

Meus olhos se encheram de lágrimas e Sr. James me ofereceu seu lenço. Pensei em recusar, ainda estava irritada com ele, mas não queria chorar na frente de todos. Fingi um espirro baixinho e aproveitei para secar as lágrimas com o lenço. Ele sorriu para mim e sussurrou:

— Muito inteligente. — Dei de ombros,
PERIGOSAS ACHERON

devolvendo o lenço sem olhar para ele.

— Tem sorte que é o casamento de Fabrício, ou estaria assoando meu nariz em seu lenço, para que todos pudessem ouvir — falei em sussurros. Ele sorriu.

No final da festa, Fabrício seguiu para sua nova casa. Sua propriedade fazia divisa com a nossa. Mesmo assim, era estranho saber que não o encontraria para o desjejum. Só então senti um aperto no coração. Logo Sr. James partiria para Londres e eu estaria sozinha com minha própria sorte.



No dia seguinte, fez imenso calor. Mamãe passou o dia organizando os presentes do casamento e o pai e o Sr. James saíram cedo para caçar com espingardas.

Coloquei um vestido de musselina e desci em

direção à praia. Estava decidida a aproveitar o dia, já que havia me tornado invisível. Quando o sol do meio-dia entrou na caverna, retirei meu vestido e mergulhei. Carregava minha faca presa na perna, como Janete havia me pedido para fazer, sempre que fugia para mergulhar.

Quando subi para respirar, alguém segurou meus cabelos e me puxou para fora.

— O que achei aqui? Uma sereia? — Um homem com um dente de ouro falou, segurando meus cabelos encharcados.

— Solte-me. Sou Isabela Gonçalves, filha do Lorde Gonçalves.

— A filha de um lorde não estaria aqui mergulhando sem roupas, sozinha. — Ele me jogou no chão e minha cabeça bateu com força na pedra. Ficando sobre mim, o homem rasgou minhas roupas, deixando meus seios à mostra. Quando

aproximou sua cabeça de mim, mordi sua orelha.

— Desgraçada! — Senti arder meu rosto com um tapa que cortou minha boca e fez meu nariz sangrar.

— Solte-me! Socorro! Meu irmão vai matá-lo! —disse-lhe. O homem gargalhou enquanto rasgava o meu *bloomers*.

— Grita! Pode gritar, vou gostar mais com a senhorita gritando. —Ele abriu minhas pernas com o joelho, enquanto se apoiava com uma das mãos em minha garganta e com a outra abria sua calça, depositando todo seu peso em mim.

Sufocando, ergui minhas pernas, colocando-as em suas costas até que alcancei a faca, sem demora a enterrei em seu abdômen, torcendo ela lá dentro. Senti uma pancada em meu rosto e tudo ficou escuro.

Abri os olhos e alguém me carregava nos
PERIGOSAS ACHERON

ombros. Pude ver meus cabelos pendurados, próximos de calcanhares que se moviam. Apaguei novamente.

Quando recobrei a consciência, percebi que estava sobre o feno em uma carroça. Minha mente estava confusa e minha visão escurecida. Comecei a me debater.

— Tudo bem, Srta. Gonçalves. Eu estou levando-a para casa. Por favor, se acalme. — A voz era conhecida, mas não consegui assimilar quem era e apaguei novamente.

Mais tarde, acordei em minha cama. Estava trajada com meu vestido de musselina que havia tirado para mergulhar, porém, ele estava todo manchado de sangue.

— Srta. Isabela, quantos dedos têm aqui? — O médico me mostrou dois dedos.

— Mamãe?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou aqui, querida, do seu lado.

Olhei para ela, meus olhos estavam inchados e minha visão turva, ela que chorava freneticamente.

— Srta. Isabela, preciso que se concentre. Quantos dedos têm aqui?

— Dois. Quem me trouxe da praia? Pegaram o homem?

— Não, querida, ainda não. O Sr. Silveira a encontrou desmaiada nas pedras e a trouxe para casa.

— Preciso tirar suas roupas, senhorita. Há muito sangue por baixo de seu vestido. Preciso averiguar se possui algum ferimento grave.

— Se o senhor tocar em mim, juro por Deus que não sairá desta casa vivo. Já basta! Eu estou bem, agora saia. — falei entre os dentes, me

PERIGOSAS ACHERON

virando para a parede.

Chorei de raiva por não ter conseguido me defender. O médico chamou minha mãe para fora do quarto e ouvi lhe dizer, para que ela procurasse o ferimento. Seria melhor devido ao trauma.

— Querida, vou lhe preparar um banho. Tudo bem?

— Sim. — Ela me deu um beijo na testa e saiu, segurando o choro.

Enquanto aguardava o banho, escutei vozes alteradas que se aproximavam, meu pai e Sr. James adentraram.

— Sua selvagem! — Meu pai me deu um tapa no rosto. — O que estava fazendo sozinha na praia? Acha que não sei o que dizem sobre você? Estou cansado de...

— Basta! — James gritou, se colocando entre

PERIGOSAS NACIONAIS

mim e ele. — Sua filha foi agredida. Essa é a hora de procurar quem fez isso, não de culpá-la. — Sr. James bradou enfurecido. Meu pai colocou as mãos sobre a cabeça.

— Qualquer um pode ter feito, pois ela anda por aí como uma selvagem. Anda pelas matas e pelas praias como uma verdadeira bruxa, como dizem que é. — Ele saiu batendo a porta.

— A senhorita está sangrando. — James se ajoelhou ao lado da cama. — Precisa de um médico.

— Não, eu o mandei embora. Não quero que ele me toque.

— Sr. James — mamãe o chamou da porta com os olhos vermelhos. — Poderia carregá-la até a sala de banho para mim? — James me olhou.

— Tudo bem para a senhorita?

PERIGOSAS ACHERON

Balancei a cabeça concordando. Ele me pegou no colo devagar, me pôs recostada em seu peito e esta foi a primeira vez que senti seu cheiro. Era de um perfume amadeirado, misturado com suor. Ele me colocou na sala de banho e se retirou.

Mamãe me ajudou a retirar as roupas ensanguentadas e minha pele branca apresentava partes roxas. Havia alguns cortes pelo meu corpo, meu nariz latejava e minha boca ardia. Um dos olhos estava inchado, demonstrando onde havia levado o golpe final.

Entrei na banheira após ela procurar mais ferimentos que justificassem todo o sangue em minhas roupas. Não podia contar que todo aquele sangue não era meu. Se eu tivesse matado um homem, como achava que tinha feito, acabaria em uma forca.

— Mamãe, me deixa sozinha por um

momento, por favor?

— Sim querida, me chame quando quiser que eu volte, sim? — Ela saiu e eu comecei a me tocar procurando machucados. Então me afundei na banheira para não sentir as lágrimas que desciam, enquanto todo meu corpo convulsionava com o choro.



Passei três dias na cama, eu havia pedido que não contassem a Fabrício, pois não queria que se preocupasse em seus primeiros dias de casado. Também havia contado a aparência do homem que me atacara, quando o Sr. James veio me visitar.

No final daquele dia, mamãe apareceu com os olhos vermelhos. Sentou na cadeira ao lado da cama e segurou minha mão.

— Querida, como você está?

— Estou melhorando.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tenho uma história para lhe contar. Por um momento, achei que nunca seria necessário, mas creio que hoje lhe fará mais bem do que mal.
— Eu me ajeitei na cama e a olhei, curiosa.

— Há quase dezoito anos, eu estava caminhando na praia e resolvi subir até o costão. Seu pai estava em uma viagem e eu queria admirar a vista lá de cima. Foi quando vi de longe uma caravela destruída sendo jogada pelas ondas nas rochas. Caminhei entre as pedras na direção da caravela e avistei um homem caído sobre uma pedra, logo abaixo de onde eu estava. A princípio achei que estivesse morto, mas ao me aproximar, percebi que ele ainda respirava.

— O que a senhora fez?

— Bom, não havia muito a fazer. O homem era enorme, vestia roupas escuras e estava deitado de bruços. Sua cabeça de lado ficava exposta ao sol

PERIGOSAS ACHERON

quente. Tentei acordá-lo, mas ele estava desmaiado. Coloquei minha sombrinha sobre ele e rasguei a barra do meu vestido, molhando-o com água doce do meu cantil. Limpei seu rosto, depois espremi água em sua boca. Após algumas horas, ele apresentou melhoras e abriu os olhos. Ofereci a água, ele bebeu. Com minha ajuda, ele caminhou até a caverna da Ponta, para fugir do sol. Ali seria o máximo que ele conseguiria caminhar naquele dia.

— Ele não disse quem era? — perguntei curiosa.

— Bom, ele tentou dizer algo, mas eu não compreendi seu idioma.

— Ele era um explorador?

— A caravela trazia uma bandeira negra e, naquele dia, foram encontrados mais quatro corpos na praia. Eu creio que eram piratas, sabia que se contasse para alguém sobre ele, seria preso e

enforcado. Então o mantive em segredo. Na manhã seguinte, voltei à caverna. Levei comida, água e uma coberta. Também levei um acendedor para que ele pudesse fazer uma fogueira durante a noite. Quando estava me retirando, ele disse *Merci*.

— O pirata falava francês?

— Sim, um pouco. Não era seu idioma nativo, mas conseguimos nos comunicar em Francês.

— O que mais ele contou?

— Contou que vivia no mar. Disse que nunca havia ido tão longe como naquela viagem. Por três semanas, entrei naquela caverna para escutar suas histórias. A comunicação era difícil, mas o vi se recuperar diariamente. Quando estava próximo de seu pai retornar, eu levei algumas roupas que retirei escondido da doação que havia sido levada para a capela. Encontrei uma roupa grande o bastante para

PERIGOSAS NACIONAIS

lhe servir. Ele já havia recuperado alguns pertences de valor nos destroços da caravela, durante uma calmaria e seguiria sua viagem. Um dia após lhe dar as roupas, fui visitá-lo para me despedir. — Ela começou a chorar, me olhando nos olhos. — O que eu não sabia é que as roupas haviam sido de um homem que havia falecido de varíola. — As lágrimas escorriam pelo seu rosto. — Encontrei-o tremendo de frio, com uma febre terrível. Aquele homem forte que sobreviveu a um naufrágio, sucumbiu a um inimigo invisível. — Ela segurou meu rosto e, entre soluços, acariciou meus cabelos. — Ele tinha cabelos como os seus. Quando olho para você, o vejo diante de mim.

Fechei meus olhos. Ela me abraçou e choramos juntas. Eu me senti tonta, aquele homem era meu pai.

— Você me perdoa?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A senhora não tem culpa. Não sabia que as roupas estavam contaminadas.

— Não, minha menina, não por isso. Preciso que me perdoe pelo meu erro. Fui responsável por todo o seu sofrimento. Você quem pagou a conta por mim.

— A senhora o amou? — perguntei com a voz embargada.

— Sim, como nunca amei outro.

— Então não existe erro e não há o que ser perdoado. Aprendi recentemente que achar o amor verdadeiro, pode valer uma vida de busca. — Eu sorri entre as lágrimas. — Parece que a senhora encontrou o seu. Sinto muito por ter sido breve.

Permanecemos abraçadas, chorando nossa perda. Naquele momento compreendi a raiva do meu pai.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fale-me mais sobre ele.

— Ele tinha cabelos compridos, abaixo dos ombros, e trançava-os no alto da cabeça como você faz. Lembro-me de quando você trançou seu cabelo assim pela primeira vez, chorei aquele dia inteiro.

— Desculpe, eu não sabia.

— Não se desculpe, querida. Ele teria sentido tanto orgulho de você. — Naquelas horas de diálogo com minha mãe, descobri mais sobre mim do que havia descoberto em quase dezessete anos.

Eu sabia que era diferente, que possuía traços distintos. Meus cabelos vermelhos, que antes eram minha maldição, sempre revelaram a verdade, eram uma herança deixada por meu verdadeiro pai.

— Por que decidiu me contar isso hoje?

— Seu pai está pensando em lhe tirar seu sobrenome. Fabrício e o Sr. James estão

PERIGOSAS ACHERON

conversando com ele no escritório. De qualquer forma, você partirá com o Sr. James para Londres em uma semana. Precisa arrumar suas coisas.

— Londres? — Eu sorri pela primeira vez nos últimos quatro dias.

— Sim. Se seu pai decidir retirar seu sobrenome, partirei para Londres com você. Caso ele decida manter seu sobrenome, você ficará lá por um ano. Será tempo suficiente para as pessoas pararem de falar sobre o que aconteceu.

— A senhora partiria para Londres comigo?

— Claro. Seria difícil, mas jamais a abandonaria, Isabela.

Eu abracei minha mãe mais forte. Ela teve suas falhas, muitas vezes se calando diante das injustiças do meu pai. Tudo se encaixava agora, cada atitude, cada olhar desprezível.

— Você aprenderá um novo idioma. Aperfeiçoará suas técnicas de pintura e viverá uma aventura. — Ela sorriu para mim orgulhosa enquanto as lágrimas ainda caíam de seus olhos.

— Mamãe, Fabrício sabe sobre meu verdadeiro pai?

— Ninguém sabe, Isa. É melhor assim. — Concordei.

Naquela semana, mal vi James e Fabrício, que já sabia do ocorrido, mas pouco permaneceu ao meu lado. Eu havia escutado Janete cochichando que ele e James procuravam pelo agressor. Quando chegou próximo ao dia da viagem, o Sr. James me disse que em Londres fazia frio, portanto, precisava levar roupas de inverno. Meus machucados haviam cicatrizado rapidamente e o roxo no meu rosto quase não se via.

O pai havia concordado em não me deserdar,

após mamãe ameaçar partir para Londres comigo, porém, me fez prometer que jamais caçaria ou mergulharia novamente. Eu teria um ano inteiro em Londres para aprender o idioma e aperfeiçoar minhas técnicas de pintura. Estava ansiosa para sair da ilha e conhecer o mundo.



CAPÍTULO IX

*Tu não viste dos bosques a coma
Sem aragem -vergar-se e gemer,
Nem a lua de fogo entre nuvens,
Qual em vestes de sangue, nascer?*

Gonçalves Dias

**James Kosvoski, Ilha de Santa
Catarina, 1884**

Seguíamos do Ribeirão da ilha de coche

rumo à enseada de Canasvieiras, de onde partiria uma nau para o Rio de Janeiro. Lá, embarcaríamos na caravela de Simon para Lisboa. Ao desembarcarmos próximo à enseada, pude observar que as mulheres escondiam as crianças atrás de suas saias, conforme avistavam Isabela, e balbuciavam de forma cantarolada palavras que eu não compreendia.

— O que elas estão falando? — perguntei para ninguém em especial.

— Estão proferindo um esconjuro contra bruxas — Isabela me respondeu enquanto avançava para a praia de cabeça baixa, cortando caminho entre o pequeno aglomerado de curiosos.

As mulheres saíam dando passagem a ela, temendo-a, enquanto outras falavam a reza repetidamente em voz mais alta. Algumas mulheres nos seguiam quando, de repente, alguém jogou uma

PERIGOSAS NACIONAIS

pedra na direção de Isabela, que se curvou de dor com o impacto.

— Bruxa maldita! — Alguém gritou. Corri até Isabela, ficando na sua frente, e Fabrício, às suas costas.

— A senhorita está bem?

— Sim. Pegou só de raspão.

— Se mais alguém se atrever a jogar pedras em minha noiva, eu mesmo queimarei essa pessoa na fogueira, seja mulher, criança, não importa — falei, gritando com raiva para todos ouvirem.

Elas começaram a nos seguir um pouco mais afastadas. Ainda podíamos ouvir suas indignações em forma de insultos.

— *Oiô, noiva, é? Tá* enfeitado, meu querido. — disse uma senhora com sotaque difícil de compreender, enquanto eu passava ao seu lado e

PERIGOSAS ACHERON

a fulminava com o olhar.

Rapidamente chegamos ao mar, onde a embarcação nos aguardava. As mulheres permaneciam distantes e o vento levava seus burburinhos para longe.

— Todas as vezes que saímos é assim —
Fabrício falou com raiva.

— Não me importo. Agora venha aqui, meu irmão. Sentirei saudades. Prometa-me que cuidará da mamãe.

Ela o abraçou, e pude perceber que Isabela apressava-se na despedida, como se não quisesse permanecer ali por tempo maior do que o necessário.

— Ela ficará bem, Isa. Eu prometo. — Ele lhe deu um beijo na testa, desejando-lhe boa viagem.

Subimos na escuna que nos aguardava. Durante o trajeto até a nau, Isabela ficou em silêncio, como se registrasse o momento em que deixava a ilha pela primeira vez.

Ela proferiu a reza para mim assim que chegamos na nau.

“Bruxa tatarabruxa, agulhão nos teus pés e antolhos nos teus olhos. Tu não me entras aqui nesta casa, nem nesta comarca toda. Em nome de Deus e da Virgem Maria, Amém”

— Era isso que elas diziam — falou com amargura.

Só então percebi um calombo que se erguia na lateral de sua testa. Meu coração ardeu de raiva e eu a abracei, como em uma promessa silenciosa de que nunca mais deixaria isso acontecer.

— Algumas décadas atrás, durante a inquisição europeia, algumas mulheres foram

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

colocadas por suas famílias nos navios que traziam os colonos. Vieram escondidas sem qualquer registro. Em sua maioria, eram apenas curandeiras, benzedeiras ou amantes da natureza e conhecedoras de ervas. Essas eram as bruxas que foram queimadas nas inúmeras fogueiras por todo o mundo. Mas não aqui. — Isabela voltou a olhar para a ilha, que ficava cada vez menor. — Elas encontraram um abrigo nesta ilha, este lugar oferecia um recomeço e aqui se estabeleceram. Mas não demorou muito para que o povo as reconhecesse. Juntaram suas próprias crenças com as já existentes, a herança dos índios Carijós que viveram aqui antes... Antes do nosso povo chegar e destruir seus lares. Então a Anhangá, que era o espírito do mal, se transformou em bruxas e lendas que permeiam as mentes das pessoas. As bruxas passaram a se transformar em mariposas e entrar por frestas e fechaduras. Chupavam o sangue das

PERIGOSAS ACHERON

crianças e embruxavam os filhos não batizados das senhoras, lhes reivindicando a vida em nove dias. Toda maldita doença que tomava a vida de um recém-nascido era atribuída a essas mulheres. Por isso me odeiam.

Ela se levantou e me olhou nos olhos. Em sua testa via-se uma marca saliente, com um pequeno corte. — Sibilei ao ver o machucado.

— Dizem que sou uma bruxa poderosa, que fui forjada no fogo do próprio inferno. Dizem que seduzo os homens para que façam o que quero e depois assassino-os lentamente, sugando suas forças e a vitalidade de seus corpos. Os pobres homens, vítimas de minha crueldade, definham e morrem loucos.

— Conhecerá um mundo novo, Isabela, onde a ciência e a tecnologia regem antes das crendices.

— Não espero menos de Londres. — Ela se

virou para a Ilha novamente.



Escolhi duas cabines unidas por uma passagem interna e por um passeio externo que dava para o convés. Há alguns dias viajávamos rumo a Lisboa e pouca coisa parava em meu estômago.

Permanecia a maior parte do dia deitado na cama, vomitando as tripas. Isabela tentava me manter hidratado e, nas últimas noites, havia permanecido na minha cabine, fato do qual eu não reclamava.

Eu não era o único sofrendo de maresia na viagem. O próprio Simon teve seu martírio. O convés permanecia vazio, mesmo nas horas mais agradáveis do dia.

O sol já se punha no horizonte do sexto dia quando recuperei a cor, entrando em paz com meu

estômago. Isabela, que não pareceu afetada, pintava o pôr do sol avermelhado no passeio do convés, de frente às nossas cabines. Ela usava um vestido cinza escuro, justo até a cintura. Seus cabelos estavam presos em uma coroa de tranças e tudo que lhe faltava eram asas. Havia manchas de tinta verde em seu braço e eu a observava da porta da cabine.

— Oh, Sr. James. Sua aparência melhorou muitíssimo. — Ela havia se virado para mim, tentando esconder a tela.

— Obrigado, senhorita, por tudo que fez nesses dias. Prometo que a recompensarei. — Eu sorri com sinceridade.

— Ora, não é necessário. Só fiz o mesmo que o senhor fez por mim. Não há necessidade de recompensa. Até fiquei feliz em poder retribuir seus cuidados.

— Quer dizer que, enquanto eu desvanecia, a

PERIGOSAS ACHERON

senhorita se alegrava com minha decadência? — Olhei para ela com os olhos apertados e um meio-sorriso.

— Terei de confessar que me foi bem gratificante lhe ver tão vulnerável. — Ela sorria com o olhar enquanto me apontava a língua.

Todos os meus sentidos ficaram em alerta. Se ao menos ela soubesse como mexia comigo, e sem pensar...

— A próxima vez, senhorita, que me apontar esta língua, não responderei por mim. Vou tomá-la antes mesmo que se dê conta. — Virei-me na direção da proa, decidido a respirar ar puro e acalmar meus impulsos. Mas não antes de vê-la me olhando com as sobrancelhas erguidas e boca entreaberta.

Naquela noite, eu e Simon jogávamos cartas na cabine externa, enquanto Isabela permanecia

calada no convés. Desde o episódio da tarde não me dirigia a palavra.

— O que ela tem? — Simon apontava para Isabela apoiada no mastro, olhando para a escuridão.

— Receio que possa tê-la ofendido nessa tarde.

— E o que espera para ir até ela e lhe pedir desculpas?

— É melhor deixar as coisas assim. — Levantei-me e dei um último gole na bebida, esvaziando meu copo. — Chega por hoje. Se precisar de mim, sabe onde me encontrar.

— Se quiser, faço companhia para a dama ofendida. Prometo que não contarei a ela sobre sua reputação. — Simon sorriu.

— Não sei do que está falando, Simon, e

sugiro engolir seu deboche. — Saí em direção ao convés antes de ter que socar Simon.

— Senhorita, posso lhe acompanhar até sua cabine?

— Sim. Obrigada. — Ela segurou meu braço e, em pequenos passos, percorremos o caminho até nosso destino em silêncio absoluto.

— Boa noite, Srta. Isabela.

— Boa noite, Sr. James. — Ela entrou em sua cabine, fechando a porta.

Suas mãos estavam trêmulas. Eu lutei contra a vontade de me explicar, porém, sabia que o constrangimento que eu causara, me traria a distância necessária durante a viagem.



Os dias de calma eram apenas no oceano. Meu coração estava inquieto. Isabela não estava

muito diferente. Ela gostava de permanecer na proa observando o horizonte, enquanto eu ajudava Simon a permanecermos na rota, tentando aprender um pouco mais sobre navegação. Eu não era leigo no assunto, mas me faltava conhecimento em alto mar.

Por vezes me pegava admirando-a, e quando nossos olhares se cruzavam, ela desviava o olhar. Em outros momentos, eu tinha a impressão de que ela me fitava, e quando eu erguia meus olhos, ela se virava depressa.

— Até quando ficarão com joguinhos de cão e gato?

— Não sei do que está falando, Simon. — Ele sorriu.

— Posso não estar à sua altura — ele falava apontando a cabeça para ela — mas, com toda certeza, você está. Pelo que julgo ver aqui, meu amigo, se importa com ela o suficiente para estar

PERIGOSAS NACIONAIS

perturbado com esta situação. Por que não a procura e resolve isso?

— Você mais do que ninguém sabe quem eu sou, sabe que não devo. As coisas estão como deveriam estar. — Apesar das minhas afirmações, a verdade devia estar estampada em meu rosto, ou Simon era mesmo um bom observador.

Aquela situação me deixava inquieto, mas estava determinado a me manter afastado.

Acordei naquela noite com o movimento brusco do barco e com os gritos dos marinheiros. Vesti minhas roupas às pressas e coloquei minha capa, indo até a porta que ligava minha cabine com a de Isabela, cambaleando no embalo da tormenta. Tentei abri-la, mas estava trancada por dentro. Bati freneticamente.

— Isabela, acorde. — Mantive-me ali, batendo até ela atender.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sr. James! Estamos afundando? — Ela pareceu confusa ao abrir a porta com dificuldade.

— Acalme-se. Vou subir ao convés e quero que fique aqui até eu voltar, entendeu?

— Por favor, não me deixe aqui. — Peguei seu rosto entre minhas mãos.

— Não a deixarei. Vou apenas verificar o que está acontecendo e retorno para buscá-la, caso necessário.

— Por favor, não vá. — Ela meneou a cabeça.

— Prometo que volto assim que certificar a gravidade da tempestade. De qualquer forma, vista roupas quentes e uma capa — Ela assentiu.

Fui recebido no convés com uma onda que quase me arrastou. Com dificuldade, cheguei à cabine externa de Simon. Todos os marinheiros

PERIGOSAS ACHERON

trabalhavam freneticamente em meio as investidas das ondas.

— James, segure o timão. Preciso ajudar a desenrolar a vela ou o mastro se partirá. Mantenha-o nesta direção. — Simon amarrou cordas nas pontas do timão para ajudar a segurá-lo na posição correta.

— Vá, eu o mantereí. — Os homens lutavam contra as ondas, salvando tudo que tinha importância. Simon começou a subir no mastro principal, onde o pano da vela havia se enrolado com a tempestade. Ao que tudo indicava, tinham sido pegos de surpresa.

— Sr. James. — Virei-me e Isabela estava encharcada diante da porta.

— Entre e feche a porta. Jesus, mandei que ficasse em sua cabine! Poderia ter sido lançada ao mar. — Ela estava assustada, me olhando com

temor.

— Por favor, quero ajudar.

— Segure o timão! — Enquanto ela segurava, reforcei as cordas que o impediam de se mover. — Está vendo a bússola? Mantenha nesta direção, acha que consegue?

— Sim, aonde o senhor vai?

— Vou ajudar Simon. Ele não vai conseguir sozinho lá em cima. — Abri a porta para sair e ela gritou.

— James, não morra ou eu o mato! — Eu sorri.

— Não morrerei!

Ela sorriu de volta, enquanto batia o queixo de frio e de medo. Subi no mastro, indo para o lado oposto de Simon, onde a vela ainda se prendia. Com apenas uma das mãos eu me segurava,

PERIGOSAS NACIONAIS

enquanto a outra desatava o nó. A visão de cima era aterrorizante. A embarcação se deitava a cada rajada de vento.

Simon tinha razão, não aguentaríamos muito tempo se não conseguíssemos desenrolar a vela principal. Com um trabalho em equipe, soltamos a vela, o que fez a embarcação deitar ainda mais e uma onda nos cobriu, me fazendo usar todas as forças para não ser levado ao mar.

— Enrolem as velas, homens, ou não verão mais suas famílias! — Simon gritou ao mesmo tempo em que escorregava pelo mastro até o chão. Com a vela enrolada, a caravela ganhou mais estabilidade, cortando as ondas com maior facilidade. — Quero apenas três marinheiros aqui em cima. O restante desça para manterem os motores a todo vapor. Dentro de duas horas quero que mais três marinheiros subam, para o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

revezamento. — Simon gritava, enquanto eu me dirigia com ele para a cabine.

— Ora, se me contassem que foi uma dama quem conduziu o timão do Veloz em meio a uma tormenta, certamente eu duvidaria. — Simon sorriu ao vê-la segurando o timão de forma, que seus dedos pareciam esbranquiçados. Seus olhos verdes enormes pareciam aliviados.

— Estamos fora de perigo?

— Pode considerar que sim, mas será uma noite longa.

Passando o comando para Simon, ela veio ao meu encontro.

— Eu senti muito medo, achei que o senhor cairia lá de cima — ela suspirou tremendo, e só então pude perceber o quanto parecia estar gelada.

— Isabela, vamos descer para que possa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

colocar roupas secas. A senhorita está congelando.

— Por favor, não quero ficar lá embaixo sozinha. — Eu sorri.

— Não ficará. Ficaremos com Simon esta noite. A senhorita já se provou muito necessária, revezaremos com ele. Desceremos apenas para trocarmos de roupa.

As ondas ainda eram enormes, porém, o Veloz as cortava de frente, impedindo que invadissem o convés. Retornei trazendo uma roupa seca para Simon, alguns cobertores e uma garrafa de uísque.

Podia não ser a coisa mais inteligente a se fazer, mas nos manteria aquecidos. Isabela vestia uma capa marrom com um capuz e parecia mais corada. Eu abri a garrafa, oferecendo-a, ela deu um gole na bebida, fazendo uma careta. Simon gargalhou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, isso é horrível. — Ela mordeu o lábio inferior passando a garrafa para Simon.

— Um brinde à dama mais corajosa que já conheci. — Simon ergueu a garrafa antes de dar um gole no gargalo e passar para mim. Não era aquela a ordem que eu almejava compartilhar a bebida.

Algumas horas depois, o mar havia se acalmado e Simon se retirou para descansar por duas horas, enquanto eu assumia o comando. Faltavam poucas horas para amanhecer e Isabela parecia cansada.

— Gostaria de descer para sua cabine?

— Não. Eu gostaria de ficar mais um pouco.
— Eu assenti.

— Foi muito corajosa hoje. — Ela sorriu, pegando a garrafa e tomando mais um gole da bebida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Na verdade, não fui. Senti muito medo. Achei que iríamos morrer.

— Coragem não tem a ver com o fato de não sentir medo e, sim, com o que faz diante do medo. E apesar do que aconteceu, a senhorita veio aqui sozinha e comandou o Veloz em meio à tormenta. Conheço muitos homens que se trancariam em suas cabines para rezar.

— Quando o senhor soltou a vela, uma onda cobriu o mastro onde estava. Por um instante, não o vi. Desesperei-me, achando que a onda tinha o lançado ao mar. — Ela me olhava com pesar. — Naquele momento, achei que o tinha perdido. Achei que todos nós morreríamos.

— Mas não morremos. — Eu sorri, confortando-a.

— Não mesmo. E estou imensamente feliz por isso. — Ela me olhou sorrindo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Talvez parte da sua felicidade seja por conta dessa garrafa que está segurando nas mãos. Vamos, me devolva, ou terei de carregá-la no colo até sua cabine.

— Essa coisa horrível nem é mais tão horrível assim. — Ela me devolveu a garrafa, mas sua voz já estava arrastada e eu sorri.

— A senhorita está bêbada, é melhor ir descansar.

— Não estou bêbada — ela falou com as mãos na cintura.

— É o que todos os bêbados dizem antes de capotar na sarjeta.

— O senhor não permitiria isso.

— Não, mas a senhorita precisa descansar.

Chamei o marinheiro que trabalhava no convés, reunindo as cordas espalhadas pela

PERIGOSAS ACHERON

tormenta, para assumir o Timão até meu retorno.

— Vamos, acompanharei a senhorita até sua cabine. — Ofereci meu braço e ela aceitou.

Descemos até sua cabine. Ela caminhava enroscando os pés nos objetos espalhados pelo convés, dando risadas dos próprios tropeços.

— Talvez o senhor tenha razão. Acho que estou um pouco feliz demais.

— Beba bastante água. Quando acordar, estará com uma dor de cabeça horrível. — Dei-lhe um beijo na testa e, quando fui me virar para retornar para a cabine, ela segurou minha mão.

— Sr. James, obrigada. — Ficou na ponta dos pés e me beijou na bochecha, bem próximo à minha boca. Minha respiração ficou profunda e eu me afastei.

— Por favor, feche a porta. Quando Simon

assumir, venho ver como está.

— Está bem. Até logo. — Ela fechou a porta com um sorriso ousado, logicamente por conta da bebida.



CAPÍTULO X

E tu dormes, ó Piaga divino!

E Anhangá te proíbe sonhar!

E tu dormes, ó Piaga, e não sabes,

E não podes augúrios cantar?!

Gonçalves Dias

Isabela Gonçalves, Inglaterra,

1885

Querida mamãe,

Nossa viagem foi longa, mas muito agradável. Por sorte, o Sr. James sofreu com a

maresia apenas nos primeiros dias.

Minha passagem pelo Rio de Janeiro foi um misto de sentimentos, pude presenciar uma grande evolução e, ao mesmo tempo, algo me entristeceu profundamente.

Mamãe, a escravidão nesta região ainda é muito frequente e brutal.

Enquanto caminhávamos para o porto, passamos por um engenho tocado por escravos.

Apesar das crianças serem livres protegidas por lei, são igualmente escravizadas.

Estamos em Lisboa, logo partiremos para a Inglaterra, a passagem do ano novo passamos em alto mar. A moda aqui diverge muitíssimo do Brasil. Os vestidos são menores, aqui não se usa mais as crinolinas, foram substituídas por uma cauda que se projeta horizontalmente para trás, deixando o corpo como uma ampulheta e, para
PERIGOSAS ACHERON

minha surpresa, vi mulheres que não usam espartilhos.

Acredita que encontrei sete mulheres ruivas somente em três dias? Ninguém as olha com má fé, nem mesmo proferem desconjuro contra elas.

Três delas estavam acompanhadas por seus maridos, estou em êxtase e agradeço por estar aqui.

Sinto falta de todos vocês e os amo.

Isabela Gonçalves, Inglaterra.

Depois de mais alguns dias no mar, em uma viagem agradável chegamos a Inglaterra. Londres era mais do que havia imaginado, pessoas, carruagens e animais pelas ruas. Por um momento, fiquei enjoada com tanto movimento.

Tentava não parecer tão deslumbrada com as

construções. Quanto mais nos afastávamos do cais, mais eu me impressionava.

Finalmente eu era invisível, com toda certeza, ser ruiva ali não era uma maldição.

— Chegamos. — Sr. James desceu da carruagem e me estendeu a mão. Olhei ao meu redor, encantada com o lugar. Havia árvores frondosas por toda parte e o chão era coberto de folhas secas, somente uma pequena estrada pela qual passamos conduzia até a casa.

A residência era feita de pedras acinzentadas, uma enorme propriedade.

— Este lugar não se parece em nada com o que eu acabei de contemplar na cidade. — Enquanto eu falava, saía fumaça de minha boca.

— Este é um refúgio em meio à loucura de Londres.

PERIGOSAS NACIONAIS

A porta da casa se abriu e um homem magro alto e ruivo... *Ruivo?* Sim, um homem ruivo aguardava à porta. Eu sorri.

— Vamos entrar. A senhorita deve estar congelando.

— Irving.

— Milorde. — O homem fez um cumprimento exagerado.

— Esta é a senhorita Isabela Gonçalves. Ficará hospedada conosco para a próxima temporada. Por favor, peça para que arrumem o aposento de hóspedes próximo ao estúdio.

O homem falou algo em inglês e repetiu o mesmo cumprimento exagerado de antes.

— Ele lhe desejou boas-vindas.

— Ah, obrigada. — Naquele momento me dei conta do quanto seria difícil me comunicar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Irving, mande avisar meus pais que estou de volta e que Isabela veio comigo. Também peça para que nos preparem um banho, estamos exaustos. — O homem fechou a porta após entrarmos e saiu apressado.

— Ele compreende português?

— Sim. Todos nesta casa compreendem, mas não se anime. Não responderão em sua língua e isto lhe será de grande ajuda para compreender o idioma mais rápido.

— Não estou tão certa disso. — James sorriu.

— Não se preocupe, nós a ajudaremos. Tenho certeza de que antes da abertura da temporada, estará lendo até livros em inglês.

— Eu realmente espero que sim, odiaria não conseguir me comunicar.

James me levou até a biblioteca e eu lutava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para não transparecer a euforia. É certo que tínhamos uma biblioteca, mas definitivamente não como aquela. Era cercada na ala leste por janelas que desciam do teto até o chão, se encontrando em um “L”, dando a impressão de estarmos dentro da floresta.

A vista era magnífica, cheia de luz natural, voltada para um lago distante. Próximo à janela, havia uma enorme mesa de madeira avermelhada, e uma outra mesa menor, redonda, com várias cadeiras posicionadas. Todo o resto eram estantes repletas de livros, tão altas, que havia uma escada móvel para alcançá-los.

Nas áreas mais iluminadas da sala, havia poltronas reclináveis, que pareciam imensamente confortáveis. Um grande espelho oval de ferro retorcido estava na parede próxima à porta de entrada, assim como alguns quadros com pintura a

PERIGOSAS ACHERON

óleo.

Fiquei em frente a um quadro que capturou minha atenção. Havia trigo no chão e uma dama de joelhos com os olhos vendados. Trajava-se com um vestido branco de cetim. Seus cabelos eram compridos e ruivos e sua pele clara. Um homem a segurava, ele vestia um manto negro de gola cor de abóbora, enquanto outras duas damas permaneciam à sua direita. Uma das damas estava recostada na parede, parecendo desmaiada. A outra, de pé, com as duas mãos na parede, repousava a cabeça sobre os braços, estava de costas escondendo o rosto.

A quarta pessoa na tela era um homem com roupas militares. Vestia uma calça vermelha e justa no corpo. Trazia na cintura um punhal e um emaranhado de amarras. Sua mão direita repousava sobre o cabo de um machado, onde a lâmina permanecia ao chão. Em seu ombro esquerdo, havia

um emblema desconhecido para mim. Este último era o único que permanecia imparcial ao sofrimento da dama ajoelhada.

Posicionado em sua frente, sobre o trigo, havia um apoio de madeira. O desespero, o sofrimento e a dor eram visíveis. Ainda assim, a beleza da dama ajoelhada sobre uma almofada azul era angelical.

Uma lágrima escorreu em meu rosto. Eu havia percebido o que estava retratado ali.

Sr. James se aproximou e, com o indicador, colheu a lágrima.

— “*The Execution of Lady Jane*”. O pintor era um francês que se chamava Paul Delaroche. — Olhei para ele com os olhos marejados.

— Por quê? Por que ela morreu?

— Como sabe que isso é real?

— Porque posso sentir o medo dela.

— Ela foi vítima de um jogo político, sujo e cruel. Cometeu um único erro: confiou nas pessoas erradas. Foi rainha da Inglaterra por apenas nove dias, então foi condenada à morte por traição. Dizem que o carrasco pediu perdão a ela pelo que estava prestes a fazer e ela o perdoou diante de todos. Então leu um salmo e pediu perdão a Deus por seus pecados. Ela possuía a mesma idade que a senhorita quando foi executada.

— Ah, Sr. James. Estou incrivelmente envergonhada por ter lhe mostrado minhas pinturas. Isso aqui é uma verdadeira obra de arte. Roubou-me a paz estar diante desse retrato. Tenho a impressão de querer entrar na tela e salvá-la a qualquer custo, como se fosse uma janela no tempo.

— Não subestime seu talento. Às vezes tenho

a impressão de que a senhorita não compreende quem realmente é. — James me conduziu até a frente do espelho, que pareceu-me maior do que antes. — O que vê, senhorita Isabela?

Ele se posicionou atrás de mim, me segurando pelos ombros. Olhei para nosso reflexo e meu coração disparou. James era alto e possuía ombros largos, seus cabelos eram lisos e loiros como os de minha mãe. Desde aquela tarde, antes da tormenta, passei a observá-lo de uma forma como não o via antes. Seus olhos azul-acinzentados traziam um mistério, uma frieza talvez.

— Eu o vejo. — James sorriu e eu me senti envergonhada.

— Não, senhorita. Olhe de novo. — Ele deu dois passos para o lado, saindo do reflexo. — O que vê?

— Vejo meu próprio reflexo.

— Descreva para mim seu reflexo.

— Por que preciso fazer isso? Basta voltar para onde estava, que o senhor mesmo pode fazê-lo.

— Sim, eu posso. Mas quero que descreva para mim, por favor.

Eu assoprei uma mexa de cabelo que caiu no meu olho, irritada.

— Cabelos ruivos presos em uma coroa de tranças malfeitas e que precisam urgentemente de cuidados. — Ele sorriu.

— Vamos. Continue. — Eu bufei.

— Pele clara, avermelhada pela exposição ao sol que peguei na viagem, sardas horríveis abaixo dos olhos e no nariz — falei baixinho.

— O que mais?

— Para minha sorte, possuo dois olhos

apenas, um nariz e uma boca. — Olhei para ele e sorri, tentando mascarar meu rubor. — Sou mais alta que a maioria das mulheres da ilha, apesar de ter encontrado mulheres mais altas que eu aqui. — Respirei fundo, enquanto me olhava no espelho velho. — Sou magra, apesar de comer bem e ter muita força. Acho que é isso senhor. Satisfeito?

— É claro que não. — Ele voltou a se posicionar atrás de mim. — Se o espelho não refletisse a mesma imagem que vejo quando olho para a senhorita, eu diria esse é um espelho mágico, que dá um reflexo distorcido da realidade para cada um que o olha.

— Onde quer chegar com isso? — Ele me segurou firme pelos ombros.

— Olhe. Olhe para si mesma como olhou para aquele quadro. Veja seu reflexo. Veja através dele. — Eu baixei o olhar, meneando a cabeça. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Preciso que saiba o que vejo, porque é o que todos vão ver aqui, longe das crenças que te atormentaram naquela ilha. — Meu peito doía e minha respiração estava pesada.

— Quer saber como eu a vejo? — Eu assenti, um pouco constrangida.

— Vejo seus cabelos ruivos presos em uma coroa de trança, mas devo admitir amar ver seus cabelos soltos, ainda que não seja o costume aqui. Vejo a constelação de Órion abaixo dos seus olhos, o que acho incrivelmente fascinante, mas a senhorita insiste em chamá-las de sardas. Vejo seu único nariz perfeitamente desenhado, pequeno e delicado. — Ele sorriu. — Vejo seus olhos grandes, de cor verde-esmeralda, com cílios enormes, o que acho particularmente atraente. Seu rosto é simétrico e angelical. Sua boca deixaria qualquer homem, bom... feliz. Não seria bem essa a definição, mas

PERIGOSAS ACHERON

sua boca é linda. Foi isso que quis dizer. E a senhorita não é só magra. É curvilínea. E posso falar isso com propriedade, pois a vi seminua no dia em que mergulhou.

Desviei do reflexo, envergonhada. Meu peito subia e descia, James também parecia afetado.

— Sr. James, gostaria de conversar com o senhor sobre isso. — Eu me virei para ele.

— Gostaria de tomar um chá? — Ele me ofereceu o braço.

— Adoraria. — James me virou novamente para o espelho.

— Só queria que soubesse que quando olho para a senhorita, vejo mais que seu reflexo. Vejo a mesma janela aberta que encontrou na tela. Sei que é mais forte do que acredita ser, mais inteligente do que percebe e mais capaz do que reconhece. E sei que não faz por mal, nem por falsa modéstia. Não

PERIGOSAS ACHERON

deixe que o julgamento daquelas pessoas destrua sua percepção ou sua confiança. Por fora, vejo uma mulher linda e atraente, mas é quem a senhorita é de verdade que a faz se destacar-se. — Eu olhei para ele com as sobrancelhas erguidas.

— Gostaria de conversar sobre isso também.

— Então não perderemos mais tempo. Logo seu banho e seus aposentos estarão prontos. Por favor, sente-se. Vou pedir que nos sirvam um chá.

Fiquei tentando encontrar palavras para iniciar aquela conversa, mas James retornou rápido demais.

— Sou todo ouvidos. — Ele sorriu, mas parecia nervoso.

— Sr. James, acho que lhe devo um pedido de desculpas.

— Do que está falando?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou falando sobre tudo que me disse ainda há pouco. Sei o quanto pode parecer difícil de entender, mas como o senhor mesmo presenciou as considerações feitas a minha pessoa naquela ilha, peço que entenda meu lado sem julgamentos. Antes de conhecê-lo, nenhum outro homem sequer ousou me olhar. Portanto, convivi apenas com os olhares fraternos dos meus irmãos e, por desconhecer o mundo além da ilha, jamais pude imaginar que... Bom, não sei como dizer isso.

— Que poderia despertar interesse em um homem?

— Exatamente. — Esforcei-me para não enrubescer. — Fui infeliz e infantil naquele dia, quando decidi tomar banho somente com minhas roupas de baixo diante do senhor. Estou muitíssimo envergonhada com minha postura. Só mais tarde percebi que eu o provocara naquele dia quando, de

PERIGOSAS ACHERON

forma inocente, lhe mostrei a língua. Portanto, peço que me perdoe, isso não voltará a acontecer. Fico feliz por poder esclarecer esse assunto de forma tão madura. — Não consegui olhar em seus olhos, por causa da vergonha que me acometia.

Ouvi uma batida na porta e uma moça trouxe uma bandeja com chá e bolo, se retirando em seguida.

— Por isso ficou tão estranha durante a viagem? — Eu assenti. — Achei que eu havia lhe ofendido.

— Ah, não. O senhor não fez nada de errado, apenas respondeu a impressão que eu lhe causei. — James sorriu e eu o olhei desconcertada.

— Creio que a senhorita está se equivocando novamente.

— Por que diz isso?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mesmo que costure sua boca para que nunca mais possa me mostrar sua língua, mesmo que se sente mais ereta que as damas de companhia da rainha Vitória, ou que se torne muda, como as devotas que se impõem penitências de silêncio, mesmo que se cubra com panos de saca para alcançar a sua evolução espiritual, ainda assim, se a senhorita apenas respirar, me chamará a atenção.

James se levantou e me estendeu a mão. Eu aceitei e ele me puxou para junto dele. Meu coração disparou, mas James apenas me conduziu a uma valsa, novamente sem música.

— Não quero que mude sua essência, senhorita. Tampouco deixe de ser quem é. Só não tire mais suas roupas perto de mim, muito menos perto de outro homem que não seja seu marido, porque suas pernas são incrivelmente bonitas.

— James! — Interrompi o compasso

PERIGOSAS ACHERON

silencioso, e ele gargalhou, me puxando novamente para a dança, desta vez, me rodando na grande sala. Eu sorri. — Fico agradecida por não precisar costurar minha boca, pois tenho a impressão de não conseguir segurar minha língua por muito tempo. Já que vou demorar um bom tempo até aprender seu idioma, talvez mostrar a língua por aqui seja necessário. — James gargalhou.

— Mal posso esperar para ver a cara do Irving quando a ver mostrando a língua para os criados toda vez que não conseguir se expressar, ou quando estiver descontente com algo.

Eu sorri e ele começou a me girar pela sala novamente. Coloquei a cabeça para trás, vendo tudo girar, quando a porta se abriu. Paramos de repente, e James teve que me segurar, pois estava tonta.

— James, Isabela!

James ainda me segurava, ao mesmo tempo em que eu tentava permanecer em pé.

— Sra. Kosvoski!

Ela correu ao nosso encontro.

— Ah, como é bom vê-los! — Ela nos abraçou ao mesmo tempo, James beijou-lhe a cabeça.

— Senti sua falta, mamãe. Onde está o papai?

— Estou aqui. — O Sr. Kosvoski entrou na biblioteca. James foi ao seu encontro e o abraçou.

— Querida, você deve estar cansada. Como foi a viagem? — Sra. Kosvoski me perguntou preocupada

— É uma viagem longa e cansativa. Para ser sincera, não dormi direito nas últimas noites.

O Sr. Kosvoski se aproximou com James.

— Sr. Kosvoski. — Fiz um cumprimento,
PERIGOSAS ACHERON

mas ele me puxou e me abraçou.

— Isabela, como cresceu. Se tornou uma linda mulher! — Eu estava espantada, pois nunca havia recebido um abraço do meu pai, então não sabia como agir. Todos riram diante da minha reação.

— Você está em casa, Isabela. Não se acanhe com o Oliver. Ele lamenta até hoje não termos tido uma filha mulher. Melhor ir se acostumando com os abraços.

— Vimos você nascer, é como uma filha para nós — Sr. Kosvoski falou sorrindo, enquanto ainda me chacoalhava.

— Fico mais que agradecida, há muito desejava conhecê-los.

— Bom. Terão muito tempo, mas agora creio que devam deixá-la descansar. A viagem não foi fácil e ela deve estar exausta. Vou perguntar ao

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Irving se está tudo pronto para ela subir. — James se retirou da biblioteca, e a Sra. Kosvoski entrelaçou seu braço no meu.

— Conte-me como está sua família.

— Estão todos bem. Sandro e Samuel já estão há cinco anos casados. Se casaram com duas irmãs gêmeas idênticas. Ela sorriu.

— Ainda compartilham o mesmo gosto. E como foi o casamento de Fabrício?

— Ah, foi lindo! A Srta. Silva é encantadora. Meu irmão não poderia encontrar melhor companheira.

— E seus pais?

— Estão bem. Com saúde, graças a Deus.

James retornou me avisando que o banho me aguardava, e eu realmente almejava um banho e um pouco de descanso.

PERIGOSAS ACHERON

Ele me acompanhou até meu aposento, que ficava na ala leste da casa, o que me deixou muito feliz pela vista do lago. O quarto era verde-claro e com enormes janelas. A lareira já estava acesa e o fogo crepitava, aquecendo o ambiente. Havia um armário que tomava uma parede inteira e, no centro, James abriu uma porta, revelando uma passagem para um cômodo de banho. Uma banheira de ferro estava enchendo através de uma torneira de rosca. A água caía fumegante.

— Como isto é possível? Apontei para a água quente que saía do metal fixo próximo a banheira.

— É um invento. Um projeto no qual meus pais vêm trabalhando há anos com o Lorde Hassel, um engenheiro muito habilidoso. É um sistema de aquecimento solar.

— James, isso é incrível! Todas as casas em Londres possuem aquecimento?

— Na verdade, não. Isso começou com total despretensão. Meus pais buscavam meios para melhorar e trazer conforto. Mas tudo isso tem um custo muito alto e nos dias mais frios ou sem sol, não funciona muito bem. Pedirei para que sua dama de companhia suba e lhe ajude com o banho.

— Não preciso de uma dama de companhia. Sei me virar sozinha.

— Na verdade, precisará. Na dificuldade de encontrar alguém que fale português, terei de ser seu professor. Nós passaremos muito tempo juntos, é prudente que tenha uma dama de companhia. É possível que me acompanhe em pequenas viagens para entrar em contato com a língua. A Srta. Júlia não fala seu idioma, mas compreende.

— Sendo assim, então pode chamá-la.

James sorriu e se retirou fechando a porta. Um banho quente era tudo o que eu precisava. Ao

lado da banheira, havia dois frascos e um sabonete. Eu lutava para retirar meu vestido quando ouvi uma batida na porta.

— Entre, debes ser a Srta. Júlia. — Ela balançou a cabeça confirmando e começou a me ajudar a tirar o vestido.

Júlia devia ser poucos anos mais velha que eu e, em alguns momentos, falava algo para mim e sorria, percebendo que eu não a compreendia.

Ela fechou o semblante ao ver minha cicatriz nas costas, próxima à costela. Havia alguns hematomas que estavam ainda aparentes. Senti-me constrangida com seu olhar, mas ela logo sorriu para mim, indo buscar meu sabonete de maracujá que eu havia lhe solicitado.

Eu estava ansiosa para viver essa nova vida, estava inclinada a aproveitar o máximo e aprender tudo que me fosse permitido.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



CAPÍTULO XI

*Ouve o anúncio do horrendo fantasma,
Ouve os sons do fiel Maracá;
Manitôs já fugiram da Taba!
Ó desgraça! ó ruína! ó Tupá!*

Gonçalves Dias

**James Kosvoski, Londres de
1885**

Levantei o olhar para Isabela sentada na

PERIGOSAS ACHERON

poltrona reclinável, lendo um livro.

— A senhorita evoluiu rápido! — Ela voltou-se para mim, sorrindo.

— Tenho um bom professor, mas devo admitir que ler é mais fácil que pronunciar seu idioma.

— Mas a senhorita tem se saído bem. Ontem mesmo percebi sua total compreensão, não é mesmo?

— Sim, algumas palavras ainda me são vagas. Mas, em sua maioria, compreendo. — Ela parecia radiante. Havia se dedicado muito naqueles últimos meses, tanto a aprender o idioma quanto a arte.

— Hoje à tarde, irei a um lugar onde não poderei levá-la. Saia para comprar um vestido novo. Domingo será seu primeiro baile em Londres.

— Por que não posso ir com o senhor? — Eu sorri.

Durante aqueles três meses, eu havia a levado junto para todas as negociações que tive.

— Irei ao clube rever uns amigos.

— Ah, sinto muito. Vou convidar a Srta. Júlia para irmos à modista.

Não era exatamente para o clube que eu iria. Desde que havia voltado, não tinha visitado a madame Jeanette, o que dificultava as coisas para mim, já que eu passava o tempo todo com Isabela e seu cheiro de maracujá, que se impregnava no meu nariz e na minha alma.

Retirei-me da biblioteca e pedi que encilhassem minha égua. Era hora de voltar à antiga vida antes de cometer uma besteira.

Os dias já revelavam o verão e, com o calor,

vinha o fedor de Londres. Bati à porta e Jeanette abriu com um gritinho.

— James, o senhor voltou! — Ela me puxou para dentro, fechando a porta e começou a desabotoar minha camisa. Dei um passo para trás.

— O que houve?

— Conheci alguém.

— Alguém importante?

— Sim.

— É claro que sim, mas já sabíamos que este dia chegaria, não é mesmo? Então por que está aqui, James?

— Combinamos que eu lhe contaria quando isso acontecesse.

— Vai se casar com ela?

— Não posso tê-la, a senhorita sabe que não posso. Hoje saí decido a vir aqui e retomar minha
PERIGOSAS ACHERON

antiga vida, mas receio que não seja possível. Encontro-me em um verdadeiro impasse. Eu a amo. Como posso ligar seu destino ao meu? A senhorita sabe do que eu gosto e não posso exigir isso dela. — Ela baixou o olhar e respirou fundo.

— O senhor pode ser discreto, ainda poderemos ter nossos encontros.

— Não. Essa não é a vida que quero para mim.

— Apresente-me a ela como uma amiga. Tenho experiência, James. Se a ver, saberei se ela o aceitaria. — Eu sorri com escárnio.

— Como?

— Da mesma forma que sabia quem o senhor era, quando chegou à minha porta pela primeira vez. Contrate uma dama de companhia para mim, para que ela não desconfie. Leve-a para um chá na nova loja de doces, ninguém me conhece lá. Nos

PERIGOSAS ACHERON

encontraremos por acaso e o senhor pode me apresentar como uma dama decente e amiga de sua família. — Ela gesticulava para eu me sentar no pequeno sofá.

— Pensarei sobre isso. — Tirei minha camisa e a peguei no colo. Ela sorriu, soltando gritinhos, e se debateu enquanto eu a carregava para o quarto.

Durante toda aquela semana, só vi Isabela no desjejum. Eu a evitava sempre que podia. Saía pela manhã e retornava tarde da noite, a verdade é que me encontrava em conflito.

No dia seguinte seria seu primeiro baile, e eu havia planejado algo. Isabela estava pintando no estúdio. Permaneci na porta por alguns minutos, vendo-a de pé, concentrada na tela posicionada no cavalete. Seus cabelos estavam semipresos em duas tranças laterais, que se uniam atrás de sua cabeça. As mechas ruivas soltas chegavam à sua cintura e

PERIGOSAS NACIONAIS

brilhavam com a luz do sol que se punha no horizonte. Suas mãos estavam sujas de tinta e seus movimentos eram bruscos, fazendo seus cabelos balançarem. Pigarreei e ela se virou.

— Isabela? Está chorando? — Ela limpou as lágrimas depressa, mas seus olhos estavam vermelhos. *Não, não. Por favor, não chore.*

— Só um pouco. — Ela não olhou em meus olhos e se virou novamente para tela.

— Está com saudade de casa?

— Não de casa. Apenas da minha família, mas estou bem.

Ela ainda mantinha os olhos na tela, mas passou a pintar com suavidade.

— Gostaria de tomar um chá amanhã de manhã comigo na nova loja de doces? Dizem que servem uma torta de amora deliciosa.

PERIGOSAS ACHERON

Ela parou de pintar e me olhou. Tudo em mim se acendeu, porque havia olhado em meus olhos.

— Seria um prazer acompanhá-lo senhor. — Ela sorriu.

Uma lágrima ainda escorria em sua bochecha. Aproximei-me e beijei seu rosto molhado, colhendo sua lágrima com meu beijo.

— Não chore. Logo Simon retornará com as respostas de suas cartas. — Ela assentiu. Foi quando percebi que sua pintura não passava de um borrão escuro e selvagem que não fazia sentido algum. Bom, talvez não para a maioria das pessoas, mas, para mim, era o mais sincero retrato da raiva.

— Estava sem inspiração. Então ainda não sei o que vou pintar. — Ela se justificou, percebendo que eu encarava a tela.

— Espero a senhorita amanhã cedo. Preciso

PERIGOSAS ACHERON

me lavar e dormir um pouco, tive um dia exaustivo hoje. — Antes de sair do estúdio, tamborilei os dedos na porta. — A senhorita está linda de cabelos soltos e estou muito orgulhoso do seu inglês. — Ela sorriu.



Na manhã seguinte, quando entrei na sala, ela já estava à minha espera. A manhã estava agradável, ela usava um dos vestidos que havia comprado em Londres, que acentuava sua cintura fina. Seus cabelos estavam presos em um coque trabalhado, ela estava linda.

— Vamos? — Ofereci meu braço e a conduzi para a porta.

A loja estava linda. Havia uma decoração requintada e o ambiente era agradável. Corri o olhar para ver se madame Jeanette Kelly havia chegado, mas não a encontrei entre os clientes.

Sentamos em uma mesa redonda, próxima à janela, que me dava uma visão da porta de entrada.

Logo o garçom veio nos atender, desejando anotar nosso pedido. Olhei para Isabela, esperando ver se ela entendia a lista de doces que eram oferecidos. Ela sorriu para mim e pediu torta de amora e chá verde. Eu sorri de volta, orgulhoso de sua pronúncia.

Há meses que nos comunicávamos apenas em inglês. Nunca duvidei de sua capacidade, mas vê-la em ação, tão perfeita, me enchia de orgulho.

— Este lugar é lindo, a decoração é tão aconchegante.

Senti um pouco de culpa pelo que estava prestes a acontecer, mas eu precisava ter certeza, ou não seria justo com ela.

— É uma loja nova, Londres cresce a cada dia. — Ela sorriu.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou um pouco ansiosa por causa do baile dessa noite. A Srta. Júlia me ensinou as principais quadrilhas essa semana, mas ainda erro alguns passos.

— Não se preocupe com isso. Todos saberão que vem de outro país e que as danças mudam. Serão compreensivos. E a julgar pelo seu desempenho com o idioma, logo estará dançando melhor que todas as moças presentes nesta temporada.

— Mas antes disso, quero pisotear muitos pés. Afinal, que graça teria um baile sem que eu pudesse esmagar alguns dedos? — Eu sorri.

— Posso lhe passar uma lista de cavalheiros que adoraria ver seus dedos esmagados.

— Somente se eu puder lhe passar uma lista para o próximo baile com os meus futuros desafetos.

PERIGOSAS ACHERON

— Combinado.

A porta se abriu, tilintando o sino. Era Jeanette e sua dama de companhia. Provavelmente uma prostituta qualquer que estava agradecendo a Deus por um trabalho tão fácil. Ambas estavam bem-vestidas. Não que Jeanette se vestisse mal. Eu, como seu protetor, fazia questão de que andasse de forma decente. Mas garanto que a prostituta que a acompanhava nunca tinha vestido roupas tão elegantes.

Nosso pedido foi trazido à mesa. Jeanette disfarçou, procurando um lugar para sentar e, no momento certo, esbarrou em mim.

— Sr. James, há quanto tempo não o vejo!

— Srta. Kelly. — Eu me pus de pé e a cumprimentei. — Deixe-me apresentar a senhorita Isabela Gonçalves. Isabela, esta é a Srta. Jeanette Kelly, uma amiga. — Ela sorriu para Isabela e fez

PERIGOSAS NACIONAIS

um cumprimento elegante, que foi retribuído.

— Estão sozinhos?

— Ah, sim. Isabela e eu somos amigos de infância. Seus pais eram amigos dos meus antes mesmo de eu nascer. Isabela é brasileira e veio passar uma temporada em Londres. Está hospedada em minha casa.

— Ah, que ótimo! Tenho certeza de que vai gostar. — Ela olhou para os pratos em cima da mesa. — Torta de amora, minha favorita. — Ela sorriu para Isabela.

— Por favor, sentem-se conosco.

— Eu adoraria.

Levantei-me e peguei duas cadeiras. Jeanette sentou-se do meu lado, enquanto sua dama de companhia sentou-se ao lado de Isabela, completamente muda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que vou querer o mesmo que vocês
— Jeanette falou olhando para Isabela, que sorriu de volta. — Vejo que está falando perfeitamente o idioma.

— Obrigada, tive um bom professor. — Isabela me olhou, sorrindo.

— Sr. James, não sabia que era um bom professor. — Jeanette se virou para mim sorrindo de forma maliciosa.

Pude notar Isabela se enrijecer do outro lado da mesa e só então entendi os planos de Jeanette. Fiquei tenso e, por um momento, ficamos todos em silêncio.

— Srta. Gonçalves, conte-me sobre seu país. Estou curiosa para saber mais sobre ele.

Isabela a olhou séria. Suas mãos estavam esbranquiçadas segurando o garfo.

PERIGOSAS ACHERON

— Moro em uma ilha “*typical*”.

— Acho que quis dizer tropical — Jeanette soltou um risinho.

— Sim, uma ilha tropical. Fica ao sul do país e é muito bonita.

— Ah, adoraria conhecer um dia. Nunca saí de Londres — Jeanette falou enquanto fazia um bico, como uma criança mimada.

O pedido de Jeanette e de sua dama de companhia chegou à mesa e ela começou a comer a torta enquanto soltava pequenos gemidos, indicando apreciar o sabor.

— Diga-me, Srta. Gonçalves, seu país é cristão? Porque a Inglaterra é um país cristão e, caso seja pagã, terei de denunciá-la para a rainha Vitória.

— Jeanette! — eu a repreendi. Até mesmo

PERIGOSAS NACIONAIS

sua dama de companhia pareceu se engasgar quando ela proferiu tais palavras.

— Acalme-se, Sr. James, eu estava apenas brincando com sua amiga. Jamais faria algo para magoá-lo. — Ela falou ao mesmo tempo em que colocou sua mão em cima da minha. Puxei minha mão, enquanto a repreendia com o olhar. — Mas preciso admitir que a religião é deveras importante — continuou ela — e que devemos lutar para que tudo seja feito segundo a vontade de Deus.

Ela encarou Isabela como quem esperava confirmação.

— Sim, Srta. Kelly, meu país é cristão. Mas até que eu mesma escute a voz de Deus falando diretamente comigo, temo que sua vontade seja distorcida para proveito dos homens que buscam poder e usam a vontade de Deus para justificar suas sandices.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Qual é a religião predominante de seu país?

— Catolicismo, mas não compreendo onde a senhorita quer chegar.

— Acredito que sua falta de fé seja justificada, agora que sei a sua religião.

— Senhorita Kelly! — Eu a repreendi.

— Perdoem-me, não quis ofendê-la, apenas me refiro a mancha de sangue deixada na história. Portanto é compreensivo seu pensamento referente a sua fé.

— Creio que as atrocidades cometidas em nome da fé, não seja um equívoco unicamente do catolicismo senhorita Kelly. Podemos presumir que onde existe homens com poder de falar em nome de Deus, tais coisas aconteçam com certa frequência.

— Como sempre o senhor tem razão. No

PERIGOSAS ACHERON

entanto nossa religião permanece imaculada. É por isso que amo a Inglaterra. — Ela suspirou satisfeita.

— Aprecio sua fé senhorita Kelly e acima de tudo a respeito. A fé é o único bem que possuímos, que não pode nos ser tirado. Presumindo que todos cultuamos o mesmo Deus, torna-se irrelevante os dogmas exigidos pelas variadas formas de se elevar espiritualmente. No final, todos querem a mesma coisa.

Jeanette se pôs em pé. Sua dama de companhia comeu apressada seu pedaço de torta, se colocando em pé em seguida.

— Queiram me desculpar. Lembrei-me de um compromisso que tenho nesta manhã. Foi um prazer conhecê-la, Srta. Gonçalves, é um prazer revê-lo, senhor James Kosvoski. — Jeanette se retirou às pressas, pagando sua conta e saindo da

loja.

— Perdoe-me, Isabela. Não imaginava que ela a trataria assim.

— O senhor não tem culpa. Eu quem a convidei para sentar em nossa mesa. Acha que fui muito rude com ela?

— Não, é claro que não. Ela mereceu. — Ela sorriu, mas parecia desconfortável.

— O senhor e a senhorita Kelly tiveram algum tipo de relação?

— Para ser sincero, sim. Eu a cortejei na temporada passada, mas percebi logo que não era quem procurava.

— Oh, meu Deus, James! Então agora tudo faz sentido. Ela estava com ciúmes de mim, por isso me tratou desta forma.

— Creio que sim. Desculpe-me.

— Não precisa se desculpar por ela. Mas acredito que tenha partido seu coração, caso contrário não teria me tratado de forma tão rude.

Eu apenas desviei o olhar, ficando pensativo. Tinha agido como um canalha mentiroso. Não que isso fosse uma novidade.



Após deixar Isabela em casa, decidi visitar Jeanette. O que ela estava pensando? Aquilo não ficaria assim. Bati na porta, conforme nosso código, mas ela não abriu. Apenas uma voz abafada mandou entrar. Empurrei a porta que estava aberta.

— Como ousa agir daquela forma?

Jeanette estava sentada no sofá de costas para mim e não se virou.

— Ela o ama. Casa-se com ela, é a mulher certa para o senhor. — Sua voz era suave e baixa.

— Como sabe? Tudo que fez foi insultá-la.
— Ela se virou e havia uma lágrima em seu rosto.

— Eu fiz um teste e ela passou. Gostaria de dizer que não, mas passou. — Ela sorriu. — Case-se com ela, não tenha medo. Não a fará infeliz, acredite. Não me pergunte como, apenas sei. — Caminhei em sua direção. — Por favor, não torne isso mais difícil. Não se preocupe comigo.

— Tem certeza sobre Isabela?

— Absoluta. Não está presa a dogmas religiosos, o que seria um empecilho para descobrir os prazeres em seus braços. — Eu parei diante dela e beijei sua mão.

— Não a deixarei desamparada. Pagarei suas despesas até que arrume outro protetor. — Ela assentiu.

Meu peito foi acometido por uma felicidade, conforme eu retornava para casa. Mal podia esperar
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para ver Isabela novamente. Jeanette tinha de estar certa.

No caminho de volta, passei na modista onde havia encomendado um vestido de baile para Isabela. Era uma surpresa.

No baile, ela não seria a bruxa, tampouco a Anhangá. Seria a mulher mais linda de Londres e, muito em breve, seria a minha esposa.

PERIGOSAS ACHERON



CAPÍTULO XII

*Pelas ondas do mar sem limites
Basta selva, sem folhas, e vem;
Hartos troncos, robustos, gigantes;
Vossas matas tais monstros contêm.*

Gonçalves Dias

**Isabela Gonçalves, Londres de
1885**

Joguei o pincel na parede. Raiva, estava

sentindo raiva. Mais que isso, sentia ódio de ver aquela mulher se insinuar para James. Coloquei as mãos no rosto para conter as lágrimas. Não conseguia me concentrar para pintar e minha tela estava um borrão maior do que antes.

Aquele gesto de intimidade entre eles havia embrulhado meu estômago. Por quê? Por que me sentia assim? Tudo era tão novo para mim. O país, o idioma, o sentimento.

A verdade é que estava completamente apaixonada por James. Nunca havia imaginado que aconteceria, mas peguei desejando partir o mundo ao meio.

James se quer havia se comprometido comigo e, por mais que às vezes parecesse gostar de mim, logo se afastava, deixando-me confusa. Ainda assim aquele sentimento queimava em meu peito.

Se ela estiver no baile, se ousar me ofender,

esmagarei seus dedos. Mergulhei o pincel na tinta escura e aumentei meu borrão.

— Isabela. — Júlia entrou a passos largos no estúdio. — Tem uma caixa gigante em cima de sua cama, venha ver. — Ela parecia eufórica. Larguei o pincel e a segui pelo corredor. A caixa era realmente grande e, quando abri.

— Oh, meu Deus! Um vestido de baile!

— Não. Não é apenas um vestido. É um traje de baile completo — Júlia acrescentou, levando a mão à boca, admirada. — É lindo, Isabela. — Ela suspirou enquanto o tirava da caixa. Junto ao vestido, havia um sapato e uma tiara de prata com ramos entrelaçados e algumas rosas. Cada rosa trazia um pequeno rubi no centro. A peça era linda e delicada. Também havia um bilhete.

“Essa cor combina com a senhorita.”

— O que está escrito?

— É do Sr. James, diz que a cor combina comigo, mas não tenho certeza. Não o achou chamativo demais? — Eu examinava o vestido, incerta. — Nunca tive um vestido como esse.

— Oh! Não! Ficaré lindo na senhorita, e sei exatamente como arrumar seu cabelo. Agora vá para o banho, pois temos muito trabalho — ela suspirou, enquanto desmanchava minhas tranças.



Os Kosvoski aguardavam na sala quando entrei.

— Linda, tão linda! — A Sra. Kosvoski veio ao meu encontro. Olhei para James e ele parecia paralisado. Eu sorri.

— Obrigada, Sra. Kosvoski. — Ela estalou a língua.

— Me chame de Lia. — Eu assenti.

James se aproximou, me oferecendo seu braço. O senhor e a senhora Kosvoski foram na nossa frente, e Irving abriu a porta para eles saírem da casa.

— Obrigada pelo vestido.

— A senhorita é a mulher mais linda que já conheci.

— Obrigada, Sr. James. É provável que jamais usaria um vestido assim em meu país. — Eu sorri nervosa.

— A senhorita é como uma pérola negra, tão rara que apenas é encontrada nos lugares mais remotos.

Eu estava nervosa, minhas mãos tremiam. Ali eu não era uma bruxa, apenas uma dama estrangeira que seria apresentada a sociedade Londrina. Era muito mais do que jamais ousei sonhar. Eu queria aquele baile, aquela vida e todas

PERIGOSAS ACHERON

as emoções.

Entramos no salão do *Willis's Rooms* e logo fomos anunciados, em seguida recebi um cartão de baile, no qual estava listado as danças e valsas daquela noite. Ao lado, havia um espaço para anotar o nome do cavalheiro a quem seria reservada a dança. James rapidamente pediu para anotar seu nome. Peguei o pequeno cartão, passando o dedo por sua capa e entreguei a ele.

— Espero que não se importe. Reservei as duas primeiras valsas para mim. — Ele disse ao me devolver o cartão, então abriu um sorriso largo e desafiador. — Também fiz uma pequena observação, anotei os nomes dos cavalheiros que espero terem seus dedos esmagados esta noite — Eu sorri.

— Justo, mas se estiver dançando com alguém que eu não goste, segurarei minha orelha

direita e o senhor terá de pisar no pé dela.

— Assim terei de dançar sem tirar os olhos da senhorita. — Eu dei de ombros.

Eu fui apresentada como amiga íntima da família Kosvoski e como brasileira, o que fez todos se voltarem para mim. Respirei fundo. Minhas mãos estavam suadas e tremiam, mas sorri, cumprimentando-os de forma elegante. Para minha sorte, todos sorriram amigavelmente e pareceram voltar ao que estavam fazendo.

Nunca havia entrado em um lugar tão majestoso. As paredes eram de mármore branco. O corredor parecia uma galeria de arte que tirava o fôlego. Havia uma música sendo tocada no piano, e uma voz doce cantava. Sua melodia era diferente de tudo que havia ouvido antes. Serviçais ofereciam bebidas em grandes bandejas de prata. James permanecia ao meu lado, enquanto seus pais

conversavam com uma senhora.

— Isabela, gostaria de lhe apresentar a baronesa de Liverpool, Lady Sarah Hughes.

— É um prazer conhecê-la, milady.

— O prazer é meu de conhecer uma jovem tão bonita. — Elevei minhas mãos à boca, surpresa.

— A senhora fala o meu idioma?

— Meu afilhado é brasileiro. Ele possui negócios em Londres e frequentemente se hospeda em minha casa aqui na cidade. Desde que meu falecido marido se foi, Marcos passa grande parte do ano comigo. — Ela sorriu amavelmente. — Gostaria de me acompanhar em uma volta pelo salão, Srta. Isabela? Preciso desenferrujar meu português.

— Seria um prazer.

Andamos pelo salão e a baronesa me

PERIGOSAS NACIONAIS

apresentou algumas famílias da aristocracia inglesa. Duas valsas me foram solicitadas e anotei imediatamente no cartão.

Após uma volta completa, sequer me lembrava de algum nome. Fomos servidas com espumante e paramos por um instante, próximo ao piano onde uma jovem tocava e cantava de forma esplêndida.

— Confesso que estou curiosa para saber sobre seu vínculo com o Brasil.

— Conheci Marcos há dez anos. Eu tinha perdido meu filho para uma doença terrível. Quando vi aquele jovem tão perdido em uma noite como esta. — ela suspirou. — Ele se parecia muito com meu filho. Tinham a mesma idade. Então decidi ajudá-lo.

— Sinto muito por sua perda. — Ela colocou a mão sobre o peito.

PERIGOSAS ACHERON

— Aproximei-me de Marcos por puro interesse. Havia um buraco em meu peito. Mas logo percebi que era um bom homem. Tornei-me sua madrinha, e meu marido compartilhava igual afeição. Hoje, Marcos é tudo o que tenho. Um filho do coração. — Ela se interrompeu. — Minha querida, o cavalheiro que vem em nossa direção é Lorde Tomson. Seria deselegante lhe recusar uma dança, mas devo lhe advertir que ele não é um homem honrado.

— Ele está em minha lista.

— Ah, ele já garantiu uma dança com a senhorita?

— Oh, não. Ele está na minha lista de Lordes que devo esmagar os dedos nesta noite — falei baixinho, pois o homem já estava próximo. A baronesa escondeu um sorriso.

— Baronesa, é um prazer revê-la. — Lorde

Tomson beijou sua mão em um cumprimento. —
Vejo que está acompanhada. — Ele sorriu para mim.

— Lorde Tomson, esta é a senhorita Isabela Gonçalves. Assim como meu afilhado, ela é brasileira.

— É um prazer conhecê-la. — Ele beijou minha mão sobre as luvas de renda. — Gostaria de saber se a senhorita me concederia uma valsa.

— Será um prazer, Lorde Tomson. Minha quinta valsa está disponível. Mas devo lhe advertir que não estou familiarizada com o ritmo musical de seu país.

— Não se preocupe com isso. Afinal, o que uma dama faz durante a dança se não apenas seguir o cavalheiro, não é mesmo? Será conduzida pelo melhor dançarino desta noite. Não tem com o que se preocupar. — Ele se afastou, mas não antes de

certificar-se que eu havia anotado seu nome.

— Petulante — grunhiu a baronesa.

— Esta noite ele voltará sem dedos para casa.

— Nós nos olhamos e rimos juntas.

— A senhorita já é minha preferida. — Ela sorriu de forma maternal. — Venha, querida, quero lhe apresentar meu afilhado.

— Não sabia que ele estava em Londres no momento.

— Ele está sim. Infelizmente por poucos dias, voltará para o Brasil na próxima semana.

Chegamos a varanda e a baronesa gesticulou para seu afilhado, que estava conversando em uma roda de cavalheiros.

— Marcos de Souza, esta é a senhorita Isabela Gonçalves, ela está hospedada com os Kosvoski. Ela é brasileira. — A baronesa sorriu,

prevendo sua reação.

— É um prazer conhecê-la. Que surpresa agradável!

— Foi uma surpresa para mim também, confesso que não esperava encontrar outros brasileiros neste baile.

— Bom, queridos, vou deixá-los. Preciso me sentar um pouco. Por Deus, meus tornozelos estão inchados. — A baronesa se despediu gentilmente e entrou no grande salão.

— De que região a senhorita vem?

— Nasci em uma pequena ilha no sul do Brasil, em Santa Catarina. E o senhor?

— Sou do Rio de Janeiro, mas pretendo me mudar definitivamente para Londres. Aqui já é minha casa. Este ano ainda pretendo resolver todas as pendências por lá. Se tudo der certo, volto para

Londres ano que vem.

A primeira valsa da noite foi anunciada e James veio ao meu encontro.

— Srta. Gonçalves, creio que esta valsa seja minha. — Eu sorri assentindo.

— Sr. James Kosvoski, este é o Sr. Marcos de Souza, afilhado da baronesa de Liverpool. — Ambos se cumprimentaram, e James me conduziu para o salão.

— Achei que a baronesa tomaria todo seu tempo nesta noite — ele falou baixinho em meu ouvido. A música começou a tocar, e James me conduziu em passos seguros.

— Reparou que esta é a primeira vez que dançamos com música?

— Não creio. Sempre ouço uma música tocar quando estou com a senhorita. Suponho que seja

algum feitiço seu. — ele sussurrou.

Lutei inutilmente contra o sorriso que brotava nos meus lábios. Os olhos de James brilhavam. Seus cabelos estavam para trás da orelha e não havia um único fio fora do lugar. Ele vestia um fraque preto, o que só realçava o dourado dos cabelos e seus olhos cinzentos que, naquela noite, estavam com um círculo azul imponente ao redor da íris.

Usava um par de abotoaduras com um pequeno rubi cravejado, combinando com minha tiara e vestido. Nunca o tinha visto mais bonito.

Seus passos eram leves como sempre, mas era seu espírito que chamava minha atenção. James parecia radiante e atraía todos os olhares femininos para si. Eu me perdi em seus olhos. Minha mão, sobre o ombro dele, tremia. Era como se as palavras não precisassem serem ditas entre nós.

PERIGOSAS NACIONAIS

Dançamos em silêncio, saboreando cada sorriso, cada respiração, como se todos tivessem desaparecido e o mundo inteiro fosse só nosso.

A música chegou ao fim e James me conduziu até a lateral da pista, curvando-se em agradecimento pela dança.

— Gostaria de me acompanhar em um passeio?

— Seria um prazer.

Entrelaçamos nossos braços e seguimos para uma sala onde havia alguns cavalheiros conversando e bebendo. Logo à frente, havia uma porta dupla aberta que dava para uma grande estufa. Vários casais admiravam o lugar, passeando entre a imensidão de rosas em um jardim vertical. O teto era transparente, formando uma grande cúpula que permitia observar as estrelas.

— É lindo, Sr. James.

PERIGOSAS ACHERON

Um garçom que voltava para a sala, nos ofereceu champagne. James aceitou, me entregando uma taça. Paramos em frente a fonte no centro da estufa. As paredes eram preenchidas por roseiras, formando um imenso jardim em toda a sua extensão. O céu estava lindo, com todas as estrelas à mostra.

— As Três Marias. — Eu apontei para o céu e ele sorriu.

— Sabia que esta é uma das poucas constelações que pode ser vistas em todo o mundo?

— É mesmo? Não sabia disso. — Nos sentamos em um banco ao lado da fonte.

— Quando cheguei em Londres, era uma das poucas coisas que fazia me sentir em casa. As Três Marias, como as chamou, formam o cinturão de Orion. A senhorita as tem abaixo de seus olhos. — Ele passou o polegar gentilmente no meu rosto,

mostrando-me onde estava minha própria constelação.

Meu corpo inteiro estremeceu com seu toque. Eu o desejava como jamais imaginei desejar alguém.

— Venha, vamos voltar. Ainda me deve a segunda valsa. — Eu assenti.

Tocava uma quadrilha animada e a dança era contagiante. Porém, diferente das quadrilhas que eu estava acostumada, aquela era muitíssimo coordenada.

— O vestido ficou lindo na senhorita. Como imaginei, a cor combinou perfeitamente.

Dei um gole na bebida para esconder um sorriso e meu rubor. Mas a verdade é que James estava correto. O vestido era lindo, marcando meu corpo nos lugares certos. Estar naquele baile e ter meu cartão cheio não tinha preço.

Era, até então, uma realidade distante. Mas eu estava ali, desejando aproveitar cada segundo. Ter uma segunda dança com James era tudo que mais queria naquele momento.

Quando valsa foi anunciada, James me levou até o meio do salão. As pessoas nos olhavam e cochichavam. Eu fiquei vermelha como meu vestido.

— Por que as pessoas estão nos olhando e murmurando? — perguntei baixo, cuidando para que ninguém ouvisse.

— Creio que não é muito comum um cavalheiro pedir a uma dama para dançar duas valsas seguidas.

— Então por que quis duas valsas seguidas?
— A valsa iniciou e James sorria para mim de forma atrevida, enquanto me conduzia.

— Acha que é a única que pode se divertir

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esta noite, enquanto esmaga os dedos dos meus desafetos? Agora todos estão com raiva de mim por ter duas danças seguidas com a mulher mais linda deste baile.

Sorriamos durante a dança, conversando sobre amenidades. Eu estava mais tranquila, me deixando levar pela música sem me preocupar em ser perfeita. Tudo o que queria era que o tempo parasse.

A quinta valsa chegou e era hora de agir. Eu já estava cansada, pois havia dançado mais duas quadrilhas e podia jurar que havia uma bolha no meu pé. Lorde Tomson se aproximou, reivindicando sua dança, e iniciou a valsa orgulhoso com seus passos leves e firmes e, na primeira chance, pisei em seu pé.

— Oh! Desculpe-me, Lorde Tomson! — Ele pareceu indiferente. No momento de um giro mais

PERIGOSAS ACHERON

próximo, passei por cima do seu outro pé.

— Oh! Perdoe-me.

— Creio que a senhorita precisa treinar mais.

— O senhor tem toda razão. Estou completamente fora do compasso, me perdoe. — Então pisei novamente em seus pés e ele me olhou incrédulo, tive que segurar o riso.

Pude observar James ao lado da baronesa de Liverpool, ambos riam muitíssimo. Antes da valsa acabar, tive o cuidado de pisar mais uma vez nos pés do meu acompanhante, fazendo-o para por um instante.

— A senhorita parece mais leve do que realmente é. Precisa urgentemente treinar ou não terei mais prazer em lhe tirar para dançar, Srta. Gonçalves.

— O senhor está me ofendendo, Lorde

PERIGOSAS NACIONAIS

Tomson. Ouvi de seus próprios lábios esta noite que uma dama não faz nada além de ser conduzida em uma dança. Talvez seja o senhor quem deva treinar para conduzir melhor, não concorda? — falei quase em um sussurro.

Ele me olhou estarrecido e eu me pus indiferente. Por sorte, a valsa chegou ao fim e Lorde Tomson me conduziu até onde se encontrava a baronesa.

Ele se despediu depressa e se retirou. Mas James não estava por satisfeito. O seguiu pelo salão, ficando atrás do grupo de cavalheiros que conversavam com Lorde Tomson. James pegou uma taça de vinho, colocando-a em cima de um aparador, se agachando para amarrar seu cadarço. Então retornou para onde nós estávamos. A baronesa ria mais que antes e falou entre os risos em português:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Prepare-se para o espetáculo da noite.

— O que a senhora quer dizer? — Então ouvi um estrondo e todo salão olhou na direção do barulho.

Lorde Tomson estava caído no chão em um minuto, e, no outro, estava em pé, completamente constrangido. Todas as damas seguravam o riso se escondendo atrás dos leques, mas a baronesa não fazia qualquer questão de esconder sua felicidade, deixando escapar uma risadinha.

A noite estava completa. O petulante lorde Tomson tivera sua lição.

— Obrigada, querido, por realizar o desejo de uma velha. A noite não poderia ter terminado de forma mais majestosa. — A baronesa sorriu para James, que beijou sua mão.

— O prazer foi todo meu.

PERIGOSAS ACHERON

— O que o senhor fez? — questionei-o.

— Pedi para que James amarrasse os cadarços de Lorde Tomson. Não o culpe, ele apenas realizou meu desejo.

Olhei para James e ele tinha um sorriso largo no rosto.

— Achei que seria apropriado — disse ele. — Já que dançou terrivelmente em sua última valsa por minha causa. Agora ele não poderá colocar a culpa na senhorita.

Eu sorri incrédula pelo que presenciava. A baronesa e James haviam me surpreendido, e muito. Mas a verdade é que Lorde Tomson merecia uma lição.



CAPÍTULO XIII

Traz embira dos cimos pendente
— Brenha espessa de vário cipó -
Dessas brenhas contêm vossas matas,
Tais e quais, mas com folhas; é só!

Gonçalves Dias

James Kosvoski, Londres 1885

A imagem dela descendo as escadas com o vestido que eu havia lhe dado roubou toda a minha sanidade. Achei que seria impossível que ela pudesse ficar mais bonita, mas quando chegou

PERIGOSAS ACHERON

naquele vestido vermelho, céus! Como eu poderia resistir aos seus encantos?

Há tempos eu vinha observando como ganhara corpo e se tornara ainda mais curvilínea. Naquela noite, Isabela exalava elegância.

Vê-la olhando para todos de cabeça erguida, como alguém que sabia a preciosidade que era, a deixou ainda mais atraente. Ela pertencia àquele mundo, nunca a tinha visto mais bonita e feliz como naquela noite.

Eu estava disposto a dar o melhor de mim e a protegeria com minha própria vida se necessário. Porque viver sem ela não era mais uma opção.

Minha mente inquieta e agitada traçava planos. Mas eu precisava de mais tempo. O fato é que queria deixá-la terminar a temporada e, então, a pediria em casamento.

Houve outros bailes. Outros vestidos tão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

belos quanto o primeiro. Muitos dedos esmagados e risadas sem fim, que compartilhávamos com a Baronesa de Liverpool. A cada dia que passava, desejávamos mais a companhia um do outro. Minha mãe já havia percebido e exigiu a presença da Srta. Júlia sempre que saíamos para tomar chá ou para as caminhadas no parque.

Frequentávamos a ópera seguidamente no camarote da Baronesa, que nos cedia gentilmente. As pequenas viagens que eu precisava fazer se tonaram um verdadeiro martírio, pois passava dias longe dela, sem sentir seu perfume, sem poder olhar em seus olhos.

Aquilo era como uma penitência para mim. Isabela pintava como nunca e passou a assinar suas telas com o codinome L. Ghost. Simon vendia tão rápido quanto Isabela os pintava. As telas já circulavam entre os amantes da arte mais

PERIGOSAS ACHERON

aclamados de Londres, que ficavam instigados querendo saber a verdadeira identidade do tão talentoso Lorde Ghost.

Meus pais a adoravam, cogitavam até mesmo escrever para o senhor Gonçalves pedindo que a deixasse ficar por mais uma temporada. Porém eu mantinha meu próprio plano, certo de que teria aprovação deles. A verdade é que ia dormir pensando nela e acordava ansioso para vê-la.

As visitas para Jeanette passaram a ser raras, e no ano seguinte não renovaríamos o contrato. Eu me casaria com Isabela e lutaria todos os dias para fazê-la feliz. Embora o medo ainda fosse uma constância em minha vida. Mantinha minha mente firmada na certeza de que tudo ficaria bem.



Quando o ano estava próximo de findar o frio retornou, soprando de forma gélida. Isabela havia

evoluído muitíssimo no inglês, quase mascarando seu sotaque. Naquela manhã, olhei pela janela antes mesmo de despertar por completo e percebi que caíam pequenos flocos de neve, uma corrente fria que havia se antecipado.

Levantei-me imediatamente, pois sabia que Isabela adoraria presenciar a neve pela primeira vez. Fui até a cozinha, buscando encontrar a Srta. Júlia, mas somente Irving e a cozinheira se encontravam de pé.

— Bom dia, Irving. Quando a Srta. Júlia levantar, peça a ela que acorde a senhorita Isabela. Ela vai adorar ver a neve.

— Milorde, a Srta. Júlia teve que sair ontem tarde da noite para visitar seus pais. Ao que parece, eles não estão bem de saúde. Sua mãe saiu ainda há pouco para fazer uma visita a eles.

— Espero que não seja nada grave.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei dizer, milorde, mas com toda certeza sua mãe trará notícias.

— Neste caso, eu mesmo a acordarei. —
Irving pigarreou.

— Creio que não seja apropriado, milorde, com todo respeito. — Eu sorri.

— Fique tranquilo, Irving. Não invadirei os aposentos dela, apenas a chamarei da porta. —
Irving parecia respirar aliviado.

Subi correndo as escadas, parando diante da porta de Isabela. Bati, chamando seu nome. Após um momento a porta abriu uma pequena fresta e pude ver Isabela com os cabelos soltos. Ela usava apenas uma camisola. Mesmo pela pequena fresta, observei a transparência.

— James? Aconteceu algo?

— Oh, não. Eu vim chamá-la, pois está

PERIGOSAS ACHERON

nevando lá fora e a senhori...

— Nevando!? — ela me interrompeu eufórica.

— Sim. Imaginei que gostaria de ver.

— É claro. Vou me vestir e desço em um instante.

— Vou aguardá-la na biblioteca.

Pedi para que servissem o dejejum na biblioteca, na pequena mesa redonda. Era o melhor lugar para ver a neve. Isabela vestia uma capa cinza de lã com gola branca de pelos. Seus cabelos estavam soltos.

— Achei que iríamos lá fora.

— E vamos, mas gostaria que me acompanhasse no desjejum.

Ela sorriu para mim e então suspirou diante da enorme janela. Toda a paisagem estava sendo

PERIGOSAS NACIONAIS

transformada. A neve caía há mais de duas horas e já se acumulava nas árvores e por todo o chão, antes coberto por folhas secas.

— É tão lindo. Nunca imaginei que viveria para ver isso.

— Caso esteja disposta a enfrentar o frio, podemos caminhar até o lago. A paisagem fica ainda mais bonita com a neve.

— Eu adoraria, por isso já vesti roupas quentes. — Ela sorriu empolgada, se servindo de café e leite.

Era uma caminhada longa até o lago. O chão estava escorregadio devido à fina camada de neve sobre as folhas. As árvores já começavam a acumular neve em sua base e as copas estavam brancas.

A névoa subia do Serpentine, trazendo um ar dramático e nebuloso.

PERIGOSAS ACHERON

— Gostaria de poder pintar exatamente aqui.
— Isabela enquadrava a vista entre suas mãos esticadas na luva cinza.

— Tenho certeza que seria uma bela peça, mas eu é quem compraria. Esta vista é minha preferida.

— Não seja condescendente. — Ela me olhou com a cabeça de lado, me mostrando a língua. Com apenas um passo largo, me aproximei em um ímpeto e a beijei.

Segurei sua cintura fina e mantive o beijo suave. Lentamente fui me afastando de sua boca, até que nossos olhos se encontraram.

Minha respiração irregular perdia-se na dela. Não havia mais frio, nem neve, tampouco existia mundo. Só havia Isabela em meus braços, tão doce quanto eu havia imaginado.

Para minha surpresa, ela se aproximou um
PERIGOSAS ACHERON

pouco mais, colocando os braços sobre meus ombros e, erguendo-se nas pontas dos pés, me beijou novamente. Meu corpo inteiro respondeu a sua iniciativa e a puxei para mais perto, aprofundando o beijo. Busquei sua língua e, quando a encontrei, senti ela gemer baixinho, desejando tanto quanto eu.

— Há um bom tempo que venho desejando seus lábios. — Sussurrei.

— O senhor costuma cumprir suas promessas. — Ergui as sobrancelhas, então me lembrei da promessa que havia feito a ela na viagem para Londres. Eu sorri.

— Se soubesse como foi difícil resistir todo esse tempo. Teria me mostrado sua língua antes. — Afastei uma mexa de seus cabelos, colocando-a atrás da orelha.

— Senhor James. — Me afastei para olhar

PERIGOSAS NACIONAIS

em seus olhos, ansioso por suas palavras. —Estou congelando. — Eu sorri.

— É melhor voltarmos, parece que está se formando uma nevasca incomum.

A neve se tornou espessa e o trajeto era difícil, alguns minutos caminhando e estávamos afundados em neve e congelando.

— Uma tempestade, isso não é nada bom — falei preocupado, pois levaríamos muito tempo caminhando, por causa do acúmulo de neve. Isabela tremia sem parar, mesmo com roupas quentes, o frio era impiedoso.

— Congelaremos antes de chegar em casa — ela falou batendo o queixo.

— No caminho tem uma trilha que leva para um chalé. Podemos nos abrigar lá, fazer uma fogueira e esperar a tempestade passar.

PERIGOSAS ACHERON

O chalé estava abastecido com lenha. Também havia um colchão velho e cobertores empoeirados, que serviriam muito bem ao propósito. Enchi uma chaleira velha com neve fresca e coloquei algumas ervas que havia colhido na trilha.

— O senhor falou que não é comum nevar em Londres. Já presenciou uma tempestade como esta?

— Uma vez quando criança, mas nunca nessa época. Normalmente, no inverno só faz frio, ou caem pequenos flocos de neve que derretem em seguida.

— Quanto tempo durou a tempestade de que se lembra?

— Quatro dias — ela suspirou.

— Não se preocupe, estamos seguros aqui. Temos lenha suficiente para uma semana e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

podemos derreter neve e nos manter aquecidos e hidratados. — Sacudi o cobertor e coloquei sobre ela, dando-lhe um beijo na testa. — Fique próxima à lareira. Eu vou procurar nos armários da cozinha se há enlatados ou conservas.

Abri o armário e encontrei panelas velhas e encarvoadas. Na porta seguinte, havia conserva de ovos, sardinha enlatada e até sopa. O chalé fica na extremidade do parque, eu sabia quem era seu antigo dono e estava familiarizado com o local. Era o lugar para onde fugia, quando pretendia me perder em meus pensamentos.

— Vamos ficar bem. — Eu mostrei a ela um vidro cheio de ovos em conserva e uma garrafa de vinho que achara em uma prateleira da cozinha.

— Graças a Deus. — Ela levou a mão ao peito, aliviada. — Mas seus pais ficarão preocupados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, e muito. Mas vão imaginar que estamos abrigados da tempestade.

— Esse é o chalé que o senhor mencionou em sua história? — Confirmei com um gesto e ela esfregou o braço por cima do cobertor. — Não sente medo de ficar aqui?

— Não. A senhorita sente?

— Um pouco.

— Não precisa ter medo. Estou bem aqui. — Eu sorri.

Me aproximei e ela me ofereceu uma ponta do cobertor. Sentamos no pequeno colchão, que eu havia colocado próximo à lareira. Isabela se apoiou em mim. A fogueira crepitava, mas era de seu corpo encostado ao meu de onde emanava o maior calor.

Segurei sua mão enluvada, enquanto ela

PERIGOSAS ACHERON

olhava para a fogueira. Pude perceber preocupação em seus olhos.

— Estava pensando. Se o chalé é real, então os lobos também são. Tenho medo de que eles venham para esta região devido ao frio. Não gostaria de ter um encontro com eles na volta para casa.

— Creio que seja muito cedo para virem. Esses lobos estão mal-acostumados, encontram comida fácil na cidade. Foram vistos diversas vezes revirando lixo atrás de restos. Não há relatos de terem atacado pessoas.

Ela olhou para mim e sorriu. Afastei uma mexa de cabelo ruivo que caía em seu rosto, colocando atrás da orelha. A luz do fogo refletia nos cabelos soltos, que pareciam dançar com o reflexo.

Mais tarde, quando estava próximo do meio

dia e estávamos perdidos em nossas histórias, aproveitando a privacidade para nos questionarmos sobre tudo que ainda não conhecíamos um do outro. Isabela retirou a luva e repousou sua mão quente sobre a minha, entrelaçando seus dedos nos meus. Havia muito o que dizer para ela, mas todas as palavras fugiram da minha mente quando a beijei.

Futuro. Eu teria um futuro tedioso, incrivelmente normal e maravilhoso com a mulher mais linda que já conheci. Era tudo o que eu esperava.

Deitei no pequeno colchão e Isabela aninhou-se no meu braço, colocando sua cabeça sobre meu ombro.

— Acho que não quero mais voltar — ela disse sorrindo, com um brilho nos olhos.

— Eu concordo. — Dei um beijo na ponta do

PERIGOSAS NACIONAIS

seu nariz.

— Esse será nosso castelo real. O senhor será o meu rei e eu sua rainha. Os lobos serão nosso exército mais leal e temido e comeremos ovos em conserva para todo o sempre. — Fiz uma careta.

— Tudo parecia perfeito até me imaginar comendo ovos em conserva para sempre. — Isabela gargalhou.

— Por falar em ovos em conserva, precisamos nos alimentar. — Ela assentiu.

Coloquei a sopa em uma panela e levei ao fogo, pendurada por um gancho. Abri a conserva e, quando a sopa esquentou, comemos nas gamelas que tínhamos disponíveis.

O chalé estava aquecido, mas a tempestade lá fora era impiedosa. Peguei mais neve para derretermos e voltei completamente congelado.

PERIGOSAS ACHERON

Isabela me esperava com o cobertor, colocando-o sobre minhas costas. Aproximei-me da fogueira para esquentar minhas mãos, colocando mais lenha.

— Deixe-me aquecer suas mãos. — Ela tirou a outra luva novamente e segurou minhas mãos com a suas.

— Minhas mãos vão congelar as suas.

Ela deu de ombro. Solto suas mãos das minhas, colocando-as em meu rosto e puxou-me para um beijo. Sua respiração ficou pesada e irregular quando a trouxe para dentro do cobertor que estava sobre mim, aprofundando o beijo.

Eu a queria, e queria para sempre, nem que tivesse que comer ovos em conserva por toda a vida. Não havia espaço entre nós. Éramos um só, entrelaçados, em pé ali diante da lareira. Minha mão desceu por suas costas, e minha boca largou a

sua para percorrer e explorar seu pescoço. Absorvi seu cheiro de maracujá, que tanto cobiçava sentir de perto.

Ela gemeu, arquejando enquanto seu quadril era projetado contra mim. Desabotoei o seu vestido bem devagar, soltando os primeiros botões, deixando seu ombro à mostra. Percorri toda a extensão da pele desnuda com a boca. Sua pele macia e perfumada finalmente em meus lábios. Soltei um grunhido baixo, enquanto Isabela parecia ronronar, projetando sua cabeça para trás.

— James. — Ela falou tão rouca, e eu a beijei. Desta vez com mais intensidade. Ela gemeu dentro da minha boca.

— Pare, James — ela falou tão baixo, como um gato ronronando.

Eu parei. Dei um passo para trás, e ela se desequilibrou, abrindo os olhos e me olhando

PERIGOSAS NACIONAIS

fixamente. Usei o cobertor para cobrir a reação do meu corpo a ela.

— Precisamos parar — ela disse enquanto tentava puxar o vestido para o lugar. — Não podemos levar isso adiante.

— Tem toda a razão. Eu sinto muito. — Ela engoliu em seco.

— Não pense que não achei bom, porque estava muito bom. Mas é que estamos sozinhos. — Eu sorri e me aproximei, beijando-lhe a testa.

— Eu a compreendo perfeitamente. Não precisa se explicar. Deixe-me abotoar seu vestido. — Ela se virou, colocando seus cabelos bagunçados para o lado, enquanto eu abotoava devagar os cinco botões que abrira antes. Sua pele clara era marcada por estrelas, em breve mapearia suas constelações.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



CAPÍTULO XIV

*Negro monstro os sustenta por baixo,
Branças asas abrindo ao tufão,
Como um bando de cândidas garças,
Que nos ares pairando-lá vão.*

Gonçalves Dias

Isabela Gonçalves, Londres

1885

Não conseguia me lembrar quando esse

PERIGOSAS NACIONAIS

sentimento havia surgido, tampouco lembrava que um dia desejei não me casar e planejava viver em solidão.

O gosto, o toque sobre a minha pele me fazia estremecer, essa era a reação que James causava em mim.

Mais do que toques, minha alma o queria para sempre, o sorriso largo, a forma como curvava levemente o canto esquerdo da boca, quando era irônico ou convencido. Os olhos que se estreitavam, quase fechando ao sorrir, fazia meu peito saltar.

Acima de toda a beleza, era sua compreensão que me fascinava, o respeito em que mantinha com todos a sua volta. Mesmo quando contrariado e cerrava os dentes, ele era paz, era mar calmo sem vento Sul.

Foi ali naquele colchão que tentávamos

PERIGOSAS ACHERON

lembrar quando havia surgido esse sentimento, que por medo ou insegurança não ousamos nomeá-lo.

— O monstro que deseja conhecer o amor e a bruxa que deseja liberdade. Parece que o destino nos preparou uma cilada, senhorita. Ainda deseja liberdade e solidão? — Eu sorri, passando o dedo sobre seu nariz.

— Creio que o senhor estava certo sobre a solidão. Não me parece promissora agora, mas ainda desejo a liberdade.

— Que pena, estava desejando aprisioná-la aqui nesse chalé para sempre.

— Não creio que o senhor seja um monstro, por si só, alguém que busca o amor não deve ter tais pensamentos sobre si. Monstros não amam, senhor James.

— Talvez eu seja um monstro deferente, um que sabe amar.

— Como Frankenstein? — Ele sorriu depositando um beijo em minha testa.

— Exatamente como Frankenstein, porém mais bonito.

— Com toda certeza mais convencido.

Naquela noite dormimos abraçados no pequeno colchão. Pequenos toques e carícias preguiçosas despertavam um desejo carnal, tudo era novidade para mim.

No dia seguinte, era impossível ficarmos longe e perigoso ficarmos tão perto. Até um pequeno toque sem querer ou um esbarrão terminava em beijos ardentes, até que um de nós decidia se afastar.

No meio da tarde, a tempestade parecia ceder. James pegou a garrafa de vinho que havíamos tentado beber no dia anterior e que descobrimos possuir um gosto horrível. Ele a

PERIGOSAS ACHERON

encheu com água morna. Nos preparávamos para voltar.

A caminhada foi cansativa. A neve estava fofa e afundávamos a cada passada. Não havia sinal algum de lobo ou de qualquer outro animal. Mesmo assim, me mantive em alerta, vigiando sempre nossa retaguarda.

Quando alcançamos os fundos da propriedade, me joguei na neve, completamente exausta. James deitou-se ao meu lado.

— Sabe que vamos enfrentar um longo questionamento, não é?

— Posso imaginar que sim.

Ele se aproximou de mim e delicadamente tomou meus lábios em um beijo rápido.

— Vamos. Estou morrendo de fome e preciso de um banho quente. — James se levantou, me

estendendo a mão.

— Não sei o que quero primeiro, comida ou um banho quente. — Ele sorriu.

Quando nos aproximávamos da entrada, Irving veio ao nosso encontro, com um semblante preocupado.

— Vocês estão bem? Estão machucados?

— Estamos bem, mas com fome e loucos por um banho quente. — James sorriu para mim, e Irving parecia aliviado.

— Vou mandar preparar imediatamente o banho e uma refeição adequada. — Ele se apressou a subir as escadas e abrir a porta da casa. — Milorde, seus pais estão em casa, estão preocupados. Cogitavam formar um grupo para procurá-los no parque.

— Onde meu pai está?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estão todos na biblioteca — Irving respondeu apontando para a biblioteca, enquanto caminhava apressado para a cozinha.

— Todos? — Olhei para James, que deu de ombros.

Entramos a biblioteca, e Simon estava andando de um lado a outro na companhia dos pais de James, que igualmente pareciam inquietos.

— Graças a Deus! Como vocês estão? — A Sra. Lia Kosvoski correu ao nosso encontro.

Simon colocou as mãos na cabeça, como um gesto de alívio.

— Estão bem? Se machucaram? — O Sr. Oliver nos questionava.

— Estamos bem, pai. A tempestade chegou de repente. Não teríamos conseguido voltar. Por isso descemos até o chalé, buscando abrigo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas o que deu em você James, para levar a Isabela até o lago em meio a uma tempestade? —
A Sra. Kosvoski parecia aborrecida.

— Creio que a culpa tenha sido minha, Sra. Kosvoski. Eu nunca tinha visto neve e insisti com James para irmos lá fora.

— Mãe, não havia tempestade quando saímos, eram apenas alguns flocos de neve.

A lareira da biblioteca crepitava e eu me aproximei para aquecer minhas mãos. Simon se aproximou com um sorriso nos lábios.

— Devem estar famintos, ou a senhorita caçou para James comer?

— Não tenho habilidades de caça em meio a uma tempestade congelante, Simon. —Ele deu um estalo com a língua.

— Aposto que teria pego algo se insistisse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Na verdade, não precisamos. O chalé estava abastecido com lenha e enlatados. Comemos sopa e ovos em conserva. — Todos riram

— Simon, fique para o jantar. — O Sr. Kosvoski o convidou.

— Eu adoraria. Assim podemos falar sobre a próxima viagem ao Brasil.

— Seria ótimo, mas agora precisamos tomar um banho quente e comer algo que não esteja em uma lata. — James olhou para mim e sorriu.

— James, depois do banho, me procure no escritório. — James assentiu para seu pai com um gesto breve e saímos da biblioteca rumo à cozinha.

— Parece que a conversa será apenas com o senhor — sussurrei.

— Não se engane. Minha mãe não a deixará em paz até se certificar de que eu não a tenha

PERIGOSAS ACHERON

desonrado.

— Bom, não temos que nos preocupar. Prometo que não contarei sobre os botões do meu vestido. — James me olhou de soslaio, sorrindo.

— Sendo assim, prometo não contar a meu pai sobre seus avanços. — Ele piscou para mim, malicioso.

— Como pode dizer tal coisa sobre mim? — Pisei em seu pé, e James gemeu de dor.

— Para me redimir — Esfregou seu pé sobre o sapato — Devo confidenciar-lhe que seus avanços foram apreciados. E que esse é o principal quesito que busco em uma dama.

— Não pode estar falando sério. Nenhum homem consideraria isso uma qualidade.

— Talvez eu não seja como a maioria dos homens. — Eu revirei os olhos.

O cheiro de comida vindo da cozinha alcançou nosso nariz. Pude jurar que meu estômago roncou. O cheiro delicioso vinha do assado que seria servido em breve no jantar. Acabei me contentando com torradas e queijo de cabra.

Durante o banho, lembrei-me de Júlia e de seus pais. *Será que haviam melhorado?* Com tudo que aconteceu, esqueci de perguntar à Sra. Kosvoski.

Júlia havia se tornado uma amiga e eu esperava com sinceridade que estivessem bem. Não via a hora de contar a ela sobre os beijos.

Soltei um suspiro enquanto esfregava a esponja sobre meu ombro. Como um simples toque podia ser tão intenso, quase me fazendo perder o juízo? Percorri a mão sobre o ombro onde James havia beijado e nada aconteceu, nem mesmo um frio na barriga. Por que era tão diferente quando ele

PERIGOSAS NACIONAIS

me tocava? Sacudi a cabeça para afastar os pensamentos e saí da banheira para me arrumar para o jantar.

Coloquei o vestido e lutava para fechar os botões na lateral quando alguém bateu na porta.

— Entre.

— Imaginei que precisaria de ajuda. — A Sra. Kosvoski entrou no quarto e começou a fechar os botões.

— Senhora Lia, eu gostaria de saber como estão os pais da Srta. Júlia.

— Pegaram uma gripe forte, mas vão sobreviver. A Srta. Júlia vai permanecer em sua casa, até que eles melhorem. Vou pedir que Irving escolha uma das criadas para lhe ajudar com os banhos até que Júlia retorne. — Eu assenti. Ela pegou a escova e começou a escovar meus cabelos.

PERIGOSAS ACHERON

— Quando a senhorita nasceu, tinha bastante cabelo, para um bebê tão pequeno. Quando a peguei no colo pela primeira vez, após tirá-la de dentro de sua mãe, antes de chorar, você abriu os olhos e me olhou. Ao ver seus olhos verdes e seus cabelos ruivos, naquela hora eu soube que seria uma mulher linda. Sinto muito que tenha sofrido a rejeição de seu pai, recebi uma carta de sua mãe explicando sobre o ocorrido.

— A senhora é uma mulher muito inteligente. Aposto que sabe a verdade sobre o fato de eu ter cabelos ruivos. — Ela abaixou a cabeça.

— Se existe uma verdade sobre isso, sua mãe nunca me contou.

— Mas não foi preciso, não é mesmo? Aposto que quando me pegou no colo, no mesmo momento em que olhei para a senhora, já sabia que eu não era filha do meu pai. Não estou certa? — A

Sra. Kosvoski suspirou pesarosa.

— Sua mãe lhe contou?

— Sim. Contou-me um pouco antes da viagem para Londres. Diante do que havia acontecido, ele queria me deserdar. Então ela me contou.

— Seus cabelos ruivos, juntamente com a covinha no queixo e seus olhos verdes, formavam um conjunto de característica que são passados dos pais para os filhos. Como sua mãe não possuía nenhuma delas, tampouco seu pai, concluí que você não era filha do Sr. Jorge. Mas sua mãe nunca me contou nada, não sei nada sobre seu verdadeiro pai.

— Meu pai era um pirata ao que parece. Ela o encontrou quase morto na praia e cuidou dele. Por isso não culpo meu pai por me odiar, a verdade é que ele sempre soube.

— Se seu pai foi capaz de perdoar sua mãe,
PERIGOSAS ACHERON

deveria aceitá-la também, já que é a única inocente dessa história toda. — Eu assenti.

— Agora a senhora sabe a verdade. Sou apenas uma bastarda.

— Não, não é. Seu pai não lhe tirou seu sobrenome. Ninguém mais sabe sobre isso e a senhorita é uma Gonçalves. Goste ele disso ou não. — Ela me abraçou, beijando-me na testa. — Ainda por cima tem sangue de um pirata nas veias, o que a torna mais forte do que qualquer mulher descendente de colonos daquela ilha. — Eu sorri.

— A senhora e a minha mãe são descendentes de colonos e são mulheres fortes.

— Mas não sei se aguentaria tudo o que você aguentou. É por isso que estou aqui, Isabela. Preciso saber se meu filho a desrespeitou durante esses dois dias no chalé.

— James não me desrespeitaria, Sra.

PERIGOSAS ACHERON

Kosvoski. — Ela sorriu. — Tudo que aconteceu entre nós foram alguns beijos. — Eu sorri, encabulada. Ela segurou a minha mão.

— Quero que saiba que faço muito gosto que James a corteje. E terei muito orgulho de ter uma porção de netos ruivos correndo pela casa. — Ela me olhou com um brilho nos olhos. Então se levantou e saiu do quarto, me pedindo para não me atrasar para o jantar.

Suas palavras ressoavam em minha mente. Cortejando? James estava me cortejando? É claro que não, um cortejo precisava ser formalizado aos pais da dama e devia ser pedida a permissão dela antes disso. Levei a mão à boca.

Eu o beijara sem um pedido formal de cortejo. Mas isso não voltaria a acontecer, por mais que eu o desejasse. Se James achava que teria liberdades comigo sem ao menos se comprometer,

PERIGOSAS NACIONAIS

estava muito enganado. Saí batendo os pés, decidida a ignorá-lo durante o jantar.

PERIGOSAS ACHERON



CAPÍTULO XV

*Oh! quem foi das entranhas das águas,
O marinho arcabouço arrancar?
Nossas terras demanda, fareja ...
Esse monstro. . . — o que vem cá buscar?*

Gonçalves Dias

**James Kosvoski, Londres de
1885**

Meu pai estava assinando alguns documentos

quando entrei no escritório. Ele não ergueu o olhar. Permaneceu lendo a missiva que tinha em mãos. Esse era o jeito dele de ser intimidador e eu sabia que teria de esperar. Quando eu era criança e, na maioria das vezes, era culpado quanto à acusação que estava por vir, temia diante desse momento de silêncio. Era a forma que ele havia encontrado de me desarmar.

— James, sente-se. Você já deve imaginar por que te chamei aqui.

— Sim. Creio que sim. Gostaria que a mamãe estivesse presente nesta conversa, se não se importa, pai. — Ele levantou o olhar do documento e me fitou por um instante.

— Então, creio que seja mais grave do que imaginei. Por favor, chame-a.

Eu assenti e saí do escritório para procurá-la. Alguns minutos depois, havíamos retornado.

— Meu filho, preciso que sejas sincero. Há muito que eu e sua mãe percebemos um interesse de sua parte para com Isabela. Aguardamos pacientes para que você formalizasse o cortejo, o que não aconteceu. Vocês acabaram de passar dois dias sozinhos, isolados em um chalé no meio do nada.

— Não aconteceu nada, pai — eu o interrompi. — Nada que comprometa a honra dela.

Ele olhou para a mamãe e ela assentiu, o que me deixou entender que Isabela já havia sido interrogada por ela. Eu sorri.

— Desejei que ambos estivessem aqui, porque queria lhes mostrar isso. — Tirei a caixa do bolso, abrindo diante deles. — Gostaria que soubessem que quando levei Isabela até o lago, tinha intenção de pedi-la em casamento. Mas as coisas ficaram complicadas com a tempestade e eu

achei melhor esperar.

Mamãe levou as mãos à boca, surpresa, e meu pai sorriu para mim. Eu podia ver orgulho em seus olhos.

— Gostaria da bênção de vocês.

— É claro que tem nossa bênção, James. Nada me faria mais feliz. — Meu pai veio ao meu encontro e me abraçou. Em seguida, minha mãe fez o mesmo.

— Pretendo levá-la amanhã na loja de doces e lhe fazer uma surpresa.

— Deixe-me ver o anel. — Mamãe parecia não compreender quando lhe entreguei.

— Uma pérola negra? — Eu sorri.

— Sim. Uma pérola, porque ela ama o mar. Escolhi a pérola negra, porque é a mais rara que existe no mundo, assim como a considero. Simon

precisou percorrer meio mundo para achá-la. — Mamãe me olhou com os olhos marejados.

— Ela vai adorar, querido. — Ela me abraçou, parecia aliviada por eu estar disposto a formar uma família.

As horas já avançavam na madrugada, mas o sono havia me abandonado. Isabela sentou-se de frente para Simon durante o jantar mais cedo e, por algum motivo, evitou me olhar. Estaria ela envergonhada diante dos questionamentos feitos por minha mãe? Isso logo não teria importância, logo a pediria em casamento.

Mais tarde me peguei pensando em como fazer o pedido. Cogitei colocar o anel dentro da torta de amoras, mas não daria certo. Não queria correr o risco de vê-la engolir o anel, ou pior, poderia engasgar até a morte.

Já havia pensado em tantas opções, que tudo

estava uma bagunça na minha cabeça. Respirei fundo, repassando em minha mente o que iria dizer. A verdade é que essa não era minha única preocupação. Meneei a cabeça para afastar os pensamentos, Jeanette tinha de estar certa. Meus olhos ficaram cansados e adormeci segurando o anel.

Fui arrancado do meu estado de inconsciência com um grito que ecoava por toda a casa. Estava atordoado, confuso, até que percebi de quem era aquela voz. Dei um salto da cama.

Era Isabela, gritando sem parar de forma aterrorizante. Vesti minha calça e segui pelo corredor ainda abotoando-a, pisei na batinha e quase caí.

—Merda! — Segui para os aposentos de Isabela correndo, enquanto os gritos contínuos dela, atravessavam as paredes de forma assustadora,

como se lutasse com alguém. Abri a porta e ela estava sentada na cama, lutando contra o nada.

— Isabela, sou eu. — Eu a chacoalhei pelos ombros

— Saia, saia, Socorro! — Isabela se debatia contra mim, em meio a lágrimas. Minha mãe entrou no quarto, seguida de meu pai.

— Dê-me espaço, James — minha mãe pediu.

Levantei, colocando as mãos na cabeça, enquanto meus pais tentavam acordá-la. Os criados já estavam na porta do aposento, apavorados, e pude perceber que ela havia acordado a casa inteira com seus gritos.

Aos poucos, ela foi recobrando a consciência e convulsionava em um choro desesperador. Quando seus olhos encontraram os meus, vi que estava apavorada. O terror estampado em seus

PERIGOSAS ACHERON

olhos. Meu estômago se revirou.

— Sonhei com ele. Sonhei com ele — ela repetia sem parar, enquanto minha mãe passava carinhosamente a mão em suas costas, tentando acalmá-la.

— Shhh, querida. Foi só um pesadelo. — Minha mãe a aninhava como um bebê em seus braços, enquanto ela se afogava em lágrimas.

Foi naquele momento que percebi o que eu estava prestes a fazer. Retirei-me, cambaleando pelo corredor da casa, uma dor invadia meu peito, como se me rasgasse por dentro. *Não poderia ser. Não poderia ser.*

Se havia alguma esperança de que aquele homem não havia conseguido consumir o estupro, foi destruída por completo. Encostei-me na porta do meu aposento, deslizando até o chão em soluços. Queria gritar e pôr minhas mãos nele. Eu o

PERIGOSAS NACIONAIS

queria na minha frente novamente.

Eu não poderia fazer isso com ela, pois nunca me aceitaria, não depois de ter vivido aquele trauma. Não depois de todas as decepções que a vida lhe infligiu. Como eu pude acreditar que eu seria o melhor para ela?

Meu corpo se convulsionou no chão, quando percebi o que deveria fazer. Nunca mais queria ver aquela expressão de terror em seus olhos eu a amava mais que a mim mesmo.

Não poderia amarrar seu destino ao meu, ela merecia mais do que eu poderia oferecer. Por toda a minha vida havia sido um cretino egoísta, mas não seria com ela.

Eu precisava sair antes que ela acordasse, havia combinado que a levaria à loja de doces. Olhei para o anel em cima da cama e o devolvi à caixa, colocando-o no bolso e saí sem rumo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O dia estava frio, assim como tudo em mim, os pensamentos corriam em uma velocidade, a visão turva pelas lágrimas enquanto eu caminhava sobre a neve alta.

Quando dei por mim, estava abrindo a porta do chalé. Joguei-me no pequeno colchão em frente à lareira. Meus pensamentos eram uma mistura de desejo, onde minha mente tentava encontrar uma solução. Mas meu corpo sentia a dor, porque no fundo eu sabia que me afastar seria o mais correto.

PERIGOSAS ACHERON



CAPÍTULO XVI

Não sabeis o que o monstro procura?

Não sabeis a que vem, o que quer?

Vem matar vossos bravos guerreiros,

Vem roubar-vos a filha, a mulher!

Gonçalves Dias

**Isabela Gonçalves, Londres de
1885**

Eu estava acordada há alguns minutos, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

não conseguia sair debaixo das cobertas. Em parte, pelo frio que fazia, mas também pela vergonha do escândalo que fizera na madrugada. Encolhi-me, segurando meus joelhos ao lembrar do pesadelo, havia sido tão real. Teria de encarar a todos e me desculpar, ou achariam que eu era louca.

Mais tarde entrei na cozinha e cumprimentei Sr. Irving, que instruía os criados e lhes distribuía tarefas.

— Irving, o Sr. James já levantou?

— Sim, milady. Saiu bem cedo. — Franzi a testa para Irving.

— Estranho, havíamos combinado de irmos até a loja de doces.

— Ele deve estar por perto, pois saiu a pé.

— A pé? Sendo assim, deve estar por perto mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

— Se ele retornar, por favor, avise que estou na biblioteca. Senhor Irving, gostaria que me perdoassem pelo episódio da madrugada. Tive um pesadelo horrível e sinto muito por tê-los acordado. —Irving sorriu.

— Existem forças ao nosso redor que não podemos compreender. Dizem que nossa alma luta durante o sono, e algumas batalhas são tão violentas, que nosso corpo reage mesmo estando inconsciente. Não tem motivos para se desculpar, milady. — Olhei para Irving com as sobrancelhas erguidas.

— Obrigada, Irving.

Passei o dia sozinha. James não havia retornado, e seus pais tiveram que sair às pressas para atender um paciente antes do almoço ser servido.

Meu coração estava apertado. *Será que havia*

PERIGOSAS NACIONAIS

exagerado durante o jantar e magoado James?
Meneei a cabeça para afastar aquele pensamento. Não era do feitio de James fazer tal coisa. Devia ter um bom motivo para a sua demora.

Mais tarde recebi a notícia de que o Sr. e Sra. Kosvoski não retornariam para casa. Um amigo de longa data estava doente e necessitava de cuidados. Aguardei na biblioteca até tarde, na esperança de ouvir James chegar.

Deitei em uma poltrona e comecei a ler um livro. Em uma piscada, havia sol em toda a biblioteca. O livro estava repousado em meu peito e estreitei os olhos, incrédula. Havia dormido ali e pagaria o preço, meu corpo todo doía, principalmente meu pescoço. Arrastei-me para os meus aposentos, eu precisava de um banho quente, um belo vestido e um pedido de desculpas a James.

PERIGOSAS ACHERON

Desci para o desjejum e percebi que ainda estava sozinha. Fui até Irving, que confirmou que ninguém havia retornado. Pude perceber um lampejo de preocupação em seus olhos.

— Por favor, Irving. Estarei no estúdio. Avise-me assim que James retornar. — Ele assentiu.

Eu havia começado uma tela nova, inspirada nos dias de neve, trabalhando em tons de cinza. Afastei-me para olhar e não parecia muito bom. Larguei o pincel antes que destruísse a tela. Não era um bom dia os pensamentos circulavam em minha mente ansiosa.

Quando o dia estava na penumbra, pude escutar da biblioteca a voz de Irving, questionando alguém que acabara de entrar. Corri até a antessala e avistei James, meu coração disparou de alívio.

— James, eu estava preocupada. O senhor

PERIGOSAS ACHERON

está bem?

Seus ombros estavam caídos e seus olhos vermelhos mostravam tristeza.

— Sinto muito, não queria preocupá-la. Preciso de um banho e de uma noite de sono. — Ele me olhou de forma fria. — Amanhã Simon viajará para o Brasil e estarei ocupado, mas gostaria de conversar com a senhorita após o jantar.

— Sim, claro. Também gostaria de conversar com o senhor. — Minha voz saiu mais baixa do que gostaria.

Havia algo errado, eu não sabia dizer, mas era visto que James estava abalado. Ele não desceu para o jantar e eu me recusei a fazer mais uma refeição sozinha.

Fui para meus aposentos, querendo que o dia acabasse logo. Não havia dormido direito na noite anterior e precisava descansar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Era tarde da noite quando acordei com um buraco no estômago. Precisava comer alguma coisa ou morreria bem ali. Desci nas pontas dos pés e fui até a cozinha.

Qualquer coisa para matar o leão que rugia na minha barriga.

Quando estava saindo com uma maçã nas mãos, vi o tremular de uma vela na entrada do escritório, vozes baixas conversavam quase em sussurros. Fui lentamente me aproximando.

— Não entendo, o que fez você mudar de ideia? — A Sra. Kosvoski questionou.

— Por favor, mamãe, não torne isso mais difícil. Acredite, tenho meus motivos.

— Meu filho, você está ciente do que está fazendo? Ela tem uma proposta de casamento aguardando por ela no Brasil. Se você se arrepender, não poderá voltar atrás.

PERIGOSAS ACHERON

Coloquei a mão sobre a boca. Minha respiração ficou pesada e lutei contra o choro. Não podiam me pegar ali espionando.

— Estou ciente disso. Fabrício não teria aceitado essa proposta, se não fosse um bom homem.

— Você é um bom homem e é o homem que ela ama — James sibilou.

— Não há nada nesse mundo que me deixaria mais feliz. Mas não posso, por favor, não insista.

— Essa decisão não é minha, embora, como sua mãe, devo lhe advertir de que está cometendo um grande erro. Mas se está disposto a abrir mão dela, seja por qualquer motivo, vá até ela o quanto antes e esclareça tudo. Ela merece seguir em frente, James, e ser feliz.

— Amanhã, após o jantar, falarei com ela. Eu partirei em breve em uma viagem para a Escócia a

PERIGOSAS ACHERON

negócios. Pretendo estender um pouco mais, a fim de me afastar.

Saí me arrastando pelo corredor, juntando forças para subir as escadas. Somente quando cheguei diante da minha cama, desabei.

Fiquei repassando na mente minhas atitudes no jantar. Eu o havia ignorado, mas não era motivo para um rompimento tão repentino. *Rompimento?* Não havia nenhum rompimento, James nunca se comprometera comigo. Eu que havia me iludido miseravelmente.

Mas não ficaria assim, ele teria de me ouvir. Como pude ser tão tola? Os sinais estavam na minha frente o tempo todo. Por várias vezes, James havia se aproximado e, então, se afastava em seguida.

Encolhi-me na cama, lutando para não gritar, ele não tinha o direito de fazer isso comigo. James

havia mudado minha forma de pensar e havia me dado esperança.

Quando não existia mais lágrimas para serem derramadas, me vesti e descii em silêncio absoluto até a biblioteca. Lá, eu ouviria James descer as escadas pela manhã e o abordaria, exigindo uma explicação.



Acordei com o barulho de cascos de cavalo. Olhei através da janela e James montava sua égua. O dia ainda não havia amanhecido por completo.

Corri para a porta, mas ele já seguia pela trilha, minha respiração estava irregular e, sem pensar, fui para o estábulo. O cocheiro terminava de preparar o cabriolé, e eu respirei aliviada.

— Preciso da condução agora.

— Mas, senhorita, estou preparando a pedido da Sra. Kosvoski. Ela tem que voltar à casa do

PERIGOSAS ACHERON

paciente para o Sr. Kosvoski vir descansar.

— Leve-a com a carruagem e peça-lhe desculpas em meu nome, mas preciso desse cabriolé, por questão de vida ou de morte.

Ele me olhou assustado, me entregando as rédeas. Não deveria ser muito difícil de conduzir. Após sair da trilha e andar pelas ruas mais largas, pude perceber que ficava mais fácil a cada metro que percorria. Eu já havia avistado James, graças ao fluxo de carruagens e cavalos pelas ruas, que faziam com que todos andassem de forma lenta. Mantinha-me a uma distância segura.

James seguia para *East End*, lugar que eu nunca havia visitado. Quanto mais adentrávamos, mais as ruas ficavam estreitas, e um fluxo menor de carruagens era visto. Ele parecia estar sem pressa e Dorotéia caminhava lentamente, permitindo-se observar todo o barulho ao seu redor.

PERIGOSAS NACIONAIS

Homens bêbados na sarjeta acordavam em meio à lama. Havia um cheiro horrível de coisas putrefatas que pairavam no ar. Coloquei uma mão no rosto para evitar respirar aquele ar impuro. Começava a sentir uma pontada de arrependimento quando o vi dobrar uma esquina.

Aguardei, observando de longe, ele parou próximo a uma porta e hasteou as rédeas. Desci da condução e meu estômago revirou ao pisar naquela lama fétida. Caminhei de esgueira, me escondendo atrás de uma saliência em uma residência.

Todas pareciam iguais e grudadas umas nas outras. James bateu na porta, enquanto limpava as botas na pedra que estava na entrada. A porta se abriu e ela pulou em seu pescoço e o beijou. Minha visão ficou turva, eu me agachei e vomitei. Limpei a boca com a manga do vestido. Não poderia ser, não, não. Apoiei-me na parede e vomitei

PERIGOSAS ACHERON

novamente.

Quando ergui os olhos para a porta, ela já estava fechada, apenas Dorotéia esperava lá fora. Cambaleei até o cabriolé, quase sem forças para subir.

Permaneci ali sem mover um único músculo, queria gritar, mas não havia voz. Queria sair dali, mas meu corpo não respondia. Olhei para a lama podre que o cavalo pisoteava, trocando o peso sobre as patas, e desejei me jogar ali, no meio daquela lama, para chorar todas as lágrimas que meu corpo pudesse produzir.

Peguei as rédeas e balancei, fazendo o cavalo andar. Não sabia aonde ir, nem para onde olhar, tudo estava sem foco. Eu não tinha mais um destino.

As lágrimas não vieram, meu estômago doía e a ânsia me vinha à garganta. As rédeas estavam

PERIGOSAS ACHERON

frouxas, mas minutos depois, reconheci o caminho que o cavalo seguia. Estava indo para casa, não a minha casa, não o meu lar. Eu não tinha mais nada.



Tirei meu vestido depressa. A bainha estava podre com aquela lama. Joguei na lareira junto com meus sapados de seda. Afundei-me na banheira, mas as lágrimas não vinham. Apenas uma angústia que invadia meu peito, raiva era o que crescia dentro de mim, se erguendo como um fungo consumindo tudo ao redor.

Arrumei uma mala com meus melhores vestidos. Em outra, coloquei minhas tintas e pincéis. Em um baú coloquei o resto dos meus pertences. Eu cantarolava a música que minha mãe cantava para eu dormir, quando era criança. Sentia um arrepio percorrer meu corpo diante da dor que esmagava meu peito, diante do desespero que

lutava para sair.

Tudo que transparecia em meu semblante era pura frieza. Se tudo ocorresse bem, eu partiria para o Brasil naquele mesmo dia. Iria cumprir meu destino, nada mais importava.

Mantive minha coluna ereta quando a Sra. Kosvoski me pediu para que ficasse até a próxima viagem.

— Sinto muito, Sra. Kosvoski. Sei que parece um tanto apressado, mas tive que tomar uma decisão em cima da hora. Recebi uma carta hoje cedo de Fabrício, me pedindo para voltar o quanto antes. — Eu sorri. — Espero que me perdoem por partir assim, tão repentinamente. — O Sr. Kosvoski passou a mão pelo cabelo.

— Tem certeza de que é tão urgente assim? São apenas mais seis meses, Isa. Posso escrever ao seu pai. — O Sr. Kosvoski me olhou como em uma

súplica.

Senti uma pontada em meu coração, mas então vi aquelas mãos abraçando o pescoço de James e ele a segurando no ar, enquanto a beijava. Meneei a cabeça, colocando a mão no estômago.

— Sinto muito. Não quero deixar meu futuro noivo esperando. — Eu sorri animada. — Fabrício insistiu que é um bom casamento, e meu pai me mataria se o noivo se cansasse de esperar.

Eu precisava aprender logo a fingir melhor. Pisquei os olhos, sorrindo, tentando parecer animada, enquanto lutava contra as lágrimas.

— Se estão preocupados com a viagem, dou minha palavra de que a levo em total segurança — Simon finalmente falou algo de útil, depois de tanto tempo de boca fechada.

— Vejo que não temos o porquê adiar a viagem. Simon me levará até Fabrício. — Eu sorri

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para ele, que assentiu. Os pais de James se olharam com tristeza e eu engoli em seco.

— Querida, se é da sua vontade viajar logo, e é a vontade de sua família, então não devemos impedi-la.

Eu respirei aliviada. Se Deus fosse bom para mim, eu partiria sem ver James. Um arrepio percorreu meu corpo ao pensar nele. Não poderia encará-lo, não depois que o vi nos braços da Srta. Kelly, com intimidades, na porta daquela casa. Simon levou meus pertences para o cais, mais tarde, voltaria para me buscar. Eu almocei com os Kosvoski, satisfeita por James não ter retornado.

— Lamento não ter mais tempo para me despedir da Srta. Júlia. Escrevi uma carta para ela. A senhora poderia entregar?

— Claro, querida. Espero que James chegue logo para que possam se despedir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Também espero, todo o caso, escrevi uma carta para ele também, me despedindo, caso não volte para casa hoje.

— Não volte para casa? — O Sr. Kosvoski franziu a testa. Eu dei de ombro.

— Recentemente passou duas noites fora, devia estar em uma viagem de negócios, com toda certeza. — Sorri, enquanto comia um pedaço de frango assado. Eles se olharam, como se questionassem sobre a informação.

— Não foi mesmo, Irving?

O homem, que estava parado próximo à mesa como uma estátua, quase teve um ataque e pigarreou.

— Sim, milady. Creio que sim.

Os pais de James olharam para Irving. Eu coloquei mais um pedaço de frango na boca.

PERIGOSAS ACHERON

Ótimo! James teria que se explicar. Seus pais estiveram fora devido ao trabalho, e ele aproveitara para me humilhar de todas as formas. Ergui a cabeça a fim de não deixar nenhuma lágrima escapar.



Não arrumei meus pertences pessoais sobre a pequena cômoda, como havia feito na viagem para Londres. Sabia que, se enfrentássemos uma tormenta, eles seriam espalhados por toda a cabine. Ao invés disso, mantive em uma pequena mala de mão.

James não havia aparecido, para meu alívio. Eu ainda era nova demais nessa nova vida de jogos, mentiras e manipulações. Talvez se o visse diante de mim, não teria conseguido esconder minha raiva.

Eu havia colocado em sua cama o vestido

vermelho, junto com a tiara e os sapatos. Dentro da caixa havia apenas um bilhete.

“Obrigada por proporcionar a maior aventura de minha vida”.

Era isso que James seria para mim, uma doce aventura.

Olhei para a imensidão das águas, que passava sob a embarcação. Elas pareciam tão profundas. Arranquei meu coração e o lancei naquele mar. Ali eu deixava de ser uma menina para me tornar uma mulher, nunca mais permitiria que meu coração me traísse novamente.

Pinteí todos os dias naquela viagem, do amanhecer até enquanto havia luz. No dia seguinte eu estava lá novamente, meus desenhos não possuíam mais formas, eram borrões de tintas onde eu expressava toda a minha raiva.

Nenhuma lágrima caiu dos meus olhos e

PERIGOSAS ACHERON

quando Simon tentou tocar no assunto eu apenas o ignorei.

Meus cabelos ganharam novos penteados, assim como minhas roupas já não eram mais as mesmas de quando cheguei na Inglaterra. Eu estava decidida a esquecê-lo, mas também queria esquecer a menina tola e sonhadora que um dia fui.



No mesmo momento em que cheguei em casa, fui avisada de que meu pai queria me ver. Abri as portas do escritório suavemente, minhas costas doíam, da exaustão da viagem.

Ele levantou os olhos do documento e repousou sobre mim. Ergui o queixo e fiz uma reverência. Mamãe e Fabrício haviam entrado em meu encalço.

— Soube que gostaria de falar comigo, papai.
— *Quanto tempo levaria para me acostumar com*

as mentiras? Chamá-lo assim era um bom começo. Ele levantou as sobrancelhas.

— Ao que tudo parece, sua viagem a Londres cumpriu o propósito. Recebeu uma proposta de casamento, e eu aceitei. — Um arrepio da mais pura raiva percorreu meu corpo, mas eu sorri.

— Creio que seja uma boa proposta, ou o senhor não aceitaria.

Minha mãe e Fabrício se olharam e depois olharam para mim. Meu pai parecia surpreso.

— Rá, é uma proposta ótima. Seu futuro marido possui um lucro considerável. Apesar de não ter um título, é muito mais do que achei que conseguiria. — Puxei o ar profundamente.

— Isa, eu investiguei sobre sua reputação e...

— Sendo assim, marque um jantar para que eu possa conhecê-lo e marcarmos a data do

casamento — interrompi Fabrício, que me olhou incrédulo.

— Amanhã mesmo ele jantará conosco, pois permanece na ilha. — Eu assenti.

— Papai, gostaria de lhe pedir uma criada para ser minha dama de companhia. Meus novos vestidos são mais elaborados e precisarei de ajuda. Creio que será necessário ter uma dama de companhia durante o tempo de cortejo. Gostaria que comprasse senhorita Aline, a sobrinha de Janete, que está no Rio de Janeiro. Pedirei a meu marido que a compre do senhor assim que nos casarmos. — Ele abriu um sorriso largo.

— Você voltou mudada. Nunca imaginei que a veria montando sua própria criadagem com escravos. — Eu sorri, lutando para não deixar transparecer o nojo que sentia. — Fabrício — ele chamou em tom de ordem. — Providencie a

escrava. — Fabrício assentiu.

— Gostaria de me retirar, estou cansada da viagem.

Ele fez um gesto com a mão, sem me olhar. Virei as costas e saí do escritório, deixando mamãe e Fabrício para trás. Daniela estava sentada na sala, com a almofada de rendas de bilros sobre o colo. Aproximei-me e passei a mão em sua barriga.

— É para quando? — Ela sorriu.

— Fabrício lhe contou?

— Não precisou. Soube assim que coloquei os olhos na senhora ainda há pouco.

— Faltam quatro meses e meio, achei que o vestido escondia bem a barriga. Estou tão ansiosa.
— Eu sorri.

— Eu posso imaginar. — Aproximei-me da sua barriga. — Oi bebê, é a titia.

Uma mão repousou sobre meu ombro. Eu me levantei e o abracei como se tivesse acabado de chegar.

— Você será um pai incrível. Parabéns, meu irmão. — Ele sorriu, mas logo ficou tenso.

— Isa, o que aconteceu lá no escritório? Você nem mesmo quis saber o nome de seu futuro marido.

— Isso importa? Ele me casaria, independente do que penso ou desejo. Daria terras ao vigário para que não pedisse minha opinião durante o casamento. — Eu sorri com escárnio. — Eu achei sua carta aos Kosvoski. Já viajei sabendo do casamento. Sabia que estava apoiando, portanto, acredito que deva ser uma boa pessoa.

— Mas não sente curiosidade de saber quem é? — Daniela me perguntou. — A senhorita o conheceu em Londres. — Virei-me para ela,

surpresa.

— É o Lorde Marcos de Souza, afilhado da Baronesa de Liverpool.

— Mas o Sr. Souza não demonstrou qualquer interesse por mim quando nos conhecemos.

— Ele parece bem interessado para meu gosto! Chegou a colocá-la no contrato de casamento como sua herdeira, caso não tenham filhos — Fabrício falou convicto.

— Então já existe um contrato? — sibilei, meneando a cabeça.

— Por ele, não teria. Mas sabe como é o pai. Praticamente o obrigou para firmar as intenções, sob o pretexto de que você poderia perder outras propostas voltando de Londres por pura especulação. Então o senhor Souza se viu obrigado a firmar contrato sem antes conversar com você. Mas não parecia feliz com isso.

— Isto não importa mais. Já decidiram tudo por mim. Ao menos Marcos pareceu incrivelmente gentil quando o conheci, apesar de não ser um homem atraente. Sem falar que a baronesa é uma grande amiga. — Coloquei a mão sobre a testa. — Preciso que me deem licença, estou exausta e preciso de um banho. — Fabrício me olhou como se um cavalo tivesse passado por cima de mim. — Não me olhe dessa forma, de todas as decepções que poderia ter, Marcos é uma das melhores.

— Ele será um bom marido, Isa.

— Sim, ele será, porque não lhe darei outra opção. Sabia que aqui no Brasil existe uma raiz que, se consumida da forma inadequada, mata uma pessoa adulta em poucos segundos? Ela é repleta de ácido cianídrico. — Eu sorri, apertando os olhos.

— Jesus, Isabela. Onde aprendeu tal coisa?

— Os Kosvoski possuem uma enorme

biblioteca, que estava inteiramente ao meu dispor. Nada lá era proibido de ler. Considerando que são médicos, aprendi muitas coisas. — Subi as escadas correndo, enquanto Fabrício e Daniela se olhavam com as sobrancelhas erguidas.

Sozinha no meu antigo aposento, um turbilhão de sentimentos rugia dentro de mim. Minha respiração era pesada e, nem mesmo nos piores pesadelos, podia imaginar a intensidade daquela dor.

O peito doía de tal forma que se transformava em uma dor física. Necessitava esquecer o último ano e eliminá-lo da minha mente, da minha vida.

— Eu lhe proíbo, Isabela Gonçalves, de chorar — falei baixinho para mim mesma e empurrei toda a dor de volta para o lugar de onde havia saído. — Ele não merece uma única lágrima sua. — Respirei fundo, enquanto empurrava o

espectro maligno, responsável pelo pior dos sentimentos, para bem longe de mim. Não aqui, não mais, pois não havia mais coração em meu peito.



Marcos havia chegado cedo para o jantar, a fim de termos uma conversa. Ele foi muito gentil e eu o esperava com um belo vestido Londrino. Caminhamos até a pedra oval do jardim. Era possível sermos visto por minha mãe, que aproveitava o frescor do dia no jardim, mas não podíamos ser ouvidos.

— Gostaria de conversar com a senhorita antes de darmos um passo adiante. Confesso que pretendo ser o mais sincero possível.

Eu ainda vestia minha máscara inabalável, mas meu coração se agitou com suas palavras.

— Quero que saiba que ouvi muitas coisas a seu respeito desde que pisei nesta ilha, coisas que

duvido serem verdades e outras que se forem, não farão diferença em minha decisão. Nosso encontro em Londres me mostrou que a senhorita é uma mulher de ótimo caráter, e minha madrinha lhe tem em grande estima. Apostando nesse julgamento que vou lhe falar toda a verdade. Peço-lhe, encarecidamente, que se a ofender com minha proposta, basta apenas me dizer. Eu sairei deste jantar e cancelarei nosso casamento em seguida, sem qualquer rancor. Tudo que lhe peço é discrição, pois estou prestes a lhe revelar um segredo que pode me destruir. — Eu levantei as sobancelhas, surpresa.

— Se eu causar a ruptura deste contrato, meu pai irá me deserdar.

— Caso não aceite se casar comigo, eu farei que a culpa recaia sobre mim, e pagarei a seu pai a multa altíssima que ele impôs no contrato. Portanto,

não se preocupe com isso. Garanto-lhe que sairá deste cortejo ouvindo aplausos do seu pai sobre sua conduta.

— Pois bem, faça sua proposta e conte seu segredo. Eu lhe dou a minha palavra de que não tenho a menor intenção de destruir sua vida, Sr. Souza.

— Sei o quanto foi julgada aqui nesta ilha. Também soube sobre o ataque que sofreu. — Eu me remexi sobre a pedra, desconfortável. — Não estou aqui para julgá-la, nem poderia fazer tal coisa. Meus negócios cresceram rápido demais, a ponto de precisar me desdobrar para supervisionar tudo. Ainda assim, a sociedade tem me cobrado uma família, como se isso fosse um quesito para continuar no topo. Portanto, busco uma esposa para compor a família que tanto me é exigida. Mas a verdade é que busco apenas uma parceria. Diante

das pessoas, seríamos um casal como qualquer outro, apaixonados e com todas as coisas que um casamento habitual pode oferecer. Mas em nossa realidade íntima, se é que me entende, seríamos apenas amigos, pois não posso amá-la como mulher, da forma que se espera de um marido.

— O senhor está me dizendo que quer se casar comigo, porém será um casamento de aparências, pois ama outra? Sua reputação é pior que a minha para que não possa se casar com ela?

— Oh, não é isso, Srta. Gonçalves, não existe ninguém. Ao menos não no momento. A verdade é que não sinto atração por mulheres — ele falou baixinho, de forma encabulada. Levei a mão à boca, surpresa, o que o deixou desconfortável.

— Sinto muito, eu não imaginava. Não quero constrangê-lo, apenas estou surpresa.

— Quando digo que não poderia amá-la,
PERIGOSAS ACHERON

seria dessa forma. Mas posso amá-la como uma grande amiga, como cúmplice e parceira. Teríamos, sim, um casamento de aparências, mas podemos construir algo dentro desse relacionamento que muito se assemelha aos outros casais. Sei que a senhorita, no futuro, sentirá desejos, e eu não a proibirei de viver suas aventuras. Serei seu cúmplice e sempre poderá contar comigo. Sei o quanto isso parece inapropriado, mas se houver uma parceria, podemos ser discretos. Se desejar, poderá me ajudar com os negócios, e tudo o que tenho será seu, não somente meus bens, mas minha lealdade, minha amizade e proteção. Não desejo amar-lhe menos que um marido amaria, apenas de forma diferente. — Eu sorri aliviada. Um peso saía das minhas costas.

— Sr. Souza, eu preciso lhe confessar que não esperava nada disso. E que estou mais feliz do

que o senhor possa imaginar com toda essa reviravolta inesperada. Recentemente tive meu coração partido e o que mais quero no momento é resguardá-lo. — Ele pareceu respirar novamente, tentando absorver minhas palavras. — Eu vou adorar ser sua esposa e vou amar ser sua parceira e amiga, mais do que o senhor imagina.

Marcos abriu um sorriso largo. Levantou-se da pedra e ficou de joelhos no gramado, retirando um anel enorme e brilhante do bolso.

— Srta. Isabela Gonçalves, dentro do termo proposto, aceita ser minha amiga para sempre? Eu prometo fazê-la sorrir, prometo protegê-la e nunca a envergonhar. Prometo não pensar apenas em meu próprio bem, ou colocar minhas vontades à frente das suas, para todo o sempre enquanto eu viver.

Eu sorri para ele com carinho. Era o pedido de casamento mais estranho que alguém poderia

fazer.

— Sim, eu aceito. Será um prazer ser sua amiga para sempre.

Ele colocou o pesado anel em meu dedo. Eu o observei, havia um diamante enorme e, ao redor, pequenas esmeraldas. Seu brilho cintilava na última luz do dia.

— Eu sei. Ele é um exagero, mas pertenceu à linhagem da baronesa e ela me deu com tanto carinho.

— Ele é exagerado mesmo. — Rimos juntos do anel. — Mas já gosto dele pelo significado que possui e por todas as histórias que deve carregar. Agora acompanhará a nossa. — Eu o abracei e, quando ergui o olhar, vi que meu pai e minha mãe observavam de longe. Eu sorri, pois havia vencido meu pai.



Enquanto aguardávamos o jantar, Daniela não parava de segurar minha mão, impressionada com o anel. Ela parecia inquieta e, de tempos em tempos, ia até a estante, virando a cabeça para o lado esquerdo e mudando a posição de alguns livros.

Mamãe não conseguia desfazer o sorriso, e Fabrício parecia mais aliviado diante da minha repentina felicidade. Não era para menos! Em toda a minha vida, havia planejado uma vida difícil e solitária. Planejara fugir de um casamento sem amor. Mas quando soube que o amor era terrível, que era capaz de absorver a inteligência dos sábios e a visão dos mais atentos olhos, destruindo-me de dentro para fora, me vi disposta a aceitar meu destino.

Que surpresa a minha ao saber que não só teria uma vida livre, com a qual sempre sonhara,

mas que viveria isso sob proteção de um amigo. Olhei para os céus, agradecida, tudo em mim seria diferente.

O jantar foi muitíssimo agradável. Marcos era um homem gentil, inteligente e cativante, qualidades que compensavam qualquer atributo físico que lhe faltasse. Após o jantar, tivemos um pequeno momento a sós e decidimos por um casamento simples e o mais rápido possível.

Como Marcos perdera toda a sua família, o casamento seria na ilha, na mesma capela onde Fabrício e Daniela se casaram. Marcos escolheria uma data junto ao vigário no dia seguinte, e eu iria à modista encomendar meu vestido.

Mais tarde ele foi para o escritório conversar com meu pai, e minha mãe me pegou pela mão, me conduzindo até a porta do escritório para ouvirmos a conversa. Fiquei relutante no começo, mas algo

logo chamou minha atenção.

— Não se engane com ela, tome as rédeas logo de início ou ela lhe trará dor de cabeça. Pode até vestir vestidos caros, mas não passa de uma selvagem.

Mamãe levou as mãos à boca e olhou para mim, como quem se arrependia da decisão de me trazer até ali.

— Não me tome por imaturo, Sr. Gonçalves. Hoje ela aceitou meu pedido de casamento, firmando o contrato já assinado entre nós. É questão de dias até que saia o casamento. Ela ficará aqui sob seu teto para respeitar o cortejo, mas não se engane, a partir de hoje, Isabela é minha responsabilidade e não mais sua. Portanto, não admito que se refira a minha futura mulher dessa forma — Marcos falou entredentes e tudo ficou silencioso, nos fazendo sair apressadas, mas havia

um sorriso em meu rosto.



Os dias se seguiram com ocupações do casamento. A data era justa ao prazo do vestido, e as flores da época eram hortênsias, o que me agradava muito. Manter-me ocupada fez tão bem à minha alma, que refletia em meu ânimo. A Srta. Aline havia chegado do Rio de Janeiro e Marcos foi quem pagou seu valor, sem a interferência do meu pai. Ela vinha sofrendo com o barão Cortes, homem que era seu dono há mais de dois anos. Era insuportável ver a dor no rosto de Janete todas as vezes que falava da sobrinha, mas eu possuía planos.

Na última prova do vestido, passei na capela para verificar o local junto com Daniela. A capela estava silenciosa e até mesmo um sussurro poderia ser ouvido. Ela tinha um cheiro especial de dama

da noite e brisa do mar. Inspirei, fechando os olhos, e tudo que veio em minha mente foi James me conduzindo na valsa silenciosa. Ele jurara ouvir música naquele dia. Meneei a cabeça, James mentira sobre muitas coisas, não era certo pensar nele. Virei-me, procurando Daniela, e a encontrei organizando os livros debaixo do Altar. Eu não entendia seus motivos para mudar de lugar os livros que encontrava pela frente, mas achei prudente não perguntar.

Após mapearmos o local dos arranjos de flores, voltamos para casa satisfeitas com o que idealizávamos. Meu vestido branco era simples. Algumas rendas de bilros foram aplicadas no corpete, uma saia esvoaçante sobreposta com rendas na barra.



A carruagem parou diante da capela e meu

maior arrependimento seria ser levada ao altar por meu pai e não por Fabrício. As flores ornamentavam a entrada da pequena igreja, e meu pai não proferiu uma única palavra ao oferecer-me seu braço. Mas ele não estragaria meu dia, aquela era minha carta de alforria.

Olhei para Marcos, que me esperava no altar, e sorri. Meu parceiro me aguardava e parecia tão nervoso quanto eu. Marcos se aproximou, vindo ao meu encontro antes da marca estipulada. Apertou a mão de meu pai e se posicionou no lugar dele. Caminhávamos lentamente rumo ao altar quando algo me atingiu.

— Bruxa! — uma mulher gritou e um murmúrio de vozes ecoou em toda a igreja. Eu me abaixei, colocando a mão na cabeça na direção da dor, e toda aquela angústia que havia adormecido dentro de mim veio à tona, me fazendo cair sobre

os joelhos ao sentir o ovo partido escorrer e descer por meu rosto.

Meu choro não foi baixo, nem contido. Um choro que guardava há muito, muito tempo. Anos de ódio gratuito, decepção e injustiça. Foi um choro pelo amor perdido, pela esperança roubada e pelas amizades interrompidas.

Minha voz ecoou pela igreja revelando toda a dor, toda a decepção e raiva. Marcos me ergueu, usando seu lenço para limpar meu rosto. Eu não sabia o que havia acontecido com a mulher que me atirou o ovo, mas sei que Marcos gritou com todos e proferiu palavras que foram abafadas por minha angústia.

Quando me levantei, somente minha família e a de Daniela permaneciam na igreja. Fora estes, apenas o Sr. Silveira, o homem que por anos comprara minha caça, permanecia em seu lugar e

trazia os olhos marejados.

— Podemos marcar outra data — Marcos falou para mim de forma carinhosa, tentando me consolar.

— Não, não darei a eles o gosto de estragar nosso dia. Onde está o vigário?

— Está ali fora, acalmando os ânimos — meu pai falou.

— Vá e o chame agora! — falei quase aos gritos.

Meu pai deu um sobressalto. Em um instante, ele voltava com o vigário, que teve a ousadia de nos sugerir adiar o casamento.

— Nem mesmo por um minuto — falei entredentes, e Fabrício o ordenou que continuasse a cerimônia.

Meu casamento durou cinco minutos e saí de

PERIGOSAS NACIONAIS

mãos dadas com meu marido da igreja. Quando olhei para as pessoas que aguardavam do lado de fora, falei com toda a minha voz e com todo o fôlego que pude reunir.

— Sou filha dessa ilha. Esse lugar me pertence tanto quanto pertence a vocês. Recentemente pude viajar por outros países. Pude presenciar mulheres ruivas andando pelas ruas livremente, sem que um bando de abutres as apedrejassem. Fui ferida de muitas formas nesta ilha e tudo o que fiz foi abaixar a cabeça e aceitar. Mas isso mudou. Vendi a esse povo minha caça por três vezes mais do que valia e todos vocês se alimentaram dela buscando riquezas. — Pude sentir as veias do meu pescoço saltarem enquanto falava. Eu sorri. — Mas quem acumulou riquezas fui eu, para acrescentar em meu dote, aproveitando-me da ignorância de cada um de vocês. Quero que saibam

PERIGOSAS ACHERON

que, a partir de hoje, não estou mais só. Estou sob a proteção de meu marido, Lorde Marcos de Souza, homem influente e o protegido da Baronesa de Liverpool, que por sorte, é uma amiga muito chegada. Caso venha a sofrer novamente qualquer agressão nesta ilha, o responsável pagará por seu crime diante da justiça. Basta de ser pisoteada, achem outra bruxa para perseguir! — Marcos sorriu com escárnio para a multidão, olhando para mim com orgulho.

Pude ver o Sr. Silveira aplaudir sozinho, parecendo empolgado. Mas logo parou, após presenciar os olhares de todos que ele também havia extorquido, tirando seu quinhão.



Nossa noite de núpcias seria minha última noite na casa dos meus pais. Partiríamos para o Rio de Janeiro no dia seguinte e levaria Janete e Aline

comigo. Eu tinha nela um amor que não me permitia deixá-la para trás. Como tudo tinha um preço para meu pai, ele nos arrancou dinheiro suficiente para se gabar do bom negócio. Mas quando Marcos compreendeu que Janete era de muita importância para mim, logo entrou em um acordo. Um único casamento e três vidas libertas, pois logo Janete e Aline receberiam suas cartas de alforria e passariam a ganhar salários.

O aposento estava delicadamente decorado para as núpcias. Trocamos nossos presentes de casamento. Marcos me deu uma pulseira de ouro que trazia quatro pingentes. O primeiro era um punhal, representando a predadora que havia em mim. — Ele explicou, enquanto eu gargalhava. — O segundo pingente era uma estrela do mar, que representava todo o meu amor pelos mares. O terceiro era um livro, que representava a minha

curiosidade pelo desconhecido. Por fim, um pincel, que representava a criatividade e minha paixão pela arte. Ela era delicada e refletia minha personalidade tão bem, que fiquei desconfiada de que ele recebera ajuda.

Dei a ele uma corrente de prata, que trazia uma pequena chave forjada em prata. Um coração se formava de forma discreta no cabo.

— Esta é a chave do meu coração, não poderia confiar a outro se não a um amigo. — Coloquei em seu pescoço e Marcos a observou por alguns minutos.

— Ela jamais sairá do meu peito. — Eu sorri.

Pulamos sobre a cama, chamando o nome um do outro em voz alta até ficarmos cansados, e depois rimos muito. Marcos abriu uma garrafa de vinho, bebemos e jogamos cartas até boa parte da madrugada.

Quando o sono chegou de forma implacável, deitamos e dormimos abraçados. Havia um sorriso em nossos lábios, pois nossas almas se uniram no elo mais forte que poderia existir, o qual não se firma em desejos e interesses, mas na mais pura amizade.



A casa no Rio de Janeiro era maior do que eu esperava. Por conta das constantes viagens de Marcos, havia apenas um caseiro e sua esposa, que cuidavam de tudo. Eu estava ciente de sua intenção em se mudar para a Inglaterra e fixar residência próximo à Baronesa, mas pedi encarecidamente que ficássemos nosso primeiro ano no Brasil. A verdade é que eu precisava de cura, e não queria correr o risco de encontrar James tão cedo.

Diante do nosso casamento um tanto inusitado, seria difícil esconder algumas verdades

dos criados mais próximos. Precisávamos chegar em Londres com uma equipe de confiança, de quem não seria necessário esconder nossa convivência. Esse primeiro ano serviria para ajustarmos tudo e, então, partiríamos para Londres sem deixar pontas soltas.

A Srta. Aline havia mencionado a forma como os escravos do barão Cortes eram tratados. O homem era um verdadeiro monstro e mantinha o uso do pau de arara para castigá-los.

— Na próxima semana, viajaremos para o Nordeste. Temos um cliente em potencial para visitar — Marcos falou entre mordidas em um bolo de laranja, que havia se tornado seu preferido entre todas as delícias que Janete cozinhava.

— Precisamos contratar mais quatro criados antes da viagem.

— Sim, gostaria que contratasse, se possível

— ele disse.

— Estava pensando em montar um quadro de criados de confiança para levarmos conosco para Londres ano que vem. — Ele meneou a cabeça.

— Impossível, dificilmente vai encontrar algum criado disposto a abandonar a família e viajar para tão longe.

— Na verdade, estava pensando em escravos. — Beberiquei o café, enquanto ele me olhava surpreso. — Podemos comprar alguns escravos e lhes dar carta de alforria. Sei que num primeiro momento não parece um bom investimento, mas eles poderiam pagar um pouquinho por mês até quitarem suas dívidas. Serão gratos e se tornarão de confiança. Terão salários, poderão constituir família e viver em um país onde não é permitido escravidão.

— Seu plano pode dar certo. Seria muito bom

ter pessoas de confiança em nossa casa. Mas como saberemos escolher?

— Eu soube que o barão Cortes troca constantemente de escravos. A Srta. Aline comentou que ele vende e recompõe seu quadro de escravos com muita frequência. Ela conhece bem os que estão com ele hoje e pode indicar os confiáveis.

— Isso parece ótimo. Vou escrever para o barão e pedir se está disposto a negociar. Se ele aceitar, irá até ele. Mas leve o caseiro junto, o barão não é agradável com damas desacompanhadas. — Eu revirei os olhos e ele sorriu. — Ele me deve um favor. Fale em meu nome e peça para que o Sr. Rogério lhe apresente assim que chegar. Sei muito bem com quem vai lidar.

— Por que não vem comigo fazer a negociação?

— Porque quero que aprenda a lidar com esse tipo de gente. Se quer tocar os negócios comigo, precisa aprender a se impor. Encontrará muitos como ele.

Eu assenti. A cada dia admirava mais sua postura.

— Isa, não deixe que a intimidem ou nunca a respeitarão.

— Vou voltar com os escravos e pagarei um ótimo preço por eles — falei convicta, e Marcos sorriu.



Na semana seguinte, o Sr. Rogério conduziu a carruagem até a casa do barão. Éramos aguardados, porém, ele desconhecia o fato de que seria eu quem representaria Marcos na negociação.

O barão fez uma expressão incrédula ao me ver descer da carruagem, e o caseiro apressou-se

PERIGOSAS ACHERON

em me apresentar.

— Sra. Isabela de Souza veio em nome do Sr. Marcos de Souza para escolher os escravos.

Eu o olhei friamente e fiz um cumprimento que não me foi devolvido.

— Seu patrão não vem para a negociação? — ele perguntou para o caseiro, como se não notasse minha presença.

— Não. Ele se encontra indisposto e me pediu a gentileza de escolher meus próprios escravos — falei enquanto tirava as luvas e caminhava na direção da senzala. O homem não teve a chance de contestar e passou a me seguir.

— Ele deveria saber que não negocio com mulheres. — Virei-me para olhar em seus olhos.

— Por que não? Conheço o preço do mercado e sei exatamente do que preciso. Sem falar

que foi um favor pedido por meu marido. Creio que ele ficará muito sentido comigo se voltar sem os escravos. — Ele bufou.

O barão colocou seus escravos enfileirados. Homens e mulheres diante de mim. Meu coração ficou apertado, mas só levaria os quatro indicados por Aline.

— Soube que o Sr. possui um escravo que sabe ler, um com mais idade. Não o vejo aqui. — Ele me olhou curioso, estreitando os olhos.

— Ele foi castigado ontem, não está aqui.

— Eu o quero e gostaria de vê-lo. — O barão sorriu.

— Quem mais a madame deseja?

— Isaías, Luciana e Diego — falei em voz alta, pedindo que dessem um passo à frente e o barão coçou a nuca. — Por favor, não esqueça do

escravo que sabe ler. — Ele gesticulou para o capataz ir buscá-lo.

— Um escravo que lê tem muito valor no mercado, pode valer até mais que estes dois juntos. — Sorriu triunfante.

— Sim, ele poderia valer, mas não vale. — Avistei o homem sendo carregado e, ao que parecia, havia sido açoitado de forma brutal, pois lhe faltavam forças para caminhar. Olhei para o barão, lutando para esconder meu ódio.

— Uma vez neguei um bom valor por ele.

Ele demonstrava desinteresse na venda, visando subir seu valor, pois havia percebido meu interesse no homem.

— Isso foi antes do senhor descobrir que ele abria suas correspondências para ler. — Eu sorri de forma cínica. — Tenho certeza de que este homem não leu nada de comprometedor, pois ainda

PERIGOSAS ACHERON

permanece vivo. Mas isso é uma questão de tempo. Quando ele o fizer, terá de matá-lo, e não lucrará um único centavo. — Eu limpei minhas unhas, distraída. — Eu, por outro lado, não tenho segredos a esconder. — Dei de ombros. — Se ele quiser ler minhas correspondências, apenas saberá meu gosto por vestidos.

Vi o sorriso do barão se desfazer e um questionamento brotar em seu rosto, como quem se perguntava onde havia obtido tais informações.

— Pago o preço de quatro escravos jovens por eles, mas lhe cobrarei o gasto que terei com o médico. — Apontei para o escravo mais velho, que mal se sustentava sobre os pés. — Nem um centavo a mais.

O barão fechou o semblante desgostoso, mas queria se livrar do homem mais do que eu queria comprá-lo. Então acenou para que os escolhidos

fossem se preparar para partir. Eu pedi para que colocassem o homem ferido na carruagem imediatamente.

— Aguardo os documentos dos escravos. O pagamento será feito mediante a entrega dos documentos. — Ele assentiu.

— Da próxima vez que ver seu marido, vou ensinar a ele como se cala uma mulher e a mantém em casa, onde é o lugar das esposas. — Ele sorriu com escárnio.

— É uma boa ideia senhor. Eu mesma pedirei a ele que me amordace esta noite em nosso leito. — Eu pisquei, sorrindo, e pude ver o homem perder o equilíbrio por um instante, antes de me virar e entrar na carruagem.

Os demais escravos foram a pé seguindo a carruagem até que saímos da propriedade do barão e então acomodamos a todos na carruagem, fato

PERIGOSAS NACIONAIS

este que os deixou perplexos, pois havíamos ficado espremidos devido ao homem ferido ocupar um espaço maior.

Assim que chegamos, o médico foi chamado para o Sr. Paulo, nosso novo mordomo. Marcos os avisou sobre a liberdade, o trabalho assalariado e cada função que exerceriam. Falou sobre a eminente viagem para Londres e que se optassem por não ficar conosco, assim que suas cartas de alforria ficassem prontas, poderiam partir.

Aqueles que decidissem ficar, seriam tratados com respeito. E isso incluiria todos que frequentariam nossa casa.

Quando o Sr. Paulo se recuperou, eu o ensinei a lacrar as cartas de uma forma imperceptível. Se é que o homem gostava de bisbilhotar as correspondências, poderia fazer sem que ninguém percebesse.

PERIGOSAS ACHERON

— A sinhá deveria me repreender, mas está me ensinando a lacrar as cartas. Não compreendo.

— O senhor era constantemente açoitado e nem assim deixou de ler as cartas do barão. Por que acha que eu acreditaria que apenas uma repreensão minha o faria desistir de ler minhas cartas? — O homem sorriu, mostrando seus dentes brancos. — Assim ao menos ninguém saberá que o senhor leu. Não possuo segredos, por isso não me importo que leia. Importo-me com o que vai fazer com as informações que obtém. São suas ações que demonstrarão sua lealdade.

Eu sorri para ele, enquanto passava o selo sobre a chama da vela e colava novamente, lacrando a carta de forma imperceptível.

Todos haviam decidido ficar e pareciam empolgados com a liberdade e o emprego.

Desejavam ir para Londres tanto quanto

Marcos, mas meu corpo estremecia só de pensar.

Eu ainda não estava pronta e Marcos sabia disso. Nossa amizade crescia, e havia harmonia e paz na minha nova vida.

Marcos era um marido atencioso e carinhoso, como Fabrício fora para mim. Compartilhávamos as refeições juntos e, ao longo do tempo, descobri seu ótimo humor. Dormíamos em aposentos separados, mas às vezes dormíamos juntos e abraçados, compartilhando sonhos futuros.

Ele me contou sobre seus relacionamentos desastrosos e sobre a dificuldade de encontrar alguém em quem pudesse confiar.

Eu havia contado tudo sobre James, nos mínimos detalhes. Não tive como evitar o assunto, pois quase todas as noites acordava a casa inteira com meus gritos. Sempre sonhava o mesmo sonho e, quando acordava, sentia uma dor terrível que

PERIGOSAS NACIONAIS

rasgava meu peito. Marcos me segurava em seus braços até que as lágrimas cessassem.

Nos lugares públicos, éramos o casal mais apaixonado. Trocávamos olhares, nos tratávamos com devoção e respeito. Não era de toda forma uma mentira, nos compreendíamos de verdade e nos amávamos tanto quanto dois irmãos muito chegados. Mas era em casa que a mágica acontecia, nossas noites de jogatina eram as mais divertidas. Muitas delas, regadas a vinho do porto.

Nossas viagens de negócios eram um verdadeiro desafio. Marcos me fazia participar de tudo e, muitas vezes, me enviava em seu nome para algum lugar enquanto ia para outro. O seguimento de seus negócios montava concorrência com Simon, e há anos dominava o mercado devido a sua enorme frota de navios. Diferente de Simon, Marcos não conduzia pessoalmente as viagens, pois

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

era impossível diante da quantidade de transbordos realizados em sua empresa.

O seguimento mais rentável era o das viagens de passageiros em navios de luxo, feitas por três grandes Paquetes de três mastros, que podiam custar uma verdadeira fortuna em troca de conforto e privacidade para a mais alta classe aristocrata. Eram exatamente esses clientes que, normalmente, ficavam sob a minha responsabilidade, já que exigiam uma atenção especial.

Possuímos também uma frota de *Tea Clippers* Ingleses para os transportes de mercadorias entre os portos. Alguns barcos a vapor eram utilizados para as correspondências e mercadorias de maior valor.

Aquela era uma vida independente, sólida e confortável. Eu havia me tornado uma mulher de negócios, embora encontrasse constante resistência.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O apoio do meu marido e seus ensinamentos e incentivos me fizeram forte, irredutível. Grandes contratos foram cancelados, quando os clientes questionaram minha capacidade.

Logo a notícia se espalhou, fazendo com que o respeito ao meu sobrenome se opusesse a um mero detalhe de gênero.

Era um mundo além do que havia sonhado, com planejamentos e viagens que ocupavam tanto o meu tempo, de forma que as pinturas se tornaram coisa do passado. Eu era livre, ainda assim não conseguia olhar para as estrelas. Eu era feliz, mas minhas noites eram repletas de sonhos aterrorizantes. Nem mesmo toda a força que corria em minhas veias era capaz de apagar aquela marca. Como se estivesse gravado em minha alma, resquícios de um amor tolo de infância. Dizem que só se ama uma única vez na vida, eu havia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desperdiçado tão precioso sentimento, ofertando a alguém que não merecera.

PERIGOSAS ACHERON



CAPÍTULO XVII

Vem trazer— vos crueza, impiedade —

Dons cruéis do cruel Anhangá;

Vem quebrar— vos a maça valente,

Profanar Maniôtos, Maracá.

Gonçalves Dias

**Isabela Gonçalves. Rio de
Janeiro 1886**

Se para mim, os dias eram nublados, para

PERIGOSAS NACIONAIS

meu marido, os dias haviam ganhado cores e vida. Marcos havia conhecido alguém, um dos motivos pelo qual concordou em ficarmos no Brasil por mais tempo do que o planejado inicialmente. Ele passou a viajar com mais frequência e os dias sozinha não eram os melhores. Havia me acostumado com a presença dele e nossa constante parceria.

Na véspera do meu aniversário de dezenove anos, ele retornou junto com Carlos, que há um ano frequentava nossa casa. Para todos, o lorde Carlos era um primo distante de Marcos, mas sua relação com meu marido era muito mais carnal do que consanguínea.

Meu aniversário foi comemorado em grande estilo, ao menos era para nós três. Uma noite de carteados, vinho, uísque e muitas risadas, me fizeram ir para a cama cambaleando. Assim como

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Marcos, lorde Carlos era um homem gentil e, por céus, incrivelmente atraente. Imensa foi sua surpresa quando percebeu que eu não só sabia sobre Marcos, mas que o apoiava. Ver ele feliz bastava para mim, embora às vezes me sentisse vazia.

Os preparativos para a mudança haviam iniciado naquele mês. Não havia mais como adiar nossa ida para Londres, diante dos constantes pedidos da Baronesa e os contratos, cada vez mais numerosos na Europa.

Havia uma agitação na casa que vinha dos criados, com a esperança de morar em um novo país. Até mesmo Carlos estava empolgado, mas eu não conseguia sorrir.

— Vai ficar tudo bem, eu prometo. — Marcos me abraçou, repousando sua cabeça em meu ombro enquanto eu observava a vista.

PERIGOSAS ACHERON

— Vou sentir saudades deste lugar, desta casa e do Isaque. Se pudéssemos adoraria ficar mais um ano no Brasil. — Virei-me para abraçá-lo.

Fabrício passara longas temporadas comigo no Rio de Janeiro. A presença constante deles era outro motivo pelo qual eu não desejava partir. Naquele último ano, Marcos contava com a ajuda de Carlos, eu me permiti curtir minha família, em especial meu sobrinho Isaque.

— Quem sabe seu irmão possa se encantar pela Inglaterra após conhecer Londres e poderá ficar perto de seu sobrinho novamente.

— Isso seria ótimo. — Eu sorri para ele.



A viagem foi a mais terrível de todas, apesar de viajarmos com mais conforto, meu estômago não me deixou um único dia em paz. Janete tentava de tudo, mas eu não conseguia me alimentar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Foi um grande alívio quando chegamos em terra firme após uma longa viagem. Fomos recebidos carinhosamente pela baronesa. Ela havia organizado um final de semana cheio de atividades, como jantares de gala, jogos e até uma caçada para os cavalheiros. Tudo isso com o intuito de comemorar nossa chegada a Londres.

Por mais que eu admirasse seu espírito jovem, um final de semana inteiro na presença de aristocratas não era exatamente o que eu desejava após um mês vomitando as tripas no mar. Havíamos comprado uma propriedade belíssima em uma localidade mais afastada de Londres. Um lugar calmo, rodeado por uma paisagem bucólica. Londres estava fria, e confesso que havia sentido saudades de ver minha respiração condensar a cada palavra proferida.

Durante a semana, a casa foi tomando forma,

PERIGOSAS ACHERON

conforme a decorávamos ao nosso gosto. Eu havia ido a modista para comprar vestidos novos, devido à perda de peso na viagem e fiquei encantada com tantos modelos diferenciados. Londres era verdadeiramente uma cidade à frente de seu tempo.

— Este é o vestido mais lindo que já vi na minha vida. — Eu sorri para a empolgação de Srta. Aline ao desembrulhar o vestido que eu havia comprado para o jantar que aconteceria no próximo sábado. Era um verde-esmeralda, que deixava os ombros completamente à mostra. Também havia comprado um vestido de montaria marrom e um belo vestido de baile.

— Eu me encantei com ele assim que o vi.

Srta. Aline era uma moça muito inteligente. Nos anos que passara conosco, havia aprendido a ler e a escrever. Eu havia ensinado a ela o idioma inglês e ela se saíra muito bem. Mas não era a única

que aprendera a falar inglês. O Sr. Paulo, nosso mordomo, não perdia uma única aula. Afinal, não poderia continuar bisbilhotando nossas cartas sem compreender a língua local.

O lado bom disso tudo é que o Sr. Paulo estava sempre um passo à frente, muitas vezes fazendo o que lhe seria pedido antes mesmo de eu saber que deveria pedir-lhe.

As comemorações iniciariam na sexta-feira próxima, com uma noite de diversões para os cavalheiros na sala de jogos e uma reunião feminina na biblioteca.

A proposta consistia em abordar assuntos variados de interesse mútuo. No sábado, teríamos cavalgada pela manhã e um almoço ao ar livre. À noite, seria servido um jantar formal com músicos, e no domingo pela manhã, reservava uma caçada no bosque próximo à propriedade da baronesa. As

damas mais corajosas poderiam se aventurar com seus maridos. As que ficassem, teriam a sala de jogos ao seu dispor.

— Estou completamente exausta só de ler o cronograma. — Joguei o folheto explicativo na cômoda, enquanto Marcos me olhava com carinho, sorrindo.

— Por que não aproveita a reunião para expor os problemas com a escravidão no Brasil? Muitas mulheres com influência estarão nesta reunião. Poderia se beneficiar.

— Talvez tenha razão.

A verdade era que a Inglaterra mantinha forte influência sobre Portugal, e quando a Inglaterra declarava apoio a Portugal, estava apoiando publicamente a escravidão no Brasil.

— Sempre que tenho a oportunidade abordo esse assunto, mas nenhuma semente é tão bem

PERIGOSAS ACHERON

plantada quanto aquelas que nascem na mente de uma esposa. Conte a elas os horrores da escravidão. Deixe que chorem, imaginando todas as crueldades que você presenciou. Não deixarão seus lordes dormirem à noite.

— É isso que faço com o senhor quando estou impressionada?

— Sim, digo que sim sem pestanejar.

Eu gargalhei, porque ele tinha razão. Muitas noites o impedira de dormir, obrigando-o a me ouvir por horas.



Naquela noite, eu usei um vestido de mangas compridas na cor azul marinho.

O fogo crepitava na lareira da biblioteca quando a baronesa me apresentou, pedindo que eu me pronunciasse primeiro. Por um instante, tive receio se seria capaz, mas logo respirei fundo,

PERIGOSAS ACHERON

ganhando confiança.

— Senhoras, é com grande prazer que retorno para Londres. Mas hoje o que tenho a dizer não é um assunto agradável, tampouco fácil de proferir. Isso porque expõe meu país, berço das minhas angústias e também das minhas maiores alegrias. Gostaria de mostrar-lhes o lado mais cruel do ser humano e, como sei que são pessoas evoluídas por terem nascido em um país de maior desenvolvimento, creio, sem dúvida, que me compreenderão. Hoje venho falar sobre homens poderosos que fazem vista grossa diante da mais terrível crueldade contra a humanidade. Não vou lhes contar sobre histórias que ouvi quando criança, mas, sim, sobre fatos que presenciei nos dois últimos anos que viajei com meu marido pelo meu país. A escravidão no Brasil ainda existe de forma cruel. Os escravos no Brasil são tratados como

objetos, recebendo castigos físicos que seus cavaleiros não ousariam aplicar em seus animais.

— Respirei fundo para conter as lágrimas ao lembrar de tudo que havia presenciado. — Os métodos de tortura são os mais variados e os motivos surgem sem aviso. Uma verdadeira vergonha para o tempo em que vivemos. Creio que as senhoras agora devem estar se perguntando o motivo que me fez abordar um problema tão distante. Quero que saibam que meu país é império de Portugal, vosso vizinho e aliado. E que, mesmo tendo declarado independência, é um monarca português que detém o poder. Quando a Inglaterra apoia Portugal, apoia indiretamente a escravidão em meu país. E para mostra-lhes a veracidade do que digo aqui nesta noite, gostaria que vissem a prova, apenas uma amostra da realidade. — Fiz um gesto para o Sr. Paulo. Ele adentrou na biblioteca e levantou a camisa, mostrando suas costas

enrugadas por tantas e incontáveis cicatrizes dos açoites.

As senhoras levavam as mãos à boca, outras tapavam os olhos com assombro. Eu agradei ao Sr. Paulo, que se retirou, mas não antes de me olhar nos olhos e sorrir agradecido.

Ele sabia que era um pequeno gesto e que poderia nunca surtir o feito esperado. Aquelas damas poderiam seguir suas vidas no dia seguinte como se aquilo não existisse de fato. Mas Paulo, com toda a sua astúcia, compreendia a importância daquela pequena tentativa. A reunião acabou sendo mais animada do que eu imaginava.

O assunto sobre a escravidão perdurou por grande parte do tempo e a baronesa deu sua opinião e questionou sobre pequenas ações que poderíamos tomar. Outros assuntos interessantes surgiram.

Logo éramos uma penca de senhoras, tão

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desprovidas de poder, discutindo fervorosamente sobre política. Ora, se o poder de uma mulher não era nada diante da sociedade, podia muito bem ser tudo quando as portas do leito se fechavam. Portanto, todas compreendiam a importância dessas reuniões. Era preciso estarmos inteiradas dos mais diversos assuntos.

Na manhã seguinte, ainda regozijando sobre a noite anterior, eu segui para o estábulo, a fim de buscar meu cavalo. Estava particularmente contente com meu vestido de montaria e pretendia testá-lo antes do passeio iniciar. Queria aproveitar para conhecer melhor meu cavalo, que havia ganhado recentemente de Marcos. Era um cavalo Árabe puro sangue treinado por Marcos ali mesmo na propriedade. Logo o cavalariaço me entregou o cavalo encilhado e, usando um tronco caído, montei no cavalo negro como a noite, maravilhada com o

PERIGOSAS ACHERON

modelo moderno do vestido que me permitia tal independência. Eu descia em direção à propriedade, pensando em um nome para ele, alisei suas crinas. Quando ergui o olhar, meu coração congelou e meu mundo, em poucos segundos, ficou de cabeça para baixo. James montava Dorotéia e vinha em minha direção.

Pensei em fugir, seguir para o bosque ou até mesmo retornar ao estábulo e desistir do passeio, mas era tarde demais.

— Isabela, como está? — ele falou em português e trazia um meio sorriso. Seus cabelos estavam compridos, caindo pelos ombros e seu rosto preenchido por uma barba loira e desleixada. Meu coração, saltando em meu peito, arrancava o ar.

— Estou bem, obrigada.

— Meus pais mandaram lembranças.

Gostariam de ter vindo, mas como a senhora deve imaginar, estão sempre ocupados com seus pacientes.

Eu não conseguia olhar em seus olhos, não poderia.

— Diga-lhes que em breve os visitarei. — Eu mantinha minha cabeça baixa, olhando apenas para Dorotéia, e minhas mãos tremiam segurando as rédeas. — Desculpe-me, Sr. Kosvoski, preciso retornar, pois meu marido me aguarda. — Sem olhar em sua direção, descí a colina galopando até a propriedade.

Marcos calçava as botas quando entrei em nosso aposento e bati a porta atrás de mim.

— O senhor o viu ontem? — perguntei.

— Sim, eu o vi. E não fique brava comigo, pois achei desnecessário estragar sua noite. Não há nada que possamos fazer, a baronesa o convidou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então serei obrigada a aceitar a presença dele durante todo o final de semana?

Marcos se aproximou entrelaçando minha cintura.

— Está vendo o porquê não contei? A senhora parecia tão feliz. Não queria estragar sua noite.

Eu tremia e, quando ele percebeu, me abraçou.

— Achei que estaria preparada para enfrentá-lo, mas não estou.

— A senhora é a mulher mais forte que conheço, vai sobreviver a um final de semana. Se quer um conselho, não existe maior vingança que a indiferença. Não deixe que ele perceba como mexe com seus sentimentos. — Eu assenti.

— Vou precisar de sua ajuda.

PERIGOSAS ACHERON

— A senhora sempre terá minha ajuda. —
Ele sorriu, carinhosamente, enquanto me beijava a testa.

Durante a cavalgada, James manteve a distância de apenas um cavalo. Marcos cavalgava ao meu lado e eu sabia que James observava e ouvia nossa conversa. Ele, entendendo sua intenção, abordou assuntos leves com palavras medidas, mas sempre demonstrando carinho e afeição, que eu fazia questão de retribuir. Em nenhum momento durante o trajeto, havia olhado para James. Por vezes, o via de relance, mas logo desviava o olhar.

Quando chegamos ao lago, descemos dos cavalos para que pudessem beber água e se recuperar para a volta. Havia uma meia dúzia de casais que cavalgaram conosco. Quando James se aproximou, decidi ir até o lago para ver como meu

cavalo estava. Permaneci lá enquanto via James conversar com Marcos. Ambos sorriam, mas eu não podia ouvir o que eles diziam. James estava incrível em sua roupa de montaria, e sua barba e cabelos descuidados davam um certo charme. Senti um frio na barriga ao lembrar de seus lábios nos meus. Virei-me para o lago meneando a cabeça, xingando a mim mesma pelo pensamento.

— Órion, o que acha de se chamar Órion? — falei com o cavalo, enquanto passava as mãos em seus pelos.

— É um belo nome para um belo animal. — Virei-me em um ímpeto para a voz de James atrás de mim.

Por um segundo olhei para Marcos, mas ele estava entretido conversando com o lorde Carlos. Naquele momento, foi a primeira vez, desde que havia saído de Londres anos atrás, que meus olhos

encontraram os James.

— Obrigada. — Eu abaixei o olhar, mas logo me lembrei dos conselhos de Marcos.

Não era eu quem deveria ter vergonha, tampouco sentir-me constrangida. Então elevei o queixo e olhei dentro de seus olhos acinzentados e sorri. Dessa vez, com indiferença.

— Onde está sua esposa, senhor Kosvoski?
— Ele pareceu confuso com a pergunta. — Gostaria de conhecê-la, ou talvez já tenha a conhecido na reunião de ontem à noite.

— Não sou casado. — Eu o olhei surpresa.

— Oh! Achei que já tivesse cansado de uma vida de aventuras e se comprometido com uma dama — falei sorrindo, em tom de acusação.

— E eu achei por um momento que havia se transformado em outra pessoa, mas vejo que a

antiga Isabela ainda está aí dentro.

— Ah, não se engane, Sr. Kosvoski. Nada em mim é como antes, inclusive meu nome, que agora é Sra. Souza. — James sorriu meneando a cabeça.

— Então se tornou como as damas de companhias da rainha Vitória?

— Não, Sr. Kosvoski, me tornei como as devotas que fazem promessas ao seu Deus e passam suas vidas inteiras sem se desviar de seu propósito. — Peguei as rédeas de Órion e caminhei na direção de Marcos, sem olhar para trás.

Ele ainda conversava com Carlos sem ter percebido minha conversa com James, o que me deixou incrédula. Mas como poderia culpá-lo? Eu já estive apaixonada e sabia exatamente a cegueira que tal sentimento causava.

Durante o almoço, James sentou-se de frente para mim. Novamente, Marcos sequer percebeu, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pois estava distraído com o primo que sentara ao seu lado. Tudo que me restava era olhar entediada para o nada. Lutava contra a vontade de olhar para James, pois sabia que ele cuidava cada movimento meu. Apenas um fim de semana, nada mais. *Eu sobreviveria.*

Após o almoço, peguei algumas cenouras na cozinha e fui até o estábulo. Órion era calmo, apesar do seu tamanho assustador. Ele cheirou as cenouras e retorceu o nariz, enquanto pegava da minha mão.

— Assim vai mimá-lo demais. — Eu dei um pulo, levando um completo susto.

— O senhor está me seguindo? — Ele sorriu.

— Na verdade, eu já estava aqui quando a senhora chegou.

Então James me mostrou uma pequena pedra pontiaguda entre seus dedos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Percebi que ele estava incomodado durante a cavalgada. As ferraduras estão gastas e a pedra o machucava.

— Eu o senti incomodado, mas achei que estava me estranhando, por isso vim trazer as cenouras. Eu ganhei ele essa semana, não tive tempo de me adaptar — eu falei enquanto dava mais uma cenoura para Órion e o acariciava.

— Ele é um cavalo manso, não há com que se preocupar. — Eu assenti.

Dei a última cenoura para o cavalo e me virei para sair, quando James segurou meu braço.

— Espere.

— Solte-me — falei entredentes. — Sou uma mulher casada, Sr. Kosvoski, não tome liberdades comigo ou vou gritar.

— Ninguém ouviria e, pelo que percebi hoje,

PERIGOSAS ACHERON

seu marido deve estar tão distraído com seus negócios que nem deve ter sentido sua falta. — Raiva percorreu minha alma.

— Mas só quero conversar. Por favor, Isa.

Puxei meu braço, me desvencilhando de suas mãos. Buscava em minha mente aquele dia em que o vi beijando Jeanette para rebater a vontade que senti de me perder em seus olhos, em sua boca novamente.

— Não há nada para ser dito que possa mudar o passado. — Ele baixou a cabeça.

— Eu sei. — Sua voz era baixa, em tom de derrota.

— Que bom que está ciente. — Virei-me e saí do estábulo, me recostando na parede de madeira pelo lado de fora. Esperava que as lágrimas parassem, então voltaria para a propriedade. *Só um fim de semana, apenas um.* Era PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o que repetia para mim mesma.

Senti a parede de madeira mover-se, quando ele se escorou pelo lado de dentro. Movi-me para sair o quanto antes, mas ouvi sua voz.

— Não vá, por favor. Fique só mais um pouco.

Eu não respondi, mas me escorei novamente. Uma batalha se travava entre meus desejos e minha razão, nem mesmo eu sabia por que havia ficado, mas permanecemos ali, calados, de costas um para o outro. Apenas uma tábua de carvalho separava tanta mágoa, desejo e decepção.

PERIGOSAS ACHERON



CAPÍTULO XVIII

*Vem trazer— vos algemas pesadas,
Com que a tribo Tupi vai gemer;
Hão de os velhos servirem de escravos
Mesmo o Piaga inda escravo há de ser!*

Gonçalves Dias

**James Kosvoski, Londres de
1886**

Eu mantinha conversas aleatórias, mas meus

olhos vigiavam constantemente a escadaria. Estava a ponto de subir e procurá-la.

O salão estava cheio. Todos os hóspedes haviam descido. Será que ela não viria? Seu marido, assim como todos os convidados, rodeavam o Marquês “sabe-se lá de onde”. Eu havia sido apresentado a ele naquela noite, mas já não lembrava seu nome, tampouco de onde era.

Meu coração disparou quando a vi descendo as escadas em um vestido verde. Ela parecia mais magra e suas feições de menina haviam sumido. Isabela havia se tornado uma mulher linda. Seus cabelos presos em um coque trabalhado no alto da cabeça a deixavam elegante, ressaltando seus olhos verdes.

Ela usava um anel ridículo no dedo, completamente exagerado, comprovando o que já havia percebido. Seu marido não a conhecia, apesar

de reconhecer que ele parecia ser um bom homem. Não tinha a menor noção da preciosidade que possuía. Uma dor cortava meu peito ao vê-la tão linda e saber que não me pertencia.

Ao receber o convite para passar o fim de semana que comemorava seu retorno a Londres, eu sabia que teria de ir. Precisava ver se havia feito a escolha correta, precisava vê-la bem e feliz. Mas também alimentava a esperança de que ela pudesse me perdoar, então a deixaria em paz.

Ela evitava me olhar e eu compreendia, estava casada. Porém, no estábulo, eu soube que ainda existia algo dentro dela, talvez um único fio, vestígios do que um dia sentiu por mim.

Eu conversava com a baronesa durante o jantar, mas meus olhos não desviavam dela por muito tempo. Ela estava tensa. Marcos falava em seu ouvido sorrindo, mas ela permanecia distante,

parecia fitar o nada. Após o jantar, todos estavam distraídos em rodas de conversa, mas Isabela, que não tocara na comida, foi até a varanda, e eu a segui, passando por ela e depositando um bilhete em sua mão.

“Encontre-me nos jardins”. Era o que o bilhete dizia. Antes que ela pudesse perceber, eu havia saído na direção do jardim. Só uma conversa, nada mais. Eu esperava no centro do jardim, em meio à escuridão, já fazia um tempo. Cada segundo que passava, a esperança de que ela viria ao meu encontro desaparecia.

Quando retornei, ela ainda permanecia na varanda e, ao me aproximar, ela sussurrou.

— A biblioteca está vazia. — Ela se virou e entrou novamente no salão.

Contei as janelas, calculando qual seria a da biblioteca e, quando achei, havia uma luz trêmula

PERIGOSAS NACIONAIS

de vela e pude vê-la sentada em uma cadeira. Bati na janela. Ela se levantou e abriu.

— Por favor, só preciso de poucos minutos. Eu prometo que não tomarei muito de seu tempo.

— Ótimo, o senhor tem alguns minutos antes que eu me vire e volte para o salão.

Sua voz era ríspida e escondia dor.

— Ele é um bom marido?

— Sim.

— Ele a ama?

— Sim, ele me ama.

— A senhora é feliz?

— Sim, James. Nós somos felizes — ela falou sorrindo, mas sua voz estava embargada.

— Então a senhora o ama? — Minha voz saiu baixa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, eu o amo. Talvez não da forma como deveria, mas eu o amo.

As lágrimas vieram e não pude controlar, me virei para sair novamente pela janela. Minha missão havia se cumprido. Eu estava certo na decisão que tomara naquele dia.

— O que esperava que eu dissesse? Por que o senhor está aqui?

— Queria apenas me certificar de que estava bem. Amanhã após a caçada, eu vou para casa, não se preocupe. — Ela se apoiou na estante e chorou. — Por favor, não chore assim. — pedi a ela, que permanecia no escuro.

Eu não conseguia ver suas lágrimas, mas escutava seu choro abafado pelas mãos.

— Só me diga por que, James? O que eu lhe fiz para que me destruísse daquela forma? — Suas palavras me feriram a alma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não sou quem a senhora pensa. Não sou uma boa pessoa. Não posso explicar, mas acredite. Eu não a faria feliz.

— O senhor a ama? Ama a Srta. Kelly?

— Não a amo, nunca amei. — Fui até ela e sequei suas lágrimas com a manga da minha camisa. Seu rosto delicado entre minhas mãos.

— Eu não queria lhe magoar, mas não sabia como afastá-la de mim. Naquela manhã, eu saí para cavalgar sem nenhum lugar em mente. Precisava pensar no que diria. Quando percebi que me seguia, fui até ela. Por favor, me perdoe, jamais quis lhe causar dor. O único motivo para ter agido daquela forma foi para protegê-la.

— Proteger? O que está falando? O senhor me destruiu, me quebrou em mil pedaços, me fez parecer uma tola. Do que acha que estava me protegendo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— De mim. — Olhei para ela uma última vez, antes de sair pela janela.

Eu não retornei para o salão, em vez disso fui até o jardim. Seu perfume havia impregnado em minha roupa, em meu nariz e em minha alma. Não se passou um só dia sem que eu lembrasse dela, sem que lembrasse do seu cheiro. Meus joelhos se dobraram e eu estava no chão. Ela era feliz, aquilo tinha que bastar.

Não dormi durante toda a noite. Seu perfume acendera todos os meus sentidos. Eu sabia que a amava desde o dia em que a tinha visto naquela trilha, coberta de sangue.

O sol ainda demoraria para raiar era uma manhã gelada. Eu me juntei aos outros cavalheiros que já vistoriavam suas armas para a caçada. Sabia que Isabela não participaria, mas Marcos já se encontrava, juntamente com seu primo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Subi com o grupo em silêncio, os cachorros farejavam a presa pelo bosque e seguíamos atrás em constante alerta. Quando os cachorros começaram a latir, corremos ao encontro, montando um cerco, deixando uma distância considerável entre cada homem.

Os cães, bem treinados, empurravam a presa para nós. O som que eles produziam era assustador, provavelmente uma família de raposas, eu preparei minha arma quando ouvi o primeiro tiro e, em seguida, um grito aterrorizante de um homem sufocando. Corri na direção do grito, a minha esquerda. Quando cheguei na clareira, vi Marcos caído no chão. O ferimento em seu rosto e pescoço, feito pela espingarda que explodira falhando o disparo, esguichava sangue. *Não podia ser.*

Tirei minha camisa, pressionando o ferimento em seu pescoço, mas ela ficou ensanguentada em

PERIGOSAS ACHERON

segundos. Eu pressionava o ferimento, minhas mãos tremiam, enquanto gritava por socorro. Não podia carregá-lo sozinho. Já havia visto muitos ferimentos em minha vida, e eu sabia que Marcos possuía um ferimento grave.

— Por favor, não se mexa. Sei que dói, mas não se mexa.

Carlos chegou e começou a chorar compulsivamente ao ver o primo caído no chão.

— Precisamos carregá-lo, chame os outros! Ele precisa sair daqui agora! — gritei para ele, o que o fez sair do choque em que se encontrava, então correu buscando ajuda.

— Ela... Ela ainda o ama. — ele falou com a voz fraca.

— Por favor, não. Ela o ama. Ela me disse isso ontem. Ela o ama, entendeu? Não ouse morrer e abandoná-la. — Ele sorriu, enquanto seus olhos

PERIGOSAS ACHERON

desvaneciam.

— Ela me ama como ama o Fabrício. Mas o senhor, ela ama...

Ele parou de falar, olhando para o nada, e todo o meu corpo congelou.

— Não, não morra, por favor. Ela precisa do senhor. — Eu ainda mantinha a ferida pressionada quando Carlos voltou com mais dois homens e um deles, ao perceber que Marcos já estava morto, me afastou do corpo.

O choro do seu primo parecia um clamor. Eu imaginei o choro dela e meu peito ardeu de dor. Tudo fora em vão, todo o meu sacrifício para que ela fosse feliz, pois o destino havia sido cruel.

Eu estava ensanguentado com o sangue do homem que deveria protegê-la. Voltava carregando o corpo do homem que ela amava, que a fazia feliz.

Quando saímos em campo aberto, carregando Marcos em quatro homens, eu a avistei de longe, sentada no gazebo do jardim. Isabela jogou o livro no chão e correu ao nosso encontro.

Ao perceber que era o corpo sem vida de seu marido que carregávamos, ela caiu de joelhos antes de nos alcançar. Minhas pernas tremiam e fraquejam, porque a dor de vê-la sofrendo acabava comigo. Ela verificou o ferimento aos prantos. Beijava-lhe a testa e me questionava o porquê tinha de ser ele.

Carlos a abraçou e o Marquês contou a ela que eu o havia achado primeiro e tentava controlar a hemorragia quando eles chegaram. Nos braços de Carlos, seu corpo magro parou de convulsionar e eu a tomei dele, levando-a para dentro da propriedade às pressas.

— Mande chamar meus pais — falei para o

criado que acudia a baronesa, que ameaçava desmaiar também.

Coloquei-a sobre uma cama no primeiro aposento que encontrei. Usei uma bacia com água que repousava sobre a cômoda para lavar um pouco do sangue que havia em mim. Verifiquei sua respiração e ela estava viva, havia apenas desmaiado. Rasguei um pedaço do lençol e molhei na água da bacia colocando o pano úmido em sua testa. Aos poucos, ela foi recobrando a consciência. Quando abriu os olhos, me vendo sem camisa e com o sangue do seu marido sobre mim, ela apertou os olhos em um choro, como alguém que volta para a realidade cruel.

— Eu sinto muito, juro que tentei.

Ela se virou para a parede, olhando para o nada. Permaneci ao seu lado, passando minha mão em seus cabelos. Isabela não disse uma única

palavra, mas o choro havia acalmado depois de um longo tempo. Minha mãe entrou no aposento com uma criada e pediu que preparassem um banho para mim.

— Como ela está?

— Teve um desmaio, mas parece melhor agora.

— Precisa tomar um banho. Eu cuido dela.

— Eu assenti.

Quando retornei, Isabela estava dormindo. Minha mãe havia lhe dado um tônico calmante que a faria dormir por longas horas. O mesmo havia sido administrado para a baronesa, que apresentava um quadro mais delicado, devido à idade avançada. O corpo de Marcos estava sendo preparado para o velório. Marcos estava em casa e seria enterrado ao lado do marido e do filho da baronesa.

Olhei para ela, parecia tão calma ali

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dormindo, longe de toda a dor que lhe aguardava. As horas se passaram e a cada vez que ela se mexia eu averiguava.

— James, como a baronesa está? — Isabela havia acordado e se virou para mim.

— Acordou há meia hora. Já está de pé, organizando a cerimônia fúnebre. Minha mãe está com ela, tentando convencê-la a deixar outra pessoa cuidar disso, mas ela insiste em fazer ela mesma.

— Preciso de água. — Eu a ajudei a sentar na cama e entreguei um copo com água a ela.

— Obrigada por tentar salvá-lo. — Eu meneei a cabeça.

— Sinto muito por não ter conseguido, o ferimento era muito grave.

— Ele sofreu muito? — As lágrimas

PERIGOSAS ACHERON

escorriam para dentro do copo que ela segurava.

— Não, ele se foi muito rápido, não conseguiu concluir a última frase que dizia. — Ela deu um suspiro profundo.

— O que ele disse, James?

— Falou que a senhora ainda me amava. — Abaixei a cabeça e minha voz saiu fraca. — Quando eu observei vocês no primeiro dia, achei que ele era um idiota, que não fazia a menor ideia sobre nós. Mas eu estava enganado. Ele falou algo sobre seu amor ser como o do Fabrício. Não compreendi, me desculpe. — Isabela me olhou e sorriu entre lágrimas.

— Ele era um grande amigo, um parceiro incrível. Não éramos perfeitos, mas eu o amava de verdade.

— Precisa ser forte agora, viva seu luto, mas não desista. — Eu sentei na beira da cama e a

PERIGOSAS ACHERON

abraçei, querendo absorver toda a sua dor.



Uma chuva fina e gelada caía naquela manhã, como se até Deus lamentasse sua partida. Isabela, vestida com seu luto, beijou a chave de prata do colar que Marcos usava quando morreu, colocando-a em cima do caixão. Como um ato de despedida, ela proferiu algumas palavras inaudíveis. Afastando-se, ela buscou abrigo nos braços da baronesa e de Carlos, que tinha os olhos vermelhos e fundos, deixando evidente seu sofrimento. Eu me virei e me afastei devagar. Isabela estava entre amigos.



CAPÍTULO XIX

“E tu dormes, ó Piaga divino!

E Anhangá te proíbe sonhar!

E tu dormes, ó Piaga, e não sabes,

E não podes augúrios cantar? ”

Gonçalves Dias

**Isabela Gonçalves, Londres de
1887**

Carlos permaneceu comigo durante o

primeiro mês de luto, então partiu para o Brasil. O advogado de Marcos me deixou a par de todas as suas vontades.

A casa do Brasil ficou para Carlos, mas a empresa e todo o resto dos seus bens ficaram para mim como herança.

Havia uma carta direcionada a mim e, nela, Marcos pedia-me para cuidar da baronesa e tocar a empresa e seus negócios. Havia também uma declaração linda para mim, como uma despedida em um documento que ele sabia que só seria entregue caso não estivesse mais presente neste mundo. Um arrepio percorreu meu corpo, como se ele soubesse que algo aconteceria. Marcos sempre fora um homem organizado e prevenido, por isso sua atitude não me causou espanto.

Os últimos meses foram terríveis de suportar, o luto era evidente e constante para mim e para a

baronesa.

Eu havia feito uma proposta para Simon após James mencionar que seus negócios não iam bem. Ofereci a ele uma parcela dos lucros para que se tornasse meu administrador e sócio, juntando sua frota à minha. Simon possuía o conhecimento necessário e eu poderia me dedicar ao luto sem preocupações. Assim eu poderia cuidar da baronesa, que trazia em seu semblante uma profunda tristeza.

Após seis meses da passagem do ano novo, senti a necessidade de voltar ao trabalho e, sem muitas expectativas, convidei a baronesa para me acompanhar em uma viagem. Para a minha surpresa, ela prontamente aceitou.

Havíamos nos aproximado durante meses de luto e uma viagem seria uma boa distração para ambas. Simon partiria em uma viagem para

Portugal. Havia uma instabilidade com nossos fornecedores devido à notícia da morte de Marcos.

Passaríamos meses visitando os principais fornecedores e clientes, assegurando-os de que os contratos pré-estabelecidos seriam cumpridos. Simon já havia selecionado uma tripulação, porém, a notícia de nossa presença causou um pequeno contratempo.

— Meus homens não viajarão com uma mulher a bordo — falou o capitão.

— Na verdade, irão duas mulheres — falei para o capitão, e a pequena equipe contratada para o trabalho braçal se agitava, ameaçando desistir da viagem.

— Quando atravessei o Atlântico com senhora Isabela, enfrentamos uma tormenta. Se não fosse ela conduzir o Veloz, não teríamos sobrevivido — Simon falou, e a baronesa, que

PERIGOSAS NACIONAIS

observava a reunião calada, me olhou com espanto. Eu dei de ombros.

— Provavelmente a tormenta veio por conta da presença de uma mulher! — Um homem gritou, e eu revirei os olhos.

— Muitos aqui me conhecem, sabem que velejo desde menino e que nunca perdemos uma única embarcação, isso porque carregamos um amuleto em nossas viagens. Posso trazer o sino do Veloz. Estariam seguros, eu garanto.

Segurei-me para não gargalhar com o apelo de Simon, mas os homens cochichavam entre si, considerando o que fora dito. Os homens seriam necessários, pois aproveitaríamos a viagem de volta para trazer uma carga. Era a primeira vez que navegaria em um cargueiro e, seja lá o que esse sino significasse para eles, funcionou.

Os homens cederam, aceitando nossa

PERIGOSAS ACHERON

presença. Um a um subiram na embarcação, beijando o pequeno sino nas mãos de Simon. É claro que eu e a baronesa tivemos que beijar o talismã também, mas fomos as primeiras a fazer isso. Simon então o pendurou no alto do mastro principal.

— Não lembro deste sino no Veloz — falei baixinho para Simon.

— Shhhh, eu acabei de comprar, não foi fácil achar um sino antigo — gargalhei e me assustei com o som da minha risada. Já fazia tempo que não sorria.

As coisas pareciam melhores, o sino tilintava no alto do mastro conforme o mover dos ventos e das águas. Uma esperança por dias melhores enchia meu coração. Houve um momento em que achei que não conseguiria, mas a presença da baronesa me deu forças. Ela havia perdido o filho, o marido

e depois perdera Marcos. Mas ainda se mantinha em pé e disposta para a vida. Arriscava-se em uma viagem, dizendo que o pouco tempo que lhe restava e viveria suas aventuras.

Dividíamos a mesma cabine e, nas noites de calma, compartilhávamos a cabine externa de Simon, jogando cartas e bebendo vinho. Muitas noites voltávamos para nossa cabine completamente alegres pela bebida.

— A noite está linda, não é mesmo? — A baronesa se entrelaçou em meu braço.

— Sim, é uma noite linda. — Eu suspirei, agradecida pela calma que silenciava o sino barulhento que ressoava noite e dia.

— Vai conseguir, querida. Ele terá orgulho ao vê-la lá de cima tocar essa empresa. Sei que não tivemos tempo para falar sobre isso, mas quero que saiba que eu sabia sobre seus gostos — ela falou

PERIGOSAS NACIONAIS

olhando para as águas espelhadas que refletiam a lua.

— Não imaginava que a senhora sabia sobre isso. — Ela sibilou.

— Ele não fazia ideia, mas não sou tola. Antes mesmo de se casarem, eu já havia percebido. Fiquei apreensiva com esse casamento, mas não importa como conseguiram fazer dar certo. Quando os vi junto, soube que se amavam e senti muito orgulho de você, menina. — Ela acariciou minha mão, que segurava na borda da proa.

— Ele me contou antes de nos casarmos, propondo um casamento de conveniência. Na época, eu não tinha muitas escolhas, mas ele me garantiu uma relação embasada na amizade e confiança. Era mais do que eu poderia esperar. Porém, nunca compartilhou minha cama e, quando fez isso, era apenas como amigo.

PERIGOSAS ACHERON

— Essa é a parte que mais lamento. Eu poderia ter um netinho agora. — Eu sorri. — Mas você é jovem e ainda pode se casar novamente. Se quer um conselho, aproveite sua condição de viúva e experimente os prazeres antes de se casar, para não ter que viver como uma freira para sempre.

— Não acredito que estou ouvindo isso da senhora! — Eu sorri surpresa.

— Ora, menina. Não desperdice sua juventude, basta ser discreta.

— No momento, quero me focar nos negócios e usufruir da liberdade que conheci com Marcos. Eu preciso deste tempo para curar as feridas antigas e as novas que surgiram.

Ela concordou, sorrindo carinhosamente.

— Então vamos viver uma aventura a cada dia. Se permitir que esta velha lhe acompanhe, usarei toda a influência de meu título para ajudar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não é muita coisa, mas conheço pessoas importantes.

— Será um prazer tê-la sempre comigo.

Na manhã seguinte, eu acordei com o sino tilintando com o agito do mar. Uma dor no ventre subia das minhas entranhas, deixando meu estômago enjoado. Minhas regras haviam chegado e uma indisposição me fez desejar permanecer na cama por mais tempo. Cada vez que me encolhia com dor, buscando dormir, o sino tinha como um castigo insuportável. A baronesa não se encontrava na cabine, e tudo que eu desejava era que aquele sino me deixasse em paz. Minha cabeça latejava, mas tudo que eu ouvia era aquele maldito amuleto falso ressoar.

Em um ímpeto, fui até o convés. Subi naquele mastro tão rápido e, arrancando o sino, o lancei ao mar. Foi quando os clamores

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desesperados dos homens começaram. Desci do mastro tão rápido quanto havia subido. Simon, percebendo o alvoroço, se pôs em minha frente, controlando a fúria dos homens, que recaía contra mim.

— Estamos perdidos — um falou, lamentando profundamente.

— Vamos todos morrer — disse o outro com as mãos na cabeça.

Em segundos, eu estava rodeada de homens furiosos que ameaçavam me lançar ao mar. A baronesa se colocou na minha frente, tentando me proteger, e Simon, com os braços em posição de luta, ameaçava a todos que tentavam se aproximar. Um rompante de pavor e arrependimento surgiu em mim. Eu precisava fazer algo para mudar aquela realidade ou eu e a baronesa acabaríamos no fundo do oceano.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu pai é um pirata, se me tocarem um só dedo, serão amaldiçoados — gritei o mais alto que pude.

Os homens se entreolharam incrédulos, decidindo se acreditavam ou não no que eu dizia.

— Ela fala a verdade, sou prova do que diz — Simon falou convicto. — Acham que ela teria conseguido conduzir o Veloz em uma das maiores tormentas que já vi se não fosse?

Os homens cochichavam entre si, me avaliando. Os marinheiros de Simon estavam formando um cerco ao meu redor, tentando me proteger dos carregadores.

— E por que não falou antes de quem era filha? — gritou um dos homens.

— Porque senti vergonha de expor minha mãe ao ridículo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Prove que tem sangue pirata! — gritou outro. Eu meneei a cabeça.

— Não possuo provas — falei para Simon baixinho.

— Está dizendo que é mesmo filha de um pirata? — ele sussurrou sem tirar os olhos dos homens.

— Sim, mas ele está morto, não me deixou nada que lhe representasse. As únicas moedas de ouro que possuía, ele pediu para minha mãe colocar sobre seus olhos quando a vida lhe deixasse o corpo.

Simon se virou para mim assustado.

— Do que ele morreu?

— De varíola.

— Quais foram suas ordens para o ritual com seu corpo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que isso importa agora? — eu falei baixo, desejando minhas facas.

— Diga, quais foram suas ordens?

— Pedi para que colocasse moedas de ouro sobre seus olhos e queimassem seu corpo. Pedi para que ela jogasse suas cinzas ao mar e cantasse uma canção.

— A senhora conhece a canção? — Os homens pareciam impacientes e ameaçavam invadir o cerco.

— Sim, ela cantava para eu dormir quando era criança.

— Cante a canção. — Um dos homens investiu em minha direção e Simon o chutou, derrubando-o de bunda. — Agora! — ele gritou para mim.

“Pegue sua espada e erga aos céus.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fique na batalha, que logo findará.

Fique, meu amigo, não corra do destino.

A moeda do barqueiro jamais lhe faltará.

Os que fogem morrem cansados.

Mas o guerreiro, ainda que despedaçado, sua espada não largará.

Fique, meu irmão, a escuridão é passageira.

O fogo do seu barco, o caminho iluminará.

Levante sua espada, oh, guerreiro amigo.

E fique para a batalha, que Valhalla logo o terá.”

Quando terminei a canção, os homens me olharam assustados e largaram suas armas improvisadas, um após o outro.

— Deu certo — falei para Simon sem entender coisa alguma.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tem mais alguma coisa que devo saber sobre a senhora? Por gentileza, me conte agora. — Eu encolhi o ombro e Simon gargalhou.

Por algum motivo que eu não conhecia, os homens, que há pouco queriam me lançar ao mar, vieram me cumprimentar. Alguns pegaram em meus cabelos que, àquela altura, devia estar horrível. Foi só então que eu percebi que vestia apenas uma camisola.

— Por que jogou o maldito sino no mar? — Simon me perguntou e eu me encolhi.

Todos pararam de falar para ouvir minhas justificativas.

— Porque eu estava com dor de cabeça e aquele inferno não parava de soar “Tilibim, Tilibim Tilibim”.

Todos riram como se o objeto não tivesse a menor importância.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A senhora é descendente dos piratas do Norte, menina. Não sei como não percebemos isso antes. Que outra mulher subiria no mastro apenas de camisola? — Um homem robusto falou, e todos voltaram a rir.

A baronesa se aproximou, segurando minha mão.

— Você é o talismã desta viagem agora — ela sussurrou. — Venha, precisa se trocar.

Naquela noite, nos reunimos no convés. Eu lhes contei o que sabia sobre meu pai e eles me contaram histórias sobre um povo antigo, que provavelmente eu descendia. Também mencionaram os piratas descendentes desse povo, que viviam como nômades no mar. Saqueavam cidades litorâneas e eram temidos por onde passavam. Senti uma pontada de decepção ao imaginar um pai mais cruel do que eu havia tido.

PERIGOSAS ACHERON

Ainda assim, foi divertido ouvir todas as lendas.

Os homens cantavam canções e contavam histórias sobre suas amadas, que os aguardavam em algum lugar do mundo.

Os dias que decorreram foram agradáveis e não houve mais conflitos, tampouco o sino foi mencionado novamente. A não ser por Simon, que me apelidou de “Tilibim”.



— Está distraída hoje. É sua vez — Simon falou sem paciência.

— Desculpem-me. — Eu peguei uma carta do monte, mas descartei em seguida.

— Simon tem razão querida, está distraída.
— A baronesa falou preocupada.

— Está tudo bem, apenas senti vontade de voltar a pintar.

Os dois pareciam animados com a notícia.

— Isso é ótimo. Podemos comprar tintas quando chegarmos em Londres. — Eu assenti.

Nossa primeira viagem juntas chegava ao fim e foi proveitosa em todos os sentidos. Apesar do susto que levamos, os negócios pareciam ir bem. A presença da baronesa fez toda a diferença. Simon administraria de Londres, uma vez que as viagens seriam esporádicas.

Não havia voltado para casa desde o dia em que Marcos morrera. Apenas levei Janete, Aline e Paulo comigo para a casa da baronesa, eu não a deixaria sozinha. Voltei a pintar e usava o gazebo do jardim como estúdio ao ar livre, o que me inspirava muitíssimo.

Simon prestava conta nos levando os relatórios uma vez a cada quinze dias e a baronesa os lia atentamente, procurando ocupação. Eu, por

outro lado, buscava paz em meu luto.

Pintava o que sentia vontade. Nos piores dias, lembrava de Marcos ou de James. Nos melhores, nenhum deles me vinha à mente e eu apenas curtia o dia ao ar livre.

Simon pareceu trêmulo e impaciente na última vez que o vi. Ele fazia um trabalho excepcional com os negócios, elevando o lucro a cada relatório que trazia. Porém eu sabia que algo estava lhe afligindo.

Eu pedi que preparassem a carruagem, pois visitaria Simon e o deixaria à vontade para falar caso desejasse compartilhar. Afinal, quando eu mais precisei, ele largou tudo para assumir as minhas responsabilidades. Aquela era uma atitude que só amigos possuíam.

Quando bati na porta da sala particular de Simon, quase cai para trás ao me deparar com

PERIGOSAS ACHERON

James abrindo a porta. O escritório era uma sala no centro de Londres, que eu havia alugado para Simon trabalhar. James me encarou por um instante, tão surpreso quanto eu.

Ele ainda mantinha seus cabelos compridos e sua barba estava mais cheia. Lutei para acalmar meu coração, que havia disparado assim que coloquei os olhos nele.

— Entre senhora Isabela, eu já estava de saída. — Ele olhou para Simon, que parecia agitado. Então pegou sua capa, se preparando para sair assim que eu entrasse.

— Sr. Kosvoski, poderia aguardar por um instante? Preciso falar com Simon, mas prometo não demorar. — Ele assentiu

— Vou aguardá-la aqui fora. — Eu sorri, agradecendo, então fechei a porta atrás de mim.

— O senhor está com algum problema? —
PERIGOSAS ACHERON

perguntei para Simon.

— Por quê? Encontrou algum erro no último relatório?

— Oh não! Seu trabalho tem sido perfeito.

Ele me olhava como quem buscava uma justificativa para a minha pergunta.

— Tenho o percebido inquieto e, como tem sido um bom amigo, gostaria de dizer que estou aqui caso precise conversar.

— Obrigado, mas eu estou bem. — Apesar da sua afirmativa, seus olhos estavam vermelhos, como se tivesse chorado ou passado noites sem dormir. — Apenas está chegando o aniversário de morte do meu pai. Eu acabo ficando um pouco mexido.

— Ah, então é isto. Sinto muito, Sr. Simon. James comentou uma vez que eram muito

PERIGOSAS NACIONAIS

chegados. — Ele assentiu. — Se precisar de algo que eu possa fazer, basta me dizer. — Ele sorriu.

— Tilibim. Eu sei que vocês se gostam. — Ele gesticulou com a cabeça para a porta de onde James saíra. — Por que não ficam juntos? — Eu sorri sem jeito.

— É mais complicado do que o senhor imagina.

Saí do escritório e James me aguardava próximo à carruagem.

— A senhora vem com frequência aqui?

— Na verdade, esta é a primeira vez que venho desde que montamos este escritório. Simon leva os relatórios para a casa da baronesa. Estou morando com ela.

— Eu soube. A senhora parece bem. — Ele sorriu. — Até voltou a pintar. — James me olhava

PERIGOSAS ACHERON

sério.

— Como o senhor sabe que voltei a pintar?

Ele se aproximou e virou meu braço, havia um risco de tinta verde próximo ao cotovelo.

— Oh, eu estava pintando antes de vir. — falei envergonhada.

James gargalhou e meu coração congelou. Há muito tempo não ouvia o som do seu sorriso. Se James era um homem bonito quando estava serio, era irresistível sorrindo e flertando com seus biquinhos atrevidos.

— Eu gostaria de lhe agradecer de forma apropriada por tudo que fez por Marcos. Eu e a baronesa gostaríamos que aceitasse jantar conosco. — Ele me olhou por um momento, parecia surpreso.

— Seria uma honra. É só me avisar o dia que

irei.

Eu sorri agradecida. Se não podíamos ficar juntos, poderíamos tentar ser amigos. Antes que eu pudesse entrar na carruagem, ele me chamou.

— A senhora e Simon...

— Não —eu o interrompi. — Simon é apenas um amigo.

— Desculpe-me, sei que isso não é da minha conta. Simon é um bom homem e até poderia dar certo. Eu lamento, não quero me intrometer.

Uma pontada de raiva percorreu minha espinha.

— Nunca considereei Simon dessa forma, mas prometo pensar no assunto. — Eu sorri descarada. Mas antes que pudesse subir na carruagem, James me pegou pelo braço.

— Por favor, não faça isso Isabela. — Sua

voz era arrastada.

— E por que não? O senhor mesmo acabou de dizer que Simon é um bom homem. Já me empurrou para um casamento antes, talvez seja sábio seguir seus conselhos. — Olhei para ele com raiva.

— Porque Simon é meu amigo. Eu não suportaria. — Me virei para ele, chegando bem perto.

— Então pare de fingir indiferença, pare de fingir que não sente nada por mim. —Aproximei-me mais um passo e meu vestido tocou seu quadril. — Porque mesmo daqui, ouço seu coração bater acelerado. — Aproximei-me um pouco mais, chegando em seu ouvido, sem me importar com o fato de estarmos na calçada, e sussurrei. — Porque vejo seu nariz se dilatar respirando meu perfume e sua boca tremer com a força que faz para se conter,

desejando a minha nesse instante.

James não se moveu, nem retrucou minhas provocações. Eu me afastei e sorri para ele, entrando na carruagem satisfeita por ter lhe tirado a paz.

— Mandarei um bilhete marcando o jantar.



Eu pintava no gazebo quando Simon chegou com os documentos.

— Não consigo pegá-los sem que os suje completamente de tinta. — Eu sorri para ele.

— Não se preocupe, eu levarei até a baronesa.

— O senhor parece feliz nesta manhã.

— E estou. — Ele sorriu.

— Gostaria que considerasse uma viagem para a Escócia até o final do mês. Estamos tendo

problemas com o fornecedor.

Eu o analisei e ele parecia melhor. As olheiras haviam sumido.

— Organize a viagem. Vou ver se a baronesa se dispõe a uma viagem rápida. — Ele sorriu assentindo.

— Os carregadores ficarão felizes se o novo talismã deles resolver ir junto. — Simon gargalhou com escárnio.

— Posso ser uma bastarda, mas ainda tenho sangue de pirata nas veias. Já aquele seu sino ridículo em que eles depositaram tanta fé, era tão falso que fiquei impressionada por terem acreditado. — Simon se retirou sorrindo e eu voltei a pintar.



O dia do jantar com James havia chegado. Convidamos Simon e os pais de James que, para

PERIGOSAS ACHERON

minha surpresa, compareceram. Eu usava um vestido vermelho, em parte, porque marcava o fim do luto, mas também porque sabia que James gostava da cor e estava disposta a provocá-lo.

— Vocês duas parecem muito bem — a Sra. Kosvoski falou enquanto segurava a minha mão.

— Estamos viajando bastante com Simon e vivendo grandes aventuras. — a baronesa falou sorrindo.

— Isso é ótimo. Uma viagem pode animar muito — o Sr. Kosvoski falou.

James não abriu a boca e, por vários momentos, trocamos olhares durante o jantar. Simon contava a eles como os homens gostavam de nossa presença, mas sem revelar o verdadeiro motivo. Os risos e as conversas paralelas pareciam distantes, enquanto eu e James nos olhávamos em silêncio, como se possuíssemos nossa própria

linguagem.

Após o jantar, todos se reuniram na biblioteca, mas eu decidi caminhar. A noite estava cheia de estrelas e a presença de James me perturbava consideravelmente. Sentei no gazebo, admirando as estrelas entre as treliças. A lua alta no céu ilumina a noite.

— Quando a senhora partiu para o Brasil, eu olhava para o cinturão de Órion imaginando que deveria estar olhando para ele também. — James entrou no gazebo e sentou-se ao meu lado.

— Quando voltei para o Brasil, evitava olhar para as estrelas. Elas me lembravam de uma época que eu desejava esquecer.

— Eu sinto muito por feri-la daquela forma.

— O que passou, passou. Não temos como mudar. — Ele assentiu.

— Eu pensei sobre o que me disse no último dia que nos vimos. A senhora tem razão. Eu finjo ser indiferente. Mas a verdade é que eu nunca a esqueci, porém temo as perguntas que deve ter em mente sobre mim.

— Se não quer que eu pergunte, basta me falar e eu não perguntarei. Se não podemos ficar juntos, por Deus, só ele sabe seus motivos. Mas não finja que não sente nada por mim, poderíamos ser amigos. — Ele meneou a cabeça enquanto segurava a minha mão.

— Acha que conseguiríamos ser apenas amigos?

— Já fomos um dia, não? — Ele assentiu.

— Mas isso foi antes de eu sentir o gosto dos seus lábios. — Ele afastou uma mecha de cabelo que caía sobre meu rosto. — Foi antes de sentir o sabor e o perfume da sua pele. — Ele se aproximou,

colocando sua testa na minha.

Seu hálito quente e sua respiração pesada me tiravam o juízo, eu o queria bem ali, embaixo das estrelas. Eu o beijei com todas as minhas forças, porque nunca o deixara de amar e, com um impulso, ele me puxou para o seu colo e minhas pernas o entrelaçaram, enquanto eu buscava a sua língua.

— Não podemos. — Ele se desvencilhou do beijo. — Desculpe-me, eu não deveria ter feito isso.

Coloquei as mãos sobre seus ombros e olhei em seus olhos, onde a luz da lua refletia. Apesar de suas palavras, seu corpo dizia o contrário. Eu o podia sentir excitado sob minhas coxas.

— Não estou lhe pedindo um amanhã, muito menos que se case comigo. Só quero este momento para guardar para sempre, eu o quero aqui, agora.

— Eu não posso, não seria certo. — ele

PERIGOSAS ACHERON

sussurrou entre beijos. — Não me pergunte. — Ele passou minha perna para o lado, me segurando ainda em seu colo.

Eu podia sentir seu desejo e, mesmo sem compreender seus motivos, não me afastei. Nos beijamos e sentimos tudo que podíamos sentir um do outro, dentro do limite que James mantinha. Mas sobre uma coisa ele não tinha controle, o desejo que sentíamos um pelo outro.



Partiríamos para a Escócia naquela semana. James havia pedido para ir junto, a fim de atender seus interesses.

Depois da noite em que jantamos, tínhamos nos vistos durante a ópera no camarote da baronesa, mas havíamos trocado apenas olhares e poucas palavras. A verdade é que ansiava pela viagem, assim passaria dias em sua presença.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



CAPÍTULO XX

*Fugireis procurando um asilo,
Triste asilo por ínvio sertão;
Anhangá de prazer há de rir-se.
Vendo os vossos quão poucos serão.*

Gonçalves Dias

**James Kosvoski, Londres de
1887**

Os últimos dias do verão deixavam a

PERIGOSAS NACIONAIS

temperatura agradável. Há duas horas havíamos zarpado do cais. Isabela estava na proa com a baronesa. Ao que tudo indicava, estavam bem ambientadas devido às constantes viagens que faziam. A amizade entre Isabela e Simon tinha se estreitado, o que me causava uma pontada de inveja. Mas estava disposto a aproveitar a estadia no mesmo barco que ela, ainda que só para alimentar meu egoísmo.

Após o jantar ser servido, Simon me chamou para sua cabine externa. Para minha surpresa, todos os homens subiam à proa. Marinheiros e carregadores reunidos em uma grande roda. Isabela e a baronesa se encontravam de forma tão natural, parecia algo cotidiano. Alguns homens portavam instrumentos e logo a música começou. Cantaram uma canção sobre um guerreiro e Isabela cantava junto, completamente emocionada com o embalo

PERIGOSAS ACHERON

da música. A baronesa segurava sua mão e os homens as tratavam com respeito. Quase como se a admirassem. Simon sorriu ao ver meu espanto diante da cena. Eu havia perdido alguns anos de sua vida, ela não era mais a menina que eu conhecera.

Simon me convidou para a roda, deixando o timão com um marinheiro, e a música seguinte era animada. Todos bebiam, dançavam e conversavam entre risadas, mas nem mesmo o mais asqueroso homem lhe faltava com respeito. Isabela dançava entre eles e bebia de suas bebidas sem qualquer cerimônia. Às vezes, olhava para mim e sorria, estendendo-me a garrafa de vinho, de onde ela bebericava pequenos goles.

Simon tirou a baronesa para dançar e o capitão sentou-se ao meu lado, oferecendo-me uísque.

— Dizem que sou o capitão deles, mas se o

lenço dela caísse no mar, me deixariam morrer para resgatá-lo. — O capitão sorriu, apontando para Isabela.

— Parece que ela causa isso nos homens. — Eu ergui o copo, agradecendo a bebida.

— Mas é do senhor que ela gosta. — Ele fez uma careta após tomar um gole longo demais.

— E como o senhor poderia saber?

— Não é o meu rosto que ela vive pintando naquelas malditas telas — ele gargalhou. — No dia em que ela o pinta, sempre bebe além da conta e passa o dia seguinte na cama. Vi ela enfrentar a cada um desses homens e ganhar o respeito deles. Nem sempre foi assim. — Ele apontou para onde dançavam animados. — O senhor deve ser um homem um tanto difícil, para que uma mulher como ela sofra tanto desejando o que não tem.

Olhei para ela pulando ao som da gaita de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fole, com os braços entrelaçados em um homem corpulento que dançava com uma leveza invejável.

Após todos estarem cansados de dançar, sentaram-se para contar histórias. Isabela se retirou com a baronesa, acompanhando-a até a cabine. Mas após acomodá-la, voltou ao convés lateral, se recostando na extremidade do barco, olhando para a escuridão a sua frente. Fui até ela e fiquei ao seu lado.

— As noites são sempre animadas assim? —
Ela sorriu para mim.

— São sim, algumas mais do que essa.

— Eles a respeitam.

— Porque subi no mastro só de camisola. —
Eu estreitei os olhos sem entender.

— É uma longa história.

— A senhora não cansa de me surpreender.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Espero que isso seja uma coisa boa.

— Nada que venha da senhora poderia ser ruim.

— Às vezes o senhor me subestima. — Ela se virou para a entrada de sua cabine e começou a se afastar.

— Por favor, não vá. — Isabela olhou sobre o ombro.

— Então me impeça de ir.

Quando dei por mim, a tinha em meus braços, comprimindo seu corpo contra a parede da cabine e aprofundando o beijo. Afastei-me de sua boca, mantendo minha testa colada na dela, respirando seu ar.

— O senhor me deixa confusa. — ela sussurrou.

— Por favor não pergunte, não vai gostar das

PERIGOSAS ACHERON

respostas, acredite em mim.

— Como pode ter tanta certeza? — ela perguntou como um gemido no meu ouvido.

Eu a soltei, me virando para a escuridão.

— Porque nem mesmo eu aceito. Está tarde, nos vemos amanhã. — Sai em direção da minha cabine sem olhar para trás.

As noites seguintes foram como a primeira. Todos pareciam se divertir, até mesmo a baronesa dançava, voltando para sua cabine apenas quando as histórias começavam. Jogávamos carta durante o dia. Eu montava dupla com a baronesa e Isabela com Simon. Fazíamos as refeições juntos, mas, à noite, eu me reservava a observar.

Era a última noite da viagem. Logo pela manhã, estaríamos em Londres. Todos pareciam mais animados. O contrato com o fornecedor de Isabela havia se mantido e os homens

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

comemoravam pelo trabalho garantido. Eu também havia obtido êxito nas minhas negociações na Escócia e, embora não houvesse mais tocado em Isabela, o clima entre nós era de amizade. Eu estava sentado na proa bebendo uísque, enquanto todos dançavam.

Isabela estava linda, com um vestido branco. Ela havia deixado os cabelos soltos, apenas uma trança em cada lateral da cabeça fora presa. Ela rodopiava com o embalo da música, entrelaçando o braço e girando em quem lhe tirava para dançar.

Quando a música agitada foi trocada por uma melodia melancólica, ela buscou Simon para a dança. Os homens abriram espaço para eles e Simon a conduzia em uma dança que eu nunca havia visto. Ambos estavam perto demais, as mãos de Simon seguravam na cintura dela, que por sua vez repousava os braços no ombro dele, apoiando a

PERIGOSAS ACHERON

cabeça no seu braço. Uma dança íntima demais para dois amigos. Minha vontade era de arrancar ele de cima dela e jogá-lo no mar. Meu corpo todo tremia quando senti uma mão sobre meu ombro.

— Eles são apenas amigos. Simon nunca olhou para ela da forma como o senhor está imaginando. — A baronesa sentou-se ao meu lado. — Creio que ela também não.

— Não é um tanto inapropriada esta dança?
— falei entredentes.

— Quem vai julgá-los? O senhor?

Engoli em seco, porque eu seria a última pessoa digna a julgar alguém. Então abaixei a cabeça.

— Não. Não posso julgá-la.

— Ótimo, porque não é do seu julgamento que ela precisa. — Ela sorriu para mim.

— Não há nada que eu tenha de bom para dar a ela — falei com sinceridade. A baronesa me encarou por um instante.

— Não me leve a mal, sou boa em julgar o caráter das pessoas e meus anos de vida não servem apenas para trazerem rugas, meu rapaz. Por favor, não se ofenda, mas sei muito bem quem o senhor é. Seus olhos são reveladores para uma mente treinada como a minha. — Ela sorriu e eu a olhei curioso. — Já a perdeu uma vez para meu afilhado e, se bancar o covarde novamente, vai perdê-la de novo. Não para Simon, o coitado tem a mente tão perturbada que é incapaz de sentir alguma coisa. Mas o senhor ainda tem jeito. Foi bem-criado e, quando se recusa a ficar com ela, sacrificando seus sentimentos, temendo unicamente por ela, me deixa entender que é o senhor mesmo seu maior rival, como alguém que carrega dentro de si outra pessoa,

PERIGOSAS NACIONAIS

que luta constantemente para sair.

Um arrepio percorreu meu corpo.

— Se sabe o que eu sou, então compreende por que tenho que me afastar dela.

Ela sibilou gesticulando com a mão com descaso.

— Crianças... não sabem de nada — ela gargalhou. — Esta doce menina aí — apontou para Isabela — Enfrentou esses mesmos homens que hoje dançaram com ela. Subiu neste mastro só de camisola e arrancou o talismã deles e o jogou ao mar, só porque estava com dor de cabeça. Não se engane com sua aparente fragilidade. Isabela tem sangue forte em suas veias.

— O que quer dizer com isso?

— Ah, meu jovem. Certas coisas não cabem a mim lhe contar, mas pergunte a ela sobre a

PERIGOSAS ACHERON

canção que viu tocar sua alma todas as noites nessa viagem. Quem sabe vocês revelem seus segredos tolos um para o outro e parem de se esfregar na porta da minha cabine. Casem-se de uma vez, e me deem uma porção de ruivos para infernizar meus últimos dias.

A baronesa se levantou do banco com toda a classe que sua posição social lhe exigia e caminhou para a cabine, pois a música havia cessado. Mas, antes de se afastar demais, se virou sobre o ombro para me olhar.

— Tenho pena é do senhor, caso um dia tente machucá-la. — Ela abriu um sorriso e seguiu seu caminho.

Olhei para todos sentados em uma roda. As histórias haviam começado e Isabela prestava atenção a cada relato revelado, sorrindo entre um gole e outro numa garrafa de uísque, como se a

bebida fosse água.

Simon contou sobre a noite em que enfrentamos a tormenta, enfatizando como Isabela saíra de sua cabine em meio às investidas das ondas e segurara o timão do Veloz, enquanto desenrolávamos a vela presa.

Quando pediram que ela contasse algo, ela lhes prometeu uma história aterrorizante que a envergonhara muito. Contou-lhes sobre a história dos lobos que ouvira de mim e que, em um dia de tempestade, teve de se abrigar no chalé do antigo dono dos lobos, por dois dias. Temendo constantemente que os lobos aparecessem, deixou-se impressionar. E naquela noite que retornou para casa, enquanto dormia, sonhou com o lobo branco da história. Mas ele andava sobre duas patas e era feio como um lobisomem. O lobo entrou em seu quarto e pegou seu filho do berço, que no sonho ela

PERIGOSAS NACIONAIS

possuía. O lobo estraçalhou a criança em sua frente e, quando ela acordou, a casa inteira estava acordada diante da porta do seu quarto, e minha mãe tentava acordá-la.

Ela ainda falava sobre as desculpas que teve de pedir a todos, mas sua voz já estava distante, porque eu havia me retirado, indo o mais longe dali, sentindo falta de ar. Não fora com seu agressor que ela sonhara naquela noite, mas com a maldita história que eu havia lhe contado. Então as palavras da baronesa ressoaram na minha mente. *É o senhor mesmo seu maior rival.*

Eu estava na popa da embarcação. As risadas estavam distantes. Sentei no chão com a cabeça entre os joelhos e chorei me amaldiçoando.

— Por que está chorando? — Ela ainda estava com a garrafa na mão e sua voz estava arrastada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Uma resposta por outra — sugeri e ela aceitou. — Estou chorando porque lamento profundamente tê-la afastado de mim por todos esses anos. — Ela me olhou surpresa e se sentou ao meu lado, me entregando a bebida.

— Sua vez.

— Por que chorou todas as vezes que cantaram aquela canção?

Isabela sorriu pesarosa e, então, me contou toda a sua história. Eu a aninhei em meus braços, enquanto ela revelava cada detalhe.

Quanto mais ela contava sua história, mais eu compreendia os conselhos da baronesa. Era como um sonho tê-la tão perto de mim. Havia mais do que desejos e feridas abertas entre nós. Como se nossos corações batessem no mesmo ritmo, esperando que todo o resto entrasse na mesma harmonia.

PERIGOSAS ACHERON

Já não ouvíamos mais barulhos de conversas ou risadas. As horas já deviam ter se estendido pela madrugada, mas nenhum de nós dois queria sair dali.

— Quero trocar outra pergunta. —Ela me olhou sorrindo e eu fiquei um tenso.

— Tem coisas que ainda não estou preparado para contar.

— O senhor não é obrigado a responder, mas eu gostaria de saber a verdade. — Eu assenti. — O senhor e a Srta. Kelly ainda estão juntos? — Eu me remexi inquieto, sem saber se deveria responder ou não.

— Creio que a senhora ainda não tenha percebido, mas a Srta. Kelly e eu nunca estivemos juntos de fato. Nossa relação não é firmada com um compromisso, é apenas algo físico e nada mais. Se quer saber se eu ainda a vejo de vez em quando e se

me deito em sua cama, a resposta é sim.

Isabela se afastou um pouco, mantendo o olhar na escuridão da noite.

— Não consigo compreender. Eu lhe fiz a mesma oferta aquele dia no gazebo, mas o senhor a recusou.

— Porque é diferente. — Peguei sua mão, que repousava sobre o vestido, e a beijei. — Recusar a senhora naquele dia foi muito difícil. Estar nesse barco tão perto da senhora sem poder tocá-la, também não tem sido fácil.

— Quando entrei neste barco para começar essa viagem, tinha a intenção de me aproximar do senhor como uma amiga. Se não podemos ficar juntos, então poderíamos ser amigos. Mas percebi que o senhor tem razão, já passamos desse ponto e não tem como voltar atrás. O senhor me recusou como esposa no passado, me recusa como amante e

PERIGOSAS NACIONAIS

não nos cabe mais uma amizade. Ainda assim, há no mínimo desejo entre nós, então me diga James, o que nos resta?

— Essa viagem esclareceu muitas coisas que eu não sabia, não posso prometer, mas gostaria de tentar com calma.

— O senhor percebe como me deixa confusa? Eu sinto que me deseja, mas não quer me tocar. Sinto que me ama, mas não quer ficar comigo. O senhor fala em tentar, mas é na cama dela que se deita, mesmo sabendo que o desejo na minha. Eu fico imaginando mil coisas que poderia ser. Uma doença ou alguma condição que o envergonhe. Mas por que se deita tão facilmente na cama de outra? Porque deposita confiança nela, mas me repele? — Ela retirou sua mão da minha. — Estou cansada, James, de esperar que me conte o que contou a ela. Estou cansada de esperar que

PERIGOSAS ACHERON

confie em mim. Eu sei que existe algo muito grave que o afasta, mas se o senhor não tentar, vamos viver para sempre separados sem saber se teria dado certo.

— Eu sei que precisa de respostas e prometo que vou tentar. Na primeira vez em que nos beijamos, eu já a amava. Meu erro foi achar que poderia viver ao seu lado sem que soubesse da verdade. Imaginar a senhora descobrindo e sofrendo por minha causa foi o que me fez afastá-la.

— Use o tempo que precisar, mas quero que saiba que não vou esperá-lo para sempre. E enquanto estiver deitando na cama de outra, iludindo outra, não me procure. — Isabela se levantou, mas eu a segurei pela mão.

— Isa, não estou iludindo ninguém.

— Isto é ela quem deveria me responder. —

Eu meneei a cabeça.

— A Srta. Kelly é uma prostituta, só deito em sua cama se pagar. — Isabela me olhou com espanto.

— Mas o senhor me apresentou ela como sua...

— Eu menti.

— Por quê?

— Como teria reagido se soubesse que ela era a prostituta que me aceitava em sua cama?

— Acha mesmo que deixar uma prostituta, ou melhor, duas prostitutas sentarem em nossa mesa publicamente e me ofenderem de todas as formas possíveis é melhor do que me deixar saber sobre sua lascívia?

— Perdoe-me.

— Perdoá-lo? É só isso que vai dizer? — Eu

PERIGOSAS NACIONAIS

dei de ombros, erguendo as mãos como se não soubesse o que mais poderia fazer.

— A senhora fica incrivelmente linda quando está brava. — Arrisquei um sorriso e ela grunhiu, me atirando seus sapatos. Antes que ela terminasse de se virar, eu já estava em pé a segurando pelo braço.

— Por favor, fique mais um pouco.

— E por que eu deveria ficar?

— Porque eu ainda tenho uma pergunta.

Ela grunhiu novamente, tentando me empurrar para longe, mas eu a beijei até que ela se acalmasse em meus braços. Peguei-a no colo levando para um lugar na popa onde era impossível sermos vistos, e a coloquei deitada em uma parte mais elevada.

— Por favor, me perdoe. — Dei um beijo em

PERIGOSAS ACHERON

sua orelha. — Eu fui um idiota e um grande covarde. — Beijeí seu pescoço. — Prometo sob a pena de minha vida que jamais permitiria tal coisa novamente. — Beijeí seu ombro à mostra. Isabela se contorcia enquanto eu percorria sua pele com minha boca.

Tomei sua boca novamente com um beijo, colocando meu corpo contra o dela. Minha mão deslizou sobre sua pele, percorrendo atrás de sua perna por baixo de suas saias. Eu sorri em sua boca ao perceber que seu corpo correspondia ao meu toque, projetando o quadril contra mim. — Eu parei, me afastando um pouco.

— Esse pedido de desculpas foi melhor? — Sorri.

— James, por favor, não pare — ela sussurrou.

— Eu a quero Isabela, mas não aqui dessa

PERIGOSAS ACHERON

forma. Existem coisas que ainda preciso resolver. É melhor entrarmos a baronesa pode estar acordada e preocupada. — Esqueci completamente da baronesa. — Ela levou a mão à boca.

Nos despedimos no cais, eu havia lhe pedido um tempo, precisava resolver tudo com Jeanette. Estava decidido a lhe contar tudo sobre mim.



CAPÍTULO XXI

Vossos Deuses, ó Piaga, conjura,

Susta as iras do fero Anhangá.

Manitôs já fugiram da Taba,

Ó desgraça! ó ruína! ó Tupá!

Gonçalves Dias

**Isabela Gonçalves, Londres de
1887**

Nos preparávamos para as festas de fim de
PERIGOSAS ACHERON

ano. Os Kosvoski seriam nossos hóspedes durante as festividades. Os pais de James haviam diminuído o ritmo de trabalho consideravelmente.

Eu não tinha mais visto James desde a última viagem, mas nos comunicávamos por cartas. O Sr. Paulo sempre sorria ao entregá-las, e eu o olhava com os olhos apertados. Por mais que elas chegassem intactas, o sorriso branco do homem me dizia o quanto se divertia lendo nossos pesares.

Eu também aguardava ansiosa pela resposta das cartas que enviava aos meus pais. Alimentava a esperança de que já estivessem em um navio a caminho de Londres e que chegassem a tempo do meu aniversário. O frio havia chegado com tudo naquele inverno, mas eu sempre tirava um tempo para levar cenouras a Órion, que permanecia no estábulo recluso por conta do frio.

— A sinhá mima demais este cavalo. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Janete falava sorrindo ao me ver pegar algumas cenouras na cozinha.

— A senhora gosta dele tanto quanto eu. Pensa que não sei que leva cenouras para ele quando estou viajando? — Eu a abracei, dando-lhe um beijo. — Acha que eles virão?

— Já viu seu pai deixar de comparecer em algum lugar onde não precisasse gastar um tostão? — Eu sorri.

— Tem razão, já devem estar a caminho. Só assim poderão matar a saudade de sua comida.

Janete já conseguia se comunicar, mas teve muita dificuldade, e Srta. Aline foi de grande ajuda.

Eu já havia revisado os relatórios de Simon e me sentia ansiosa com a possível presença de minha família e de James nas festividades. Apesar do frio lá fora ser desanimador, visitaria Órion, pois precisava de distração.

PERIGOSAS ACHERON

Naquela noite fui despertada por Aline, que batia na porta do meu aposento.

— Senhorinha, Simon está lá embaixo pedindo para vê-la.

— Já amanheceu? — Eu me sentia confusa.

— Não, mas ele acordou os criados e não parece muito bem.

— Avise a ele que descerei assim que me recompor.

Simon me aguardava no escritório com a cabeça entre as pernas, encolhido em uma poltrona.

— O que aconteceu? O senhor está bem? — Ele me olhou com os olhos vermelhos e marejados.

— A senhora disse que eu poderia conversar, me desculpe pelo horário, mas não me sinto bem, Tilibim.

— O senhor está doente? — Coloquei minhas

PERIGOSAS NACIONAIS

mãos sobre sua testa, buscando por febre, mas não havia sinal de doença, a não ser por sua aparência abatida.

— Apenas minha cabeça dói e me sinto confuso. Há dias que não durmo.

— O que está lhe perturbando, Simon? Sinto que há tempos algo vem lhe incomodando. —Ele assentiu.

— O mar é minha casa, esta cidade é podre. Às vezes me sinto tão perdido, Tilibim. —Eu o abracei.

— O senhor tem amigos com quem pode contar, não espere chegar a este ponto para desabafar. Se não se sente confortável em falar comigo sobre o que lhe aflige, procure James.

— Perdoe-me, não queria assustá-la, tampouco incomodá-la a esta hora.

PERIGOSAS ACHERON

— Não incomoda de forma alguma. Fico feliz em poder retribuir um pouco do que já fez por mim. O que acha de jogarmos cartas e bebermos até que o dia amanheça? — Ele sorriu condescendente.

— Sabe, Tilibim. As mulheres deveriam ser todas como a senhora. — Eu sorri.

Estaria Simon sofrendo por amor? Apesar de nunca ter o visto comentar sobre alguém, Simon era um homem atraente, bem articulado e possuía um sobrenome conhecido, que fora construído com muito trabalho por seu pai. Sem mencionar seus bens. Podia facilmente estar cortejando alguém ou vivendo um amor platônico como o meu. Eu voltei com uma garrafa de uísque e as cartas. Ele sorriu para mim.

— Espero deveras que sua sorte no amor seja melhor do que a minha. Mas garanto que esta

combinação afasta qualquer tristeza. — Eu balancei a bebida e o jogo.

— A senhora e James ainda vão se entender, acredite. — Ele sorriu. — Nem que para isto eu tenha que dar uns murros nele. — Eu gargalhei.

— Por vezes eu mesma gostaria de esmurralo. — Peguei um carvão da lareira que estava afastado do fogo.

— Como estamos em dois, são poucos jogos que podemos jogar. Entre os possíveis, o que exige o carvão é o mais engraçado. — Eu estreitei os olhos para ele de forma ardilosa e ele sorriu.

Em poucos minutos, estávamos rindo um do outro com o rosto pintado de carvão, pois o jogo castigava o perdedor da partida com uma mancha encarvoadada. Sendo assim, revelava no final o verdadeiro perdedor da batalha. Quando nos cansamos dos jogos, deitamos no chão para lados

PERIGOSAS NACIONAIS

opostos, deixando nossas cabeças próximas, e olhávamos para o teto, intercalando nossa conversa com a bebida.

— O senhor sabe por que James sempre se afasta de mim? — Simon sibilou.

— Conheço James melhor do que ele mesmo. Ele só precisa aceitar as coisas que não podem ser mudadas, no mais, ele tem o que precisa. Se eu tivesse uma conexão como a que vocês têm, jamais perderia tempo com besteiras.

— Parece que todos os homens que conheço são bem resolvidos, mas fui me apaixonar justamente pelo que prefere confiar em uma prostituta do que em mim.

Simon se apoiou no cotovelo para me olhar surpreso.

— Sabe sobre Jeanette?

PERIGOSAS ACHERON

Desta vez a surpresa despontou em mim.

— O senhor a conhece?

— Infelizmente. — Ele voltou a se deitar.

— Também é cliente dela?

— Céus, não! Jamais dormiria com uma prostituta. — Eu ergui as sobrancelhas surpresa com sua declaração, pois era muito comum tal coisa para homens solteiros.

— Ao que parece, o senhor tem mais juízo que seu amigo.

— Não se entristeça com isto, Tilibim. James a ama, vai acabar percebendo seu erro e irá tomar as rédeas de sua vida.

— Só espero que não seja tarde demais — falei com sinceridade.

— Por que diz isso? Está se afeiçoando a outra pessoa? — Ele ficou novamente de lado para

me olhar.

— Oh, não. Mas não passarei minha vida inteira esperando por ele. — Eu franzi a testa ao me imaginar uma velha, solitária e sem filhos.

— A senhora ainda é muito jovem.

— Estou prestes a completar vinte anos. — Eu suspirei. — Eu o amo desde os dezesseis. Não quero morrer sem ter experimentado como é estar com um homem.

Assim que proferi as palavras, eu percebi o que havia dito. Mas era tarde demais. Simon se sentou em um ímpeto.

— O que quer dizer com isso?

Eu me sentei também, porque precisaria me explicar. Eu buscava por uma mentira, mas nada vinha a minha mente.

— Merda, maldita bebida. — Eu sorri

envergonhada.

— Agora é a parte que a senhora se explica. Vamos, estou aguardando, não somos amigos?

— É complicado Simon, não por mim. Mas essa história envolve a reputação de outra pessoa — falei com a voz pesarosa.

— Sim, tendo em vista que foi casada e que fui informado de que a havia sido estuprada antes disso. — Eu me encolhi, segurando meus joelhos.

— Tem que me prometer que nunca contará a ninguém. — Ele assentiu. — Naquela tarde que fui mergulhar, havia levado uma faca nas minhas pernas, como sempre fazia quando ia sozinha até o local. Quando o homem me atacou, antes que conseguisse consumir o estupro, eu enfiei a faca em sua barriga.

— Por que não falou isso para sua família? Por que deixou que todos acreditassem que havia PERIGOSAS ACHERON

sido desonrada?

— Meu pai me venderia no dia seguinte como punição por minha desobediência. Assim, ele acreditando que eu havia sido desonrada, a notícia iria se espalhar e ele não conseguiria me casar. Eu teria tempo para juntar dinheiro e fugir.

— A senhora preferiu arruinar sua reputação para fugir de um casamento arranjado?

— Na época, casamento não fazia parte dos meus planos. Eu estava juntando dinheiro para comprar uma pequena propriedade em Laguna. Eu sabia caçar e pescar, teria uma vida simples, mas feliz. E depois, o homem havia me batido tanto, que eu perdi a consciência. Meu corpo todo doía. Quando eu acordei, não tinha certeza se ele havia conseguido me violentar. Somente quando fui levada ao banho que constatei que não havia sido tocada. Eu estava com muita raiva do meu pai e

acabei ficando quieta. Ainda havia o medo de tê-lo matado, eu já era considerada uma bruxa. Imagina se descobrissem que havia matado um homem?

— E seu marido? Foram casados por um ano.

— Essa é a história mais complicada. — Eu bebi um gole grande da bebida e fiz uma careta ao senti-la descer queimando. — O senhor compreende como isso pode ser perigoso?

— Sim, se seu casamento não foi consumado, ele pode ser anulado e a senhora pode perder todos os seus bens. — Eu sibilei.

— Não é com os bens que me preocupo, Simon. É com minha liberdade. Com a reputação de Marcos. Seu sobrenome seria jogado na lama. A baronesa sofreria retaliações. Meu pai voltaria a ter minha guarda. — Um arrepio subiu por minha espinha só por imaginar.

— Tem toda razão, mas não compreendo. Por

PERIGOSAS ACHERON

que ele nunca a tocou?

— Marcos me fez uma proposta de um casamento de aparências. Ele não sentia atração por mulheres, mas precisava de uma esposa. — Simon ergueu as sobrancelhas.

— Como pôde aceitar isso? — Dei de ombros.

— Melhor do que viver sozinha em uma choupana, não acha? No início, foi pensando assim que aceitei. Mas com o passar do tempo, nos tornamos grandes amigos. Eu o amava de verdade, não como o amor de marido e mulher, mas como um irmão. E ele me amou da mesma forma.

— Mas a senhora estaria condenada a viver sem conhecer os prazeres que tanto deseja. — Ele sorriu com deboche, me cutucando. Minhas bochechas ficaram vermelhas.

— Na verdade, não. Marcos me incentivava a

PERIGOSAS ACHERON

ter um amante. Mas eu nunca tive interesse.

— Precisa contar isso para James, ele precisa saber.

— Por quê? — Olhei para Simon compreendendo. — James não quis ficar comigo porque pensou que eu havia sido desonrada? — Simon meneou a cabeça.

— James nunca desistiria por isso. Eu, por outro lado, jamais me casaria com alguém desonrada. Mas agora que sei que ainda é virgem, pode me incluir em sua lista de pretendentes. — Eu lhe atirei uma almofada, e ele gargalhou. — Estou brincando, Tilibim. — Simon me beijou a testa. — Seu segredo estará bem guardado, mas acredito que deve contar tudo a James, assim que tiver chance. — Eu assenti.

— Foi bom falar com a senhora.

— Venha mais vezes, mas na próxima espere
PERIGOSAS ACHERON

o dia amanhecer. — Eu sorri.

— Vou considerar seu pedido.

O dia já trazia a claridade do nascer do sol quando Simon partiu. Eu estava completamente exausta, mas foi libertador contar a verdade para Simon. Porém, revelar tudo a James me deixava insegura. Ele não aceitava me tocar, descobrindo a verdade sobre mim, só pioraria nossa situação.

Eu acabara de me vestir para o almoço. Havia dormido toda a manhã e Srta. Aline estava terminando de trançar meus cabelos quando ouvi batidas na porta.

— Entre. —Sr. Paulo abriu a porta do meu aposento.

— Senhora, o moço veio dizer que o navio já aportou e sua família aguarda no cais. —Eu sorri colocando a mão ao peito.

— Sr. Paulo, se apresse com a carruagem e vá pessoalmente buscá-los. — O homem já se posicionava para sair quando acrescentei. — Quero que sirva meu pai nos dias em que estiver aqui. Não mencione que sabe ler e fique de olho em qualquer correspondência que ele enviar ou receber. Quero estar a par de tudo. — Ele abriu um sorriso largo para mim.

— Sim, senhora. Seu pai não dará um único passo sem que a senhora seja informada. — Com uma reverência, ele se retirou. Eu podia não ter segredos, mas meu pai carregava uma porção deles.

Eu sabia que não viria tão longe sem algum plano em mente. Não importava o que planejava. Enquanto estivesse em Londres, monitoraria seus passos. Afinal, não havia treinado Paulo tão bem apenas para bisbilhotar minha privacidade.

Eu aguardava a carruagem na porta da frente,

ansiosa para revê-los, mas imensa foi minha surpresa ao ver Sandro descendo da carruagem primeiro. Eu havia enviado convite a todos, mas nem cheguei a considerar a presença dele. Fabrício trazia Isaque nos braços e ajudou Daniela a descer. Logo depois ajudou mamãe e, por último, o pai desceu observando tudo ao seu redor.

Depois de muito mimar Isaque e apresentar toda a minha família para a baronesa, nos sentamos para almoçar. Minha mãe, juntamente com Daniela, relatou sobre a longa viagem. As dificuldades que enfrentaram e todas as coisas que as haviam impressionado. O pai olhava atento a tudo, tentando esconder o deslumbre.

— Vendeu a empresa? — Meu pai enfim abriu a boca.

— Não. Abri uma sociedade e meu sócio cuida dos negócios. O senhor conhece ele, é o Sr.

Simon Moore.

— Os clientes aceitam que uma mulher controle os negócios? — Ele estreitou os olhos para mim, mas foi a baronesa quem respondeu.

— Não só aceitam, como os lucros duplicaram sob o comando de Isabela. Simon tem contribuído muitíssimo com sua experiência e sua frota. Mas viram em sua filha uma jovem forte. Os fornecedores pouco se importam com o sexo do indivíduo, querem é pagamento em dia. — Ela segurou minha mão, que repousava sobre a mesa, e sorriu carinhosa para mim.

— A senhora tem sido de grande ajuda, sua influência é notória. — Olhei para meu pai e sorri. — A baronesa me acompanhou em todas as viagens que fizemos para visitar nossos fornecedores e clientes, após a morte do Marcos. Não perdemos um único contrato. — Ela fez um

gesto de descaso com a mão.

— Sou só uma velha rabugenta, não diminuam os méritos de vocês.

Por mais que meu pai lutasse para não se demonstrar surpreso, eu sabia que se remoía por dentro. Afinal, eu havia me tornado tudo o que ele sempre dizia que eu nunca seria.

Fabrício estava admirado com o português fluente da baronesa. Ele dividia sua atenção entre ela e Isaque, que estava sentado em uma cadeira ao seu lado. O menino trazia o mesmo temperamento do pai e a curiosidade de Daniela.

Sandro, por sua vez, que havia viajado sem a esposa, não poupou palavras para elogiar a propriedade, chamando-a de mansão. Fiquei pensando qual seria seu deslumbre ao conhecer a verdadeira mansão que a baronesa possuía em Liverpool.



Meu aniversário havia chegado, a agitação dos criados no dia anterior, me fez deduzir que a baronesa me aprontava uma surpresa. Levantei bem cedo, a manhã estava gelada, porém, mais amena que os dias anteriores. Eu estava decidida a cavalgar e, assim, deixaria o caminho livre, fingindo não perceber os preparativos e ânimos exaltados pela cozinha.

Quando me aproximava do estábulo, vi que Sandro montava Órion e vinha galopando em minha direção. Um ímpeto de raiva percorreu minha espinha ao vê-lo espetar as esporas para que Órion ganhasse velocidade.

— O que está fazendo? — Ele se aproximou, reduzindo a velocidade.

— Cavalgando, não está vendo?

— Este é meu cavalo. — Não compreendia o

PERIGOSAS NACIONAIS

fato do cavaliário ter dado Órion a ele. Mais tarde teríamos uma conversa.

— Não tem seu nome nele e depois, são todos iguais, você pode pegar outro.

Eu percebi o sangue escorrendo em sua lateral onde havia sido espetado pelas esporas.

— Saia agora do meu cavalo. Você o machucou — falei entredentes.

— É só um cavalo, Isabela. Está acostumado a levar esporadas.

— Não, Sandro. Não está. Este é um cavalo treinado a obedecer aos comandos e não esporadas. — Ele gargalhou, me deixando mais furiosa. — Por favor, desça. Ele foi o último presente dado a mim por meu marido, não quero que o monte. O estábulo está cheio, pegue outro cavalo. — Órion me olhava com as narinas dilatadas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Deixe de ser infantil, Isabela. Não vou matá-lo, estou apenas montando.

— Se não sair, Sandro, eu juro que vou mandá-lo te derrubar. — Ele sorriu com escárnio. Com apenas um gesto de mão, Órion se ergueu nas patas traseiras, jogando Sandro ao chão. Olhei para ele caído. Havia ódio em seu olhar.

— Não diga que não avisei. — Peguei as rédeas de Órion e caminhei com ele até os estábulos.

O cavaleiro explicou que quando chegou pela manhã, Órion já não estava no estábulo e ele imaginou que era eu quem o montava. Deixei Órion aos seus cuidados e lhe alertei que ninguém além de mim deveria montá-lo. Meus planos de passar a manhã cavalgando acabavam de ser frustrados. Encontrei Sandro no gazebo ao retornar.

— Não posso ficar aqui também?

PERIGOSAS ACHERON

— Não estou aqui para brigar. Só gostaria que soubesse que todos os cavalos da propriedade são animais de raça pura e treinados a comandos. Não há necessidade do uso de esporas. Se quiser, posso lhe ensinar. — Ele parecia chateado e não olhava para mim.

— E como eu poderia saber? Nem ao menos sabia que ele era seu. — Ele deu de ombros.

— É por isso que estou aqui. — Eu sorri para ele.

— Poderia ter me deixado aleijado.

— Eu sinto muito, mas você também às vezes é relutante. Pedi três vezes para descer. — Ele engoliu em seco.

— Não quero brigar, ainda mais no seu aniversário. Você está diferente. Antes precisávamos repreendê-la o tempo todo por sua falta de postura, agora somos repreendidos por

PERIGOSAS ACHERON

você.

— As coisas mudaram, Sandro. Eu precisei amadurecer rápido demais com tantas responsabilidades que carrego. As coisas aqui estão à frente do tempo. Sei que faz pouco que chegou, mas logo vai perceber. — Ele assentiu.

— Desculpa, não queria machucá-lo.

— Quer ver como funciona? — Ele assentiu.

Escolhi uma égua mansa, com os pelos vermelhos. Ela não estava encilhada e, quando abri a baia, Sandro ficou relutante. Com apenas um toque, a égua me seguiu calmamente. Então fiz o mesmo gesto de antes e ela se pôs em duas patas. Sandro sorriu admirado.

— Monte-a — falei para ele.

— No pelo?

— Sim, pode montá-la.

Ele parecia um pouco relutante, mas subiu na baia e montou. Eu abri a porta do estábulo, mas ela permaneceu onde estava.

— Se der um pequeno toque com os pés na barriga, ela vai andar. Pode controlar a direção com pequenos toques na lateral do pescoço.

Ele levou a égua para fora, guiando apenas com comandos, e pude ver sua admiração. Após uma volta completa, eles retornaram calmamente. Pus-me na frente da égua e fiz um gesto para baixo, então, a égua se abaixou, dobrando os joelhos com as patas dianteiras, e Sandro pôde descer sem esforço. Voltamos para o estábulo e ela nos seguiu, entrando na baia sem qualquer percalço.

— Estou impressionado. Quem ensinou a ela os comandos? — Uma pontada de dor percorreu meu corpo.

— Marcos amava cavalos. Ele quem mandou

treinar todos e me ensinou.

— Eu sinto muito por sua perda. Feliz aniversário, Isa. — Ele me abraçou meio desajeitado e percebi que nunca havia me abraçado antes, ao menos eu não lembrava.

— Por que sua esposa não veio? — Pude ver um lampejo de ódio em seu olhar.

— É complicado. — Ele ficou em silêncio por um momento. — Se eu soubesse que os cavalos obedeciam assim, não teria usado a espora. — Ele mudou o rumo da conversa, e eu entendi que aquele assunto era nosso limite.

— Agora você sabe. — Eu sorri.

— Qual é o comando para galoparem?

Caminhamos de volta ao gazebo, enquanto eu lhe falava sobre todos os comandos que os cavalos obedeciam. Estava feliz por finalmente quebrar

uma barreira de gelo que sempre existira entre nós. Samuel e Sandro sempre foram muito unidos, assim como eu e Fabrício. Porém, nunca permitiram nossa aproximação. Naquele momento, pude considerar que dávamos um grande passo.

Após o almoço, a baronesa anunciou que iríamos à ópera para comemorar meu aniversário.

Mais tarde, vesti meu melhor vestido e fomos em duas carruagens. Daniela pediu para que minha mãe fechasse as janelas da carruagem, a fim de não pegar um resfriado, pois o frio era intenso. Mamãe contava-me sobre as novidades no Brasil durante o trajeto.

Quando a carruagem parou, era James quem me estendia a mão para descer, e só então percebi que não estávamos em frente ao teatro. Estávamos na propriedade dos Kosvoski. James beijou minha mão, desejando-me feliz aniversário. Ele havia

feito a barba, mas mantivera os cabelos compridos. Depois ajudou Daniela, mamãe e a baronesa a descenderem da carruagem. Meu pai já abraçava o Sr. Kosvoski e Fabrício vinha ao encontro de James.

A casa estava decorada de forma requintada e possuía o mesmo ar aconchegante que me traziam boas lembranças.

O jantar foi uma grande surpresa, mas não pude deixar de observar Simon encarando meu pai. Ele parecia inquieto, seu comportamento era sutil, mas eu sabia que ele ainda não estava bem.

Após o jantar, nos reunimos na grande biblioteca. Eu havia sentido muitas saudades daquele lugar, mesmo na casa da baronesa, não havia uma biblioteca como aquela.

Daniela aproveitou a distração de todos e começou a virar a posição de alguns livros. Eu sorri, sentindo-me em casa. Podia apostar que, em

menos de uma semana, organizaria a gigantesca estante do seu jeito. James e Fabrício não se largaram um único momento e a baronesa conversava com Sandro.

Olhando nossas famílias reunidas, uma alegria cresceu em meu coração. Era, com toda certeza, um bom aniversário. Quando chegamos em casa, a baronesa me pediu que a acompanhasse até seu aposento.

— James me pediu para que entregasse a você, achou melhor não dar na frente de todos. — Ela me entregou uma pequena caixa de madeira decorada com arabescos dourados. Ao abri-la, havia uma miniatura de uma mulher que segurava um sino em sua mão erguida para o alto.

Do lado da mulher havia um dispositivo para dar corda e, quando eu o acionei, a melodia encheu meus olhos com lágrimas.

Era a minha música. Sorri para a caixa de música, eu sabia que precisava compartilhar aquilo com mais alguém. No dia seguinte, mandei uma carta a Simon, pedindo que me avisasse assim que o cargueiro retornasse para Londres, e o instruí sobre como deveria proceder.

Um dia antes da véspera de Natal, eu ajudava a baronesa com a organização das festividades e, ao perceber onde ela pretendia instalar James, a questioneei.

— Ora, todos pensam que vocês são como irmãos, ninguém vai achar estranho.

— Meu pai vai achar estranho. Há vários aposentos nessa casa. Acha mesmo que ele não vai se perguntar o motivo de ele ter sido acomodado ao lado dos meus aposentos? —Ela sibilou.

— Seu pai está preocupado com seus bens e não com quem anda dormindo. — Eu revirei os

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos.

— Já disse que não estou dormindo com ninguém.

— Acha que não sei? Esse foi o motivo pelo qual coloquei ele ao seu lado. — Ela sorriu para mim, enquanto conferia a cortina do aposento onde os pais de James ficariam.

— As coisas são mais complicadas do que parecem entre nós dois.

— Sim, eu compreendo. As crianças sempre complicam tudo. Por isso preciso intervir. Se alguém me questionar, mando quebrar as janelas dos aposentos restantes. Não se preocupe. — Ela seguiu para conferir as roupas de cama.

— Sinto informar que suas tentativas serão frustradas. James não invadirá meu aposento à noite.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então invada o dele, coloque aquela sua camisola de renda indiana. Os homens nunca resistem à renda indiana. Só lamento por não ter dois aposentos interligados nessa ala. — Ela sorriu para mim e foi conferir a sala de banho.

Era certo que não a venceria com argumentos. Tudo que me restava era enfrentar a vergonha que sentiria de James. Ainda mais depois da proposta indecente que lhe fizera, e que fora recusada. De certo, pensaria que eu é quem escolhera a posição dos aposentos.

PERIGOSAS ACHERON



CAPÍTULO XXII

Ah! que eu não morra sem provar, ao menos

Sequer por um instante, nesta vida

Amor igual ao meu!

*Dá, Senhor Deus, que eu sobre a terra
encontre*

Um anjo, uma mulher, uma obra tua,

Que sinta o meu sentir;

Gonçalves Dias

James Kosvoski, Londres de

1887

Fomos recebidos na propriedade da baronesa para as semanas de festividades de fim de ano. Eu estava particularmente feliz, por ter meus pais por perto. Não conseguia lembrar da última vez que estiveram com tanto tempo livre.

Era um inverno rigoroso; apesar de não ter nevado ainda, fazia muito frio. O clima acabou dificultando todas as minhas tentativas de encontrar Isabela sozinha, uma vez que todos se reuniram na biblioteca para passar a tarde que antecedia o dia de Natal.

— E você, meu amigo, quando vai se casar?
— Fabrício me questionou com tapinhas nas costas.
— Não acha que já está velho o bastante? Está na hora de constituir uma família. — Eu sorri para ele.

— Eu mesma pergunto a ele todos os dias. —
Minha mãe se aproximou, chamando a atenção de todos.

Percebi que seria o objeto de especulações. Isabela, que estava sentada com um livro nas mãos, ergueu o olhar.

— Posso arrumar uma boa esposa. Há uma porção de damas bem-nascidas no Brasil, que adorariam se mudar para Londres — retrucou o Sr. Gonçalves.

— Agradeço a preocupação de todos, mas não será necessário. Eu mesmo encontrarei uma esposa quando chegar a hora. — Sorri um pouco incomodado.

— Deixem de besteira, um jovem tão bonito como ele já deve ter uma pretendente em vista — falou a baronesa, enquanto bebericava do chá. Todos olharam para ela, como se ela soubesse de

algo que ninguém mais sabia.

Por um instante, pude ver Isabela se encolher atrás do livro. Até mesmo meu pai olhava para a baronesa, curioso. Ela apenas deu de ombro.

— Cavalheiros, antes que resolvam abrir uma disputa para ver quem me arranjará a melhor esposa, gostaria de convidá-los para a sala de jogos. — Não era minha intenção sair da biblioteca, mas a conversa estava tomando um rumo perigoso.

Simon, Fabrício e Sandro resolveram me seguir e passamos o restante da tarde aproveitando o belo cômodo. Durante o jantar, me sentei de frente para Isabela, trocamos olhares disfarçados, mas a verdade é que sentia falta dos seus beijos.

Após o jantar, nos reunimos na sala principal, onde havia a maior parte da decoração natalina. Isabela reclamou de uma dor de cabeça, pedindo desculpas a todos, pois iria se retirar mais cedo.

Tive que me segurar para não ir atrás dela e verificar se estava bem, mas não seria prudente. Mantínhamos conversas sobre os negócios, enquanto minha mãe falava com a Sra. Gonçalves sobre medicina.

— James, querido. Gostaria de lhe pedir um favor. Eu acabei esquecendo um dos presentes no aposento ao lado do seu. Minha cabeça já não está mais como era antes. — A baronesa falou com pesar. — O senhor poderia ir buscá-lo para mim?

Eu não compreendi. A casa estava repleta de criados, que se entreolharam surpresos com o pedido feito a mim. Mas se tratando da baronesa, era melhor não questionar.

Abri a porta do aposento e me deparei com Isabela apenas de camisola, sentada diante da penteadeira, desmanchando seu penteado.

— James! O que faz aqui?

— Desculpe-me. Não sabia que este era seu aposento. A baronesa me pediu que viesse aqui buscar um presente. — Isabela meneou a cabeça e eu sorri, percebendo o que acabara de acontecer.

— Ela está passando dos limites. Primeiro colocou o senhor em um aposento ao lado do meu, sem se importar com a presença da minha família, e agora isso? — Eu sorri.

— Parece que temos um cupido. — Isabela revirou os olhos.

— Desça e avise a ela que não encontrou o presente.

— Está me expulsando? — Eu estreitei os olhos.

— Foi o senhor quem disse precisar de tempo. — Sua voz saiu baixa.

— Sinto sua falta, Isabela. — Ela se virou

para a janela, sua camisola ficava transparente quando ia de encontro à claridade da lareira.

— Eu também sinto a sua falta, mas se ainda não estiver pronto para falar toda a verdade, por favor, saia. — Eu assenti e fui até a porta.

— Não estou, sinto muito. — Fechei a porta atrás de mim, mas me mantive recostado. Pude sentir quando Isabela fez o mesmo pelo lado de dentro. Então um choro abafado despontou por trás da porta. Abri a porta, tomando-a em meus braços. — Perdoe-me, por favor, não quero que sofra, mas não sei como lidar com isso. Estou tão perdido. Não consigo enxergar uma forma em que não saia magoada.

— Por favor, James. Esta é uma decisão que eu preciso tomar. Tudo que eu lhe peço é que confie em mim e me diga a verdade — ela me falou entre lágrimas e eu acariciei seus cabelos

apertando-a contra o peito.

— Não lhe pedi este tempo porque preciso ser convencido do que devo fazer ou para aprender a confiar na senhora. O tempo existe com uma data estipulada para se findar. Ele terá seu fim, Isa, só preciso que confie em mim e tenha um pouco de paciência. — Ela afastou a cabeça do meu peito para me olhar.

— Não compreendo. — Eu engoli em seco.

— Existe um contrato firmado em documento válido com Jeanette, quando esse contrato expirar, no dia seguinte venho até a senhora e contarei toda a verdade. Eu prometo que nem um dia a mais vai precisar esperar. — Ela parecia confusa. — Então, neste dia, eu lhe contarei tudo, se a senhora ainda me quiser. — Eu dei de ombro e ela assentiu.

— Falta muito para isso ter um fim?

— Um ano completo. — Isabela suspirou.

Naquela noite, eu não saí de seus aposentos. Deitamos na cama juntos. Isabela pôs sua cabeça sobre meu peito e eu acaricie seus cabelos até que adormecesse. Quando acordei naquela manhã, Isabela ainda dormia em meu ombro. Sua perna estava sobre o meu quadril, completamente à mostra. Eu descí minha mão sobre suas costas indo um pouco abaixo de sua cintura. Há muito que Isabela possuía meu coração, mas contemplá-la ali, seminua, me fazia desejar que nossos corpos se tornassem um só. Eu beijei seus olhos de leve, depois seu nariz, e ela despertou.

— James? — ela sussurrou e eu sorri.

— A senhora é ainda mais linda dormindo.

Ela se espreguiçou curvando o corpo, a alça da camisola caindo do ombro. A boca avermelhada pelo frio, os seios fartos quase revelados. Inclinei-me sobre ela e a beijei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Parece que está se divertindo, me torturando — sussurrei.

— Esse é meu único objetivo. — Ela sorriu.

— Acho que perdemos o desjejum. — Beije a covinha em seu queixo.

— Oh, meu Deus, James, precisa sair dos meus aposentos agora! — Ela se levantou em um ímpeto, me empurrando para fora, fechando a porta atrás de mim.

Eu estava sem camisa, mas a porta abriu-se novamente só para eu ver minha camisa e meus sapatos sendo lançados para fora. Eu gargalhei e voltei aos meus aposentos, a fim de me arrumar.

Não sei exatamente o que mudou para Isabela, mas saber sobre a data deixou-a feliz. Naquela noite de Natal, durante a ceia, Isabela radiava elegância. Ela sorria para todos com um ótimo humor e conferia os presentes de todos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A baronesa, por sua vez, trazia um sorriso no canto dos lábios a cada vez que nos via conversando. Não me surpreenderia se ela já soubesse que eu havia passado a noite ao lado de Isabela.

No dia seguinte, começou a nevar e saímos para ver a neve. A Sra. Gonçalves parecia encantada com os flocos que caíam.

Durante aquela semana, entregamos bilhetes um para o outro, marcando lugares e horários para que casualmente nos encontrássemos sozinhos. Por vezes, no estábulo ou em algum cômodo da casa que não era frequentado. Às vezes as coisas pareciam sair do controle, porém, não voltei mais aos seus aposentos.

Quase sempre nossos encontros acabavam em beijos cheios de desejos, as vezes a encontrava pelos corredores e a empurrava em algum cômodo

PERIGOSAS ACHERON

vazio. Quanto mais tempo permanecíamos juntos, mais difícil se tornava mantermos a distância.

No dia em que antecedia o ano novo, Isabela parecia preocupada. Eu a vi conversando por diversas vezes com seu criado de confiança e, naquela tarde, a procurei em seu estúdio. Ela pintava um pequeno retrato de uma mulher horrorosa.

— Quem é esta que está pintando?

— Sou eu. — Ela sorriu, mas eu a olhei sem compreender. — Interceptei uma carta de meu pai para o Duque de Herefordshire. Não sei de que forma meu pai descobriu que o Duque perdeu sua esposa no início deste ano e que pretende se casar novamente. Na carta, meu pai me oferece, relatando todos os meus bens. — Ela revirou os olhos. — Havia um retrato meu na carta e eu estou pintando um novo para substituí-lo.

— Mas um Duque dificilmente se casaria com uma viúva, acho que não tem com o que se preocupar. — Por um instante ela ficou tensa.

— Mas ele pode indicar algum amigo ou parente próximo visando a empresa. Não quis arriscar. Meu pai teve a coragem de mencionar que os negócios precisavam de um homem para administrar.

— Se este é o retrato que pretende enviar, o pobre Duque terá uma surpresa —gargalhei.

O tempo havia passado, mas nesses momentos ela parecia a mesma menina que eu havia conhecido, espirituosa e sagaz, lutando para obter o controle de sua vida.



O ano de 1888 havia iniciado com a expansão dos meus negócios na Escócia, o que me rendia constantes viagens. Em partes era bom, pois

preenchiam meus dias a ponto de não perceber o tempo passar. Fazia quase nove meses que eu não via Isabela, mas nos correspondíamos com certa frequência.

Ela havia me contado que antes de sua família partir para o Brasil, seu pai recebera a resposta do Duque. Como ela previra, não foi nada favorável a seu pai.

Ela também relatou a surpresa que fez para sua mãe, levando-a ao cargueiro no período em que se encontrava no cais.

Os carregadores cantaram a canção que seu verdadeiro pai havia ensinado à amada. Também contaram sobre a descendência paterna de Isabela. Ela mencionou como sua mãe havia ficado emocionada, agradecendo a cada um deles pela noite maravilhosa que lhe proporcionaram.

O verão chegou com toda força, assim como

PERIGOSAS ACHERON

o inverno antes dele. Nos dias que eu passava em Londres, lutava contra a vontade de ir vê-la. Havíamos entrado em acordo de que a próxima vez que nos víssemos pessoalmente, seria o dia de revelar toda a verdade. Ao mesmo tempo em que ansiava por esse dia, temia sua reação. Mas nenhum de nós aguentaria mais tempo de espera.

Havia uma semana que eu chegara a Londres. Logo nos primeiros dias, fui até Jeanette, a fim de lhe entregar o dinheiro. Em breve o contrato acabaria, então eu poderia revelar tudo à Isabela. Que os céus estivessem ao meu favor! Jeanette foi avisada de que eu não renovaria o contrato para o ano seguinte. Ela não levou muito a sério, pois eu já havia dito isso antes, provavelmente mais vezes do que me lembrava. Mas naquele dia a diversão seria entre amigos.

Simon parecia abatido quando o encontrei

por acaso no cais e o convidei para o jantar. Em parte, desejava receber notícias de Isabela.

— Não parece muito bem.

— Só estou sofrendo de insônia, não há nada com que se preocupar.

— Tem certeza? Há algum tempo que venho observando seu semblante abatido. Simon, se for sobre...

— Não. Eu estou bem, acredite. — Eu assenti.

— Como ela está? — Eu me sentei na poltrona levemente voltada para Simon.

— Deveria perguntar a ela.

— Não vamos nos ver até que o contrato com Jeanette termine. — Eu servi uma dose de uísque a Simon.

— E você vai contar a ela o que fez? — Eu

assenti.

— Vou contar toda a verdade. Se depois disso ela não quiser mais me ver, será um ponto final para ambos.

— Isabela o ama, vai superar. — Por um momento senti um arrepio percorrer meu corpo, pois não podia perdê-la novamente. — Mas se quer um conselho amigo, pare de ir ver Jeanette. Ela ainda vai estragar sua vida.

— Só estive com ela no mês passado após uma viagem longa. Desde então, tenho ido até ela apenas para levar seu pagamento, nem mesmo entro na casa.

— Enfim, um pouco de juízo. — Simon sorriu, mas seu sorriso não subia aos olhos. Quando Simon se despediu em uma hora já avançada, percebi que ele não tinha vindo a cavalo, o que me fez estranhar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Leve Dorotéia com você. Amanhã eu mando buscá-la.

— Não há necessidade, eu gosto de caminhar.

Na manhã seguinte, eu havia decidido tirar o dia de folga e passaria o dia no clube. Cheguei a convidar Simon na noite anterior, mas ele teria uma reunião com Isabela e a baronesa.

Quando entrei no clube, percebi uma agitação fora do normal. Os cavalheiros passavam o jornal uns para os outros, formando pequenos aglomerados.

— O que está acontecendo? Por que estão todos dispersos? — perguntei para um rapaz que se sentava sempre à porta do clube, mas que eu nunca lembrava seu nome.

— Houve um assassinato brutal nessa madrugada. Mataram a Srta. Nichols.

PERIGOSAS ACHERON

— Nichols? Já ouvi falar, esse sobrenome não me é estranho.

— O senhor é metade de Londres. — O rapaz gargalhou, fazendo-me lembrar de onde havia a conhecido.

— A prostituta que trabalhou na taverna? — Ele assentiu.

— Era conhecida como Polly, havia sido demitida há poucos dias e estava trabalhando nas ruas. — Ele meneou a cabeça. — Dizem que foi estripada.

Fui até onde estava o jornal e havia apenas uma pequena nota.

“31 de agosto de 1888,

Nesta madrugada, a polícia encontrou o corpo de Mary Ann Nichols, assassinada em Whitechapel District. A polícia abriu investigação

para apurar o caso.”

Larguei o jornal na mesa e, no mesmo instante, pensei em Jeanette. Por mais que não a amasse, não lhe desejava nenhum mal. Será que ela conseguiria um novo protetor? Isso era algo que eu devia a ela e usaria os dias que ficaria em Londres para encontrar um novo protetor. Jeanette não trabalharia nas ruas e, se eu tivesse sorte, poderia me livrar do contrato alguns meses antes do previsto.



CAPÍTULO XXIII

*Anhangá impiedoso nos trouxe de longe
Os homens que o raio manejam cruentos,
Que vivem sem pátria, que vagam sem tino
Trás do ouro correndo, voraces, sedentos.*

Gonçalves Dias

**Isabela Gonçalves, Londres de
1888**

O dia amanheceu com burburinhos dos
PERIGOSAS ACHERON

criados, uma agitação incomum, Simon já aguarda no escritório junto a baronesa. Eu estava cada vez mais preocupada, ele parecia estar sofrendo, algo nele não estava certo. O semblante abatido apesar do esforço de parecer bem me deixava preocupada.

— O senhor está bem? — sussurrei.

— Sim, estou. — Ele me entregou o relatório e pude ver que suas mãos tremiam. — Eu pedi esta reunião para ver se aprovam uma nova viagem aos fornecedores.

— Os fornecedores estão insatisfeitos? — questionou a baronesa.

— Não. Mas gostaria de manter visitas regulares para evitar maiores problemas.

— Não acho que isso seja uma boa ideia, Simon, considerando os últimos relatórios, nossos problemas não se encontram nos fornecedores, e sim, nos clientes, cujo número decaiu muitíssimo

PERIGOSAS ACHERON

nesse mês.

— Isabela tem razão. Precisamos focar no que temos de mais lucrativo. — A baronesa justificou.

— O que acham de contratarmos uma pessoa só para atender os clientes? Alguém com fluidez e desenvoltura. Essa pessoa poderia viajar e visitar os clientes e até conseguir alguns novos. Seria ótimo para o ramo dos transportes de luxo.

Simon levou a mão ao cabelo, processando a informação que eu acabara de lhe dar.

— Faz sentido — Ele concordou.

— Acredito que essa seria a melhor solução, assim fica menos responsabilidade sobre seus ombros. Posso ver como tem se esforçado e o quanto se dedica a este trabalho. Mas precisamos do senhor aqui e não nos mares.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele assentiu, se retirando em seguida, alegando precisar acompanhar um carregamento.

Fui até a cozinha, que mais parecia um vespeiro.

— Aconteceu alguma coisa?

— Sim. Estão querendo ler o jornal da baronesa antes de eu lhe entregar. Eu estou guardando comigo para que não mexam nele — Sr. Paulo falou, enquanto segurava o jornal sob o braço.

— Desculpe, senhorinha. É que ficamos sabendo que tem um assassino à solta e estamos curiosas para ler a notícia.

— Deixe-me ver Sr. Paulo. — Eu estendi a mão, pedindo o jornal. — Mais um assassinato, esta cidade está terrível. — Eu meneei a cabeça.

— Dizem que ela era uma prostituta e que foi

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

brutalmente assassinada — Srta. Aline falou colocando uma das mãos ao coração.

— Ouvi dizer hoje na feira que ela foi estrangulada — Janete falou assustada.

— Não há motivos para pânico, este bairro em questão é violento e pessoas morrem todos os dias. E depois, o artigo do jornal não fala que foi estrangula. Podem ser apenas especulações, sem falar que se era mesmo uma prostituta, devia estar nas ruas pela madrugada. Pode deixar, sr. Paulo, eu mesma levo o jornal para baronesa.

A semana decorria de forma tranquila. Simon havia enviado o relatório através de um serviço de entregas. Junto, havia um bilhete relatando sua saúde fragilizada. Ele tiraria alguns dias de folga. Enviei um bilhete a James, pedindo para visitá-lo. Porém, Simon garantira que não passava de um pequeno resfriado.

PERIGOSAS ACHERON

Os raios de sol despontavam no horizonte quando uma batida forte e repentina rompeu meu sono.

— Senhora, está acordada? — Paulo gritava do outro lado da porta.

— Agora sim!

— Desculpe-me, senhora, é urgente.

— Entre, Sr. Paulo. — Eu me cobri por completa com o lençol.

O semblante do homem era de pavor ao me entregar a carta.

— Vou aguardá-la aqui fora. — Ele se retirou do aposento. Era uma carta da Sra. Kosvoski, que abriu com muita facilidade.

Isabela Gonçalves de Souza,

Estou lhe escrevendo, não para assustá-la. Mas para que alerte a todos com quem se importa. Querida, eu e o Oliver estamos ajudando a polícia na investigação da jovem assassinada na semana passada. Não posso dar maiores detalhes, mas há outro caso relacionado ao mesmo assassino. Logo sairá em todos os jornais. Por favor, não saiam de casa à noite, há um assassino de mulheres à solta, que escolhe suas vítimas nas ruas.

Lia Kosvoski

Vesti meu hobby e abri a porta.

— Sr. Paulo, reúna todos os criados na biblioteca, sem exceção. Peça para a Srta. Aline subir para me ajudar a me vestir.

O homem saiu apressado, mais tarde quando eu entrei na biblioteca, a baronesa estava entre os criados, me olhando assustada.

— Por favor, peço a atenção de todos. Antes de mais nada, quero dizer que reuni todos aqui apenas para alertá-los e para que possam agir de forma prudente. Logo sairá em todos os jornais que existe um assassino de mulheres em Londres. Então prefiro que saibam por mim. O assassino comete seus crimes pela madrugada e escolhe suas vítimas nas ruas. Portanto, se tomarem precauções, não há motivo para pânico. Para os que moram longe, saiam uma hora antes para que não estejam na rua ao anoitecer. Mantenham as portas e janelas

trancadas e isso bastará. Não alimentem fofocas e especulações sobre o assunto, pois podem atrapalhar as investigações. Evitem a todo custo saírem durante a noite. Agora, podem voltar ao trabalho. — O barulho da conversa foi se afastando conforme todos saíam da biblioteca.

— Como sabe sobre isso?

— Os Kosvoski estão ajudando a polícia nas investigações. A Sra. Kosvoski me enviou uma carta nos alertando. Encontraram evidências que ligam o assassinato da semana passada ao mesmo assassino do corpo encontrado nesta manhã.

— Eu ia lhe convidar para irmos ao teatro esta noite, mas creio que precisamos adiar.

— É mais prudente permanecermos em casa à noite até que peguem o assassino.

Mais tarde, o jornal chegou e novamente havia apenas uma nota noticiando a morte da Srta. PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Annie Chapman. A morte foi registrada no dia oito de setembro, um dia anterior ao que estávamos. Ambas as vítimas foram mortas em Whitechapel.

Se havia mesmo um assassino de mulheres, logo Londres se tornaria uma loucura. A semana decorreu de forma tranquila. Apesar da saudade que sentia da minha família e das minhas mãos que sempre tremiam ao abrir um novo bilhete de James eu estava feliz. Ainda sentia muito a falta de Marcos, das nossas conversas pelas madrugadas sem fim, dos seus conselhos e toda a sua alegria. Mas a dor deu lugar a lembranças felizes que eu guardaria para sempre.

Simon havia retornado ao trabalho na semana seguinte e parecia completamente recuperado do resfriado. Seu humor estava ótimo, há muito que não o via radiante daquela forma.

— O senhor parece recuperado!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E estou. Acho que a tendência é só melhorar. — Eu sorri. Estava feliz por ele. — O que acha de uma noite de jogos e bebidas? — propôs.

— Parece ótimo, mas não quero que ande por aí à noite, há um assassino à solta — falei com sinceridade.

— Eu posso ficar até o amanhecer se isso a tranquiliza.

— Sendo assim, vou pedir para que Janete prepare um monte de delícias para nossa noite em claro. — Ele gargalhou.

Sua risada soava como música aos meus ouvidos. Sempre o considerei um amigo, mas naquele último ano havíamos nos aproximado, estreitando nossa amizade. As noites em que Simon me procurava para conversar eram mantidas entre mim e ele, nem mesmo para a baronesa eu contava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele sempre chegava depois que ela havia se retirado para seus aposentos e partia antes que ela acordasse. Não era sempre que nos reuníamos, mas eu sabia que fazia bem para ambos. De certa forma isso me ajudava a superar a falta de Marcos, estar com ele me lembrava muito nossas noites de jogatina.

— Vamos, me conte, quero saber o motivo de sua felicidade. — Eu bebi do vinho.

Simon sorriu.

— Não sei ao certo, mas as coisas parecem mais claras.

— Fico feliz pelo senhor, mas assim que decidir revelar quem é a dama responsável por sua alegria, por favor, gostaria de conhecê-la. — Ele sorriu.

— Em breve a senhora saberá. — Eu assenti.

PERIGOSAS ACHERON

Nossa noite foi como as outras que já havíamos compartilhado. Jogamos vários tipos de jogos até cansar e, então, nos deitamos no chão sobre as almofadas. Com a mente leve pela bebida, trocamos nossos segredos e temores.

Apesar de Simon ter sido sempre um amigo, não podia deixar de admirar sua beleza. Os anos no mar garantiram-lhe uma pele dourada e um corpo bem trabalhado. Mas era no seu sorriso e na sua constante petulância que morava seu charme.



O aniversário de James se aproximava e eu sabia que não nos veríamos. Ainda assim, enviei Paulo para que lhe entregasse seu presente. Era uma tela retratando sua família. Há dias eu vinha trabalhando nela. O fato de não poder estar com ele me incomodava. *Será que ele passaria o aniversário com ela?* Lutei para afastar os

pensamentos, porque sabia que teríamos nosso momento. Por mais que fosse difícil imaginá-lo nos braços dela, ele não devia qualquer satisfação a mim. Nossa história tinha data marcada para iniciar.



Acordei naquele domingo de outono com uma dor de cabeça incômoda. Ao entrar na sala para o desjejum, a baronesa, que já se encontrava tomando chá, trazia um semblante de preocupação.

— Londres está uma loucura. Os jornais noticiaram mais duas mortes nessa madrugada. — Eu levei a mão à boca.

— Onde está o jornal? — A baronesa apontou para o aparador. Eu fui pegá-lo.

A notícia era assustadora, vinculando os assassinatos anteriores, por usar o mesmo método. Eles o chamavam de avental de couro. Um arrepio

PERIGOSAS NACIONAIS

percorreu meu corpo. O jornal não poupou informações de como as vítimas haviam sido assassinadas, tampouco suas identidades. Ambas eram prostitutas e foram encontradas em ruas diferentes de Whitechapel.

Havia uma foto de um dos corpos e cada laceração feita pelo assassino foi meticulosamente detalhada. Meu estômago revirou, minha cabeça rodava e minha respiração estava acelerada. Eu caminhei até a porta e saí buscando ar. O Sr. Paulo foi ao meu encontro, colocou sua mão em meu ombro, oferecendo ajuda.

— O senhor leu os jornais? — falei com a respiração pesada.

— Nunca leio os jornais antes da baronesa.
— Eu gargalhei, enquanto buscava por ar, minha risada era uma mistura de angústia e nervosismo.

— Eu juro que nunca vou entendê-lo, Sr.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Paulo. — O homem não me devolveu o sorriso.

— Venha, senhora. Vou lhe pedir um chá. —
Eu assenti.

A baronesa se deteve na porta, vendo que Paulo me trazia de volta para casa, e insistiu para que eu me deitasse.

— Não. Não vou ficar deitada em uma cama enquanto mulheres são mortas às pencas pelas ruas.

— O que pretende fazer? — a baronesa me questionou nervosa.

— Vou procurar os Kosvoski, eles devem estar tentando compreender o assassino. Nós podemos ajudá-los. — Sr. Paulo, peça para que preparem a carruagem.

— Eu não vou deixá-la sozinha, se é que vai se meter nisso, vou estar ao seu lado — disse a baronesa. Eu assenti.

PERIGOSAS ACHERON

Quanto mais nos aproximávamos da propriedade dos Kosvoski, mais nervosa eu ficava. Implorava a todos os deuses para que James não estivesse na propriedade, pois não pretendia quebrar nosso acordo.

Assim que chegamos, fomos informadas de que os Kosvoski estavam no gabinete em uma reunião com o Inspetor Chefe Abberline.

Irving nos conduziu até a biblioteca.

— Se não for pedir muito — disse a baronesa para Irving. — Gostaria que os informassem de nossa presença. Diga-lhes que temos informações sobre o assassino. — Ela sorriu ao ver Irving sair apressado com a notícia.

— A senhora enlouqueceu? Não temos qualquer informação. Acabou de mentir para a polícia.

— Ora, menina, você vive mentindo e eu não

PERIGOSAS ACHERON

fico lhe cobrando coisa alguma. — Ela me olhou com os olhos estreitos.

— Eu não minto, apenas oculto alguns fatos — sussurrei. — Mas mentir para um oficial diante de um caso como este? Já sei! Quando ele nos interrogar, finja que é louca de verdade e que está caducando. Eu pedirei desculpas em seu nome e tudo ficará bem. — Ela gargalhou.

Ouvi passos apressados se aproximando. Quando a porta se abriu, era James quem entrava na biblioteca.

— As senhoras estão bem? — Ele se aproximou preocupado.

— Sinto muito, James, não queria ter vindo até aqui. — A baronesa bufou.

— Como ousa dizer isso? Essa menina agora anda mentindo descaradamente. — A baronesa sorriu docemente para James. — Ela estava até PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

agora enlouquecendo a todos porque queria fazer alguma coisa para ajudar. E só estou aqui para contar o que eu sei, porque ela me obrigou. — Eu me afundei na primeira poltrona que encontrei, estarecida com o que acabara de ouvir.

— Sinto muito, a baronesa não tem se sentido muito bem nos últimos dias. Ela anda falando coisas sem nexos. — Eu a fitei nos olhos, furiosa, enquanto James nos observava sem entender o que de fato acontecia.

— Então vai mesmo levar essa história adiante? Mentindo a todos que estou caduca?

James parecia confuso e não sabia para quem olhar primeiro.

— Não sei o que está acontecendo aqui, mas podem resolver isso depois. Se possuem informações sobre o caso, é melhor que me acompanhem.

PERIGOSAS ACHERON

Antes que eu pudesse dizer algo, a baronesa seguiu James pelo corredor. O Inspetor nos olhou de alto a baixo e James fez as apresentações. Minhas mãos estavam suadas e, pela primeira vez, não tinha a ver com a presença de James.

— O que sabem sobre o caso? — o inspetor perguntou e eu me encolhi.

— Por enquanto nada, mas se me disserem exatamente quais foram seus métodos, posso lhes dizer quem procurar — respondeu a baronesa.

Eu me encolhi ainda mais, soltando um suspiro. Céus, estávamos encrocadas! O inspetor nos olhou por um instante e eu dei de ombros.

— A senhora está me dizendo que não possui informações e que apenas veio especular sobre a investigação?

— Não. Estou dizendo que não possuo informação, mas quando o senhor me revelar os

PERIGOSAS ACHERON

detalhes da investigação, vou poder ajudá-lo. — Ela sorriu para ele.

O homem sibilou, olhando para os Kosvoski, como quem pedia uma explicação.

— Ora, Sr. Abberline. Posso demonstrar meu talento caso seja necessário, mas devo avisá-lo de que não irá gostar.

Eu olhei para ela incrédula, me preparando para pedir desculpas. O homem gargalhou e, antes que ele pudesse nos expulsar do escritório, a baronesa começou a falar.

— A marca de duas alianças em seu dedo me faz crer que o senhor perdeu sua esposa há pouco tempo, mas já constituiu novo casamento. Infelizmente sua nova esposa não o agrada como a primeira.

Olhei para o inspetor, que parecia ofendido.

— O senhor comeu mingau de aveia esta manhã, apesar de odiar. Isso porque atrasou o trabalho de sua jovem cozinheira. Da próxima vez, tenha a decência de não a levar para dentro da dispensa. —A baronesa fez um gesto com as mãos, indicando resíduos de aveia em seu uniforme. O inspetor a olhou com as sobrancelhas erguidas e James tentou esconder um sorriso.

— Seu talento é notório, creio que sua ajuda será bem-vinda. Apesar da senhora não ter acertado tudo sobre mim, eu gosto de mingau de aveia.

— Tenho certeza que não. —Ela sorriu amavelmente. Todos segurávamos o riso quando o homem pigarreou.

— Contem para a baronesa o que acabaram de me contar, eu preciso voltar ao distrito. Trabalhem juntos. Se conseguirem montar um perfil, marcaremos uma nova reunião. — Eu olhei

para a baronesa com um sorriso.

— Por que nunca me contou sobre seus dons?
— sussurrei para ela.

— E perder toda a diversão em vê-la tentando esconder as coisas de mim? — Ela sorriu carinhosa, e eu segurei sua mão. Estava orgulhosa por ter conseguido nos colocar na investigação.

Sentamo-nos diante dos Kosvoski. Eles explicavam cada detalhe sórdido cometido pelo assassino. A baronesa ouvia tudo atentamente. Eles haviam descoberto que o assassino era alto e forte. Atacava suas vítimas pelas costas, desferindo dois golpes no pescoço. Ele tapava a boca da vítima com uma mão e, com a outra, cortava duas vezes seguidas da esquerda para a direita. A vítima morria em poucos segundos, só então ele começava a estripar o corpo. O assassino passou a retirar alguns órgãos das vítimas e mutilava

principalmente sua feminilidade, muitas vezes arrancando o útero.

Quando o horror parecia ter terminado, o Sr. Kosvoski falou sobre a carta que a polícia havia recebido. Ele nos entregou um texto, dizendo ser uma cópia do que continha a carta.

“Do inferno.

Sr. Lusk,

Senhor, envio-lhe metade do rim que tirei de uma mulher e preservei-a para si, a outra parte fritei e comi, estava muito boa. Talvez lhe mande a faca ensanguentada com que o tirei. Se você esperar um pouco mais.

Assinado: Apanhe-me se puder.”

— Quem é o Sr. Lusk? — perguntei.

— George Lusk é o presidente do comitê de vigilância de Whitechapel — O Sr. Kosvoski respondeu.

— Mas qualquer um poderia ter escrito isso.
— Eu ergui o papel.

— A polícia recebeu dezenas de cartas dizendo ser o assassino, mas esta veio acompanhada de uma fração de um rim humano. — O Sr. Kosvoski continuou. — Examinamos o rim e, possivelmente, era da primeira vítima.

Eu me levantei e caminhei até as janelas.

— Gostaria de ver no mapa onde foram os ataques. — Eu ainda olhava para fora, enquanto segurava a mão na barriga, meu estômago estava

embrulhado.

James se aproximou, me perguntando baixinho se eu estava bem. Ele usava novamente a barba grande e descuidada. Eu sorri assentindo.

— Este é o mapa, marcamos em vermelho onde as mulheres foram encontradas. — A Sra. Kosvoski me entregou. — Todos os crimes foram cometidos no mesmo Distrito.

— As vítimas eram todas prostitutas? — James assentiu.

— Até o momento, está atacando as que ficam pelas ruas.

— As duas que foram encontradas esta manhã foram mortas com uma pequena diferença de tempo. Ainda não as examinamos com mais afinco, logo mais iremos examiná-las. — A Sra. Kosvoski falou com pesar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Elizabeth Stride e Catharine Eddowes foram encontradas em ruas próximas, com um intervalo de quarenta e cinco minutos — James relatou.

— Ele está se aprimorando. — A baronesa, que só observava até o momento, falou. — Está ficando com mais vontade, mais ousado. Esse homem tem boa aparência, está no auge da juventude e pode usufruir de conhecimentos cirúrgicos. Quando olharem para ele, jamais verão um assassino, a menos que treinem sua mente. Está atacando apenas nos finais de semana, o que me faz deduzir que estamos diante de um homem tão normal, que ninguém desconfiaria dele. Provavelmente tem um trabalho e se destaca no que faz. Pode ser um bom amigo, um bom vizinho, não importa. Ele vai matar de novo, a evolução em seus ataques é nítida. — A baronesa se levantou. — Vou

PERIGOSAS ACHERON

fazer um relatório com todas as minhas considerações e enviarei o mais rápido possível. Mas antes preciso saber o estado das vítimas desta manhã.

— Vamos visitá-la hoje, após retornarmos da inspeção — A Sra. Kosvoski garantiu.

No fim da tarde, enquanto Simon nos entregava o relatório, o Sr. Paulo anunciou a chegada da Sra. Kosvoski. A baronesa se retirou do escritório para atendê-la.

— Está tudo bem? — Simon apontou para a porta com um gesto de cabeça.

— Está sim, estamos ajudando a polícia nas investigações sobre o assassino. — Simon me encarou por um instante.

— E como estão as investigações?

— Na verdade não podemos comentar sobre

PERIGOSAS NACIONAIS

as investigações, peço desculpas. Mas James se alistou para a equipe de patrulha.

— Que ótima notícia. Vou procurá-lo para me alistar.

— Só, por favor, tomem cuidado, sei que o alvo dele é mulheres, mas se for coagido, pode atacar.

— Achei que os alvos dele eram prostitutas.
— Simon sorriu.

— Não brinque com algo tão sério Simon, muitas estão nessa vida por não terem escolhas.

— Desculpe-me, tem razão Tilibim. Não se preocupe, vou proteger seu grande amor das mãos do estripador, parece que é assim que estão o chamando agora.

— Obrigada, Simon. Por favor, tenham cuidado.

PERIGOSAS ACHERON

Assim que Simon se retirou, fui até a biblioteca e a Sra. Kosvoski ainda conversava com a baronesa.

— Acredito que ele possa ter sido surpreendido.

— Se ele foi surpreendido, isso vai afetar seu cronograma — a baronesa explicou.

— O que a senhora quer dizer com isso? — questionei.

— Ele matou em um curto espaço de tempo, porém, era sempre uma vítima. Acredito que a Srta. Eddowes possa ter presenciado a amiga ser assassinada e corrido para se salvar. Ele deve tê-la perseguido e assassinado ela assim que a alcançou. Esse pode ser o motivo da primeira vítima, não ter sofrido tantas lacerações.

— Ele já deve saber sobre as patrulhas. As prostitutas que ficam pelas ruas, devem estar

PERIGOSAS ACHERON

andando em grupos diante da repercussão do caso.

—Faz todo sentido sua teoria. — Ponderei.

— Estou pronta para redigir meu relatório, nos próximos dias envio para a senhora. —A Sra. Kosvoski assentiu, se despedindo em seguida.

Londres estava à beira da loucura, como havíamos previsto. Pessoas escreviam cartas para a polícia denunciando seus desafetos. Bastava uma dívida não paga, e seu vizinho virava o avental de couro, como ficou inicialmente conhecido. Tais denúncias congestionavam a mesa do inspetor.

A própria carta de Jack, o estripador, só chamou atenção devido ao cheiro pútrido que exalava do rim humano contido na caixa. Caso contrário, poderia muito bem ficar entre as pilhas de cartas que chegavam todos os dias.

Uma inquietação havia se instaurado nos nossos dias. O assassino era assunto em todos os

PERIGOSAS ACHERON

jornais e para qualquer lugar que íamos, não se falava de outra coisa. Em momentos procurava me abster de toda essa loucura.

Pedi ao cavalariaço que encilhasse Órion, há dias eu não dormia direito e estava disposta a passar algumas horas em meio a natureza.

Cavalguei pelo bosque indo até o pequeno lago, o ar gelado do outono tocando meu rosto era como um alívio. A paisagem bucólica com as folhas coloridas pelo chão me inspirava a pintar.

Órion bebia água do lago enquanto eu sentia o sol me aquecer, aninhada nas folhas secas que repousavam pelo chão. Um trote distante me fez abrir os olhos, eu me sentei e James vinha em minha direção, montando Dorotéia.

—Eu vim ver como a senhora está. Fui avisado que havia saído para cavalgar, imaginei que estivesse aqui. Sei que estou quebrando nosso

acordo, mas precisava ver se está bem.

— É justo, creio que quebrei o acordo primeiro. — James levou Dorotéia até o lago e se deitou ao meu lado.

— Sinto sua falta, temo que cartas e bilhetes não sejam mais suficiente, estou à beira da loucura. — Eu sorri.

— O senhor sabe o que eu sinto e o quanto o desejo, não há necessidade de que eu repita. — Ele segurou minha mão.

— Não vim aqui para que se declare. O tempo está se findando, em breve serei livre para enfim lhe contar sobre tudo. Devo admitir que isso me aterroriza. — Ele enrolou o dedo em uma mecha do meu cabelo. — Já cogitou que pode não me querer depois que souber tudo sobre mim?

— Todos os dias.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vou lhe dizer algo que preciso que leve em consideração quando o dia chegar. — Eu assenti. — Eu sou um monstro que encontrou o amor. — Eu sorri para ele.

— Parece que eu estava errada, sobre monstros não amarem.

— A senhora encontrou sua liberdade?

— Sim, eu sou uma bruxa que encontrou a liberdade, mais do que isso, eu descobri que a solidão não é algo banal como achava. Famílias possuem seus defeitos, mas sempre podemos recomeçar. — James assentiu.

— Eu a amo Isabela, não importa a decisão que tomar, saiba que a amo. — James apoiou o cotovelo no chão, para se virar. — Eu quero que me perdoe por tudo.

— Às vezes eu acordava gritando, como na noite em que tive aquele pesadelo. Era sempre o PERIGOSAS ACHERON

mesmo sonho, noites e noites aterrorizantes. Marcos me abraçava até que toda dor fosse embora. Na época eu achava que jamais conseguiria perdoá-lo, mas aqui estou deitada ao seu lado. O senhor pode ter encontrado o amor, mais ainda o subestima.

— Espero que sim, porque no dia em que souber o que eu fiz, o que eu sou e ainda assim conseguir olhar nos meus olhos. Eu serei o homem mais feliz do mundo. — Um arrepio percorreu meu corpo.

— O senhor fala de uma forma, que me faz pensar o pior. Onde está esse monstro que não o vejo? — James se deitou novamente, olhando para o céu em silêncio.

Eu me virei de lado para olhar para ele. Os olhos quase fechados pela luz do sol que incomodava, as bochechas levemente rosadas. Um

vinco na testa e a boca comprimida afundado em pensamentos e escuridão, eu poderia pintá-lo assim.

Passei o polegar sobre a sua boca e ele inspirou, seus dedos entrelaçaram meus cabelos soltos, me puxando para um beijo. Éramos como fogo que se acende em noite escura, cheios de incertezas, medo e culpa e desejo.

— Não vou conseguir parar Isabela, estou a muito tempo sem tocar uma mulher e talvez essa seja a nossa única chance. — Ele sussurrou enquanto seu corpo rolou sobre o meu.

James puxou minhas saias para cima, sua mão percorreu até a minha coxa, nossa respiração pesada e ofegante enquanto flexionava seu quadril sobre o meu. Suas mãos lutaram para desabotoar meu vestido, frenético pelo desejo ele descobriu meus seios e os tomou em sua boca. Meu corpo se contorceu com seu toque e eu gemi de prazer. Seus

dentes mordiscavam minha pele e seus beijos eram intensos, estávamos a ponto de combustão quando ele parou sobre os joelhos, para desabotoar a calça revelando para mim seu membro ereto.

— Espere! — Meus olhos fixos em sua masculinidade rija, revelando toda a sua extensão. — Eu o quero mais que tudo, mas não aqui e não apenas por um momento. — James soltou um suspiro de frustração e começou a rir. Ele abotoou sua calça e se jogou no chão ao meu lado.

— Agora sou eu quem está confuso.

— Talvez eu possua meus próprios segredos.

— Sua bruxa cruel e desalmada. — Eu gargalhei.

— Que bom saber que o torturo. — James sibilou.

— Isabela, quando isso for acontecer, caso

me aceite. Quero que saiba que não serei gentil com a senhora.

— Seu monstro insensível. — James sorriu me dando um beijo na testa.

— Venha, vamos voltar ou eu terei que me jogar no lago.

Na manhã seguinte, dormi até mais tarde, quando me levantei não havia encontrado a baronesa pela casa, então a procurei no escritório.

Em cima de sua mesa havia uma missiva, quando me aproximei, pude perceber que se tratava do documento que perfilava o assassino. Peguei a carta e comecei a ler, freneticamente.

*Caro Inspetor Chefe de Polícia,
Frederick George Abberline,*

Mediante as informações a mim concedidas pelo Doutor Oliver Kosvoski, que examinou pessoalmente as vítimas do assassino investigado, chego a um possível perfil, visando unicamente contribuir com as investigações, dando mais objetividade ao caso.

O assassino é bem-nascido e bem afeiçoado, tornando-o acima de qualquer suspeita. Provavelmente possui conhecimentos anatômicos ou até mesmo cirúrgicos. Vive o auge de sua forma física.

Abomina a figura feminina, o que provavelmente está relacionado a um trauma no passado. O assassino transfere sua raiva para as jovens prostitutas, por ver nelas a figura que tanto lhe fez mal. O fato de mutilar a feminilidade de suas vítimas, me faz acreditar que é impossível para ele se relacionar de forma amorosa e sexual. Se mantém algum tipo de conexão com o gênero oposto, é feito de forma casta.

Pode ainda sentir admiração por alguém que lhe sirva como exemplo de castidade, mantendo profundos laços

com sua escolhida. Creio que o assassino mantenha uma ocupação de prestígio e deve se destacar em tudo que faz. Tende a ser organizado e meticoloso, o que só dificulta pegá-lo. O ato de mandar a carta para a polícia me diz que ele se considera acima da lei, intocável. Acredito veementemente que o assassino tenha uma prostituta como objeto de sua verdadeira fúria. Se esse for realmente o caso, será contra ela seus piores golpes. Ele voltará a matar em breve.

Baronesa Sarah Hughes.

Deixei a folha cair no chão e me apoiei sobre a mesa. Pensamentos terríveis invadiram minha mente. *Do que acha que está me protegendo? — “De mim”.*

Eu juntei o documento e li novamente. James poderia se encaixar no perfil. O segredo, o fato de se considerar um monstro, o conhecimento anatômico. *Não sou uma boa pessoa, Isabela, Acredite.*

Meneei a cabeça. Eu estava cansada e tudo aquilo estava mexendo comigo. Com toda certeza haveria centenas de pessoas em Londres que se encaixaria no perfil. Coloquei o relatório de volta no lugar e me retirei.

No dia seguinte, peguei o cabriolé pela manhã bem cedo. Estava determinada a descobrir toda a verdade sobre James. A feira já estava

montada e se estendia próxima à casa de Jeanette.

Desci da condução e iniciei uma caminhada, me esgueirando pelas bancas da feira. Pretendia colher o máximo de informações antes de confrontá-la. As pessoas se amontoavam para escolher as melhores frutas, gritavam umas com as outras, negociando o melhor preço.

Enquanto passávamos, os feirantes nos abordavam oferecendo seu produto. Mas era sobre o estripador que todos falavam. Quando me aproximei da casa de Jeanette, ainda sob o abrigo das bancas, pude vê-la abrir a porta e sair. Temendo ser reconhecida, me escondi no mesmo lugar onde havia ficado quando peguei James à sua porta pela primeira vez.

— A senhorita também acha que é ele, não é?
— A jovem gesticulou, apontando para Jeanette, que escolhia algumas frutas em uma barraca

próxima.

— Não sei do que está falando.

— Estou falando do Lorde Roberts, o protetor de Jeanette.

— Não conheço nenhum Lorde Roberts, senhorita. — Ela estalou a língua.

— Ele deve ter se apresentado com outro nome. — Olhei para ela e percebi que não tinha mais do que minha idade. Eu assenti, entrando no jogo.

— Sim, acredito que possa ser ele. A senhorita o conhece?

— Venha comigo, sei de um lugar onde podemos conversar. — Ela me puxou pela mão, entrando em um beco atrás das bancas.

Caminhamos por um corredor estreito que fedia de forma horrível. Ela abriu uma porta que

PERIGOSAS NACIONAIS

dava a um pequeno cômodo. Havia apenas uma cama e uma poltrona.

— Sente-se, gostaria de lhe oferecer um chá, mas como pode ver, não possuo cozinha. — Ela sorriu para mim. — Ele a machucou também? — Eu a encarei com espanto.

— Ele machucou a senhorita?

— Quase. Na época eu ainda trabalhava na Taverna e gritei desesperadamente quando percebi suas intenções. Por sorte, éramos vigiadas por homens contratados para nos proteger e eles o tiraram para fora. — Ela meneou a cabeça. — Não sei o que teria acontecido se eles não tivessem ouvido meus gritos.

— O que ele pretendia?

— Estava prestes a me amarrar e só Deus sabe o que faria em seguida.

PERIGOSAS ACHERON

— Amarrar? Por que ele faria isso?

— Tem homens que possuem desejos impróprios, por isso acho que ele deve ser o assassino. Não sei como Jeanette o aceita. — Meus olhos ficaram enuviados por lágrimas. — Por favor, não chore. Eu escrevi uma carta para a polícia denunciando ele. Creio que logo o pegarão. A senhorita deveria fazer o mesmo. Eu avisei a tonta da Srta. Jeanette, mas ela se recusa a acreditar em mim. — Eu assenti.

— Preciso ir, tenho um compromisso agora pela manhã. — Limpei minhas lágrimas na manga do vestido. — Qual é o seu nome?

— Todos me conhecem como Agnes.

— Não ande pelas ruas na madrugada, Agnes. — Ela chacoalhou a cabeça de forma afirmativa.

A cada passo que eu dava na lama, perdia um
PERIGOSAS ACHERON

pedaço de mim, pensando em tudo que me fora dito. Quando retornei para casa, o Sr. Paulo me aguardava na porta.

— James esteve aqui procurando a senhora, parecia nervoso. Ele lhe deixou este bilhete.

Isabela.

Por favor, não saia de casa nos próximos dias.

Não posso explicar agora, mas, por favor, confie em mim.

James Kosvoski.

Subi as escadas correndo e me tranquei em meu aposento. Repassei inúmeras vezes todas as

PERIGOSAS NACIONAIS

informações na minha cabeça. Quanto mais eu pensava em James, mais confusa eu ficava, não poderia ser ele, tinha que existir uma explicação.

Os dias seguintes seguiram na mesma luta perturbadora. Eu não sabia se deveria contar à baronesa sobre minhas suspeitas. Só de imaginar que poderia acusar James injustamente, eu tremia. Porque, apesar de todas as evidências, algo dentro de mim se recusava a acreditar.

Estávamos na terceira semana após o último assassinato. Nenhuma outra mulher havia morrido pelas mãos do estripador, embora a população atribuísse a ele todas as mortes que aconteciam. Sabíamos que seus métodos eram únicos e que um assassinato cometido por ele não passaria despercebido. Eu passava quase sempre minhas noites em claro, aguardando o amanhecer para obter o jornal.

PERIGOSAS ACHERON

Dia após dia, meu coração se enchia de esperança. Jack nunca havia ficado tanto tempo sem matar desde que começara os assassinatos. Com tantos suspeitos sendo presos, era provável que o tivessem capturado, pois já fazia quase um mês sem outra vítima.

— Não está se alimentando direito. — A baronesa reclamou.

— E quem consegue pensar em comida com tudo o que está acontecendo?

— Mas precisa se alimentar, querida, ou vai acabar ficando doente. Dá para perceber que perdeu peso. — Olhei para a baronesa com lágrimas nos olhos.

— Isso vai passar logo, não vai?

— Vai sim. Logo ele cometerá um erro e será pego. Vou pedir para que lhe preparem um chá, precisa descansar. — Eu

assenti.

Passei o dia na cama, meus pensamentos em uma completa confusão e na manhã seguinte senti-me melhor, havia despertado cedo para aguardar o jornal. Dei um salto na cadeira quando vi que o Sr. Paulo trazia o jornal, seu rosto parecia cheio de temor e suas mãos tremiam quando o entregou para mim. Abri o embrulho e meu corpo congelou.

— Não, por favor. Não pode ser.

— Eu sinto muito.

— Chame a baronesa agora.

Paulo assentiu, saindo correndo.

Jack o Estripador faz sua quinta vítima.

Na madrugada desta sexta-feira, dia 9 de novembro, foi encontrado o corpo da Srta. Mary Jane Kelly, brutalmente assassinada em sua

cama. O método cruel de executar a vítima é semelhante à prática abominável do estripador.

Abaixo do texto havia um retrato de Jeanette em frente à loja de doces. Larguei o jornal em cima da mesa, meu corpo inteiro tremia. Jeanette deveria ser o nome que dava a seus clientes, e não seu nome de batismo.

Subi as escadas, me segurando para não cair. Meus olhos não enxergavam os degraus e eu não sentia meu corpo. Por mais que minha razão indicasse o assassino, meu coração relutava em acreditar. Senti um puxão em meu braço e tudo ficou escuro.

O mundo ficou lento. A poeira dançava na réstia de luz de forma preguiçosa. Meu corpo estava tão pesado, tão cansado, era tão fácil me entregar.

Fechei os olhos e avistei uma menina que juntava pequenas conchas na praia do Ribeirão da Ilha.

As ondas molhavam meus pés descalços. Senti a água quente tocando minha pele e o barulho de gaivotas que voavam sobre mim. Olhei para a imensidão verde do mar. O tempo passava de forma lenta e a brisa lambia meus cabelos, trazendo o cheiro da minha terra.

A menina sorria alegre, pulando as pequenas ondas e sorrindo para mim. O céu avermelhado e os raios de sol passando entre as nuvens deixavam a paisagem dourada. Aquele era um paraíso e eu não partiria nunca mais.

— Eu sabia que encontraria este lugar de novo. — Eu ergui minhas sobrancelhas surpresa. — Você vinha aqui mais vezes quando era pequena. — Ela sorriu para mim.

Meu corpo parecia leve e eu abri meus braços, rodando para sentir o vento nos meus cabelos, para sentir o mar. Como sentia saudades daquele lugar. Não havia só mágoa em meu coração. Aquela era a minha terra, a minha ilha e o meu paraíso. A menina sorriu alto enquanto corria, era tão feliz, que seu sorriso preenchia meu coração.

— Você sabe que não pode ficar aqui para sempre não é mesmo? Está na hora de voltar, Isa.

— Para onde?

— Volte para James.



Abri meus olhos, enquanto James colocava uma compressa sobre a minha testa.

— Graças a Deus!

Por um instante, achei que estava sonhando.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao perceber que ele era real, eu me encolhi.

— Por que não está preso?

— Porque eu deveria estar preso? — Ele sorriu carinhosamente.

— Mas o senhor as matou, matou todas elas.

— Não, está confusa.

— Não, o senhor é ele, eu sei de tudo. O senhor é o estripador.

— Não, eu não sou. O estripador está morto Isabela. Está confusa porque caiu da escadaria e bateu a cabeça.

— Faz dois dias que a senhora está inconsciente, deixou-nos preocupados.

Eu meneei a cabeça e senti uma dor forte. Janete entrou no quarto com uma jarra de água.

— Ela acordou? Que Deus seja louvado.

PERIGOSAS ACHERON

— Ela está um pouco confusa ainda. Por favor, Janete, chame a baronesa.

Ela saiu apressada e eu permaneci encolhida até que a baronesa entrou e me abraçou.

— Como está querida? Se sente melhor? — Eu assenti. — Foi um tombo feio.

— Eu não me lembro de ter caído.

— Você caiu da escadaria e rolou alguns degraus. Teve muita sorte de não ter quebrado nenhum osso. A Sra. Kosvoski ficou ontem o dia todo e James veio assim que pode. — Ela sorriu para James agradecida. — Eu cuido dela, o senhor pode ir.

Ele assentiu. Depois se abaixou para beijar minha testa, eu recusei a aproximação.

— Eu preciso resolver algumas coisas. Amanhã eu volto, se a senhora estiver melhor,

podemos conversar.

Olhei para ele ainda desconfiada e chacoalhei a cabeça afirmando. Assim que James fechou a porta, segurei a mão da baronesa.

— A senhora precisa chamar a polícia. Eu acho que James é o estripador. — Ela sorriu para mim.

— Está confusa por conta da batida que levou. Não se preocupe, querida, logo sua memória vai voltar. Uma coisa posso afirmar, James não é o estripador.

— A senhora tem certeza disso?

— Sim. Eu tenho certeza. Agora descanse e se recupere.

Eu me aninhei na cama, ainda segurando sua mão. De todas as coisas boas que Marcos havia me deixado, a baronesa era a melhor delas, o meu

maior presente. Quando abri meus olhos no dia seguinte, James estava em pé de frente para a janela.

— Como está o dia? — eu resmunguei. — Que horas são? — Ele se virou para mim e sorriu.

— O dia está lindo. Já passa das dez. Órion deve estar sentindo a sua falta.

— E eu a dele. — Eu sorri.

— Parece melhor hoje.

— Eu estou louca para sair desta cama, tomar um banho e respirar ar puro. Poderia pedir para Srta. Aline subir e vir me ajudar?

— Acha que já consegue descer para se alimentar?

— Com toda certeza, não ficarei nem mais um dia deitada.

Após a baronesa se certificar de que eu estava

realmente bem, concordou que James me levasse a um passeio após o almoço. Eu ainda estava envergonhada por ter pensado que ele pudesse ser o assassino. Porém, sobre todas as coisas que me contaram desde que acordei, ainda sentia como se faltasse uma parte. James pediu a carruagem e logo percebi que iríamos para sua casa.

— Minha mãe falou que visitar lugares conhecidos pode ajudar a memória.

— Eu vou gostar de visitar seus pais. — Eu sorri.

— Na verdade, meus pais não estão em casa. Mas eu gostaria de levá-la ao lago se a senhora não se importar de caminhar.

— Eu adoraria caminhar um pouco.

A carruagem parou em frente à propriedade. Eu o aguardei na biblioteca, enquanto ele foi até a cozinha preparar uma cesta com comidas.

PERIGOSAS ACHERON

Passaríamos a tarde no lago. A caminhada foi tranquila e prazerosa, mas eu estava ansiosa, havia muitas perguntas que gostaria de fazer.

— Eu sinto muito pelo que aconteceu com ela — falei sem olhar em seus olhos.

— Eu também sinto muito, ontem foi seu funeral. — James baixou o olhar. — Apesar de não a amar, não desejava nenhum mal a ela. — Eu assenti.

— Ninguém merece morrer dessa forma. James, eu ainda estou muito confusa com tudo o que aconteceu. Ninguém quis me contar nada. Esconderam todos os jornais de mim.

— Hoje eu te trouxe aqui — ele apontou para o lago a poucos metros de nós —, porque quero te contar tudo. Não só o que aconteceu, mas tudo sobre mim. Com a morte de Jeanette, o contrato não existe mais e estou pronto para responder todas

as suas perguntas. A verdade é que não quero mais perder tempo, Isabela. A senhora não sabe como foi horrível quase perdê-la.

— Quando eu imaginei que o senhor era o assassino, foi como se estivesse morrendo. Eu sinto que esqueci de alguma parte. As coisas estão... é como se faltasse uma peça importante.

— Eu jamais faria o que ele fez. —James ergueu meu rosto, me fazendo olhar para seus olhos.

— Me odeio por ter pensado isso.

— Não se odeie, estava confusa. Eu li o relatório da baronesa, eu poderia facilmente me enquadrar no perfil.

Eu entrelacei meus dedos, estava nervosa. James estendeu uma toalha no chão sobre as folhas secas do final do outono. O dia estava ensolarado e a temperatura era agradável, apesar da brisa gelada

PERIGOSAS ACHERON

que anunciava o inverno. Sentamos diante do lago e James segurou minha mão.

— O que tenho para lhe contar não é algo fácil de ouvir. Mas é toda a verdade. — Eu dei de ombros.

— Acho que a verdade nunca é fácil, mas sempre é o melhor caminho.

— No dia em que mandei o bilhete, eu havia recebido uma carta do estripador. A carta ameaçava matar a pessoa que eu mais amava. Eu não fazia ideia de quem era o assassino e o porquê me mandara a ameaça. A princípio, achei que era por causa das buscas. Assim como a carta que ele mandou para a polícia, a minha veio com um órgão humano, um coração dentro de uma caixa, confirmando a veracidade da ameaça. — James passou a mão pelos cabelos. — Eu senti tanto medo, que não quis mostrar para polícia. Eu queria

PERIGOSAS NACIONAIS

matá-lo, Isabela, por ter ameaçado-a. Eu li e reli a carta várias vezes e cheguei à conclusão de que Jeanette também poderia estar correndo risco. O assassino matou apenas em Wintechapel, e seus alvos eram apenas prostitutas. — James meneou a cabeça. — Eu sou apenas um e não poderia estar em dois lugares ao mesmo tempo. Então, pedi a Simon que montasse guarda naquela noite na casa dela. Eu lhe enviei o bilhete para que ficasse em casa e fiquei de tocaia durante toda a noite, vigiando a propriedade da baronesa. Após o dia amanhecer, eu seguia para casa aliviado por não ter acontecido nada. Quando encontrei o moço que vinha entregar o jornal, ele anunciou que Jack havia atacado novamente. Quando abri o jornal e vi o nome dela, eu soube que havia a condenado à morte ao deixá-la com o assassino. — Levei as mãos à boca e as lágrimas vieram.

PERIGOSAS ACHERON

— Não pode ser! Por favor, diga que não! — James assentiu, me olhando com os olhos marejados.

— Eu voltei para a propriedade e a baronesa já estava acordada. Conteí tudo a ela, que mandou imediatamente um criado chamar o inspetor. Ela achou que Simon viria atrás da senhora, e fomos até o porão, onde ela mantém as armas. Quando chegamos na sala, ele já estava com a senhora na escadaria. — James me olhou nos olhos. — Nunca senti tanto medo. Ele tapou sua boca e segurou uma faca em sua garganta. Era muito arriscado disparar um tiro de onde eu estava. Ele falou sobre a madrasta, estava fora de si. Disse que ela era uma prostituta, que foi torturado por ela e que ela havia assassinado seu pai. Ele poderia ter lhe matado. Por vezes, achei que deslizaria a faca sobre sua garganta, mas algo parecia o impedir. Quando o

PERIGOSAS NACIONAIS

inspetor entrou, a senhora aproveitou o momento de distração e pisou no pé dele. Ele a soltou, mas a senhora rolou escada a baixo. Então eu atirei nele sem pestanejar. Quando fui ao seu encontro, estava desacordada no final da escada.

— Não compreendo, não consigo me lembrar de nada, e ele parecia tão normal. — Pude ver o corpo de James se enrijecer.

— A culpa foi minha. Quando a senhora foi atacada por aquele homem no Brasil, eu e Fabrício o procuramos, mas não havia vestígio dele na ilha. Quando chegamos ao Rio de Janeiro, ele veio até Simon, oferecendo seu trabalho em troca de uma passagem para qualquer lugar. O homem estava machucado e andava mancando, foi quando vi o dente de ouro brilhando em sua boca, eu soube quem ele era. Eu o ataquei na primeira chance que tive, levei-o para o barco e o torturei até que

PERIGOSAS ACHERON

confessasse o que fez. — James não conseguia me olhar nos olhos. — Eu gostei do que fiz àquele homem, Isabela. Gostei de tê-lo torturado e senti prazer em cada agonia que lhe causei. Gostei de ter seu sangue em minhas mãos e descobri, neste dia, do que era capaz. Depois, eu o matei, e Simon me ajudou a dar fim no corpo. — James abaixou a cabeça e largou a minha mão. — O que eu fiz... O que eu fiz com aquele homem não foi bonito e sei que isso despertou algo em Simon. Eu sempre soube que eu era diferente. Gostava de ajudar meus pais com os pacientes. Às vezes espionava os dois trabalhando. O sangue sempre me atraiu, e isso sempre me assustou. — Seu semblante ficou frio e disperso no horizonte. — Eu sempre senti medo do que me tornaria e sempre lutei contra impulsos e vontades que me atormentavam. Tudo o que sempre desejei foi uma vida normal, eu só queria ser normal como todo mundo. Mas a verdade é que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sou um monstro Isabela. — Ele meneou a cabeça. — Quando eu a vi naquele dia, coberta de sangue, eu senti uma ligação tão forte, a cada dia eu me apaixonava mais. Porém quando lembrava o monstro que sou, me afastava. Eu não sabia se um dia teria controle sobre as coisas que sinto ou se me renderia a ser o que nasci para ser. Ter matado o homem que a estuprou só mostrou do que sou capaz. — Ele suspirou, mantendo o olhar distante.

— Então foi por isso que sempre se afastou? — perguntei chorando e ele assentiu. — O senhor machucaria alguém inocente?

— Não, eu jamais faria isso, talvez pela criação que tive sempre rodeado de amor. Ainda assim sou um monstro, Isabela.

— Sentiu prazer em matar Simon? — As lágrimas escorreram, formando um caminho em meu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Achei que sentiria. Quando soube que era ele, quando soube o que ele tinha feito, achei que sentiria prazer. Mas quando o vi com uma faca contra sua garganta, tudo o que eu senti foi medo. Aquele tiro foi simplesmente para o impedir, não houve prazer.

— James, não o compreendo, se diz que se afastava de mim devido ao que sente sobre si mesmo, por que me deu esperança? O senhor não só me deu esperança, como me seduziu. Mesmo depois de ter feito o que fez. Nosso beijo na cabana, nossos dias juntos. O senhor me fez acreditar que me amava e que se comprometeria comigo, até que...

— Achei que poderia esconder tudo da senhora, eu a amava. Naquela noite, quando teve o pesadelo, eu achei que havia sonhado com ele, com o que ele fez. A senhora já tinha sofrido demais,

PERIGOSAS ACHERON

não queria que ficasse comigo e um dia descobrisse que seu marido era um assassino. Por mais que ele a tenha estuprado, eu não tinha o direito de tirar sua vida. Poderia tê-lo entregue à polícia. Talvez Simon nunca tivesse se tornado quem se tornou. E há outras coisas sobre mim que ainda não lhe contei. Quando me olhou com desespero, eu sabia que não queria ser a razão pela qual acordaria assim todas as noites. — James me olhou com amargura.

— Simon ter feito o que fez não é sua culpa. Isso ia acontecer mais cedo ou mais tarde. Quanto ao que fez, não posso concordar, James. Existe justiça para que não cometamos julgamentos equivocados sob o impulso de nossa raiva. — Eu limpei minhas lágrimas. — O homem que o senhor matou não me estuprou. É verdade que tentou fazê-lo, e que me agrediu de forma brutal, mas eu o impedi com uma facada. Por isso havia tanto

sangue em mim.

— Mas ele confessou.

— Uma pessoa sob tortura confessa qualquer coisa. Ele não se tornou menos culpado porque foi impedido de consumir o estupro. O que eu quero dizer é que quando nos tornamos juízes de nossa própria causa, corremos o risco de cometermos injustiça. Se o que nos move não é a justiça, e sim a dor e a vingança, então não é correto. — James assentiu. — Por que, no caso de Simon, resolveu contar para a baronesa, ao invés de simplesmente matá-lo como fez com o dente de ouro?

— Decidi que queria fazer o certo, porque queria a senhora. Nunca desejei que sofresse, se eu pudesse mudar tudo isso, eu mudaria. Quando eu vi sua vida por um fio nas mãos dele, eu entendi que não sou como ele. O que eu tenho é algo que posso controlar, só preciso me conhecer melhor.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Apesar de não concordar com o que fez, e isso é algo que quero deixar bem claro, não o julgo. Eu mesma desejei matá-lo diversas vezes. Quanto a Simon, o senhor o matou para me defender. Isso é tão aceitável, que a própria polícia não o prendeu.

— Eu pedi para que Simon fosse reconhecido como morto em um assalto. Ele já havia causado estragos demais.

— Então ninguém sabe que o estripador morreu?

— Nós sabemos. Simon era seu administrador, sua empresa iria sofrer com isso. — Eu assenti.

— O inspetor aceitou isso?

— A baronesa usou toda a sua influência e, depois do que ela descobriu sobre o Inspetor, ele não teve como recusar seu pedido. — Eu suspirei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigada, James, por me defender e por me proteger, mesmo enquanto eu o acusava.

— Ninguém nunca vai lhe fazer mal, isso eu posso lhe garantir. — Eu o olhei com repreensão.

— Precisa prometer para mim que nunca mais vai tirar uma vida, a não ser que seja para salvar uma vida inocente — James assentiu.

— Eu prometo, se um dia for preciso, buscarei a Justiça. — Eu sorri um meio sorriso ainda entre lágrimas.

— Simon foi um grande amigo, ainda não consigo acreditar que me faria mal.

— Às vezes penso que ele não faria, mas que a ameaçou porque queria ser pego, queria que eu o parasse. Por isso me enviou a carta avisando, por isso matou Jeanette.

— Isso faz sentido, ele parecia cansado.

PERIGOSAS ACHERON

— Naquele dia que nevou, eu a trouxe até o lago para lhe pedir em casamento. — Eu o olhei surpresa. — Mas com a tempestade e nossa estadia no chalé, acabei achando que seria melhor esperar. Eu achei, de verdade, que poderia conviver com a senhora sem que soubesse sobre mim. Poderia lhe esconder sobre as coisas que gosto na intimidade. Sobre esse meu lado obscuro. Quando a senhora teve aquele pesadelo, eu soube que era errado.

— Eu ainda tenho dúvidas sobre o senhor. Tenho perguntas.

— Eu sei. Estou à disposição para responder, como havia prometido. A senhora quer ir até o chalé?

— Não sei se deveríamos.

— Já que hoje é dia de revelar a verdade, o chalé é meu há anos. Por favor não fique brava. — James me olhou com uma careta. — Eu gostaria de

lhe mostrar algo.

— Por isso tinha lenha e comida? — Olhei para ele incrédula.

— Sim, eu sempre visito o chalé quando preciso pensar e sempre deixo comida. — Eu revirei os olhos.

A tensão entre nós parecia mais amena. Quando entramos no chalé, James acendeu a lareira e aquecemos água para fazer chá. Eu me sentei perto do fogo, no mesmo colchão velho que havíamos dormido abraçados anos antes. James, percebendo que eu o encarava, ansiando por ter minhas respostas, me entregou o chá e se sentou ao meu lado.

— Ter matado o homem que me agrediu não foi a única coisa que o fez se afastar de mim, não é mesmo?

— Não.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que uma prostituta chamada Agnes sentiu medo do senhor?

— Não me lembro de nenhuma Agnes.

— Ela disse que trabalhava na Taverna que o senhor frequentava — James ergueu as sobrancelhas.

— A senhora interrogou todas as prostitutas de Londres?

— Não é sua vez de fazer perguntas senhor James.

— E quando será? — Ele sorriu.

— Quando eu me cansar de perguntar. — Ele assentiu.

— Eu gosto de algumas coisas diferentes... durante a intimidade.

— Essas coisas machucam?

— Não necessariamente. Causam prazer se a

PERIGOSAS ACHERON

mulher for compatível.

— A Srta. Kelly era compatível?

— Sim. — Eu soltei um suspiro.

— Quero que me explique sobre o sangue, pois não consigo compreender — James desviou o olhar.

— Eu não sei ao certo por que isso acontece comigo. No início, eu achava que sentia prazer por simplesmente ter contato com sangue. Mas, ao longo dos anos, fui descobrindo que não funciona assim. Em momentos específicos, eu me sinto atraído pelo sangue. A cor, o cheiro ou o sabor.

— Sabor? O senhor bebe sangue? — Olhei para ele assustada e ele sorriu.

— Calma, Isabela, não sou um vampiro. Não vou sair nas ruas matando as pessoas e chupando sangue de todos. Lembra quando cortou o dedo

com a faca? Eu peguei seu dedo e coloquei na boca. Quando senti o gosto do seu sangue, eu fiquei. A senhora sabe. — Eu estreitei os olhos para ele. — Por outro lado, quando eu tentei estancar o sangue do Marcos, eu fiquei coberto com o sangue dele e não senti nada. Então não sei qual é meu gatilho. O pior que pode acontecer com isso, é que, se um dia, a senhora se cortar sem querer, talvez eu acabe ficando daquele jeito, a senhora sabe.

— Não, eu não sei. Se o senhor não me explicar não vou compreender.

— Estou falando da reação que o corpo do homem tem, a senhora deve saber, já foi casada. — Eu me encolhi.

— Como no dia do bosque? — Ele assentiu. — Tem uma coisa que precisa saber sobre mim. Eu nunca tive um homem em minha cama. Quer dizer, já tive sim, até o senhor já dormiu na minha cama.

PERIGOSAS NACIONAIS

Marcos dormiu na minha cama também, por diversas vezes, mas nunca aconteceu nada. — Eu terminei de falar e minhas bochechas pareciam estar pegando fogo.

— Como isso é possível? — James me olhou incrédulo.

— Marcos não sentia atração por mulheres. Nosso casamento era uma farsa.

— A senhora me falou que era feliz. Que o amava.

— E falei a verdade, ele me fez muito feliz. Eu o amei muito e ele a mim. Mas nos amávamos como irmãos. — Pude ver a compreensão nos olhos de James ao lembrar das últimas palavras de Marcos.

— Como pôde aceitar viver assim?

— O senhor fala como se eu tivesse tido

PERIGOSAS ACHERON

escolha. Eu fui embora porque o senhor tinha desistido de mim. Quando cheguei ao Brasil, já existia um contrato assinado. — Ele engoliu em seco.

— Perdoe-me, Isabela. Eu não fazia ideia.

— Marcos foi umas das melhores coisas que me aconteceram na vida. Ele foi um grande amigo e me ensinou a ser quem sou hoje. Não há o que lamentar. — James assentiu. Então pegou minhas mãos e as beijou.

— James, quero que me mostre como é estar com o senhor. Quero que mostre seu pior, quero saber tudo. Preciso saber se vou gostar ou se vou odiar seu toque. Quero saber por que a senhorita Agnes sentiu medo, mas Jeanette o aceitava. — James me olhou surpreso. Ele se levantou e foi até a janela.

— Acabei de descobrir que ainda é virgem,

PERIGOSAS NACIONAIS

como posso te tocar dessa forma? Seria inapropriado. — Ele maneou a cabeça. — O que vem depois disso não pode ser explicado com palavras, é impossível acreditar.

— Não estou pedindo que me explique, quero que me mostre — Eu cruzei os braços.

— A senhora é virgem.

— A sociedade não espera mais virgindade de mim desde o dia em que me casei com Marcos. O senhor não tem desculpas, tampouco outra chance. Eu quero saber tudo, quero que me mostre tudo, ou vou embora e nunca mais vai me ver.

Ele se aproximou, colocando sua testa na minha. Nossas respirações ficaram pesadas. *Céus, como senti falta do seu cheiro!*

— Tem certeza? — perguntou e eu assenti.
— Não quero que se arrependa.

PERIGOSAS ACHERON

— Não me arrependerei. Mesmo que eu não seja compatível com o que gosta, vou saber que tentei. — Ele beijou minha testa.

— Precisa ter uma condição para que isto dê certo. Caso se assuste, caso sinta medo ou dor, precisa me falar. Não importa, sinalize apenas uma vez, ou me peça para parar. Eu prometo que sairei por aquela porta sem olhar para trás.

Meu coração disparou, mas assenti. James me puxou para mais perto e me beijou como nunca havia me beijado antes. Nossas respirações ficaram pesadas, ofegantes e seu toque era selvagem. Ele passou a mão sobre a abertura do meu vestido, fazendo os botões saltarem, quicando no assoalho velho do chalé.

Pude sentir meu espartilho sendo rasgado e minha roupa caindo aos meus pés. Sem afastar sua boca da minha, me ergueu contra a parede de pedra

da lareira, que estava morna, empurrando seu corpo vestido contra o meu, desnudo. Minhas pernas se entrelaçaram em sua cintura e James me mordeu.

Levei um susto e me desvencilhei dele, abaixando minhas pernas e ficando em pé. Com umas das mãos, eu o empurrei para longe, enquanto pressionava meus lábios.

Peguei meu vestido rasgado do chão para me cobrir e, quando tirei a mão da boca, vi sangue. James se manteve afastado e, quando olhei para ele, havia dor em seus olhos. Pude ver uma lágrima brotar, enquanto ele engolia em seco.

James esperava apenas pelo sinal combinado. Eu podia sentir meu lábio inferior latejar com a pequena mordida e, por um instante, desejei mandá-lo embora. Ele parecia implorar para que eu não o afastasse.

Muitas coisas passaram pela minha cabeça,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

lembrei de quem eu era, quem a vida me fez ser. Uma bruxa, Anhangá ou um demônio beijado pelo fogo. Não importa, a vida me moldou forte por algum motivo, eu o amava, sempre o amei. Larguei o vestido no chão e caminhei até seus braços. Desta vez, fui eu quem o mordeu. Ele grunhiu com um sorriso se formando dentro da minha boca e nosso beijo tinha gosto de sangue.

Eu abri sua camisa sem me preocupar em desabotoá-la. Queria aquele homem há mais tempo do que conseguia recordar. Ele me deitou no colchão velho e percorreu meu pescoço até chegar em meus seios. Nossas respirações estavam pesadas pelo desejo.

Não havia delicadeza em seu toque e James reivindicava cada pedaço do meu corpo com sua boca. Meu corpo se contorcia sob o dele, enquanto James dava pequenas mordidas nos meus mamilos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu mantive seus cabelos entre meus dedos. Sua barba roçava minha pele, enquanto percorria meu corpo com boca, descendo cada vez mais. Quando beijou minhas coxas, eu me contorci. James beijou-me entre as pernas e eu quase perdi os sentidos, colocando minha cabeça para trás e curvando meus pés, querendo mais dele em mim. Eu estava fervendo com seu toque tão inesperado, meu corpo respondia se contorcendo. James levou minha mão sobre o ponto de prazer, incentivando-me a me tocar ali. Ele subiu até meu ouvido e sussurrou:

— Não pare de se tocar, não importa o que aconteça. — Eu gemi assentindo.

Ele colocou-me de bruços, apoiando meus joelhos e meu rosto no colchão. Eu mantive o toque e ele me beijou por trás, me enlouquecendo cada vez mais, enquanto tirava sua calça.

— James... — sussurrei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele segurou meu quadril e, de forma bem lenta, me penetrou por onde eu não esperava, me causando espanto, dor e prazer. Suas mãos seguraram com força a minha cintura, ele parou por um instante para me observar e eu soltei um gemido de dor.

Ele começou um movimento lento e soltou um grunhido, e eu respondi me impulsionando contra ele. Por momentos, ele parava apenas para observar. Eu me tocava com mais intensidade e empurrava meu quadril contra ele. James sibilou e sorriu, voltando ao movimento. Minha mão não sinalizou para que ele parasse e James investiu com estocadas mais fortes, me fazendo gemer alto.

Toda vez que ele se certificava de que eu estava sentindo prazer em seu joguinho, aplicava mais força, e mais dor e prazer se confundiam em minha mente. Meus gemidos eram mais altos e

PERIGOSAS ACHERON

minha respiração estava acelerada. Meu corpo agia de forma estranha, como se fosse explodir. Eu queria mais e mais dele.

De repente, ele colocou seu cinto em volta do meu pescoço e eu compreendi o medo daquela prostituta. Quando cheguei no auge do prazer, meu corpo começou a convulsionar, me fazendo sair deste mundo. James apertou o cinto, retirando-me completamente o ar. Meu corpo caiu sobre o colchão em espasmos, sentindo um prazer que jamais imaginei existir.

Abri meus olhos ainda sem fôlego. Ele já havia retirado o cinto do meu pescoço e sorriu para mim, deitando-se ao meu lado.

— Não imaginava que pudesse ser feito desta forma — falei ainda sem fôlego e ele sorriu.

— Dizem que é como as princesas se divertem com seus amantes antes de se casarem.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Elas também usam cintos no pescoço?

— Não. Isso é particularmente um desejo meu. — Ele parecia um pouco constrangido. — O cinto corta o ar durante o clímax, prolongando o prazer. Mas essa prática assusta as mulheres e, de fato, é perigosa. Deve ser administrada por alguém com total controle. O que aconteceu hoje entre nós não é comum, normalmente as mulheres não gostam desse tipo de relação. Entende agora por que me afastei? Não queria uma vida onde teria que manter uma amante para me satisfazer, tampouco poderia exigir a uma esposa que fizesse tais coisas.

— Entendo o que disse sobre não ser possível explicar com palavras. Mas, “até boas moças apreciam sexo, tanto quanto um homem. ” — James sorriu.

— Está mesmo citando a senhora Satanás?

— Precisa admitir que ela foi incrivelmente

PERIGOSAS ACHERON

corajosa ao ser a primeira mulher a se candidatar à presidência dos Estados Unidos.

— Se é amor livre que a senhora deseja, é amor livre que terá. Mas fique sabendo que isso que acabamos de fazer é sodomia e poderíamos ser presos.

James me abraçou, e sua masculinidade ainda permanecia saliente, pressionando a lateral do meu corpo. Percebi que existia muito mais para descobrir. Se aquilo era seu pior... céus, eu queria aquele homem para sempre!

Ele se levantou e foi até a lareira, retirando da prateleira uma lata. Seu corpo nu, bem diante de mim, me aquecia só de olhar. James retirou de dentro uma pequena caixa de veludo.

Ele deitou-se ao meu lado novamente e abriu a caixa, revelando um anel com uma pérola negra.

— Agora que sabe tudo sobre mim. Gostaria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de saber se me aceita como seu marido? —Eu sorri para ele e admirei aquele anel.

— Só se me explicar por que escolheu uma pérola negra.

— Porque é rara, como a senhora. — Eu sorri.

— Sim, eu digo sim. — Ele me beijou e, em seguida, colocou o anel em meu dedo.

— Tecnicamente, a senhora ainda pode se casar virgem se quiser.

— Não mesmo! — James gargalhou.

PERIGOSAS ACHERON



EPÍLOGO

Entre todas as cavernas que já
compartilharam,
foi na escuridão onde eles se encontraram.
Fazendo monstro e bruxa se apaixonarem.
Há quem diga que monstros e bruxas não
existem,
mas essa é a verdadeira crendice.
Porque monstros e bruxas vivem sempre,
nas cavernas de cada lar.”

PERIGOSAS NACIONAIS

James fechou o grande diário com capa de couro negra como a noite.

— Conte-me, papai. Só mais um pedacinho da história. — A pequena Aurora lhe implorava entre bocejos, mas James afastou o diário pesado.

— Hoje lhe contarei nossa história de outra forma. — A menina bocejou novamente. — Vou ler a poesia que fiz para sua mãe quando nos afastamos em um tempo de muita dor.

— Eu adoro poesias. Conte-me logo, antes que eu durma. — James sorriu carinhosamente para ela.

*Ela nasceu do amor mais bonito,
tinha cabelos vermelhos, bem compridos.
Na ilha onde vivia,
nenhuma outra igual a ela existia.*

PERIGOSAS ACHERON

— Ela é igualzinha a mim?

— A senhorita é igualzinha a ela. — A menina concordou sorrindo e James continuou.

*Passeava pelas praias da ilha sorrindo,
sem perceber que todos estavam fugindo.*

*Medo sentiam da princesa de cabelos
vermelhos,
mas nada de errado ela via no espelho.*

— Mamãe é uma princesa?

— Já foi. Hoje ela é uma rainha e você é a princesa agora. — Os olhos da menina brilharam com a revelação.

PERIGOSAS NACIONAIS

Bruxa tatarabruxa, não entres na minha casa,

a mulher sem alma gritava.

Seu coração ficou machucado,

e seu sorriso foi apagado.

Aurora colocou as mãos na boca surpresa,
deixando a cabeça cair de lado.

*Mas um príncipe de longe chegou,
vendo na princesa de cabelos vermelhos
muita dor.*

*Por que choras, princesa dos cabelos
vermelhos?*

Não vês que és a mais bela no espelho?

PERIGOSAS ACHERON

*Sim! Ela disse com um sorriso acanhado,
mas todos dizem que o que eu vejo é errado.
Dizem que sou uma bruxa malvada
e correm de mim de forma abobada.*

*Não chores, pequena princesa tristonha.
Te levarei ao meu reino, onde não terás mais
vergonha.*

*Teus cabelos vermelhos serão adorados
por todos os súditos do meu reino encantado.*

— O senhor também era um príncipe, papai?
— A menina, já sonolenta, perguntou. James sorriu
para a filha, mas não pôde responder, pois ela já
havia adormecido.

James fora muitas coisas, mas nunca um

PERIGOSAS NACIONAIS

príncipe. Ele observava a pequena Aurora adormecida, sua pele clara e seus cabelos vermelhos lembravam a mãe, mas os olhos frios e acinzentados eram como os do pai, trazendo um ar de mistério à menina.

O monstro em James havia adormecido, mas nem em mil anos morreria, ao contemplar Aurora, tão inocente dormindo, algo dentro dele rugia.

James e Isabela queriam um mundo mais justo para a filha e a protegeriam de todos que lhe desejassem o mal. Nem monstro, nem bruxa ela seria.

Mas não se importariam, caso necessário, de libertarem o monstro e a bruxa que dentro deles viviam.

PERIGOSAS ACHERON



A ilha de Santa Catarina sempre esteve atrelada ao misticismo. Talvez o que a torna diferente de outros lugares no Brasil, onde a presença dessas histórias dá vida ao nosso folclore, seja o fato de que a crença ali sempre foi algo quase palpável.

Como alguém que nasceu na região e viveu grande parte da vida na ilha, cresci rodeada por essas histórias: O boi tatá visto durante uma caçada realizada pelos meus tios, e a mulher de branco que protegia as matas, entre tantas outras histórias que faziam os pelos do meu braço se arrepiarem.

PERIGOSAS NACIONAIS

Longas noites de conversas entre adultos, onde contavam suas experiências sobrenaturais, com criaturas de outro mundo.

Apesar de todas as crenças impregnadas na cultura local, nada foi tão real e verdadeiro como as histórias sobre bruxas. Elas possuíam endereços, iam à feira no sábado de manhã, faziam compras nos armazéns e vendas da cidade. Elas possuíam um rosto, um corpo e um nome.

As tranças que apareciam nas crinas dos cavalos, quando estes eram achados por seus donos vagando por alguma praia. As bateiras dos pescadores, encontradas em desconforme no dia seguinte, após uma noite de pesca. Eram esses, seus pecados mais banais. Apenas mera “arte” de mulheres que podiam se transformar em mariposas e entrar por fechaduras sugando sangue inocente.

A coisa toda realmente ficava feia, quando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um recém-nascido adoecia. A família rapidamente tratava de batizar a cria, esperançosa de que sua alma fosse salva. Benzedeiras eram chamadas para quebrar o bruxismo que acometia a criança.

Entre tantos livros que já li, que enaltecem as firulas e proezas diabólicas dessas mulheres, decidi contar no meu livro sobre uma mulher em especial, a qual chamarei de Lara. A mulher responsável por me causar insônias na minha infância.

Lara foi uma bruxa desde sempre, e tive a infelicidade de tê-la como vizinha. Quando eu nasci, Lara tratou logo de me visitar. Minha mãe não abriu a porta de nossa casa sem antes colocar uma bacia de água embaixo do meu berço, com uma tesoura aberta dentro, o que era um amuleto muito eficaz para espantar bruxas mal-intencionadas.

Apesar de todo o cuidado que minha mãe

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

possuía comigo, não me livrou de suas garras. Seis meses internada no hospital foram necessários para que minha vida fosse salva. Obviamente os médicos diziam que era uma pneumonia, mas todos sabiam que na verdade era Lara. Esconjuros foram feitos no leito do hospital e logo pude me recuperar.

Lara morava na última casa antes da cachoeira, lugar tão cobiçado por mim quando criança. Nossa casa ficava ao lado da sua, tornando minha vida muito interessante. Se ela estivesse no quintal, eu estava dentro de casa. Minha sorte é que Lara era reclusa, me dando oportunidade de fugir para o meu paraíso, sempre que me encorajava passar pela frente de sua casa.

De todas as vezes que tive que enfrentar a bruxa que vivia tão próxima a mim, as noites escuras eram as piores. Lara emitia um som único,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fazendo com que todos na casa ficassem em alerta, enquanto ela se aproximava. O som dela caminhando ao redor do meu quarto, fazia eu me encolher para baixo das cobertas.

Um dia em especial marcou-me de forma vívida, jamais pude esquecer. Brincávamos no parque do bairro, escorregando e se balançando nos brinquedos feitos pelos moradores. Lara se aproximou fazendo seu barulho costumeiro. Todos entramos em pânico, por não haver um adulto por perto. Certamente Lara escolheria um de nós para sugar o sangue. Em desespero, juntamos pedras e atiramos nela sem piedade. Lara fugiu, se escondendo na casa escura e solitária que vivia.

Pode parecer apenas um conto, uma fábula, embora eu pudesse nomear algumas testemunhas de minha infância para relatar a vocês, queridos leitores, a mesma verdade. Eu vivi ao lado de uma

PERIGOSAS ACHERON

bruxa e essa experiência ninguém pode me tirar.

Lara foi a mulher que me inspirou criar a minha personagem. A mulher que sofria de síndrome de tourette, que sofreu a consequência dos nossos medos e ignorância. Lara foi a mulher que me fez olhar para dentro da minha caverna, para a minha escuridão e descobrir que era eu o monstro da vida dela.

Não precisava de muito para que uma mulher fosse considerada bruxa em Florianópolis, tampouco era necessário viver em 1884. Mesmo hoje, há quem acredite nelas. O fato, é que bastava uma personalidade ativa ou até mesmo uma diferença física, para torná-las bruxas sugadoras de sangue.

Logicamente, minha personagem foi romantizada para dar fim ao meu propósito, assim como algumas informações históricas sobre a ilha,

PERIGOSAS NACIONAIS

que são consideradas apenas teorias. Entretanto, há relatos verídicos.

As cavernas citadas no livro são todas reais. Tentei descrever de forma mais fiel as minhas lembranças de criança, nas praias do Ribeirão da Ilha. As rendas de bilros mencionada no livro, é uma tradição local, passada de mãe para filha que persiste até os dias atuais.

O Esconjuro citado quando Isabela caminhava na praia, faz parte do esconjuro real, proferido pelas benzedadeiras que vivem na ilha. De forma sutil, tentei representar o sotaque tão distinto dos moradores. Sotaque este, que eu carrego na fala. Foi citado no momento em que uma mulher questiona James na praia, dizendo que ele está enfeitiçado.

A lenda que criei no livro sobre a bruxa de cabelos vermelhos não existe. Foi uma brincadeira

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que fiz com nosso folclore. Misturei a crença sobre bruxas com os súcubos, que relata uma mulher de cabelos vermelhos, sedutora que se alimenta da força de pobres homens desavisados. As bruxas da ilha de Santa Catarina sempre foram relatadas como mulheres feias.

Procurei manter os fatos o mais próximo possível dos registros históricos que encontrei em minhas pesquisas sobre a ilha. Tomei a decisão de entrelaçar os fatos sobre Jack o estripador, devido ao ano em que minha história discorria em Londres. O caso deixou o mundo horrorizado. Pareceu-me apropriado fazer com que essa história ganhasse destaque no meu livro.

Mantive as datas das mortes e os nomes das vítimas de forma original, mas dei um fim fantasioso para o assassino. A realidade é que Jack nunca foi preso e o mundo nunca soube quem ele

PERIGOSAS ACHERON

era. A carta contida no livro é uma tradução da carta original, mantendo inclusive os erros ortográficos.

Acima de tudo meu maior objetivo neste livro é que se divirtam com a leitura, que amem o James e a Isa. Quem sabe um dia, mergulhem nas águas de Floripa e se lembrem deles.



Agradeço primeiramente a Deus, pelo fôlego de vida e por ter me feito esta criatura disléxica que vive sempre no mundo da lua.

A todos os escritores que me inspiraram desde os meus dez anos de idade. Assim como também aos influenciadores durante a minha vida.

Agradeço ao meu marido Maicon Rech por acreditar em mim desde o início e sempre me apoiar. Sem você nada disso seria possível; você é minha âncora. Em dias conturbados você é sempre águas tranquilas e, é por isso, que eu o amo. Agradeço a minha sogra Nair que cuida de mim

PERIGOSAS NACIONAIS

como uma mãe, me trazendo chá sempre que me vê abatida. Seus chás sempre curam. Obrigada por compreenderem as horas intermináveis em que passei na frente do computador. Amo vocês.

A vizinha mais linda, que para meu marido é a nona Lourdes Aurora Scopel. Mas que também me deu oportunidade de ser minha vó. Obrigada por suas orações e por acreditar em mim.

A minha amiga e irmã Fernanda Del Soto, que assumiu o papel da minha mãe, quando decidiu que iria orar sempre por mim. Minha irmã de batalha e de guerra, porque nunca vamos nos calar.

Agradeço ao meu filho Josias, você é minha inspiração para lutar. A vida não teria sentido sem você, portanto nunca esqueça do meu papel. Quando você se encontrar em uma floresta diante do leão, sempre vai ser eu; te amo bem grande passarinho.

PERIGOSAS ACHERON

A minha irmã Ângela por ter criado tantas histórias para mim quando eu era pequena e alimentado minha mente criativa. Nunca esquecerei da gata Priscila. Obrigada por ter lido para mim e ter me feito apaixonar pelos livros. A toda a minha família que seria impossível mencionar a todos aqui. Amo vocês.

Agradeço a minha editora e toda a sua equipe que com muito carinho se empenharam para tornar este livro uma realidade. Em especial a pessoa da Wall Oliveira, sempre presente e prestativa.

A minha gratidão vai também para o Ilustrador Marcelo Gallep, como sempre fez um trabalho lindo e teve um rio de paciência comigo. Me perdoe pelas inúmeras vezes em que mudei de ideia até chegarmos a perfeição. Valeu a pena, não é mesmo?

Crys Magalhães, você possui o dom de saber

sempre o que eu quero e juntar sua experiência para deixar tudo incrível. Eu amei a capa desde o primeiro segundo que a vi, obrigada.

Quero agradecer a Marcele Brusa Maciel, que fez a primeira correção. Além de amiga é uma excelente profissional. Deixo meu agradecimento para a Mariana Rocha, quem deu um toque especial com muito profissionalismo na correção final desse livro. Para Amanda Bonatti com o copidesque. Obrigada por tudo.

Agradeço aos meus queridos leitores betas, de início um quarteto fantástico que com o tempo aumentou e passou a ser uma verdadeira equipe. Vocês me emocionaram com suas opiniões e críticas. Foi tudo muito louco e inspirador. Terminei esse livro com verdadeiros amigos que guardarei para a vida. Juliana Cherni, Rafael Silvestre, Marlin Corrales, Nandiala Andrade, Sara

PERIGOSAS NACIONAIS

Fidelis Gonçalves, Amanda Maia, Awlly Cristyenn, Juliana Silva, Paloma Giovanna Lani, Jussara Silva. Obrigada por cada momento lindo, vocês são os melhores betas do mundo.

Por trás das câmeras sempre acontecem as melhores histórias. No nosso caso, as melhores amizades. Obrigada por me apoiarem sempre, por acalmarem meus nervos e por serem minhas amigas. Ogra sempre, mas uma ogra querida. Amo vocês.

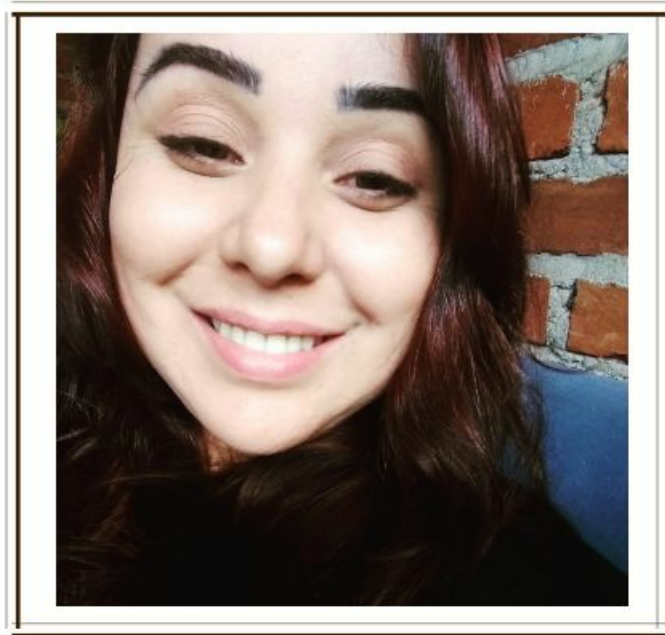
Termino esse agradecimento imaginando um bando de meninas, de mulheres loucas. Elas vestem camisetas pretas, sim, porque não gosto de rosa e sempre vou votar para que a camiseta seja preta. Na frente está escrito Fuxiquetes e nas costas nossos nomes. Um objetivo em comum. Apoiar alguém que amamos em especial. Mas também apoiarmos umas às outras, porque fuxiquetes é igual família, é

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

igual clube de motoqueiros. Então vai estar tocando Come Together enquanto a gente caminha para espalhar um pouco mais de amor pelo mundo.

PERIGOSAS ACHERON



Juliana Barbosa

Juliana Barbosa, nasceu em Florianópolis - SC. Estudou Jornalismo na Faculdade América Latina e, se tornou leitora aos dez anos de idade, quando se apaixonou pelos romances de época através do livro “A Moreninha”, de Joaquim Manuel de Macedo.

Sempre lutou contra as dificuldades da dislexia, que nunca a impediu de se apaixonar pelo mundo literário.

A criatividade e a imaginação sempre estiveram presentes em sua vida o que a levou desejar escrever suas próprias histórias. Participou de uma antologia infantil chamada “Fantasticamente” publicado pela The Books editora em dezembro de 2018.



Siga nas redes sociais:

PERIGOSAS NACIONAIS

FACEBOOK - INSTAGRAM

WATTPAD: @juliana_83

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



CONHEÇA SEU TRABALHO



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



Oráculo – Juliana Barbosa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sinopse: Alison trabalha na editora do tio de seu melhor amigo Edward, como revisora textual. Mas seu verdadeiro sonho é ser escritora. Depois de várias tentativas frustradas, seu último livro ganha grande repercussão no Wattpad em questão de dias. Edward a leva para comemorar o repentino sucesso em um bar. Após algumas doses de tequila, Alison se depara com um guerreiro Anúbio, o mais perigoso de sua história literária, em plena Nova Orleans. Agora terá que fugir de uma caçada pouco favorável para ela, enquanto tenta compreender a verdade diante de seus olhos.

Alison descobrirá que sua pacata vida, esconde muito mais segredos do que ela imaginava. Logo se vê presa em um mundo, rodeado por intrigas políticas.

Enquanto luta por sua vida, Alison usará sua inteligência para desvendar os segredos de Thórun.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

*Convite Lançamento
Bienal - RJ*

Querido leitor/a,

*Nos dias 31/08 às 15:30 e
06/09 às 13:30 estarei lançando
meu livro "Oráculo"
você está convidado/a a
participar comigo do
lançamento com direito a autógrafos
e muito carinho!*

Conto com a sua presença e apoio!

Abraços literários.

Juliana Barbosa